

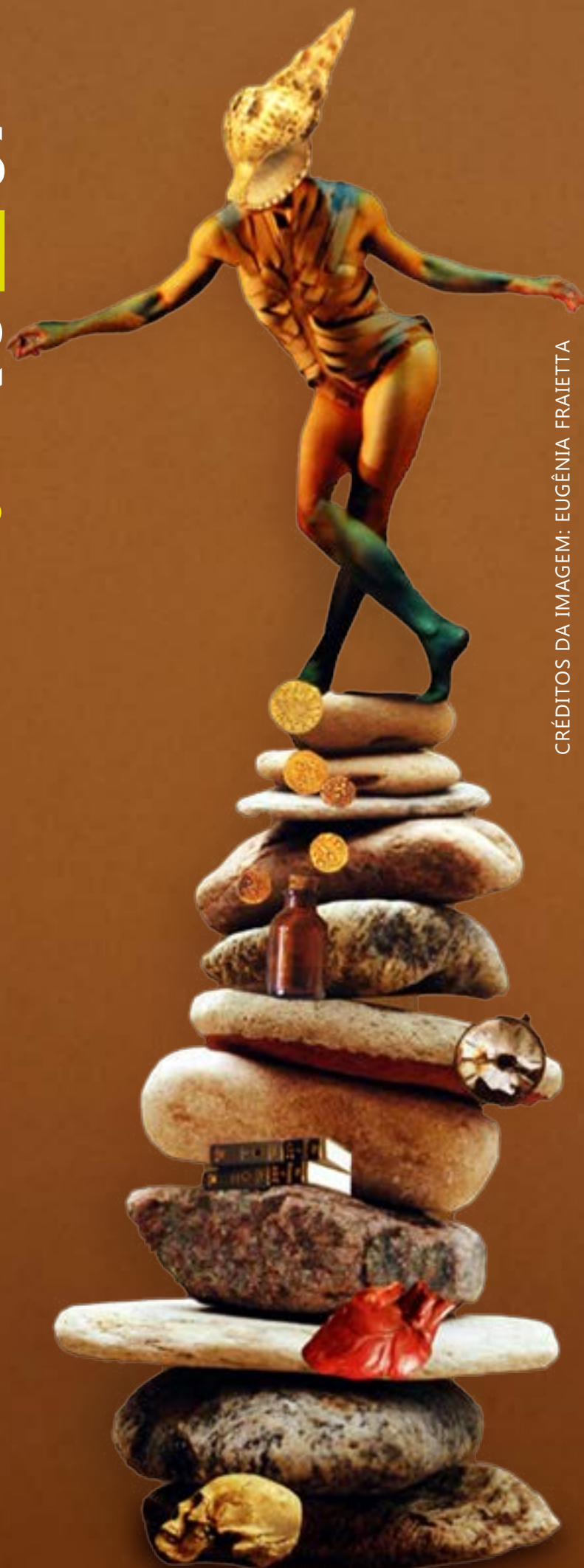
VI JORNADAS EBP
SEÇÃO LESTE-OESTE

ENCONTROS & **DEZEM** CONTROS

PARCERIAS
SINTOMÁTICAS

COLETÂNEA

#8



COLETÂNEA nº 8

**VI JORNADAS DA ESCOLA
BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
LESTE-OESTE**

GOIÂNIA

2025



*Escola Brasileira
de Psicanálise*

Seção Leste-Oeste



COLETÂNEA Nº 8

Organizadora

Olenice Amorim Gonçalves

Comissão Editorial

Cléa Martins Machado de Oliveira

Daniel Camelo Rancan

Fernanda de Fátima Fernandes

Katiuscia Kintschev

Patrícia Marinho Gramacho

Colaboradores

Ary Farias (EBP/AMP)

Bartyra Ribeiro de Castro (EBP/AMP)

Cristiano Alves Pimenta (EBP/AMP)

Jaqueline Coelho (EBP/AMP)

Rosângela Ribeiro (EBP/AMP)

Tânia Regina Anchite Martins (EBP/AMP)

Projeto Gráfico e Editoração

Bruno Senna

Bibliotecária

Alessandra Pattuzzo - CRB 752/ES

Capa

Bruno Senna

Artista: Eugênia Fraietta

Obra: Edifício de si (Colagem)/ 2025

Imagem

Obra: Eugênia Fraietta

Obra: Edifício de si (Colagem)/ 2025

Revisão

Ceres Lêda Rúbio (EBP/ AMP)

Jaqueline Coelho (EBP/ AMP)

Ordália A. Junqueira (EBP/AMP)

Waléria Maria da Paixão Borges Vieira



**Escola Brasileira
de Psicanálise**

Seção Leste-Oeste

Escola Brasileira de Psicanálise

Seção Leste-Oeste

Brasília, DF.

2025

Catálogo na Publicação (CIP)

C694

Colêtnia 8: VI Jornadas da Escola Brasileira de Psicanálise Leste-Oeste: parcerias
sintomáticas [recurso eletrônico] / Olenice Amorim Gonçalves (Coord.)...[et al.] – Brasília, DF:
Escola Brasileira de Psicanálise Seção Leste-Oeste, 2025.
(Coletânea Encontros e desencontros - parcerias sintomáticas; n. 8; VI Jornadas EBP Seção Leste-Oeste
/ Vários autores)

277p.; il.; 32 cm.

ISBN: 978-65-01-71086-0

Modo de acesso: < <https://ebp.org.br/slo/jornadas/coletanea/> >

1. Psicanálise. 2. Clínica Psicanalítica. 3. VI Jornadas EBP Seção Leste-Oeste. 4. Escola Brasileira
de Psicanálise Seção Leste-Oeste. I. Gonçalves, Olenice Amorim (Coord.). II. Título.

CDD 150.195

Bibliotecária Alessandra Monteiro Pattuzzo Caetano - CRB 752/ES

Publicação digital – Brasil
1ª edição – setembro – 2025
ISBN: 978-65-01-71086-0



Atribuição não comercial compartilhada igual CC-BY-NC-SA 4.0

Essa licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

COLETÂNEA Nº 8
TEMA: ENCONTROS E DESENCONTROS
PARCERIAS SINTOMÁTICAS

Data: 10 e 11 de outubro de 2025

Local: Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)

Goiânia – Goiás – GO

Modo: Híbrido – presencial e remoto

COORDENAÇÃO GERAL

Ceres Lêda Rúbio (EBP/ AMP)

CONVIDADO

Pierre Sidon (ECF/ AMP)

DIRETORIA EBP Seção Leste-Oeste

DIRETOR GERAL:

Alberto Murta (AME EBP/ AMP)

DIRETORA DE SECRETARIA E TESOUREIRA:

Jaqueline Coelho (EBP/ AMP)

DIRETORA DE CARTEIS E INTERCÂMBIOS:

Tânia Regina Anchite Martins (EBP/ AMP)

DIRETORA DE BIBLIOTECA:

Adriana Pessoa

CONSELHO DELIBERATIVO

Cristiano Alves Pimenta (Presidente)

Fábio Paes Barreto

Giovanna Quaglia (Secretária)

Ordália Alves Junqueira

Renato Carlos Vieira

Rosângela Maria Ribeiro

ORGANIZAÇÃO DAS
VI JORNADAS DA EBP-LO

DIREÇÃO GERAL

Alberto Murta

COORDENAÇÃO GERAL DAS VI JORNADAS DA SEÇÃO LESTE-OESTE

Ceres Lêda Rúbio

COMISSÃO CIENTÍFICA:

Ary Farias (EBP/AMP)

Bartyra Ribeiro de Castro (EBP/AMP)

Cristiano Alves Pimenta (EBP/AMP)

Jaqueline Coelho (EBP/AMP)

Rosângela Ribeiro (EBP/AMP) – **coordena**

Tânia Martins (EBP/AMP)

COMISSÃO CARTÉIS FULGURANTES

Denizye Aleksandra Zacharias (EBP/AMP) – **coordena**

Elisa Martins Uyttenhove

Gabriel Junio Barbosa Caixeta (NPJ/EBP 2023-5)

Hítala Maria campos Gomes

Jocilene Rigo

Luciana da Silva Pedron (EBP/AMP)

Nathália Rodrigues Aguiar

Regina Cheli Prati

COMISSÃO DE ACOLHIMENTO

Fernanda Marra

Henrique A. Lopes – **coordena**

Caroline Quixabeira (NPJ/ EBP 2023-5)

Isana R. Braz

Ivana P. B. Corva

Letícia Ferreira Braga

Leonora Arruda Florencio

Rodrigo O. dos Santos

COMISSÃO BIBLIOGRAFIA

Daiane O. R. Ruiz (NPJ/ EBP 2023-5)

Gabriel Junio Barbosa Caixeta (NPJ/EBP 2023-5)

Giovanna Quaglia (EBP/AMP) – **coordena**

Giovana B. B. Heineman

Helen C. Guerra

Luciana Pedron (EBP/AMP)

Olenice Amorim Gonçalves

Rafaela Vieira de Oliveira Quixabeira (NPJ/EBP 2023-5)

Randra Gondouin

COMISSÃO BOLETIM

Caroline Quixabeira (NPJ/EBP 2023-5)

Cristina Alves

Fábio P. Barreto (EBP/AMP)

Gabriel Junio Barbosa Caixeta (NPJ/EBP 2023-5)

Juliana Melo

Luisa Carvalho (NPJ/EBP 2023-5)

Melissa Fukuchi

Ordália A. Junqueira (EBP/AMP) – **coordena**

COMISSÃO EDITORIAL

Cléa Martins Machado de Oliveira

Daniel Camelo Rancan

Fernanda de Fátima Fernandes

Katiuscia Kintschev

Olenice Amorim Gonçalves – **coordena**

Patrícia Marinho Gramacho

COMISSÃO TRADUÇÃO

Bartyra Ribeiro de Castro (EBP/AMP) - **coordena**

Anna Rogéria Oliveira (EBP/AMP)

Juliana Bressanelli

Luis Francisco E. Camargo (EBP/AMP)

COMISSÃO DIVULGAÇÃO GERAL

Caroline Quixabeira (NPJ/EBP 2023-5)

Gabriel Junio Barbosa Caixeta (NPJ/EBP 2023-5)

Isangela L. Almeida/MS

Jaqueline Coelho (EBP/AMP)

Rafaela Vieira de Oliveira Quixabeira (NPJ/EBP 2023-5) - **coordena**

Randra Gondouin/ES

COMISSÃO DIVULGAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Adriana Pessoa

Anna Rogéria N. De Oliveira (EBP/AMP)

Denizye Zacharias (EBP/AMP)

Fábio Paes Barreto (EBP/AMP)

Giovanna Quaglia (EBP/AMP)

Luana Silva

Regina Cheli Prati

Rafaella Cunha Paulino Silva Pfrimer (NPJ/EBP 2023-5)

Virgínia Carvalho (EBP/AMP) - **coordena**

COMISSÃO LIVRARIA

Ana Paula Rezende - **coordena**

Carlos Alberto de Sá

Joel Ramos de Oliveira

Laisa G. Teixeira

Maila Rocha

COMISSÃO INFRAESTRUTURA FÍSICA

Anna Rogéria Oliveira (EBP/AMP) - **coordena**

Fabiana E. Fratari

Fernando F. S. Reis (NPJ/EBP 2023-5)

Letícia Ferreira Braga

Rodrigo O. dos Santos

COMISSÃO INFRAESTRUTURA DE REDES

Adriana Gonring

Adriano Moreira

Elisa Martins Uyttenhove- **coordena**

Josélia Alves Oliari

Karem de Moura

Lívia Bicalho Porto Pimentel

Rafaela Vieira de Oliveira Quixabeira (NPJ/EBP 2023-5)

Rafaella Cunha Paulino Silva Pfrimer (NPJ/EBP 2023-5)

Rozilene Martins Victor

Sheila Cordeiro Souza Moreira

Stephanie Oliveira Boechat

Suraia Oliveira Veloso Carneiro.

Tiago Barbosa

Trabalho Técnico

Bruno Senna - Designer Gráfico

COMISSÃO ARTE E CULTURA

Delza Eloy

Ezequiel Martins Ferreira

Henrique Lopes

Ricardo Rezende/MS

Ruskaya Maia (EBP/AMP) - **coordena**

Tânia Mara Alves Prates

Tiago Barbosa

COMISSÃO TESOUREARIA

Waléria Maria da Paixão Borges Vieira - **coordena**

Suraia Oliveira Veloso Carneiro

Geanine Lucas Vieira

AGRADECIMENTOS

**a vocês sem as/ os quais
Coletânea em ENTRE(VISTAS) seria impossível¹**

Anna Rogéria Nascimento de Oliveira
EBP/AMP

Ceres Lêda Rúbio
EBP/AMP

Cláudia Murta
EBP/AMP

Ordália Alves Junqueira
EBP/AMP

Rosangela Ribeiro
EBP/AMP

Rômulo Ferreira da Silva
AME EBP/AMP
Diretor da EBP LO 2019-2022

Caroline Cabral Quixabeira
NPJ EBP/AMP 2023-2025

Cícero D. Chicon
NPJ EBP/AMP 2023-2025

Gabriel Caixeta
NPJ EBP/AMP 2023-2025

Luisa Carvalho M. de Lima
NPJ EBP/AMP 2023-2025

Rafaela Vieira de Oliveira Quixabeira
NPJ EBP/AMP 2023-2025

Rafaella Cunha P F Pfrimer
NPJ EBP/AMP 2023-2025

Thaís Aguiar Gomes
NPJ EBP/AMP 2023-2025

1 COLETÂNEA EM ENTRE(VISTAS) refere-se a entrevistas concedidas aos cartelizantes do cartel fulgurante Coletânea, constituído pelos membros da Comissão Editorial. Foram convidados alguns membros e NPJ 2023-2025 da EBP/AMP para falarem a respeito das ressonâncias do significante Coletânea. As entrevistas foram realizadas no período de 26/05 a 06/06/2025. No ANEXO II *Coletânea em ENTRE(VISTAS)_excertos* autorizada a publicação pelas pessoas entrevistadas.

- 13** **APRESENTAÇÃO**
Cléa Martins Machado de Oliveira, Daniel Camelo Rancan, Fernanda de Fátima Fernandes, Katiuscia Kintschev, Olenice Amorim Gonçalves, Patrícia Marinho Gramacho
- 20** **INTRODUÇÃO**
Ceres Lêda F. F. Rúbio (EBP/AMP)
- 23** **EIXOS TEMÁTICOS**
- 32** **TEXTO DE ABERTURA**
Denizye Aleksandra Zacharias
- 35** **AQUELA QUE VEIO PARA ALEGRAR A MÃE**
Leonora Arruda Florencio
- 37** **A RESISTÊNCIA DA ARTE CONTRA O SINTHOME POLÍTICO**
Renata Silveira Wyant
- 40** **DA SOBRA À PARCERIA-DEVASTAÇÃO: O QUE FAZ POSSÍVEL UM OUTRO CAMINHO?**
Tamara de Castro Mendonça Mesquita
- 42** **A REPETIÇÃO DA DEVASTAÇÃO**
Sheila Cordeiro Souza Moreira
- 44** **PARCERIAS SINTOMÁTICAS E O DES(ENCONTRO) COM O AMOR.**
Luene Aparecida Afonso do Nascimento
- 47** **AMOR DE RIVALIDADE: CONFIGURAÇÕES DO AMOR EM TEMPOS SEM LEI**
Ezequiel Martins Ferreira
- 49** **E NAS VIOLÊNCIAS, HÁ PARCERIA?**
Adriana Gonring
- 51** **O QUE PODE UMA CARTA QUE CHEGA**
Fernanda Marra
- 53** **SABER FAZER COM O FALO OU SERVIR-SE DO PAI COMO DEFESA NA DEVASTAÇÃO**
Gabriel Caixeta

- 55** ENTRE O CONTROLE E A LIBERDADE HÁ A POSSIBILIDADE DE TOMAR AS RÉDEAS DA VIDA
Isana Rodrigues Braz
- 57** ENTRE A NORMA E O GOZO: ENCONTROS E DESENCONTROS NO ATENDIMENTO
A MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA EM UM CRAM
Karem de Moura
- 59** PSICANÁLISE E ARTE
Tânia Mara Alves Prates
- 62** A ARTE AINDA SE MOSTRA PRIMEIRO?
Ludmylla Domingues Siqueira
- 64** O CORPO COMO OBRA E A OBRA COMO CORPO: A ARTE QUE DEVORA,
A FICÇÃO QUE PARASITA E O RESTO QUE HABITA.
Laura Assis Vieira
- 66** A FUNÇÃO DO NARCISISMO NO PARCEIRO SINTOMA
Rodrigo Oliveira dos Santos
- 69** SEGREGAÇÃO E TRIBALISMO NO SÉCULO XXI
Ricardo Rezende
- 71** ADIÇÕES E TOXICOMANIAS CONTEMPORÂNEAS
Shirley Macedo Gundim
- 73** LUGAR E FUNÇÃO DA FANTASIA EM “A PROFESSORA DE PIANO”
Carlos Alberto de Sá Barros Júnior
- 76** ELE, DELE, ELA, DELA: A GESTAÇÃO.
Daniel Camelo Rancan
- 78** MEMÓRIA VIVA DO PARCEIRO SINTOMA E A MATERNIDADE.
Fernanda Fernandes
- 80** DISCURSO DO CAPITALISTA E ECONOMIA DO GOZO NA ADICÇÃO
Fabício Pinto
- 82** O QUE TRANSMITE O TESTEMUNHO DE PASSE DE MARTA SERRA FREDIANI
SOBRE A DEVASTAÇÃO?
Luisa Carvalho Miranda de Lima
- 84** PODE O SUJEITO DAS MARGENS SER MAIS DO QUE SUAS CICATRIZES?
Letícia Prego Fonseca de Lima
- 86** O AMOR NO TOM DO EXCESSO
Ruth Cavalcanti

- 89** ALGO PIOR DO QUE UM SINTOMA
Renato Carlos Vieira (EBP/AMP)
- 92** FANTASIA E PARCERIAS AMOROSAS
Maila Thaiane Reis Rocha Siqueira
- 94** DE QUE PARCERIA SE FALA QUANDO HÁ VIOLÊNCIA?
Luana Santos Silva
- 97** ENTRE A PARCERIA-SINTOMA E A DEVASTAÇÃO, UMA ESCOLHA FATAL
Claudia Murta (EBP/AMP), Ericson Falabretti
- 99** SENTINDO FRIO EM MINHA ALMA, TE CONVIDEI PARA DANÇAR.
Andrea Palmerston Muniz
- 101** MEDICALIZAÇÃO NA INSTITUIÇÃO SOCIOEDUCATIVA: CALAR A PULSAÇÃO?
Gleice Taciana Barbosa
- 104** VÍNCULO FROUXO COM UM PARCEIRO-ANALISTA
Robson Campos
- 106** A DEVASTAÇÃO DO AMOR - UMA ANÁLISE SOBRE A MINISSÉRIE "ÁNGELA"
Thais Foizer Bezerra
- 108** TRAÇAR UMA LINHA, LER CAROLINA, ESCREVER UM CORPO
Delza Eloy
- 111** UM ESBOÇO SOBRE A PARCERIA EXISTENTE ENTRE SCHREBER E DEUS
Caroline Cabral Quixabeira
- 114** A DROGA COMO PARCEIRO DE GOZO: CLÍNICA, TRANSFERÊNCIA E DESAFIOS
Mariana Sant'Anna Costa
- 117** QUANDO O PARCEIRO SINTOMA SE DESFAZ
Elisa Martins Uyttenhove
- 119** A FOLIE À DEUX NA SÉTIMA ARTE
Fábio Paes Barreto (EBP/AMP)
- 122** CONTAR: DA LITERALIDADE MATEMÁTICA À HISTORIZAÇÃO, E A BUSCA PELO FAZER USO DA PALAVRA.
Bruna de Souza Dias
- 124** MEU VENENO É MEU ANTÍDOTO
Leandro Borges

- 126** ENTRE O SOL QUE AQUECE E QUEIMA
Mário Batista da Silva Neto
- 128** MORANGO DO AMOR E ADOLESCÊNCIA: POR QUE O OBJETO SEDUZ MAIS QUE O AMOR?
Hítala Gomes
- 131** A ARTE E O EU: CONSTRUÇÕES SINTHOMÁTICAS
Gustavo Augusto da Silva
- 134** LEITURA DAS ADIÇÕES COMO UMA PASSAGEM AO ATO.
Adrya Leão de Andrade Cecchini
- 136** FRIDA KAHLO: ENTRE O PARCEIRO-FANTASMA E O PARCEIRO-DEVASTAÇÃO
Aline Tatiana Bachega
- 138** O AMOR NOS TEMPOS DO “CORRE”
Lucas Fraga Gomes
- 140** UM ENCONTRO POSSÍVEL
Waléria Maria da Paixão Borges Vieira
- 143** O ENCONTRO COM A ANALISTA
Mara Lúcia Barros Martin
- 145** A PARCERIA ANALISTA-PSICÓTICO
Ordália A. Junqueira (EBP/AMP)
- 148** ENTRE O AMOR E O GOZO: QUANDO O INOMINÁVEL VIVIFICA OU DEVASTA
Angélica Ferreira Santini
- 151** A INQUIETANTE ATUALIDADE
Helen da Costa Guerra
- 153** A DIALETIZAÇÃO DO GOZO EM CONFLITO
João Pedro Vilar Nowak de Lima
- 156** ANEXO I - COLETÂNEAS DAS JORNADAS DA LO
- 160** ANEXO II - COLETÂNEAS EM ENTRE(VISTAS) - EXCERTOS
- 162** ANEXO III - CARTEIS FULGURANTES
- 166** ANEXO IV - COLETÂNEA EM NÚMEROS
- 168** ANEXO V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
- 171** PROGRAMA

APRESENTAÇÃO

Coletânea

Cléa Martins Machado de Oliveira
Daniel Camelo Rancan
Fernanda de Fátima Fernandes
Katuscia Kintschev
Olenice Amorim Gonçalves
Patrícia Marinho Gramacho

*um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.¹*

João Cabral de Melo Neto, Rios sem discurso

Editar é um ato político^[1] e a política é a do inconsciente. Esta implica uma posição ética, aquela ética, a do desejo pelo qual se enlaçam os cartelizantes inscritos no trabalho de escola, a Escola de Lacan. E com o que se inscrevem estes cartelizantes? com seus sintomas. O sintoma é o que se deposita no trabalho de Escola. No que tange ao adjetivo fulgurante circunscreve-se o curto tempo de trabalho endereçado a uma atividade, jornada, seminário, encontro, congresso, função institucional, então resultando em uma modalidade de cartel que precipita em seus cartelizantes a extração do produto.

Como editar/ formatar os textos, numa perspectiva que extrapole a uma função protocolar de corrigir normas, incluindo o respeito ao que haveria ali de uma formação de um sujeito diante da clínica psicanalítica?

É que a ética do desejo no caso de editar tais produtos não se faz sem algo do respeito à escrita e ao estilo próprios de cada um e uma. Dos 81 trabalhos recebidos pela Comissão Científica, 65 foram acolhidos para compor o programa das plenárias e mesas simultâneas das VI Jornadas da EBP LO – *Encontros e desencontros – parcerias sintomáticas*. Destes, a maioria expressiva configura os efeitos dos 15 Cartéis Fulgurantes inscritos em torno do tema das VI Jornadas, e, então, escrituras sintomáticas acolhidas nesta publicação alinhavada pela tonalidade do dispositivo do trabalho de cartel que faz a tecelagem escola nesta edição de Coletânea.

Em cada texto lido coloca-se um furo no saber, o furo do Outro que faz com que trabalhar na Comissão Editorial, em cartel, seja algo tão instigante a ao mesmo tempo acolhedor. Para Lacan, o trabalho de cartel é fundamentalmente o trabalho de escola, um dispositivo de formação e transmissão da psicanálise que consti-

1 Trecho gentilmente proferido por Rosangela Ribeiro em entre(vista) ao cartel fulgurante Coletânea, realizada em 06/06/2025.

tui a sua base. Neste caso o cartel foi pensado como alicerce para a construção de uma questão, funcionando também através do laço social específico que nos uniu, um convite/convocação para investigar e instigar o saber analítico e ainda instigar os participantes, a fim de promover a causa analítica no âmbito desta seção Leste-Oeste de geografia plural, que abarca três estados no Brasil mais o Distrito Federal.

A tessitura nos encontrou, ela mesma. A feitura desta coletânea se deu como efeito do cartel fulgurante, bem como a maior parte dos trabalhos selecionados para estas Jornadas (ANEXO IV - *Coletânea em números*), assim, convidamos Denizye Zacharias Membro EBP/ AMP e Coordenadora da Comissão de Cartéis Fulgurantes das VI Jornadas, que nos presenteia com o inédito texto de abertura, este que enfrasa e confere a tonalidade da Coletânea n.8.

Nascida nas I Jornadas da Seção Leste-Oeste, 2020, a primeira Coletânea foi divulgada por brochura, como aquelas recém-nascidas que ficam sem nome algum tempo e, pela força do hábito, são chamadas bebês. Visava que cada uma das pessoas inscritas nas Jornadas recebesse, com alguma antecedência, os textos que seriam apresentados. Um dos objetivos: fazer circular os trabalhos acolhidos pela Comissão Científica e animar a conversação em torno dos eixos com questões extraídas a partir da leitura prévia e das surpresas do que se escuta quando o texto ganha voz.

Diante de um não saber

Chegadas as VI Jornadas da EBP LO, uma seção jovem, com características regionais e sócio-culturais tão peculiares, marcada pelas distâncias geográficas e pelo uso das tecnologias e seus *gadgets* como meio de (des)encontros, temos um novo começo: pela primeira vez a comissão responsável pela Coletânea conta com uma formação entre(vários) que assume um impossível: transmitir um saber fazer aí àqueles que nela ingressaram endereçados à transferência de trabalho para com a Seção, com a EBP e com a psicanálise.

Desde o início os significantes *novo, inédito, espontâneo, surpresa, nunca fiz isso, não sei fazer*, compareceram. Um não saber permeava o fazer nesta comissão. Emerge então a proposição do trabalho de cartel: diante do saber/ não saber, premissa tão cara à psicanálise, colocamo-nos ao trabalho empenhando uma aposta em três tempos: 1) um instante de ver que abarcou a escrita de uma questão na qual cada cartelizante empenhou seus saberes e seus não saberes em torno de sua questão de trabalho no cartel fulgurante; 2) um tempo para compreender em que cada cartelizante colou-se ao trabalho de realizar entre(vistas) junto a alguns dos membros da EBP/ AMP e NPJ (ANEXO II - *Coletânea em ENTRE(VISTAS)_excertos*); e 3) um momento de concluir, ao menos no por enquanto, em que cada cartelizante extraiu um texto produto do cartel.

Coletânea, o quê?

Após 4 anos, 9 Jornadas e 8 Coletâneas (ANEXO I - *Quadro Coletâneas das Jornadas EBP LO*), ecoa ainda a interrogação: *Coletânea, o quê?* Assim mesmo, sem verbo, como apontou Claudia Murta^[2] ao ser entrevistada. Cícero Chicon localizou na questão o *o quê*, nem para que, nem por que. “Coletânea, o quê? (...) um conjunto de obras (...). O que fazer com essa aglomeração do que é o que a gente trabalha (...) de certa forma, é ter um movimento (...) o movimento dos trabalhos”^[3].

Nas entre(vistas) constatamos os efeitos não tão calculados, contingentes. Thaís Aguiar Gomes^[4] aborda algo lido como “o grande Outro não existe, mas funciona”. Tem função o Outro social. Thaís recolhe algo da função da escrita que registra, torna público à comunidade analítica e à instituição Escola. Algo de um momento do percurso de cada um em sua formação quanto ao saber exposto. É que na admissão aos membros pela EBP são requeridas e recolhidas as marcas e provas do percurso singular da formação de cada um analista.

Rosangela Ribeiro nos agraciou com 3 boas novas: 1ª sua preocupação com a perspectiva ética do conteúdo apresentado nas vinhetas clínicas, logo, o rigor da Comissão Científica em relação à ética está presente desde o início; 2ª o nome Coletânea ainda faz questão, interroga aos participantes da Seção e 3ª

que ano passado eu vi que começou a fazer laço com os colegas. (...) Alguns me diziam, que bacana, eu tenho aqui, eu pude acompanhar melhor, as referências são muito boas. Eu não tinha entendido quando o colega apresentou, depois eu voltei ao trabalho e eu achei muito rico. (...). Ela imprimiu e levou para as Jornadas o tempo todo ali, acompanhando.^[5]

Nas palavras supracitadas, a Coletânea começa a fazer laços entre os uns da Seção e a corporificar algo que permanece, circula, bordeia em torno do furo que faz pulsar.

Para que e a quem serve a Coletânea?

As Jornadas caracterizam este momento em que a seção faz a apresentação dos trabalhos de seus participantes, quando a seção dá provas de por onde anda seu saber, seus estudos, suas pesquisas, sobre quais temas se debruçam em sua formação. Cada Um com o seu desejo apresenta seu trabalho neste momento que ficará registrado na Coletânea.

As pesquisas para as Jornadas ocorrem desde o dia do lançamento do seu título, cronologicamente mais ou menos um ano antes da data de sua realização. Portanto, a Coletânea das Jornadas é o lugar que acolhe este produto final de todo este trabalho feito na seção dos Uns, sendo Um a Um.

E, então, a quem serve a Coletânea? Em entre(vistas) no trabalho do cartel fulgurante da Comissão Editorial, uma das respostas foi que a Coletânea é este lugar onde ficam registrados todos estes trabalhos realizados e apresentados nas Jornadas, que serve como um registro oficial, como arquivo para atuais e futuras pesquisas...como história. Uma resposta à segunda questão seria que a Coletânea serve aos que participam das Jornadas, para que estes possam antecipadamente, antes da realização das Jornadas, terem a possibilidade da leitura dos trabalhos que serão apresentados.

A partir destas respostas, outras questões emergem: serviria a Coletânea à ampliação da psicanálise em outros lugares de saberes, a outros sujeitos que não estão na Escola? Um elemento de expansão transferencial? Um grão de aproximação com o saber psicanalítico por aqueles que estão alhures? Uma espécie de convite?

Qual a finalidade da Coletânea?

Com objetivo de *coletar* nas entre(vistas) de Rafaella Cunha e de Romulo Ferreira elementos que trouxessem à tona algo da finalidade de uma coletânea, um enigma se apresentou, uma questão que atravessava, interpelava, uma proposta provocadora do espontâneo neste momento do contato com eles. Algo em comum foi extraído: por mais que as coletâneas, como o cartel, não existam sem um formato orientado e intenções pré-estabelecidas, transmitem algo inédito em si. Sobretudo em uma dimensão simbólica, através do registro histórico do percurso da Escola.

Rômulo destaca que a coletânea parece ter o mesmo efeito do *trabalho* de um cartel: “se junta, trabalha, produz esse produto, ele fica registrado e coloca em marcha o trabalho da Escola”.

No *Ato de Fundação*, Lacan apresenta uma reflexão fundamental acerca do que caracteriza o sucesso de uma instituição psicanalítica ao atrelá-lo ao lançamento de trabalhos “que sejam aceitáveis em seu lugar”^[6]. Compreende-se, portanto, que este sucesso não entra no circuito capitalista da lógica da quantidade de adeptos, das publicações acadêmicas ou mesmo de repercussão midiática, visto que o ensino da psicanálise se transmite no Um a Um, nas trilhas de uma transferência de trabalho.

Remete, então, a uma ideia de pertinência e relevância no contexto específico da psicanálise. O “lugar” a que Lacan se refere não é meramente físico ou institucional, mas simbólico: trata-se do lugar da psicanálise enquanto discurso singular, que se distingue por sua ética e sua lógica própria.

Rafaella Cunha pontuou a coletânea como “nosso registro através da escrita, dos escritos e dos inscritos numa Jornadas”^[7]. É possível acessar, então, como o que constitui uma Escola e faz seu sucesso não são

critérios institucionais, mas a produção de saber pautada na transmissão do discurso analítico, sendo um dos produtos a própria coletânea.

Nesse sentido, a finalidade de uma coletânea é também compilar e estruturar uma lógica, e funciona sobretudo como o registro histórico de um coletivo de pessoas que trabalham direcionadas à Escola, conforme reforçou Rômulo^[8] em sua entrevista.

Representa um testemunho do que este coletivo se propõe a investigar a partir de suas práticas, caminhos e desafios, nas marcas e no marco de um tempo, e de uma experiência. É a materialização de um compromisso com a manifestação viva de um pensamento que se transmite, não como doutrina, mas como prática em constante elaboração. A coletânea corporifica um dado momento da Escola, e pelo registro faz este corpo pulsar como materialidade viva disponível a quem quiser ler.

Como ler o trabalho do outro endereçado ao campo psicanalítico?

Miller, ao ser questionado sobre o processo de transcrição dos seminários de Jacques Lacan, em uma entrevista dada ao suíço François Ansermet, em 21 de julho de 1985, ressalta que sua participação no estabelecimento dos seminários é uma coautoria, pois ultrapassa a função de estenógrafo e coloca algo de si, da sua escuta, portanto faz-se a partir de uma colaboração. “O estatuto deste trabalho é sem equívoco... um trabalho de colaboração”^[9], o que segundo ele, surgiu como uma ideia do próprio Dr. Lacan.

Ler os trabalhos de colegas, escrever, assinar, colocar o nome próprio, aponta para uma transferência de trabalho e trabalho de transferência onde a colaboração com o campo psicanalítico fomenta o questionamento de estar ou não a altura da psicanálise. Seria um outro se dirigindo ao Outro?

Na entre(vista) a Gabriel Caixeta, a questão empenhada ao trabalho do cartel fulgurante Coletânea, encontrou uma ressonância surpreendente em sua resposta: “uma escrita transmite algo do percurso daquele que escreve, ou seja, mesmo que no registro do imaginário esteja o Outro da escola ou da ciência, ou política, só é possível falar e escrever a partir de si, do seu percurso e de suas vivências”. E prossegue:

Toda escrita que é endereçada ao nosso campo, ela é uma escrita que deveria ter como notador um misto de testemunho e de saber, de conhecimento. Ou seja, mesmo que a gente cite Lacan, que a gente cite Miller, que a gente cite, seja lá quem for, é preciso que haja algo de um testemunho envolvendo, articulado a essa escrita.^[10]

O sinthoma faz-se como uma resposta ao real. Admitir essa forma única que se constrói a cada caso orienta a escuta e o fazer clínico.

Em que, a Coletânea das jornadas EBP LO se diferencia do Discurso Universitário?

As entre(vista)das Ceres Rúbio e Rafaela Oliveira, localizaram a Coletânea como “um registro histórico de um tempo vivido, resultado de um tempo teórico, que tenta se registrar a partir de uma escrita de participantes da psicanálise, que dão ali sua libra de carne, de um corpo vivo”^[11]. Os efeitos desta escrita “de pessoas que têm uma suposta relação com o inconsciente, uma relação com o saber que pressupõe uma dignidade para aquilo que é da ordem do furo”^[12], pode marcar o leitor para além do tempo de registro nas Jornadas, pois há algo da “contingência do encontro entre alguém que lê e um texto”^[13], cujo efeito poderá vir somente no depois, no circular da palavra.

Difere-se do discurso universitário porque não tem a função de marcar o final de um tempo vivido, cuja entrega recebe um bônus ou uma nota^[14]. É um chamado para que esse praticante da psicanálise, faça um esforço de colocar ali em escrito, algo de si, do seu trabalho de análise, da sua relação com o discurso analítico e com a prática clínica^[15].

Neste sentido,

quem recebe e lê este material, ele tem que ter este respeito de saber que é um a um, não é para fazer o coletivo universal, é o coletivo de um a um, cada um ali com a sua singularidade, com o seu modo de fazer com a psicanálise [...] algo feito para si e não para o outro^[16].

Um efeito de formação para o sujeito que escreve, um testemunho de sua experiência clínica, um dar prova de sua própria formação.

Ao editor, cabe valorizar aquilo que cada texto tem de rigor, nas premissas do campo psicanalítico, lembrando que “sempre tem algo do texto que nos causa e que toda leitura tem um dizer”^[17], ou seria um *sinthoma*?

O *sinthoma* será aquilo que se projeta como marca d’água na carne atravessada pelo significante, se pautando como ravinagem no corpo e, por efeito, escreve algo da solução singular do Um frente ao real^[18]. Em *Lituraterra*, Lacan^[19] ressalta algo sobre a letra enquanto materialidade e sua relação com o *sinthoma*:

Como seria mostrado o caminho mais curto de um ponto a outro senão pela nuvem que empurra o vento enquanto ele não muda de direção? Nem a ameba, nem o homem, nem o ramo, nem a mosca, nem a formiga teriam constituído exemplos antes que a luz se revelasse solidária de uma curvatura universal, aquela em que a reta só se sustenta por inscrever a distância nos fatores efetivos de uma dinâmica de cascata. Não há reta senão pela escritura[*écriture*], assim como não há agrimensura senão vinda do céu.

E ele continua dizendo que mesmo que a ciência só opere “por um escoar de letrinhas e gráficos combinados”^[20], o gozo do *sinthoma* não se escreve, “são os seus trilhamentos, sulcos e ravinações que constituem suas fixações que lhe dão lugar”^[21]. Sendo assim, nos diversos trabalhos a serem lidos está escrito algo de como cada um pôde se virar com o que tinha sido sua resposta singular à existência^[22].

O editor aparentemente se vê ali também nesta posição entre o saber e o gozo, onde a letra se situa na borda do furo do saber, litoral entre o querer saber e o querer gozar, receptáculo de gozo^[23], que sobrevive ao rigor de normas e regras, pois o sujeito persiste e a isto chamamos estilo, algo do Um que sobrevive a qualquer diagramação, para alívio do editor que exerce esta função, pois aqui conta mais o que se ouve do que o que está escrito, como também, o silêncio ali presente.

Coletânea: significante que faz laço?

A Seção Leste-Oeste tem uma composição cartográfica peculiar. Quando se pensa na representação gráfica dos lugares que compõem esta seção, se depara com uma multiplicidade de territórios geográficos, geológicos, culturais e afetivos. Um regionalismo multidiverso, modos de ver, falar, cantar, dançar, ouvir, comer que fazem fronteira com uma língua maior, a psicanálise.

Respondendo a uma questão, Miller aponta a relação dos analistas com a escola: “A escola de psicanálise seria uma escola de pedras, de como fazer belas pedras, e assim as coisas que se movem são as coisas que caminham”.^[24] A Seção Leste-Oeste é uma composição de um cenário itinerante, pedras compostas por terras múltiplas, e o belo como um fazer a se construir.

A palavra coletânea é um substantivo feminino que significa, “a recolha de excertos de diversos autores, geralmente subordinada a determinado tema, gênero ou época”, podendo também ser “antologia”, “compilação”. A questão desencadeada visou localizar Coletânea como um significante no âmbito da Seção Leste-Oeste e acompanhar o laço que este cria no espaço da Seção, assim como na relação da Seção com a Escola. Para tanto, a reflexão de Miller sobre a escola foi tomada como bússola: “A Escola é uma formação coletiva na qual se sabe a verdadeira natureza do coletivo. Não é uma coletividade sem Ideal, mas uma coletividade que sabe o que é o Ideal, e o que é a solidão subjetiva. A Escola é uma soma de solidões subjetivas, e é este o sentido de nossa fórmula, ‘um a um’”.^[25]

Percorrendo os rastros levantados pelas entre(vistas), chegou-se a “coletar”, enquanto verbo transitivo, reunir: “reunir esses muitos criando algo único”. Da colocação de Ordália Junqueira^[26] pode se retirar a ideia de extrair do múltiplo algo do um; do singular. Luísa Lima pontua que: “...cada um escreve, a partir do Um, do gozo do Um, e quando fica registrado na Coletânea, é uma maneira de fazer laço com a Escola, laços analíticos com os colegas”^[27]. Esses excertos orientam uma direção, talvez uma vocação, que a Coletânea tenha na Seção Leste-Oeste. Fazer desta coletividade “não-toda” da Seção, caracterizada por uma topologia cartográfica muito própria, uma ficção temporária que escreve. Na solidão subjetiva do “um a um” enlaçado ao ideal advertido no coletivo, a pedra encontra o belo, e faz do caminho texto. Desse “gozo do UM” do qual se escreve até a reunião “dos muitos em algo único” é que se chega a COLETÂNEA. E ensina à Escola/ EBP que do múltiplo, das fronteiras de seus territórios, se inventa um novo e assim se produz o vivo da psicanálise.

REFERÊNCIAS

- [1] AFONSO, Daniela. Editorial. In: Cairel Revista de Psicanálise da Clipp, São Paulo, n. 2, Ano 2, Maio de 2025.
- [2] MURTA, Claudia Membro - EBP/ AMP.. Comunicação oral em entrevista realizada no dia 06.06.2025.
- [3] CHICON, Cícero - NPJ/ EBP (2023-2025). Comunicação oral em entrevista realizada no dia 06.06.2025.
- [4] GOMES, Thaís Aguiar - NPJ/ EBP (2023-2025). Comunicação oral em entrevista realizada no dia 06.06.2025.
- [5] RIBEIRO, Rosangela - Membro EBP/ AMP. Comunicação oral em entrevista realizada no dia 06.06.2025.
- [6] LACAN, Jacques (1964). Ato de fundação. In: Outros escritos. Rio de Janeiro, Zahar, 2003, pp. 235-247.
- [7] PFRIMER, Rafaella Cunha P F - NPJ/ EBP (2023-2025). Comunicação oral em entrevista realizada no dia 06.06.2025.
- [8] SILVA, Rômulo Ferreira da AME - Membro EBP/AMP. Comunicação oral em entrevista realizada no dia 06.06.2025.
- [9] MILLER, Jacques-Alain. François Ansermet entrevista Jacques-Alain Miller sobre a publicação dos seminários de Jacques Lacan. São Paulo, Toro Editora, 2022.
- [10] CAIXETA, Gabriel - NPJ/ EBP (2023-2025). Comunicação oral em entrevista realizada no dia 06.06.2025.
- [11] RÚBIO, Ceres Lêda - Membro EBP/ AMP. Comunicação oral em entrevista realizada no dia 06.06.2025.
- [12] QUIXABEIRA, Rafaela Vieira de Oliveira - NPJ/ EBP (2023-2025). Comunicação oral em entrevista realizada no dia 06.06.2025.
- [13] Ibidem.
- [14] op. Cit. 11
- [15] Ibidem.
- [16] Ibidem.
- [17] op. Cit. 12
- [18] FARIAS, Ary. Eixo temático 4. Disponível em <https://ebp.org.br/slo/vi-jornadas-ebp-secao-lo-encontros-e-desencontros-parcerias-sintomaticas-eixos-tematicos/vi-jornadas-ebp-secao-lo-encontros-e-desencontros-parcerias-sintomaticas-eixos-tematicos-arte-politica-e-sinthoma/> retirado em 12/07/2025.
- [19] LACAN, J. Outros escritos / Jacques Lacan; [tradução Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles]. Lituraterra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.22.
- [20] Ibidem.
- [21] PERSPECTIVAS DE LITURATERRA. Disponível em https://ebp.org.br/sp/perspectivas-de-lituraterra/#_edn11 , retirado em 06/07/2025.
- [22] VIEIRA, Marcus André. A escrita do silêncio (voz e letra em uma análise). Rio de Janeiro: Subversos, 2018. In: Tarrab,M. Prefácio. pp.11.
- [23] op. Cit., 21
- [24] MILLER, Jacques-Alain. A operação redução e A articulação e o investimento In: O osso de uma análise + o inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro: Zahar 2015, p.40.
- [25] MILLER, Jacques-Alain (2000). Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 7. Número 21. novembro 2016. ISSN 2177-2673, p. 7.
- [26] JUNQUEIRA, Ordália Alves - Membro EBP/ AMP. Comunicação oral em entrevista realizada no dia 06.06.2025.
- [27] LIMA, Luisa Carvalho M. de - NPJ/ EBP (2023-2025). Comunicação oral em entrevista realizada no dia 06.06.2025.

INTRODUÇÃO

Encontros e desencontros – parcerias sintomáticas

Ceres Lêda F. F. Rúbio (EBP/AMP)
Coord. Geral das VI Jornadas da EBP SLO

É com alegria que introduzimos esta coletânea com o argumento produzido para o lançamento das VI Jornadas da Seção Leste Oeste da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP/SLO) “Encontros e Desencontros – Parcerias sintomáticas”.

Nossas jornadas reúnem membros, cartelizantes, aderentes e participantes, seguindo a orientação lacaniana, uma bússola para interpretar os discursos de nossa época. Reunimos em torno de um tema pela via de uma transferência de trabalho, o que Lacan nos adverte, (1998, p.322): “[...]o analista deve renunciar a sua prática, aquele [analista] que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”.

É com essa concepção de fazer uma leitura dos discursos contemporâneos que trataremos sobre os des-encontros para a psicanálise, sabendo que se trata de parcerias sintomáticas.

O que faz um encontro ou um desencontro?

Quais são as parcerias vigentes no mundo com a prevalência do discurso do capitalismo, ciência e tecnologia? Um mundo que viveu o isolamento de uma pandemia, deixou marcas no modo de vida do sujeito, impactos na prática psicanalítica com o uso de objetos técnico-virtuais, a “psicanálise virtual” (SANTIAGO, 2024, p.46). É possível na experiência analítica no virtual, capturar, tocar o gozo do corpo do falasser, sem o corpo presente do analista? De que encontro se trata a relação com um analista? A nova geografia da EBP serviu-se dos artifícios virtuais para promover o encontro dos membros e participantes da Seção Leste Oeste. Com quatro regiões, a Seção pôde seguir suas atividades epistêmicas a partir dessa modalidade, isso tem sido fácil ou difícil?

Manifestações com a predominância do real do Gozo

Miller ao definir o sintoma no livro o Parceiro-Sintoma, não o descreve como uma disfunção, mas sim como um funcionamento. Por isso, a importância de se ocupar sobre o uso que se faz dele, e de pesquisar sobre o efeito do sintoma como um modo de gozar (MILLER, 2020, p. 26). O sintoma agregando funcionamentos que se opõem, um da ordem da verdade e o outro do gozo. Por um lado, como verdade a formação do inconsciente pela via do simbólico, um inconsciente transferencial. Por outro lado, o sintoma como gozo, ligado a ordem do real. Nesse caso, a repetição se impõe, itera e confirma a existência de um real que *não cessa de não se inscrever*, um inconsciente real. Não há relação sexual. A fantasia construída pelo falasser é dada como uma defesa contra o real do gozo.

Como são construídas as parcerias sintomáticas diante da fragilidade do simbólico, diante da pulsão de morte que invade? O Gozo estaria predominante na parceria com a brutalidade, na política, na guerra, no racismo e segregação? Na angústia, que exaspera os corpos e os medicaliza a partir da proliferação de psicodiagnósticos, medicando um viver desencantado? Na errância da solidão de um gozo, diante das telas da internet, forjando laços sociais, imprimindo adições e uma felicidade mentirosa?

O Desejo em declínio, a falta da falta.

A horizontalidade está presente no discurso da época, e nos faz pensar sobre o “pai tornado vapor” (MILLER, 2024, p.48), e perguntar sobre onde anda o desejo? O que está no lugar do falo, e, consequentemente, em que vias anda a operação da castração? Miller pergunta o que atualmente está situado no zênite social, o objeto a , e responde a partir de Balzac que “a sociedade aparece baseada unicamente no poder do dinheiro – esse vindo no lugar do pai, causa única do desejo social”. Isso tem consequências nos encontros e desencontros do falasser diante do Outro que não existe, a ciência associada ao capital declinou o pai e promoveu novas ficções familiares, formas de fazer política, de realizar desejo. O pai, substituído pela inseminação artificial. O significante fálico não marcando a diferença, o que existe é os Nomes-do-pai. Ao pluralizar o nome do pai, Lacan faz uma questão sobre o desejo e o gozo presente na singularidade e construção subjetiva de cada um. O pai é um significante, um nome, um operador, e nos tempos de pluralização, quais os significantes que marcam nossa época? O discurso do mestre, a partir do capitalismo, tecnologia e ciência produzindo objetos de desejo e do mais de gozar, a serem consumidos reiteradamente como meio de tamponar a falta, gadgets, efêmeros, infinitos. Objetos do Um sozinho não promovendo laços sociais. O falasser dessa relação com o objeto, ficando solitário, a deriva.

O Amor entre desejo e gozo – não há garantias e não está previsto

E o amor, o que poderíamos dizer das parcerias amorosas, como se sustentam ou não, na contemporaneidade? Considerando que a relação sexual não existe e a junção entre o amor e desejo não é sem o gozo, isso pode dificultar fazer laços, estar diante do gozo do outro, de se interrogar a respeito da parceria sintomática vivida. Lacan quando aponta o axioma “não há relação sexual” quer dizer que os falasseres, como seres sexuados, formam pares não no nível do significante, mas no nível do gozo. E, que esse laço é sempre sintomático. O sujeito humano constituído a partir do encontro traumático do simbólico com o corpo, nasce de um mal-entendido (LACAN, 2016, p.11), da relação entre dois seres que não falam a mesma língua, apontando uma diferença entre os sexos e na sua posição sexual. Quando Miller fala do parceiro-sintoma, diz do Outro como meio de gozo, representado pelo corpo e como lugar do significante (MILLER, 2020, p. 410). Um modo de gozar do inconsciente e gozar do corpo do Outro, o corpo próprio. A partir daí, qual é o sexo ou as apresentações do falasser diante das múltiplas nomeações do discurso universal sobre a sexuação, forçando uma nomeação identitária? Consciente ou inconsciente?

Convidamos todos a se debruçarem no material produzido para as VI Jornadas da EBP/SLO, advindos de Cartéis Fulgurantes e da produção de muitos envolvidos com o discurso de orientação lacaniana, e se tornaram produtos das mesas simultâneas. Trabalhos que percorrem os discursos contemporâneos e as experiências na prática analítica tratando o tema das parcerias sintomáticas, dos encontros e os desencontros.

REFERÊNCIAS

- SANTIAGO, Ana Lydia. A Psicanálise virtual. In.: Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. Ed. Eolia, vol.88, 2024, p.46.
- LACAN, J. Função e Campo da fala e da Linguagem. In.: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1998, p. 322
- LACAN, J. O mal-entendido. Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, Rio de Janeiro, nr 72, março 2016, p.11
- LAURENT, Eric. A Sociedade do Sintoma – a psicanálise, hoje. Rio de Janeiro: Contra Capa Ed., 2007.
- MILLER, J. A. O pai tornado vapor. IN.: Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. Ed. Eolia, vol 88, 2024, p. 48.
- MILLER, J. A. El partenaire-sintoma-Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain miller. Buenos Aires. Ed. Pidós, 2020.

EIXOS TEMÁTICOS

Eixos Temáticos

Rosangela Ribeiro (EBP/ AMP)
Coord. da Comissão Científica

EIXO 1 – O QUE DIZER DAS PARCERIAS NAS PSICOSES E NO AUTISMO?

Bartyra Ribeiro de Castro (EBP/AMP) e Rosangela Ribeiro (EBP/AMP)

Testemunhamos uma época marcada pela inconsistência do Outro, pelo Outro que não existe e, mais que nunca, uma época da evaporação do pai e de fragilidade do laço social, por uma falha simbólica imprescindível para sustentar a realidade subjetiva na qual há, cada vez mais, uma saturação do real.

Miller, em *El partenaire-sintoma*, apresenta que, no que tange ao significante, é impossível que se compreendam um sexo e outro. Assim, “que não haja relação sexual não impede que haja uma relação de gozo com o parceiro-sintoma e que se formem casais em que um para o outro é meio de gozo” (2008, p. 411). Assim, o *fallasser*, salvo exceção, se serve do Outro para gozar o gozo no corpo do Um e para gozar passa-se por meio do corpo do Outro.

O aforisma “não há relação sexual”, na psicose, implica que o fantasma pertença ao Outro e se apresente sob a forma de um delírio invasor. As invenções encontradas em parcerias, na psicose, podem vir a regular o gozo mortífero fazendo a suplência ao laço social. O psicótico se apresenta enquanto objeto de gozo do Outro. É o que se vê, por exemplo, na parceria de Joyce com Nora, de forma que a função desta escrita é responsável pelo ego do escritor, uma invenção *sinthomática* que corrige uma falha no nó estruturante. Essa invenção garante um envelopamento do corpo do escritor e uma localização de seu gozo.

Embora tenha vivido outras experiências, Nora era-lhe algo singular. Pode-se pensar em uma relação sexual? Sim, “coisa singular, que é uma relação sexual, ainda que eu diga que não há relação sexual. Mas é uma relação sexual bem esquisita” (LACAN, 2007, p. 81). Assim, compreendemos a conhecida metáfora lacaniana de que Nora veste Joyce como uma luva.

Em *Cartas a Nora* veem-se demandas de Joyce a torturas, como em Ulysses no masoquismo de Bloom. Lacan enfatiza: “Para Joyce, só há uma mulher [...] e ele só a enlupa com a maior das repugnâncias” (*Ibidem.*, p. 81). Paradoxalmente, as depreciações que Joyce faz a Nora, tornam-lhe a mulher escolhida. É aparentemente controverso, pois pode-se dizer que ela é o parceiro-sintoma de Joyce, uma vez que a função do amor para ele tem um único nome, Nora, localizado em um lugar *êxtimo*. Lacan ainda comenta que “não é apenas preciso que ela lhe caia bem como uma luva, mas que ela o cerre como uma luva. Ela não serve absolutamente para nada” (*Ibidem.*, p. 82).

Vê-se, em Joyce com Nora, um encontro contingente, que coloca em jogo tudo o que marca cada *fallasser*, o traço de seu exílio da relação sexual, a solidão, o real da relação sexual que não existe.

Quanto ao autismo, no entanto, as características apontadas como próprias a esta estrutura, dizem da não-parceria, ou somente do que Miller considera como parceria – entre o *fallasser* e seu gozo. Faz a exceção ao não se servir do Outro para gozar o gozo no corpo do Um. É uma estrutura fundada sob o gozo do Um, for-

mada por S1s congelados que iteram numa metamorfose multiplicativa (2021, p.13), marcada pelo autoerotismo, pela defesa radical frente ao desejo do Outro, seus afetos e invasões, com uma forma de estar no mundo em que predomina a retenção dos objetos da pulsão, que faz obstáculo a uma subtração de gozo – que seria caracterizada pela alienação, que comparece minimamente, mas não pela separação – e, portanto, pela não queda do objeto a.

Mesmo o sintoma precisa ser questionado quanto ao seu estatuto. No autismo, o gozo do falasser, que faz retorno sobre a borda, diz de um sintoma que “[...] a borda que ele define separa o sujeito do Outro, estabelecendo condições para afastá-lo.” (2011, p.21) É uma forma sintomática singular marcada pela rejeição à enunciação do Outro e por uma impossibilidade para com a sua. Como não há, claramente, investimento no vivo, o gozo localizado na borda permite que invente formas de acessar o Outro via objetos autísticos, duplos e interesses específicos, não, necessariamente, tomando a palavra.

Segundo Maleval, “o autista está mais perto de uma reação sexual que de uma relação de engajamento”, “não é da presença do Outro que o autista se protege, mas do vivo, disso que lhe faz sentir os afetos, uma vez que é preciso não entrar nos circuitos do engajamento, em que se confrontaria com o desejo do Outro.” (2021, p. 81) O amor e a delicadeza manifestados nas relações são sentidas como “insuportáveis tentativas de imobiliza-los.” (*Idem*. P.81).

REFERÊNCIAS

- JOYCE, J. *Cartas a Nora*. Relógio D'Água: Lisboa, 2012.
- LACAN, Jacques. *O seminário*, livro 23: o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. *O seminário*, livro 20: mais, ainda... Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. *O seminário*, livro 19: ou... pior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- MILLER, J-A. et al. *La psicosis ordinaria: la convención de Antibes*. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- MILLER, Jacques-Alain. As duas formas do parceiro-sintoma. In: _____. *O osso de uma análise*: mais o inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. p. 77-102.
- _____. Efeito do retorno à psicose ordinária. *Opção Lacaniana online nova série*. São Paulo, ano 1, n. 3, nov. 2010. ISSN. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br> Acesso em: dezembro de 2016.
- _____. Uma conversa sobre o amor. *Opção Lacaniana online nova série*, Buenos Aires, ano 1, n. 2, 2010. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_2/Uma_conversa_sobre_o_amor.pdf. Acesso em: 5 set. 2020.
- _____. Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana online nova série*. Paris, ano 3, n. 7, p. 1-49, 2012. Disponível em: http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf. Acesso em: agosto de 2020.
- . Prefácio. In MALEVAL Jean-Claude. *La Difference autistique*, Arguments analytiques, Paris, 2021.
- Berenger E., e Roizner M., *Acheminements vers la parole dans l'autisme*, La Cause Freudienne, 78, Navarin, Paris, 2011.
- MALEVAL Jean-Claude. *La Difference autistique*, Arguments analytiques, Paris, 2021.



EIXO 2 – PARCEIRO-FANTASMA E PARCEIRO-DEVASTAÇÃO

Jaqueline Coelho e Tânia Regina Anchite Martins

Parceria sinthomática

Entre 1910 e 1918, Freud elaborou alguns textos que ele mesmo reuniu sob uma série intitulada “Contribuições para a psicologia da vida amorosa”^[1]. São eles: “Sobre um tipo particular da escolha de objeto nos homens” (1910), “Sobre a mais geral degradação da vida amorosa” (1912), e “O tabu da virgindade” (1918). De maneira geral, poderíamos dizer que a sexualidade masculina é que ganha destaque nessa investigação. Ainda que haja dedicado nomeadamente dois textos ao tema da vida sexual da mulher, Freud não logrou desembaraçar-se das supostas soluções pela via fálica e vislumbrou suas limitações ao considerar a sexualidade feminina como um continente negro para a psicanálise.

No Seminário 20, Lacan nos apresentou o quadro das fórmulas quânticas da sexuação, com dois lados, afirmando que: “quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro”^[2]. Mas, ele diz: lado homem e lado mulher. Então, define o lado homem como o que se localiza pela função fálica e o lado mulher como o ilimitado. Aqui não há universalidade. “Os homens e as mulheres [...] são uma questão de escolha, e isso não segue, necessariamente, o sexo biológico^[3]”, o que faz com que, em última instância, seja no um a um que a posição de gozo deva se verificar.

Estamos falando do falasser, que tem um corpo sexuado. “O gozo do corpo de que se trata é um gozo habitado por um sujeito do significante, quer dizer, não um gozo bruto, não um gozo anterior ao significante; no falasser, o gozo do corpo é ligado ao significante como sua consequência.”^[4] Na medida em que se tem um corpo, há o gozo de lalíngua.

Tendo isso em vista, Miller introduziu a noção de parceiro-sintoma, que ele definiu como: em primeiro lugar, “um modo de gozar [...] do inconsciente, do saber inconsciente, da articulação significante e do investimento libidinal do significante e do significado;” e, em segundo lugar, “um modo de gozar do corpo do Outro. Mas [...], o corpo do Outro é tanto o corpo próprio como o corpo de outrem”^[5].

No nível do sexuado, falamos de gozo do corpo, do corpo que se goza. Portanto, a parceria sintomática feita pelos seres sexuados ocorre no nível do gozo próprio. Nessa via, Lacan lançou seu tão famoso aforismo: “não há relação sexual”.

Sob que condições o Outro se torna um meio de gozo, um instrumento de gozo para cada um? Como se constitui a parceria sintomática em que o Outro se torna o sintoma do falasser, seu meio de gozo? Como o falasser pode se servir do Outro como corpo para gozar? Como o gozo autista que se produz no corpo de Um pode se servir do corpo Outro como alteridade, do fora do corpo, como instrumento? O que as análises nos ensinam?

Do Outro lado, o gozo do corpo próprio, também é Outro para o falasser, no sentido da estranheza e da falta de localização.

Parceiro-fantasma

O ser falante, ao se colocar do lado homem, tem como parceiro o objeto a . “Só lhe é dado atingir seu parceiro sexual, que é Outro, por intermédio disto, de ele ser a causa de seu desejo”^[6], o fantasma.

A estrutura do Todo x , que encontramos no lado homem do quadro de Lacan, determina, necessariamente, o parceiro-sintoma de quem se coloca neste lado como pequeno a . “O pequeno a é uma

unidade de gozo, é uma unidade discreta de gozo, separável, contabilizável.”^[7] Pode se localizar, enumerar, pode se revelar em uma análise, através das fantasias, como uma forma de fetiche que se impõe ao parceiro.

Na parceria fantasmática, o modo de gozar do falasser exige que seu parceiro responda a um modelo, às vezes um pequeno detalhe é o determinante. Falamos de um gozo limitado, localizado, contabilizável, o que permite ao falasser que se posiciona deste lado um certo saber sobre o que condiciona seu gozo.

Parceiro-Devastação

“Se uma mulher é um sinthoma para todo homem, fica absolutamente claro que há necessidade de encontrar um outro nome para o que um homem é para uma mulher [...]. Pode-se dizer que o homem é para uma mulher tudo o que vocês quiserem, a saber, uma aflição pior que um sinthoma. [...] Trata-se mesmo de uma devastação”^[8].

A devastação é a “outra face do amor”^[9], já que ambos comungam o mesmo princípio, a saber “o grande A barrado, o não-todo, no sentido do sem-limite”^[10]. Em análise, uma mulher precisa se haver com as questões do amor, ou seja, com sua erotomania. Na relação com o parceiro como Outro barrado, ela necessita que o homem lhe fale. Assim, a demanda de amor desempenha função princeps na sexualidade feminina e, “comporta, em si mesma, um caráter absoluto e uma visada ao infinito, que é manifestada no fato de que o Todo não está formado, o Todo não faz Um, e isso abre para o infinito, além de tudo o que se pode trocar de material, tudo o que se pode oferecer como prova”.^[11]

“À falta de uma relação sexual que existisse, algumas mulheres estabelecem uma relação de amor real onde se disputam a devastação e o êxtase”^[12]. Esses dois termos indicam as duas faces do gozo feminino para uma mulher. É nesse sentido que Lacan nos ensina que não há limites no que uma mulher poderá oferecer de si a um homem, podendo sacrificar sua reputação, seus filhos, seus bens materiais etc. Aqui, predomina, portanto, a forma erotomaniaca de amar, caracterizada pela exigência a um amor ilimitado e insaciável.

REFERÊNCIAS

- ^[1] FREUD, Sigmund. (2023) Contribuições para a psicologia da vida amorosa (1910-1918). Em: Amor, sexualidade, feminilidade. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica.
- ^[2] LACAN, Jacques. (1982) O Seminário, livro 20, Rio de Janeiro: Zahar p.107.
- ^[3] MILLER, Jacques-Alain. (2015) O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro: Zahar, p. 93.
- ^[4] Ibidem, p. 86.
- ^[5] Ibidem, pp. 89-90
- ^[6] LACAN, Jacques. (1982) O Seminário, livro 20, Rio de Janeiro: Zahar p.108
- ^[7] Op. cit., 3, p.93.
- ^[8] LACAN, Jacques. (2007). O Seminário, livro 23. Joyce, o sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, p. 98.
- ^[9] MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. Opção Lacaniana online nova série, ano 7, n. 20, 2016. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_20/Uma_partilha_sexual.pdf> Acesso em 08 de abril de 2025.
- ^[10] Ibidem.
- ^[11] Op. cit., pp. 95-6.
- ^[12] MILLER, Dominique. As duas margens da feminilidade. Boletim Infamiliar, julho de 2020. Disponível em: <<http://www.encontrobrasileiro2020.com.br/as-duas-margens-da-feminilidade-2/>>. Acesso em: 08 de abril de 2025.

EIXO 3 – TOXICOMANIA: A DROGA COMO PARCEIRO DE GOZO

Cristiano Alves Pimenta EBP/AMP

O uso da droga constitui, para o sujeito toxicômano, uma autêntica experiência de gozo. Na origem, na primeira vez, como é relatado em alguns casos, essa experiência produziu, de algum modo, uma perturbação da ordem de um verdadeiro e inesquecível acontecimento de corpo. Esse acontecimento *único* tem para o sujeito o valor de traumatismo. O uso da droga pode ser, nesses casos, a repetição dessa *primeira vez* com a mesma intensidade vivida. Miller[1] afirma que “o que Lacan chama de sinthoma está no nível da adição – o gozo repetitivo da adição só tem relação com o significante Um sozinho, com o S1”. O gozo repetitivo da adição fornece o modelo do gozo do sinthome. Trata-se aqui das repetições que nada acrescentam de novo, e também não produzem nenhum saber a ser aprendido. O sujeito apenas revive o mesmo deslumbramento desse primeiro e inesquecível encontro traumático. Na adição estamos no regime do gozo que itera.

No tratamento de sujeitos toxicômanos encontramos os casos em que o uso da droga produz na vida do sujeito um gozo mortífero que pode impedi-lo de toda e qualquer forma de laço social. A droga, nesses casos, tornou-se o *único* parceiro. A questão aqui é saber se o psicanalista – seja numa instituição, seja no consultório – teria condições de se imiscuir nessa parceria fomentando nela a parceria com a palavra. Em outros termos, é possível fazer surgir os efeitos de verdade no tratamento do toxicômano? É possível que o sujeito consinta com uma certa perda de gozo? Não há dúvida de que fomentar a parceria com a palavra é um desafio que se estende para além das toxicomanias. O gozo com a droga, eventualmente silencioso, poderia ceder ao gozo *com* a palavra, ainda que fosse lá onde o sujeito fala sozinho?

Caberá ao psicanalista, seja no consultório ou na instituição, saber avaliar. Aqui vale mencionar um caso clínico apresentado por Pablo Sauce no Núcleo de Toxicomania do IPLO. Neste caso, Pablo julgou que o sujeito internado em uma instituição de tratamento não poderia ser privado do uso de certa substância na medida em que essa lhe era necessária para manter um vínculo com a vida. Esse é o ponto em que as toxicomanias nos advertem para o fato de que retirar o gozo que sustenta o sujeito pode ser, pelo menos em alguns casos, catastrófico. E que o gozo, ainda que tenha sempre uma face ligada à pulsão de morte, também conserva a outra face ligada à pulsão de vida.

O que se conclui disso é que é fundamental que o psicanalista se interrogue a *função* que do gozo da droga tem para cada sujeito. É possível substituir esse gozo, desloca-lo, diminuí-lo, de modo a permitir que ele seja menos danoso e mortífero ao sujeito? É possível transformá-lo em um sintoma no sentido freudiano, quer dizer, é possível enigmatizar esse gozo? Não faltam casos em que a enigmatização se mostra impossível. É nesse sentido que Miller nos diz que o tratamento do toxicômano obriga os analistas a uma lição de modéstia.

Por outro lado, também não faltam, na clínica, pacientes que possuem parcerias amorosas relativamente bem sucedidas e mantêm os laços sociais, ainda que façam uso constante de alguma substância. Qual a função a droga tem nestes casos? Certamente, esses não são casos em que podemos encontrar o toxicômano no sentido indicado por Lacan, quando formula que o toxicômano é aquele sujeito que efetuou “uma ruptura no casamento com o faz pipi”. Que Lacan tenha usado nessa breve fórmula a palavra “casamento” não é sem ressonâncias, na medida em que são incontáveis os casos de sujeitos que veem seus casamentos irem por água abaixo na medida em que as doses aumentam. No filme sueco *Drunk, mais uma rodada* (2020) – já discutido no Núcleo de Toxicomania (Tya) do IPLO – vemos um grupo de amigos homens testar a teoria de que serão mais felizes e bem sucedidos se mantiverem diariamente um certo percentual de álcool no corpo. Depois de perder o controle e se entregar ao excesso, vemos Martin, o personagem principal, lutar desesperadamente para recuperar seu casamento.

A complexidade dessas relações com a droga nos levam a perguntar também pelo modo como a droga se coloca em cada estrutura. A fórmula de Lacan (a droga é o que permite romper o casamento com o faz pipi) se refere aos sujeitos que possuem um faz pipi, o *falo*, pois, é preciso tê-lo para que seja possível romper com ele. Ou seja, trata-se de sujeitos que possuem em sua estrutura a função do nome do Pai, mas que rompem com o gozo fálico. De modo mais estrutural, essa ruptura com o gozo fálico deve ser entendida como uma ruptura com o gozo sustentado pela fantasia. Portanto, o gozo do toxicômano é aquele que, como sublinha Éric Laurent em “Três observações sobre a toxicomania”, torna possível “gozar sem a fantasia”.

Por outro lado, a fórmula lacaniana da toxicomania não se aplica aos sujeitos psicóticos, já que estes, em decorrência da forclusão paterna (PO), não possuem nenhum falo (Ø). Cito um caso que Laurent utiliza para falar do uso da droga na psicose:

“...me ocorreu encontrar toxicômanos psicóticos. Pessoas que não se apresenta sob o modo “eu sou toxicômano”. Eles são outra coisa, mesmo se entre outros, tomam um certo número de tóxicos, seguramente, eles não são toxicômanos. Encontrei um no hospital, ele estava ali por um assunto de família. Ele faz notar que a questão em sua família era a herança. Como era uma família camponesa, ele repetia todo o tempo “a questão são as terras” (les question c’est les terres”). Este homem era viciado em éter (l’éther). Aí estava claro que o gozo da substância, o éter que ele inalava, vinha no lugar, era o retorno no real deste gozo extraído do Nome-do-Pai, que era para ele a herança das terras”.

No entanto, não poderíamos perguntar se a desmedida do gozo que a droga produz não teria, de modo mais geral, afinidades com o gozo desmedido que encontramos nas psicoses? Pois, se “o que Lacan chama de *sinthoma* está no nível da adição”, então o gozo do toxicômano tem afinidade com “o gozo enquanto tal”. Esperamos que os trabalhos escritos para esse eixo nos permitam avançar nessa discussão.

REFERÊNCIA

- LACAN, J. O seminário, livro 17, o avesso de uma análise. Zahar. Rio de Janeiro.
 LACAN, J. O seminário, livro 23, o *sinthoma*. Zahar. Rio de Janeiro.
 LAURENT, E. Três observações sobre a toxicomania; in *Pharmakondigital.com*
 MILLER, J.-A. A droga da palavra, in *pharmakongital.com*
 MILLER, J.-A. O ser e o Um; Inédito; 2011.

EIXO 4 – ARTE, POLÍTICA E SINTHOMA

Ary Farias (EBP-AMP)

Arte, política e sinthoma. É possível traçar uma linha comum que atravessasse essas três instâncias conceituais em psicanálise de maneira a estruturar uma conjugação razoável?

De todo modo, são peças teóricas fundamentais na prática da clínica lacaniana e incitam sempre uma clínica arguta capaz de ler e interpretar a subjetividade do sujeito contemporâneo, que se arranja sempre como resposta às idiosincrasias estruturais do seu tempo, com seus fatos históricos, políticos e culturais – o momento histórico, esse caldeirão sempre a verter o fluído imagético de seus dias, seus impasses, seus símbolos e os constantes desarranjos advindos da eclosão do real no tecido da existência.

Arte

Lacan, depois de uma primeira visada com a literatura de Marguerite Duras, encontrou na literatura de James Joyce novamente aspectos que corroboravam e faziam avançar aquilo que ele ensinava. Leu em sua literatura uma expressão de parceria sintomática estruturante, o quarto elemento que enodaria a trindade RSI. Para tanto, Joyce produziu uma escrita desancorada da sua função de mensagem, um *non-sense* com prevalência absoluta da materialidade fonética sobre a estrutura formal do texto. Uma escrita que ocorre às margens das regras ortográfica, semântica e mesmo fronteiras idiomáticas. Joyce escreve a Babel das línguas com sua literatura alforriada de sentido e, podemos inferir, de algum modo, “escreve” a não existência do grande Outro^[1].

De um modo geral, podemos tomar a arte como manufatura de gozo sofisticada, uma vez que o produto advindo daí resulta de uma leitura e de uma interpretação singular sobre as questões que fazem voregem ao corpo vivo.

O artista é um intérprete de seu tempo, tem a insólita função de ser arauto dos ocasos, é a consciência aguda de sua época. Por outro lado, em seu aspecto luminar, o artista é aquele que domina o engenho da transposição do abjeto ao sublime. Em seu fazer, corrobora Lacan ao assinalar a incontestável solidão do Um no que se refere à experiência de gozo no corpo. Seu artefato escreve essa ficção.

Política

A perspectiva de abordar a psicanálise pelo viés da política necessariamente convoca, de modo preambular, a inferência do conceito de gregarismo já bem desenvolvida pela Sociologia. Em psicanálise, no homem, para além dos compromissos biológicos, o viver junto responde a uma necessidade de identificação e pertencimento simbólico. O rebanho humano faz laço de compromisso a partir do húmus da linguagem. De algum modo, o rebanho é o idioma. De outra forma, a língua funda as nações de gozo, essa geopolítica com a qual a psicanálise, desde Lacan, se ocupa e busca estabelecer. A demografia lacaniana estuda a dinâmica da população de gozo.

Portanto, podemos tomar a política como a condição mesmo do inconsciente, uma vez que é a partir do Outro que um corpo pode autoproclamar existência e unidade. Ter um corpo decorre, então, dos efeitos dessa imersão na língua do Outro, cuja cosmologia reflete sua função estrutural. Há inclusive duas capturas literais, em momentos diferentes, no ensino de Lacan, onde é possível localizar o desenvolvimento das formulações sobre o inconsciente: “A linguagem é a condição do inconsciente, é isto o que eu digo”^[2] e, em outro momento, “[...] não digo A política é o inconsciente, mas simplesmente O inconsciente é a política.”^[3] São afirmações que dilatam a compreensão do inconsciente, uma vez que o acento desliza o seu núcleo da linguagem para a política.

Essa perspectiva rompe com o paradigma de inconsciente como formação hermética e ressoa suas origens no laço social, ou seja, nas estruturas discursivas que acolhem o sujeito e organizam os lugares de enunciação, os modos de uso do corpo e o que se estabelecerá como iteração de gozo. Portanto, se o inconsciente é a política, por extensão natural, o próprio sintoma também o é, uma vez que é legitimamente uma formação do inconsciente.

Alçar a expressão sintomática ao campo do político retroage e faz avançar a própria compreensão da prática analítica, um modelo de laço social que se dedica a escrever, caso a caso, a estratégia e a ficção sustentadas pelo sujeito que terão por função fazer tela ao real – buscar no sintoma a sua verdade enigmática, grafada no corpo, não raro, em forma de rébus. Imagens dissonantes que pululam em franca desordem na subjetividade do sujeito, no entanto, o analista lacaniano, informado do real, sabe que ali viceja a sua ordem mais recôndita: o falasser existe enquanto o real, involuntário e indiferente, lhe fizer apenas borda, e com isso lhe permitir que se abrigue sob o manto do simbólico e do imaginário. O falasser é, antes de tudo, irreversível. Arena viva de gozo. Essa é a angústia que pede política para poder suportá-la. Pede o Outro.

Sinthoma

Ao abordar o sinthoma, partimos da premissa de que o ensino de Lacan se desenvolveu teoricamente no sentido da travessia do fantasma à identificação ao sinthoma. Aqui se situa a pedra angular do que se articulou posteriormente.

Nessa perspectiva, a clínica opera com novos irrevogáveis, poderíamos dizer. Em seu núcleo temos o falasser, o gozo, o corpo e o real. Nessa ordenação, o sinthoma será a extração ao final da experiência analítica, aquilo que se projeta como marca d'água na carne atravessada pelo significante. No sentido do que avança em relação ao sintoma sem th, o que se escreve agora dispensa a função de mensagem cifrada ao Outro, para se pautar como letra, como ravinação no corpo e, por efeito, escreve algo da solução singular do Um frente ao real.

De algum modo, a solução em psicanálise revela o ponto de assunção ao real, ou seja, descortina ao falasser o campo do impossível, aquilo que não cessa de não se escrever, sem, contudo, lhe imputar uma condição de fé. A psicanálise é uma prática profana. Tem por norte devolver o sujeito aos efeitos radicais das suas escolhas, trazendo à tona o que se inscreve como significante-mestre e os efeitos da retificação alcançada.

Em suma, o sinthoma é uma resposta ao real. Admitir essa singularidade que se replica caso a caso é o que orienta o analista lacaniano a receber pessoas em análise e, já esclarecido de que, ao fazê-lo, se autoriza a lidar com formas imprevistas de existir.

REFERÊNCIAS

- [1] LACAN, J. Joyce, o Sintoma. (1976) In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 560-566.
- [2] LACAN, J. *O seminário*, livro 17: *O avesso da psicanálise*. (1969-1970) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. p. 39.
- [3] LACAN, J. *O seminário*, livro 14: *A lógica do fantasma*. (1966-1967) Tradução: Teresinha N. Meirelles do Prado. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2024. p. 267.

TEXTO DE ABERTURA

Cartel: abertura para um espaço êxtimo

Denizye Aleksandra Zacharias

Para a abertura desta coletânea, cito Bassols (2021, p. 49): “Que ninguém aqui entre sem ter entrado num cartel”. Esta é a aposta de Lacan para a entrada na Escola: não de candidatos, mas sim de trabalhadores. Para introduzir o novo, Lacan, ao fundar sua Escola, o fez a partir de seu laço com a causa analítica. Isso quer dizer que, mesmo que o trabalho dos analistas seja feito em grupo, é preciso diferenciar esse grupo e sua relação com a causa analítica. Assim, ele cria um novo dispositivo de trabalho que nomeou de cartel. Este se encontra na juntura mais **íntima** da Escola, pois é nele que se apresenta o modo fundamental de fazer Escola, ou seja, o trabalho no cartel enlaça o clínico, o epistêmico e a política da Escola. Na perspectiva política, Lacan destaca o modo de operar do cartel como dobradiça, quer dizer, a possibilidade de se articular o dentro e o fora, o **íntimo** e o coletivo da Escola. É nessa articulação que outra perspectiva se enlaça: a epistêmica. Por quê? É no dispositivo do cartel que se aloja a questão de cada cartelizante, representada por um furo no saber que designa a diferença. Desse modo, descortina-se o traço mais singular de cada um, a formação e a transferência de trabalho com a causa analítica, à qual outro enlaçamento se faz, o clínico.

Conforme Bassols (2021, p. 51), “O mecanismo de sua porta é o sistema *PecciBlount* que só se abre para voltar a fechar-se”.

A chamada para o interior se dá via cartel, o que permite mover-se para fora, abrindo um espaço êxtimo, no qual se recolhe a produção de textos onde o vivo da experiência é apresentado, possibilitando, a partir dessa dimensão êxtima, operar um vínculo social inédito e produzir o imprevisito no saber. O trabalho de cartel insere-se na Escola como um ato político. Sua lógica instaura uma política de não ceder diante do real que está no cerne da Escola e na formação do analista. Lacan (1980), em seu texto “D’Écolage”, questiona a ideia de progresso no cartel, afirmando que não se espera nenhum progresso além do de uma exposição periódica dos resultados e das crises de trabalho. O trabalho se manifesta em efeitos, restos, momentos e em uma certa precariedade. Contudo, essa precariedade é aquela que dá lugar ao desejo de cada um, produzindo efeitos de surpresa com relação ao saber. O efeito final do trabalho de cartel sobre o saber e, conseqüentemente, sobre a Escola, é a possibilidade de despertar um saber alegre.

Em síntese, o cartel, em suas diversas modalidades (original, ampliado, fulgurante, virtual), mantém a lógica de funcionamento que permite a elaboração teórica dos analistas. Individual e coletivo se enlaçam e fazem Escola. O cartel não é apenas um modo de estar na Escola, mas, por meio da sustentação da diferença, da transferência de trabalho e da elaboração provocada (do Mais-um), ele é, essencialmente, um modo de fazer Escola, acolhendo a dignidade do que fazemos juntos. É uma aposta contínua no discurso analítico e nas suas surpresas. O cartel é, portanto, o dispositivo onde se aprende a ler, falar e escrever, onde se vivifica a letra dos autores, sendo indispensável para a formação de analistas e para a manutenção do vivo do laço da Escola em relação à causa analítica.

Assim, em cada texto desta coletânea, – que foi recolhido para a apresentação nas mesas simultâneas da VI Jornadas da EBP-LO: Encontros e desencontros: parcerias sintomáticas – em cada letra está a marca viva da experiência dos cartelizantes provocado pelo Mais-um dos cartéis fulgurantes. Convidamos todos a participarem dessa experiência viva.

REFERÊNCIAS

BASSOLS, M. A porta do cartel. In: BROWN, N. I. (Org.). *Cartel, novas leituras*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2021. p. 49-51.
LACAN, J. D'Écolage. In: BROWN, N. I. (Org.). *Cartel, novas leituras*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2021. p. 17.

TEXTOS

Aquela que veio para alegrar a mãe

Leonora Arruda Florencio
leonora21@gmail.com

As formulações de Jacques-Alain Miller, em *El partenaire-sintoma*, articuladas à vinheta clínica apresentada neste trabalho, permitem delimitar a noção de parceira sintomática como uma resposta singular à inexistência da relação sexual. Miller escreve: “Trata-se do Outro como lugar do gozo do ser falante, ao qual propus, em definitivo, chamar de sintoma, quando disse o parceiro-sintoma.” [1]

M. me procura dividida: morava e trabalhava na China, com bom salário e dizia atravessar uma crise depressiva. Relata que sempre sonhou em viver fora do Brasil e não sabia por que, mesmo estando fora do país, sentia-se triste e desejando voltar. Encontrava-se dividida entre permanecer e aceitar uma nova proposta de trabalho ou retornar ao Brasil, onde não teria emprego e passaria a viver com a mãe doente. Ainda nas entrevistas preliminares, relatou que há anos vem pagando as despesas da mãe e que só permanecia na China porque o salário lhe possibilitava sustentá-la à distância.

O marco de entrada em análise se deu a partir da rememoração de uma cena da adolescência: o pai, assim que se separa de sua mãe, casa-se novamente e leva toda a nova família para morar na Itália, deixando M. no Brasil, residindo com a mãe e a avó doente. Por anos alimentou a esperança de que o pai um dia a levaria para morar com ele. Temia “terminar como a mãe”, também cuidando da mãe. Essa cena de abandono paterno cristalizou-se como núcleo de sentido e foi associada ao desejo de morar fora. Durante a escuta, o significante “fora” destacou-se e, ao intervir com a pergunta “você quer ir pra fora de quê?”, M. respondeu: “Nunca havia pensado nisso”.

A torção do significante “fora”, possibilitou o deslocamento do seu valor como coordenada geográfica para a função de operador clínico, permitindo revelar o núcleo do impasse: não se tratava de estar dentro ou fora do país, mas da relação fusional com a mãe. A partir dessa operação significativa, M. decide retornar ao Brasil, como efeito de uma elaboração que desvelava o gozo implicado na repetição do “morar fora” como tentativa falhada de separação da posição de objeto do Outro materno.

De volta ao Brasil e morando com a mãe, sente-se frustrada com a remuneração do novo trabalho, pois diz que o valor é pouco para as duas. Com isso, adentra novamente no circuito de gozo e volta a procurar trabalho fora do país. Apesar de sua qualificação, as tentativas fracassavam e ela enunciou: “deve ser meu karma ficar aqui”. Diante do significante “karma”, que emergiu como vetor de gozo, perguntei: “Por que você simplesmente não vai?” e respondeu: “Porque não posso abandonar minha mãe”. Nesse ponto, encerro a sessão e, nas sessões que seguem, o trabalho analítico se orienta para essa lógica que sustenta a repetição: a da filha deixada pelo pai, destinada a permanecer com a mãe.

Assim, ficar no Brasil, mais do que uma escolha prática, aparece como pano de fundo do gozo marcado pela fantasia de reparação — ser aquela que, ao contrário do pai, nunca abandona a mãe. O desejo de partir,

assim, vem atravessado por uma estrutura inconsciente que a fixava no lugar de objeto que deve responder ao Outro. Cito Miller:

[...] o analista, separando enunciado e enunciação ao reformular a demanda e introduzir o mal-entendido, guia o sujeito para o encontro do inconsciente: leva-o ao questionamento de seu desejo e do que pretende dizer quando fala, fazendo-o assim perceber que há sempre uma boca mal-entendida.^[2]

Nesse contexto, ela traz um sonho, sob risos: M. se via grávida, cansada, caminhando com a mãe por um cemitério. Ao dar à luz, o bebê é seu próprio pai. O sonho é endereçado à analista como demanda de decifração ao saber suposto do Outro. Devolvo a questão — “O que você pensa sobre isso?” —, em seguida emerge uma verdade recalçada: M. afirma estar “cansada de ter que cuidar da mãe” e diz que gostaria que alguém pudesse ajudá-la. O sonho aponta para um ponto de condensação onde se articulam o gozo materno, a função paterna e o lugar que a analisante ocupa entre ambos — sendo ela quem dá à luz ao pai.

Noutra sessão, conta que o pai fora um péssimo marido: a mãe descobre que o pai mantinha outra família às escondidas, o que resultou na separação. M. acrescenta que foi fruto de um reencontro de seus pais e que sua mãe, embora triste com o divórcio, ficou muito feliz com a gravidez. Surge uma frase constantemente repetida pela mãe: “Você veio ao mundo para me trazer alegria!”. Tal enunciado, revela-se como significante-mestre organizador da fantasia estruturante: oferecer-se como garantia do bem-estar da mãe.

A partir dessa marca do discurso materno, M. se percebe identificada a esse imperativo e o percurso analítico vem lhe permitindo operar alguns deslocamentos: ela passa a delegar a função de cuidados com algumas pessoas da família. Assim, o imperativo materno — “veio para me trazer alegria” — começa a perder seu peso de mandamento, cedendo lugar à possibilidade de fazer escolhas. A oposição binária entre estar “dentro” ou “fora” do país, vem tomando contornos menos rígidos: matricula-se em uma academia, passa a sair sozinha com mais frequência, deseja passar um mês na Itália — país onde morava seu pai — e cogita mudar-se para a cidade da analista. A aposta clínica consiste em possibilitar que o sujeito sustente um desejo mais próximo de uma posição subjetiva autônoma, onde o parceiro-sintoma não seja o Outro que a captura, mas a via pela qual o desejo pode se reinscrever — incluindo aí o amor de transferência como motor e suporte da travessia.

REFERÊNCIAS

^[1] MILLER, Jacques-Alain. *El partenaire-sintoma*. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2008, p. 117.

^[2] MILLER, Jacques-Alain. *Lacan Elucidado: Palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 250.

A resistência da arte contra o sinthome político^[1]

Renata Silveira Wyant
renata@wyantpsicanalise.com

Será, será, que será, que será, que será?^[2]

Entre o tirano e a canção, o Sinthome se coloca como um nó que a América Católica, como Caetano Veloso sugere, faz consigo mesma para lidar com uma impossibilidade estrutural ou um Real que insiste em manifestar-se no campo político.

Quando ouço “ridículos tiranos”, o termo ridículo, a meu ver, é a chave. Não são tiranos imponentes e eficazes, mas sim figuras que, de uma certa perspectiva racional, deveriam ser facilmente repudiadas. Eles persistem. Isso reforça a ideia do Sinthome: é algo que, apesar de disfuncional ou até mesmo absurdo, cumpre uma função de amarração para a estrutura social. Ele não é lógico, mas é persistente.

Nesse cenário, o Discurso do Capitalista emerge como uma mutação crucial do Discurso do Mestre, desprovida da barreira de impossibilidade^[3]. Diferente dos laços sociais tradicionais, ele exige uma produção e um consumo incessantes prometendo um gozo ilimitado que, paradoxalmente, mantém o sujeito em uma busca perpétua. Os “ridículos tiranos”, neste enquadramento, não são meros resquícios de um poder arcaico, eles se adaptam e se perpetuam ao oferecer uma constante renovação de objetos de gozo e falsas soluções que prometem preencher a falta do sujeito. A “incompetência da América católica” se manifesta, então, não apenas como uma falha estrutural, mas como a incapacidade de escapar dessa lógica que acelera e reproduz o mesmo, em um ciclo vicioso de consumo político e de desilusão.

É aqui que a perspectiva do *Seminário 23, O Sinthoma*, se torna fundamental. Se nos primeiros Seminários, o sintoma era visto como uma mensagem a ser decifrada, Lacan, em seu último Seminário, compreende o sinthome como uma forma de amarração do sujeito com o Real^[4]. No contexto político abordado por Caetano, o sinthome dos “ridículos tiranos” e da “incompetência” não é algo que se possa “curar” ou decifrar para que desapareça; é a solução singular e repetitiva que a sociedade encontra para lidar com a ausência de um pai simbólico forte ou com a impossibilidade de um laço social ideal. A persistência desses “podres poderes”, mesmo em sua face “ridícula”, é a evidência de uma amarração que, embora disfuncional, garante uma forma de existência ao sistema, enquanto a promessa de gozo do capitalismo o mantém em movimento. É, de certo, o quanto mais se tem, mais se quer.

Gostaria de trazer a sociedade como um Sinthome começando com a definição lacaniana e, em seguida, aplicando-a à realidade social e política.

A “estúpida retórica” de Caetano, que ousa interpelar os “podres poderes”, se vê diante de um desafio ainda maior com a ascensão do Discurso do Capitalista. Esse não se opõe diretamente à crítica, mas a assimila transformando a rebeldia em mais um objeto de consumo ou sufocando-a sob a avalanche de novas demandas e gozos prometidos. A luta da arte, portanto, não é apenas contra a autoridade do Mestre, mas contra a astúcia do Capital que busca neutralizar a potência subversiva da canção, reafirmando a necessidade de sua persistência para romper com essa lógica incessante.

Ao analisar a minha elaboração percebo que a crítica central que ressoa é a da persistência e da perpetuação de um modelo político disfuncional, autoritário e ineficaz, que se mantém através de mecanismos complexos que vão além de mera coerção. Essa crítica se aprofunda ao incorporar a psicanálise lacaniana.

Tenho algumas críticas subjacentes a minha análise:

1 - A persistência do Abuso de Poder: A crítica mais óbvia é contra os “podres poderes” e os “ridículos tiranos”. Não estou apenas dizendo que eles existem, mas que insistem em existir (“Será que nunca faremos senão confirmar...”). Há uma denúncia de eficiência e do abuso desses sistemas, que, mesmo assim, continuam a ressurgir.

2 - A Incompetência Estrutural e Social: Quando uso a ideia da “incompetência da América católica”, critico a incapacidade estrutural de uma sociedade de romper com ciclos viciosos de dominação. Não é apenas culpa do tirano, mas de uma dinâmica social que parece precisar ou tolerar esses tiranos, como um laço que a amarra.

3 - O Poder de Manutenção do Sinthome: Minha crítica se aprofunda ao introduzir o sinthome. Não se trata de uma falha que pode ser simplesmente corrigida, mas de uma “solução” disfuncional, um nó que a sociedade faz para lidar com o Real da sua própria falta e impossibilidade. A crítica aqui é que essa “solução” (o tirano, a repetição) é dolorosa e limitante, mas persistentemente reproduzida.

4 - A Perversão do Discurso do Capitalista: Eu critico como o poder, mesmo autoritário, se moderniza e se sustenta pela lógica do Discurso do Capitalista. Isso significa que a dominação não opera apenas na força bruta, mas pela sedução do gozo prometido, pela constante produção de novas “soluções” (objetos a) que mantém o sujeito em um ciclo de consumo e busca incessante, desviando-o de uma crítica radical e de uma mudança verdadeira. Minha crítica é que essa lógica capitalista esvazia a potência subversiva, transformando a própria resistência em mercadoria ou abafando-a no ruído do consumo.

5 - A Urgência e a Resistência da Arte: Por fim, a crítica se volta para a necessidade da arte como uma forma de resistência essencial. Mesmo que pareça ineficaz (“estúpida”), a crítica é que a arte precisa continuar a interpelar essa realidade para impedir que o ciclo se complete sem questionamento. A arte é o lugar onde a crítica persiste e onde se busca uma fissura nesse sistema de repetições e gozos ilusórios.

Em síntese, minha elaboração critica a perspicácia do poder em se perpetuar através de mecanismos que vão da coerção à sedução consumista, e a resistência intrínseca da arte como o ponto onde essa crítica se mantém viva, mesmo diante de um cenário de aparente estagnação ou repetição histórica.

Sigo insistindo que devemos aproximar o nosso andar vagabundo daqueles que velam pela alegria do mundo mesmo que por mais zil anos.

REFERÊNCIAS

- [1] Trabalho produto do Cartel Fulgurante das VI Jornadas EBP LO. ARTE, POLÍTICA, SINTHOME. Cartelizantes: Ezequiel Martins Ferreira (Mais-Um), Andrea Palmerston, Letícia Prego, Ludmylla Domingues Siqueira Ortega, Renata Silveira Wyant.
- [2] VELOSO, Caetano. Podres Poderes. In: VELOSO, Caetano. Velô. Direção de produção de Caetano Veloso e Peter Gabriel. Rio de Janeiro: Philips Record, 1984. 1 disco sonoro (52 min). Faixa 4.
- [3] Lacan, Jacques. *O Seminário, Livro 17: O Averso da Psicanálise (1969-1970)*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- [4] Lacan, Jacques. *O Seminário, Livro 23: O Sinthoma (1975-1976)*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Da sobra à parceria-devastação: o que faz possível um outro caminho?^[1]

Tamara de Castro Mendonça Mesquita
tamaracmm@gmail.com

A devastação se coloca como aquilo que se desdobra da parceria amorosa original à qual o sujeito feminino é enredado: a relação entre mãe e filha. Refere-se às marcas da fase na qual o sujeito assume um lugar no desejo do Outro materno que, por ser não-todo significantizado, não-todo suturado pelo falo, faz para ele enigma.

Mas é na partilha sexual que esta relação ganha seus contornos em termos de gozo. É a partir daí que pode-se observar o que fora apontado por Freud ^[2] como o que se recolhe das consequências do destino do falo na menina. Mas, à mãe, a menina direciona mais do que a reivindicação fálica: ela espera da mãe mais “substância” ^[3], um significante que incida sobre a feminilidade, que transmita algo sobre seu ser de mulher.

A não existência de um significante para “A” mulher aponta para um impossível de se transmitir, algo que se faz no um. E na impossibilidade de circunscrever um significante no simbólico, o gozo feminino abre-se à ilimitação, essencialmente pela via do amor, como nos aponta Miller^[4]. É pela via do amor que a mulher goza e é como efeito da demanda ilimitada de amor que ela se devasta.

Dessa maneira, o que fica como lastro da relação com a mãe repete-se na forma com que o sujeito feminino se coloca na parceria amorosa e como faz uso do parceiro para gozar^[5]: seja pela demanda ilimitada de que o Outro lhe ame e lhe dê provas de amor, seja na oferta sem-limite de tudo de si, na experiência do gozo como arrebatamento. Nas diferentes formas, marcadas pela erotomania, o sujeito se depara com um Outro barrado que o lança ao impossível da relação sexual, o que retorna ao sujeito feminino como devastação^[4].

Nesse sentido, apresento o recorte do caso de S., cuja queixa inicial se denotava pela busca de uma rota, um caminho – assim enunciado como aquilo que, na impossibilidade de ser ofertado pela mãe, se buscava na orientação de um parceiro. No momento em que chegou à análise, essa busca de rota apareceu também na aposta em uma mudança de carreira duramente desacreditada pela mãe. A genitora, por sua vez, localizava o saber no irmão mais velho: aquele que sabia o que fazia, que sabia prosperar.

Com o irmão, S. relata que tivera muitas brigas desde a infância e dele nada tem a admirar, por sua postura machista e autoritária. É ele também quem profere ofensas morais e denuncia à mãe comportamentos de S. que supõe inadequados.

A fala materna, apoiada a este irmão e não interdita por um pai cuja incidência é enfraquecida, recai para S. como uma crítica voraz, de modo a marcar uma diferença dela em relação à família – alguém que *sobra* ali, que *envergonha*. Nesse sentido, pode-se retomar a pontuação de Brousse^[6] de que a fala do Outro materno marca uma experiência de gozo para o sujeito, assumindo o lugar de um Outro do gozo que, quando faz marca pela via do insulto, pode legar um lugar rebotalho para o sujeito: a sobra.

No entanto, S. não assume esse lugar de antemão, batalha para ter seu espaço: se não na família, em parcerias amorosas em que o parceiro já tem um objeto “exclusivo” e que ela, desde fora, dá tudo de si para ser a escolhida. Assume o lugar fetichizado pelos homens e com eles experimenta um prazer sexual extasiante, não sem demandar deles diferentes provas de amor, inclusive a de ser escolhida como prioridade – o que, repetidas vezes, não acontece. Atualiza, então, algo da relação familiar em que “*não importa o que ela faça, não será reconhecida*” por este Outro, para quem sempre será preterida. Como retorno da demanda ilimitada de amor, a devastação então se presentifica e é desse modo que se circunscreve o gozo. É assim que S. elege seus parceiros: como aqueles que repetirão a não-escolha da mãe.

Essa *oscilação* entre êxtase e sofrimento diante da recusa dos parceiros – assim nomeada por S. para dizer da inconstância de seus sentimentos – pode ser lida como a expressão das duas facetas do gozo feminino: o arrebatamento e a devastação, sendo esta última a faceta que parece prevalecer no que decanta de suas repetições.

As críticas maternas se tornam imperativos que têm, então, um efeito contrário: o de inibir a S. em sua relação com o trabalho. Mais tarde, ela forja um significante para essa inibição: uma certa *rebeldia*. Na negativa de ser como o irmão, passa a negar qualquer caminho, “*não acreditando o suficiente*” nas rotas que a apeteçam, reproduzindo seu lugar na descrença materna. Ou, ainda, na medida em que rejeita o imperativo do Outro, repete este lugar que o evoca, onde suas escolhas não produzem mesmo algo de efetivo.

Seu caminho profissional só é uma aposta quando há um parceiro que, então, a incentive ou conduza. Na inconsistência de suas parcerias amorosas, nas quais é sempre uma terceira que sobra, este Outro facilmente deixa de ocupar este lugar, enquanto que S., então, paralisa seus projetos. Enlaça, de certa forma, o amor à possibilidade de prosperar – como o irmão é, assim, amado.

A devastação, no caso de S., aponta para além da atualização familiar nas parcerias amorosas, o que marca um modo de gozar no lugar de sobra. Mas demarca, primordialmente, um sem-limite da erotomania recuperado da demanda de amor dirigida à mãe. Na recusa de ser como o irmão, faz-se rebelde no campo profissional, mas para ter dos homens o amor, faz tudo o que possa lhe fazer ser a escolhida, agindo de modo inverso à rebeldia, pois assim é que supõe que pode ser amada.

Pode-se ler, também, na reivindicação de S. de “um caminho a seguir” a demanda dos indícios do que é ser mulher? Seria essa uma das questões que decantam da queixa inicial? Esta mãe, que apresenta-se fálica diante do pai e em seus imperativos a S., diante do irmão se mostra furada, como se afirmasse: “não sou eu que sei o que fazer, é ele quem sabe”.

Uma vez demarcado este caminho do gozo, S. se indaga do porquê de repeti-lo, se já sabe onde essa rota já conhecida pode chegar. Pode-se, então, a partir daí localizar a possibilidade de construção de um caminho próprio a se fazer, para além da repetição.

REFERÊNCIAS

- [1] Trabalho produzido a partir de Cartel Fulgurante para estudo do tema das VI Jornadas da EBP-SLO – “Parcerias sintomáticas”. Cartelizantes: Daniel da Costa Reis, Gabriela Luanda Oliveira Carneiro, Tamara de Castro Mendonça Mesquita. Mais-um: Luana Santos Silva.
- [2] FREUD, S. Sobre a sexualidade feminina [1931]. In: Amor, sexualidade, feminilidade. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 285–312.
- [3] LACAN, J. O aturrito [1972]. In: _____. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 449–497.
- [4] MILLER, J. A. O osso de uma análise. Agente, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise – Bahia, número especial. Salvador, 1998.
- [5] DRUMMOND, C. Devastação. Opção Lacaniana Online Nova Série, Ano 2, N. 6, nov. 2011.
- [6] BROUSSE, M-H. Uma dificuldade na análise das mulheres. In: MILLER, J. A. (Org.) Ornicar?: de Jacques Lacan a Lewis Carroll, n. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 57–67.

A repetição da devastação

Sheila Cordeiro Souza Moreira
sheilacordeiro@yahoo.com.br

*Ainda bem que você vive comigo
Porque senão como seria esta vida?
Sei lá, sei lá*

*Se há dores, tudo fica mais fácil
Seu rosto silencia e faz parar^[1]*

Esses versos da música *Ainda Bem*, da cantora Vanessa da Mata, trazem um pouco das estranhezas que a dor pode provocar: quando domina, o corpo silencia e ao mesmo tempo vazio e pleno de sofrimento. Há dores que se instalam como um excesso, um transbordamento. Para Lacan, a devastação se inscreve nesse lugar: não é a perda simbolizada pela castração, mas o encontro com algo que escapa, que irrompe na vida psíquica como real impossível de ser domesticado^[2]. É quando o simbólico falha e o gozo toma o corpo, deixando o sujeito suspenso no vazio.

J chegou até mim em sofrimento, porque o psicólogo que a atendia a fazia se sentir mal. Ele falava que seus projetos eram ruins, que ela nunca conseguiria algo do jeito que fazia. O que mais chamou atenção não era a crítica a ele, e sim a pergunta que se seguiu, já carregada de um saber que ela não sabia que tinha: “*Por que eu deixo todo mundo me tratar como ele está me tratando?*”

A partir dessa pergunta, abriu-se uma fresta subjetiva quase invisível, foi a primeira tentativa de sair de relações que a devastavam. Deixou esse terapeuta e iniciou comigo. Ali não estava apenas o incômodo com aquele terapeuta, mas ecos antigos que se repetiam em diferentes relatos: a devastação materna, a devastação amorosa, a devastação nas amizades.

Nesses cenários, a presença de um Outro que invadia a ocupava, e ela, sem borda, se deixava tomar. Alguns autores trazem a devastação feminina como efeito de um laço onde o Outro se apresenta como absoluto, um Outro cuja demanda não deixa frestas. Com J, essa voracidade aparecia com vozes diferentes, mas sempre com a mesma estrutura: não havia corte.

Cristina Drummond traz que ser ou não desejado é uma questão que atravessa o sujeito desde o início^[3]. Na busca pelo desejo da mãe, o sujeito procura um lugar, uma medida, um ponto onde possa se reconhecer diante do Outro. Essa dialética, porém, não prescinde da presença do pai, aquele terceiro que abre um espaço para além da captura imaginária. É esse terceiro que possibilita à criança se significar, marcar-se como sujeito e não mero objeto. Porque só quando o sujeito pode dar significado ao que vale no desejo do Outro, ele pode se desprender daquele objeto que encarnou, encontrando um sopro de liberdade.

A devastação acontece quando essa mediação falha: o gozo invade sem corte, o sujeito fica preso, perdido, como objeto absoluto do desejo do Outro. Não há espaço para o desejo próprio, apenas para a demanda insaciável que consome e esgota. No percurso das entrevistas da análise, J foi reconhecendo que seu mal-estar não era pontual. Ele aparecia como uma repetição, um chamado insistente para sustentar o desejo do Outro, mesmo que isso a vazasse, a despedaçasse por dentro.

Como nos ensina Lacan, o gozo não cabe inteiramente no simbólico, há um resto que escapa à linguagem^[4]. Esse resto, quando não contornado, invade, destrói, paralisa. As primeiras sessões foram tomadas por narrativas de invasões, silêncios, omissões, que a deixavam suspensa entre a raiva e a impotência: *“Sheila, eu vejo tudo isso que falo, mas não sei o que fazer”*. O trabalho analítico não foi interromper essa repetição pela via do conselho, não se impôs como uma saída fácil. Como aponta Miller, o sintoma pode se tornar parceiro quando articulado ao desejo^[5].

O manejo foi criar um espaço onde J pudesse falar e, ao falar, começar a recortar algo dessa massa uniforme e densa que ali se apresentava. A cada sessão, um pedaço de significante se desprendia, e com ele a possibilidade de um reposicionamento. Suas ressignificações estavam aparecendo. Ao relatar um episódio com a mãe, J parou e disse: *“Eu nunca tinha pensado que podia dizer não. Me doeu muito, mas não posso ficar fazendo por minha mãe. Eu estou sofrendo, queria voltar atrás, mas fiz isso por mim”*.

Essa frase marcou um corte simbólico: a percepção de que havia entre ela e o Outro um espaço possível, uma fresta. A travessia não foi linear. Em algumas sessões o real retornava com força, reinstalando o sentimento de invasão. O simbólico não curou o real, mas lhe ofereceu bordas.

Nesse espaço recém-criado, começou a nascer algo que ela chamava de *“fazer por mim”*. Havia agora um ponto de apoio: não se tratava mais de *“mudar os outros”*, mas de reposicionar-se frente ao Outro. Essa mudança de lugar não apagou a sua história, mas corroborou para construções singulares de escapar da voracidade devastadora do gozo.

No centro dessa travessia, está a dança delicada entre o desejo do Outro e a liberdade do desejo. Quando o sujeito encontra seu lugar nessa dialética, ele pode enfim se significar, deixar de ser objeto e tornar-se sujeito desejante. Essa significação simbólica é a raiz da liberdade, o fio que permite romper a prisão do gozo voraz, abrindo caminho para que o sujeito encontre seu modo único de existir, para além do sofrimento e da invasão.

REFERÊNCIAS

^[1] Mata, V. *Ainda bem*. Intérprete: Vanessa da Mata. São Paulo: Sony BMG, 2004. CD.

^[2] Lacan, J. (1963-1964). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

^[3] Drummond, C. (2011). *Devastação*. chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Devastacao.pdf *Opção Lacaniana* n° 06.

^[4] Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017

^[5] Miller, J.-A. O osso de uma análise. III- As duas formas do parceiro sintoma. Salvador, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 1998. p. 93-131

^[6] Miller, J.-A. (2016). *Uma partilha sexual*. Microsoft Word - Uma partilha sexual Finalíssimo.doc *Opção Lacaniana* n° 20.

Parcerias sintomáticas e o des(encontro) com o amor.^[1]

Luene Aparecida Afonso do Nascimento
luafonsonascimento@gmail.com

A psicanálise lacaniana, aborda a complexidade das relações humanas e da sexualidade a partir de conceitos fundamentais, como a afirmação Lacaniana de que “não há relação sexual”^[2]. Esta afirmação não se refere ao ato sexual em si, mas sim à ausência de uma proporção significativa necessária entre o homem e a mulher no nível sexual^[3]. Em outras palavras, não existe uma lei universal ou uma fórmula que possa ser escrita para garantir uma união sexual harmoniosa entre os sexos, que faça de “um” e “outro” um “todo”^[4].

A impossibilidade da relação sexual se fundamenta em diversos pontos. Primeiramente, o gozo é fundamentalmente autoerótico e autístico, relacionando-se sempre ao “Um” e ao corpo próprio, e não diretamente ao Outro, o gozo particular de cada um está ligado à contingência, a encontros aleatórios.

Mesmo quando o Outro está presente, o gozo masculino, por exemplo, é do órgão, e não do corpo da mulher como um todo. Enquanto do lado feminino é explicitamente definido como “não-todo” em relação à função fálica, o que implica uma dimensão de ilimitação e falta de unidade^[5].

Jacques-Alain Miller propõe a teoria do parceiro-sintoma como uma noção fundamental, que redefine a orientação da prática analítica. Esta teoria marca uma “conversão de perspectiva”, passando da relação *sujeito-Outro* para a relação *falasser-parceiro-sintoma*^[6]. No cerne do parceiro-sintoma, está a compreensão de que o sintoma é a interseção entre o significante e o gozo, ocupando na obra de Lacan o lugar que a pulsão tinha em Freud como “conceito limite” entre o psíquico e o corporal^[7]. Assim, o parceiro-sintoma define o Outro como um meio de gozo.

Na relação de casal, o Outro se torna o sintoma do falasser, um instrumento para seu gozo. Esse “corpo do Outro” pode ser tanto o corpo próprio do sujeito, que possui uma dimensão de alteridade, quanto o corpo do próximo, como meio de fruir o próprio corpo^[8].

A teoria do parceiro-sintoma diferencia-se para cada sexo, refletindo seus modos específicos de gozo. Nesse ponto é preciso esclarecer que os termos “homem” e “mulher” são vistos como significantes, não como realidades pré-discursivas que naturalmente se complementaríamos. Para o homem, o gozo masculino é limitado, circunscrito, localizado e contabilizável, frequentemente descrito como um “pequeno coto de gozo”. O parceiro-sintoma do homem assume a forma fetichista, o objeto do gozo é o objeto a (pequeno a), que é uma unidade discreta, separável e contabilizável do gozo, mantendo a forma do significante^[9]. Para o homem, a satisfação pode ser obtida sem palavras ou amor. A homossexualidade masculina e a relação com prostitutas são exemplos clínicos onde o gozo pode ser alcançado através de trocas de sinais mudos^[10].

Para a mulher, o gozo feminino é marcado pela ilimitação, infinitude e falta de unificação. O parceiro-sintoma da mulher adquire a forma erotomaniaca. O parceiro é o Outro barrado (~~X~~) simbolizando o “não-todo”, significando que a mulher, não é “toda” inscrita na função fálica, há sempre algo nela que escapa ao discurso. O modo de gozo feminino exige que o parceiro fale e ame, sendo o amor intrinsecamente “entrelaçado com o gozo”, a demanda de amor tem um caráter absoluto e infinito, visando o “ser” do parceiro.

A parceria sintomática feminina pode ainda se manifestar como parceiro-devastação, pois a demanda ilimitada de amor, ao retornar para o falasser feminino, pode assumir uma forma de devastação. A mulher frequentemente não sabe nada sobre seu próprio gozo, sendo levada a se “fetichizar” ou “sintomatizar”, a se velar e se mascarar, enquanto faz de seu parceiro um [¶][11].

Apesar de estarem intrinsecamente ligados às relações humanas e à sexualidade, o parceiro-sintoma e o amor são conceitos distintos. O gozo do Outro, simbolizado pelo corpo, não é signo do amor. O amor é primeiramente concebido como um signo, como uma suplência à ausência da relação sexual. Entretanto, o amor é também descrito como impotente, pois não consegue superar a impossibilidade estrutural da não relação sexual.

O amor busca o “ser” do Outro, além do que o Outro “tem”, e é o que “funda o Outro”. “O amor é o que faz o gozo condescender ao desejo”^[12]. Ele tem uma dimensão narcísica, não fazendo com que ninguém “saia de si mesmo”^[13]. Em contrapartida, o parceiro-sintoma se refere diretamente ao Outro como um meio para o gozo do falasser. Não é sobre a união, mas sobre a utilização do Outro para satisfazer o próprio circuito de gozo, que é, em sua essência, autoerótico.

Para o homem, o parceiro-sintoma, em sua forma fetichista, não necessita da presença do amor para a satisfação do gozo. O gozo masculino pode se sustentar no silêncio. Para a mulher, no entanto, o amor está entrelaçado com o gozo em sua forma erotomaniaca, a demanda de amor feminina é fundamental e ilimitada^[14].

O parceiro-sintoma se situa no nível do real do gozo, já o amor, por sua vez, opera nos registros simbólico e imaginário, atuando como uma idealização que compensa a falha inerente na relação sexual^[15].

Em suma, enquanto o amor busca preencher a falta e criar uma ilusão de união e reconhecimento do Outro, o parceiro-sintoma é a manifestação da maneira como o gozo se articula, de forma singular e muitas vezes não-dita, através do Outro, escancarando a impossibilidade de uma relação sexual. Entre encontros e desencontros, nem todo Parceiro-sintoma é entrelaçado pelo amor, mas mesmo naquele que se entrelaça com o amor, a parceria sintomática insiste como um resto inassimilável.

REFERÊNCIAS

[¶] Trabalho produzido a partir do Cartel Fulgurante das VI Jornadas EBP SLO, inscrito com o tema: O Parceiro sintoma e o parceiro devastação: Fernanda Fernandes – Campo Grande/MS – mais-um, Livia Bicalho Porto Pimentel – Vitória/ES, Muriel Rodrigues – Palmas/TO, Raissa Turibio Milhomem – Goiânia/GO.

^[2] LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973). 2ª.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p.49.

^[3] MILLER, Jacques-Alain. El partenaire-sintoma. Buenos Aires: Paidós, 2008, p.407.

^[4] op. cit. 2, p.67.

^[5] MILLER, J.-A. O osso de uma análise. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 92.

^[6] MILLER, J.-A. Ibidem, p.87.

^[7] MILLER, J.-A. Ibidem, p.11.

[8] op. cit. 3, p 409.

[9] op. cit. 5, p. 93 a 98.

[10] op. cit. 3, p.415.

[11] op. cit. 5, p.77.

[12] LACAN, Jacques. O seminário, livro 10: A angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 197.

[13] op. cit. 2, p. 9 a 201.

[14] op. cit. 3, p.316.

[15] Ibidem, p.158.

Amor de rivalidade: configurações do amor em tempos sem lei^[1]

Ezequiel Martins Ferreira
empsica@gmail.com

Desde o final das V Jornadas da Seção Leste-Oeste no ano anterior, restaram os efeitos da fala preferida pelo nosso querido Alberto Murta^[2], que se referia à questão de que se não há relação sexual, o que há? O que há, uma vez que seu oposto, o que não há, tem sido evidenciado há algum tempo a partir do aforismo lacaniano.

E é a partir desse aforismo, da inexistência da relação sexual, que Graciela Brodsky^[3] nos responde: “há o amor, há a arte, e a literatura, e os quatro discursos etc. Há a própria humanidade”.

Mas o que seria o amor, que há? Trata-se de amor, a colocação dos românticos ao estabelecerem uma relação com suas divas, suas musas inspiradoras como objeto para a produção artística? Trata-se do amor cortês, aquele que coloca o homem na posição de amante? Trata-se da relação entre dois diferentes bem delimitados em suas funções, completando o binômio macho/fêmea, homem/mulher, daquilo que a relação sexual não integra?

Não me parece obscuro afirmar que em todas essas possibilidades, o amor é um acontecimento de ligação com leis pré-estabelecidas, mesmo que não ditas. Parece haver uma predefinição de papéis sociais com procedimentos de execução de sucesso.

Parece haver uma lei muito específica, que deve ser assimilada naturalmente, mas assim o é por apenas uma parcela dos falantes. Parece haver uma ordem divina, um nome do pai, organizador de um sentido, praticamente nato.

Parece, mas de aparência em aparência o mundo efetuou voltas e giros e de repente o que parecia, não parece mais se sustentar. E nas palavras de Miller^[4] “o pai [esse agente ordenador] foi tornado vapor”, o que ordenava se tornou uma lembrança evaporada.

Me parece urgente a necessidade de olhar para esse mundo contemporâneo que nos chega, no dia a dia da clínica, e esse sofrimento que aparece na manifestação dos sintomas não mais tão bem delimitados por essa antiga lei organizadora.

E nessa chave de leitura pós apocalíptica me aventuro a pensar o amor em um dos seus avatares contemporâneos: o amor de rivalidade, o amor de competição, na estrutura capitalista.

Embora o que tenha me levado a essa ideia tenha sido a escuta de alguns analisantes, escolhi me ancorar na literatura para a ilustração de meu argumento. Lanço mão de *Senhora*^[5] do romântico José de Alencar, que mesmo tendo sua publicação nos anos 70 do século XIX, permanece extremamente atual naquilo que nomeei há pouco de amor de rivalidade.

O enredo do livro é o de Aurélia Camargo, uma moça pobre, apaixonada por Fernando Seixas, um rapaz em que o discurso capitalista sempre falou mais alto e se recusou a desposar Aurélia. Enriquecida por uma herança inusitada, Aurélia compra seu casamento com Fernando, a partir de um dote volumoso, com o propósito *único* de se vingar. O casamento permanece turbulento, conflituoso e não chega a se consumar, até que o próprio Fernando compra sua alforria.

Gostaria de destacar não o papel romântico da trajetória do herói ao se alforriar e encontrar seu grande amor, mas destacar o jogo de acontecimentos que torna a ligação possível entre o casal: a disputa, equilibrada no final pelo ideal romântico do período literário, pelo poder e pelo ser. Parece se tratar da luta pela própria identidade de ambos, o que faz toda a história girar. Fernando não concebe um casamento com uma moça pobre, pois isso afeta sua própria imagem, seu próprio valor enquanto objeto. Aurélia, por outro lado, ensimesmada no próprio desejo alucinado, e recolhida em relação ao que produz laço social, vive obstinadamente perseguindo um desejo imóvel.

Entre o *você é meu tudo* e o *sem você eu não sou nada* faz-se a parceria. Uma parceria marcada pela dualidade inconcebível na época e que nauseia o contemporâneo. Você é meu tudo, mas eu te compro. Sem você eu não sou nada, mas não suporto não ser.

O que me ressoa desse amor ambivalente, numa correlação com o que escuto, carrega um avatar do amor contemporâneo, uma forma de se ligar ao outro, não porque na fantasia o outro me completa, mas algo quase da ordem da necessidade: o outro tem algo de que, na percepção da minha incompletude e limitação, eu preciso. Ao mesmo tempo, as falhas e rachaduras do outro se evidenciam sobremaneira e produzem uma sensação de insatisfação por remeter às minhas próprias fraturas. O outro é um semelhante e têm atributos diferentes dos meus, dentre eles, alguns desejáveis que não consigo obtê-los, sem o *peso morto* que o carrega.

Me parece que a tônica do narcisismo tem se apresentado mais evidenciada do que a ordem social. O laço tem se enodado mais aproximado do *eu* do que do ideal romântico do *nós*. Parece que a função do laço tem sido remendar as fraturas do eu e não de gozar de um gozo outro impossível sem a eleição de um objeto substituto parcial.

REFERÊNCIAS

- [1] Trabalho produto do Cartel Fulgurante das VI Jornadas EBP LO. Arte, Política, Sinthome. Cartelizantes: Andrea Palmerston Muniz, Ezequiel Martins Ferreira (Mais-Um), Letícia Prego Fonseca de Lima, Ludmylla Domingues Siqueira Ortega, Renata Silveira Wyant.
- [2] MURTA, Alberto. Comunicação oral proferida nas V Jornadas da Seção Leste-Oeste com tema Corpo-Memória, 21 set. 2024
- [3] BRODSKY, Graciela. O que há? O que não há?. AMP Uqbar News, 2025. Correspondência interna Aqui Fapol de 25 de janeiro de 2025.
- [4] MILLER, Jacques-Alain. O pai tornado vapor. In: Opção Lacaniana: Revista. Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 88, abr. 2024, pp. 18-21.
- [5] ALENCAR, José de. Senhora. São Paulo: Editora Spicione, 1994.

E nas violências, há parceria?^[1]

Adriana Gonring
adrianagonring@gmail.com

A pergunta “E nas violências, há parceria?” traz implícita uma outra: “Quando podemos dizer que uma parceria é sintomática?”. O que está em jogo nas situações de violência? Desde 2019, os dados indicam um crescimento contínuo da violência doméstica e das mortes de mulheres em razão do gênero feminino. Em sua maioria, a violência é perpetrada por homens e surge no âmbito de uma parceria íntima (companheiro, cônjuge, namorado, ex-marido ou ex-namorado da vítima)^[2].

Lacan em *Um discurso que não fosse semblante*^[3] demarca o lugar do semblante para pensar o enlace e o desenlace entre os parceiros. O semblante no humano é veiculado por um discurso e é somente neste nível de discurso, que ele é levado também para um efeito que não fosse semblante. Neste caso, diz ele, sucede aos homens violar uma mulher, ou vice-versa^[4]. Mas, nem sempre há violência quando se rompe um semblante. E na situação de violência, temos aí sempre o rompimento de um semblante? Em *mais, ainda*^[5], com as fórmulas da sexualização, Lacan indica o que particulariza o lado homem (o gozo fálico) e o lado mulher (um gozo suplementar, não-todo fálico) e o que relaciona os dois lados disjuntos: o homem ao se direcionar a uma mulher, faz dela objeto de sua fantasia, fazendo dela causa de seu desejo. Ao homem, o lado feminino direciona o amor: *A origem do amor é feminina*^[6]. Lacan afirma ali ser o amor aquilo que dá suplência à relação sexual (que não existe). Em *O sinthoma* dirá que há relação quando o outro sexo é suportado pelo sinthoma e anuncia que uma mulher é um sinthoma para todo homem. Já o homem, para uma mulher, é uma devastação^[7]. Desta perspectiva, Miller, em *O osso de uma análise*, destacou para o falasser duas formas de parceiro-sintoma: no falasser masculino o parceiro toma a forma de fetiche, de traço perverso (parceiro-fantasma) e no feminino, a forma erotomaníaca (parceiro-devastação)^[8]. É pensar que se *não há relação sexual* há parceria sintomática.

A parceria sintomática inclui os modos de gozo e o grande Outro como meio de gozo. O Outro sempre representado por um corpo vivo, um corpo sexuado. O parceiro-sintoma é um parceiro de gozo, significa que o Outro torna-se o sintoma do falasser, isto é, torna-se um meio de seu gozo. O parceiro-sintoma é, primeiramente, um modo de gozar do inconsciente e, em segundo lugar, um modo de gozar do corpo do Outro, tanto o corpo próprio como o corpo de outrem. Para o falasser feminino, uma ilimitação do gozo pela demanda de amor, a erotomania. O falasser masculino inclui o pequeno detalhe α do falasser feminino como causa de desejo^[9]. Em *Uma partilha sexual*, Miller, em uma referência a Lacan, ressalta que é no corpo do homem, no corpo sexuado, que a mulher encontra o significante do desejo^[10]. Podemos inferir que a parceria sintomática do falasser masculino e do falasser feminino é regulada por uma lógica que inclui o corpo sexuado.

Retomemos a pergunta “E nas violências, há parceria?”. No parceiro-fantasma, a construção parceiro-sintoma requer que o falasser masculino faça entrar o Outro (corpo vivo/sexuado) em seu circuito de gozo, obedecendo ao *Lustprinzip*, o princípio do prazer. Nesta lógica o parceiro-sintoma do homem tem a forma

fetichismo como meio de gozo, um gozo que sempre tem algo de limitado, de circunscrito, de localizado e de contabilizável^[11]. Pode-se dizer que, nos casos de violência, quem agride está num circuito de gozo que não obedece o *Lustprinzip*. Está num comando que foraclui o grande Outro (o Outro sexo), respondendo ao imperativo do supereu: Goza! Trata-se da conjunção entre gozo e pulsão de morte já desvelada por Freud em *Mais além do princípio do prazer*^[12]. Um modo de gozo que não é tratado pelo significante. É o caso na clínica de um sujeito que pede a análise no momento em que se encontra completamente devastado e não consegue se separar do homem que o agride. Um homem que não suporta o falasser feminino, não faz dele seu parceiro-sintoma. No trabalho preliminar da análise verificamos a devastação, precocemente, presente na relação com a mãe e como ficou desde muito cedo exposto à violência. Aspectos que também dificultam sair da situação de violência.

No parceiro-devastação, o modo de gozar do falasser feminino exige que o parceiro fale e que a ame, o amor é tecido no gozo. À falta de um parceiro que fale, o falasser feminino responde com a devastação, uma demanda incessante e ilimitada de amor. A demanda feminina é demanda de amor dirigida ao parceiro de forma erotomaníaca, onde se busca que o Outro a ame. O amor toma a forma da devastação e é o sintoma com um índice de infinito da estrutura do Não-todo^[13]. A devastação é o parceiro-sintoma do falasser feminino. Nos casos de violência é possível pensar a devastação do falasser feminino como parceiro-devastação? Não parece ser uma demanda de amor, mas uma irrupção de gozo devastadora sem destino, real, como o ravinhamento das águas^[14].

E nas violências, há parceria? Identificar se a parceria do falasser é sintomática é uma leitura importante para direcionar o tratamento quando um analisante se depara com a violência em um relacionamento ou em casos de situação de violência que chegam à clínica. Por essa leitura é possível localizar o seu programa de gozo.

REFERÊNCIAS

- [1] Trabalho produto do Cartel Fulgurante das VI Jornadas EBP LO. Parceiro-Fantasma e Parceiro-Devastação. Cartelizantes: Adriana Gonring (Mais-um), Ana Paula da Silva, André de Paulo Duarte, Sheila Cordeiro Souza.
- [2] GONRING, Adriana. Estratégias de prevenção para homens que perpetram violências contras as parceiras íntimas: uma revisão de literatura. Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação Lato Sensu em Prevenção às Violências, Promoção da Saúde e Cuidado Integral. Vitória, UFES/SEAD, 2025.
- [3] LACAN, Jacques. Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.
- [4] GONRING, Adriana. Semblantes e Parceria Amorosa. In: Coletânea no.5: III Jornadas de Cartéis da Escola Brasileira de Psicanálise Seção Leste Oeste, Cláudia Murta (org.), Vitória, 2023.
- [5] LACAN, Jacques. Seminário, Livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985.
- [6] MURTA, Cláudia. Feminilidades. Curitiba, PR: CRV, 2012, p.16.
- [7] LACAN, Jacques. Seminário, Livro 23: O sinthoma. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2007.
- [8] MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, Salvador, 1998. p.10
- [9] Ibidem
- [10] MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. Opção Lacaniana online nova série Ano 7, n. 20, julho 2016.
- [11] MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, Salvador, 1998. p.107.
- [12] FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. In: Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.
- [13] MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, Salvador, 1998, p.110
- [14] Ibidem, 3, pág 114.

O que pode uma carta que chega^[1]

Fernanda Marra
dizamarra@gmail.com

O que pode uma carta que chega? A leitura das cartas que Joyce enviou a sua esposa, Nora, durante o período em que o escritor esteve entre a Itália e a Irlanda, remeteu a outras leituras: a carta de André Gorz a sua esposa Dorine, com quem viveu por 58 anos, e as cartas recém-publicadas no livro *"Cartas a uma jovem analista"*¹, em que psicanalistas mais experientes se dirigem a quem inicia uma prática. Os encontros com essas correspondências, à luz da *"A teoria do parceiro"*², de Miller, levam crer que as cartas, do ponto de vista de uma formação em psicanálise, podem: noticiar algo do desejo do analista e ajudar a reconhecer parcerias.

Como gênero discursivo, a carta tem seus primeiros registros no Ocidente entre grupos de filósofos gregos na Antiguidade. Na Idade Média, as trocas de informação entre mensageiros, imperadores e papa se deram sob esse registro. Com a ampliação do comércio, a troca de correspondência se difundiu entre a nobreza italiana e influenciou outros países. Entre os séculos XVI e XVIII, documentos circulavam na forma de cartas públicas, sendo no século XVII que elas assumem uma dimensão literária e privada. Escrever uma carta no século XXI tem um caráter eletivo, cuja intencionalidade faz pensar sobre o endereçamento: um vocativo inclui o interlocutor e uma assinatura implica a autoria. A carta traz, em sua estrutura, a proposição de uma partida que, ao evocar o outro (tu), afirma a instância enunciativa (eu).

O que do encontro sim escreve

Pensar sobre a formação do analista a partir das cartas faz pensar como essa estrutura discursiva dialoga com a tese de Miller de que *"o sujeito lacaniano não existe sem um parceiro"*³. Desde o primeiro ensino de Lacan, um parceiro-imagem é dado pela imagem que o sujeito faz de seu corpo mediante o Outro. À medida em que Lacan pretende explicar como o real e a linguagem se enlaçam, o segundo parceiro, parceiro-símbolo, comparece na teoria e diz do sintoma como metáfora da não-relação sexual. Se a relação não pode existir, o sintoma é o que ocupa seu lugar.

Em uma carta, é preciso endereçar-se ao outro para começar a escrever. É o que testemunha o escritor André Gorz na carta à esposa: *"A terceira pessoa me mantinha à distância de mim mesmo, me permitia elaborar, numa linguagem neutra, codificada, um retrato quase clínico do meu jeito de ser e de funcionar"*⁴. A carta a Dorine é um ponto de inflexão da escrita pretensamente neutra, cuja forma se torna a única possível, na medida em que fala ou quer falar a essa outra, sua parceira. Para o homem, Dorine foi a estrangeira que o fez se sentir em casa: *"Com você, eu estava em outro lugar; um lugar estrangeiro, estrangeiro a mim mesmo. Você me dava acesso a uma dimensão de alteridade suplementar"*⁵. Por outro lado, a mulher – para além da liberdade de se exprimir e transitar pelo mundo dedicando-se ao teatro e às leituras – parece haver encontrado no parceiro, silencioso e obcecado pela escrita, a chance de viver organizando sistematicamente o caos do outro, dedicando-se a secretariá-lo. André e Dorine encarnaram, um para o outro, os sintomas que fizeram a parceria consistir na contingência desse encontro.

Também o casal Joyce e Nora testemunhou por meio de cartas como a materialidade das palavras engajou o desejo do homem, sustentando a relação entre eles, mesmo quando a distância se interpôs. Joyce⁶ diz gozar com a descrição erótica feita pela esposa, beijando literalmente a mancha gráfica de suas palavras sujas no papel. Ele pede a Nora que o alimento desse corpo simbólico onde seu desejo pulsa. Para o escritor, cujo gozo se submete aos efeitos da letra, a relação mediada pelas palavras tem um estatuto sintomático que alimenta a parceria.

Jogar para perder: o desejo do analista

Do ponto de vista de uma formação analítica, ressoa como fundamental a pergunta posta por Miller: *“com quem ele [o sujeito] joga sua partida?”*⁷, e a necessidade de refinar a escuta para o que ressoa na singularidade de cada atendimento, na atenção aos detalhes.

A análise é uma partida que o analista joga com o sujeito e deve “aprender a perder”, é assim que Miller localiza o desejo do analista. Entrar na partida como parceiro lembrando-se de que se trata de uma parceria artificial, porque não se joga com o mesmo intento. A ideia é participar do jogo, não ao ponto de se enredar na trama do sujeito, mas, como um cavalo de troia, que entra para localizar repetições. O analista – como um destinatário – é um parceiro a quem o sujeito se endereça sem ver para encontrar, não um adversário (outro sujeito), mas um semblante de objeto que põe em cena sua fantasia. Esse o lugar do analista: fazer-se objeto para que o sujeito, lendo e havendo-se com seu sintoma, possa ganhar a partida.

Assim, assumindo, com Miller, que o sintoma lacaniano é um “termo Janus”¹, porque ambíguo quanto à sua natureza de dimensões simbólica e real, entendemos que, do lado pulsional, o sintoma faz frente à singularidade do sujeito, ao que nele responde por uma perda crônica e insondável. Por outro lado, a margem simbólica do sintoma é o que engancha o sujeito na repetição fantasmática, fazendo-o buscar por um parceiro que encarne sua perda.

Para Lacan⁸, uma carta sempre chega ao leitor. É controverso, pois é preciso contar mesmo aquelas que se extraviam de um leitor improvável. No entanto, com as que chegam, seja por endereçamento ou contingência, parece possível aprender a reconhecer parcerias em jogo na transferência e a sustentar uma parceria outra, que permita ao sujeito “ganhar” sua própria partida. Afinal, são nos vãos, entre mensagem e discurso, nas entrelinhas do inconsciente onde uma prática e o desejo se situam.

REREFRÊNCIAS

[1] Trabalho fruto de cartel fulgurante constituído para as VI Jornadas EBP – Seção Leste-Oeste “Parceiro sintoma e parceiro devastação” e tem como integrantes: Cristina Alves, Fernanda Marra, Henrique Lopes e Luciana Pedron, como mais um.

[2] BERNARDES, Ana Cristina R. (org.). Cartas a uma jovem analista. Curitiba: Caligraphie, 2025.

[3] MILLER, Jacques Alan. Os circuitos do desejo na vida e na análise, “A teoria do parceiro”. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

[4] MILLER, 2000, p. 164.

[5] GORZ, André. Carta a D.: História de um amor. Trad. Celso Azzan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 65-66.

[6] Ibidem, p. 16.

[7] JOYCE, James. Cartas a Nora. Trad. Sérgio Medeiros e Dirce Waltrick do Amarante. São Paulo: Iluminuras, 2012.

[8] MILLER, 2000, p. 161.

[9] LACAN, Jacques. Escritos, “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

1 Janus é o nome de um deus romano, guardião dos portos, que possuía duas caras, uma para vigiar a entrada e outra para a saída (MILLER, p.181).

Saber fazer com o falo ou servir-se do Pai como defesa na devastação

Gabriel Caixeta
gjb.caixeta@gmail.com

O que é ser mulher? Na clínica, recolhemos testemunhos de como o encontro do *falasser* com esse enigma pode ser problemático. A devastação talvez seja a mais desastrosa consequência desse encontro com o que Lacan^[1] formulou como o não-todo fálico, com o irrepresentável d'A mulher e a insistência, a todo custo, em fazer existir tal representação. O que é devastador para uma mulher é o retorno da demanda de amor "em seu caráter potencialmente infinito"^[2], que visa obter uma resposta a esse enigma pela via da certeza de ser amada; o que retorna é desastroso, pois se ela busca substância para o ser, o que encontra é o lugar de dejetos.

No que tange ao tratamento desses casos, consideramos que, em uma análise, cada mulher possa inventar por si só uma resposta digna a esse enigma, o que implica se arranjar com o feminino. Mas será que poderíamos relançar nosso olhar para a histeria em seu caráter de defesa e pensá-la como uma outra solução para a devastação?

Trata-se do recorte do primeiro tempo de tratamento de S., uma mulher que chega à análise sob os efeitos da devastação. Na época, morava com seu segundo marido, para quem encarnava de bom grado o lugar do objeto fetiche – *"sua cadelinha"* – mesmo que isso não lhe garantisse o que de fato buscava, aquilo que segundo Miller^[3] toca o gozo da mulher, as palavras de amor. Para esse homem, *"lindo, rico, líder, um homem de verdade"*, ela se ofertava sem limite, pois queria ser *"tudo, a mulher perfeita"*: ofertava sua inteligência, o crédito nos bancos e seu corpo, que submetia a práticas sexuais pautadas em violência e degradação: *"Me excita quando ele me trata como SUA cadelinha, não importa se ele me bate às vezes"*.

Para o parceiro, ela encarnava o mais-de-gozar: *"a ruiva, do bundão, cadela na cama"*. Entretanto, para S., era preciso mais: ela exigia o amor. No que tange ao parceiro-sintoma da mulher, é precioso que ele fale que a ama, e "é preciso, fundamentalmente, que o parceiro seja, aquele ao qual falta alguma coisa, e que essa falta faz falar, lhe faz falar"^[4]. Mas como operar com esse homem que, segundo S., *"tem tudo"*? Não é esse o desafio do ser feminino na parceria amorosa, do qual na clínica recolhemos testemunhos?

Aqui está a encruzilhada em que o sujeito feminino se embarça, já que essa via de ser tudo ao amado é uma placa giratória na qual se lança cada vez mais longe, mas, "se lançando nesta via, há um momento em que, inexplicavelmente, produz-se uma balança, e o sujeito percebe que não é mais nada para o outro, que ele é dejetos maltratados, que ele se encontra vazio"^[5]. Assim, se essa analisante entra com seu "ser" para garantir seu lugar na fantasia do amado, ela sai *"sem nada"*, e é aqui, deste engano do amor, que emerge a devastação. Isso se revela quando seu parceiro perde uma alta quantia de dinheiro, deixando-a *"no zero"*. Daqui em diante, S. perde os lugares em que se enganchava, restando-lhe apenas o da *"caulinha"* que ultrapassava os limites da cena sexual. Tratada como dejetos, ela respondia com insistência na demanda: uma compulsão alimentar que lhe fez engordar 20 quilos, além de desânimo, tristeza e cansaço.

Diante de S. que chega invadida pelo gozo feminino, devastada pelos efeitos de “uma relação de amor real onde se disputam a devastação e o êxtase”^[6], uma parceria constituída sob a luz do encontro inassimilável com a posição feminina materna, “aquela que no amor é devota, que se apaga até não existir mais”, uma pergunta se impõe ao praticante: de quais recursos S. poderia se valer para limitar esse gozo avassalador? Em supervisão, construiu-se que o avassalador dizia respeito ao gozo feminino que lhe fazia enigma e ao engano do amor, que se inscreve na parceria com um homem, sendo preciso alguma coisa que pudesse ordená-lo. A aposta foi recolhida pela própria S.: fazer valer o falo e a identificação ao pai como uma defesa.

Durante o primeiro tempo desse tratamento, S. pôde restituir sua carreira “por conta própria” e assumir cargos de chefia e liderança em empresas multinacionais, permitindo-lhe reconhecer o seu valor não só na relação com um homem: “Posso ser uma mulher foda”, como o Pai. Para o praticante, surge a hipótese de que a construção, em análise, de sua posição histórica foi o que a impediu de experimentar a desfalicização e o próprio desaparecimento no fim do relacionamento. Lembremos que a histeria significa que uma mulher está do lado fálico – “ser a fodona” –, movimento compreendido como defesa à feminilidade.

Logo, se na devastação S. opera segundo o fantasma materno, enigma da posição feminina impossível de assimilar, pela via histórica – *ser a fodona* –, passa a se servir do Pai – “o fodão” –, da armadura de amor ao pai, como uma saída possível. Afinal, a devastação é um dos nomes que Lacan^[7] dá ao fracasso da metáfora paterna e, tal como localizado por Laurent^[8], sendo um dos nomes do real, a devastação produz o impossível de suportar, pois lança a mulher num campo onde o falo é praticamente inoperante.

Assim, diante da interrogação sobre a existência das histéricas em nosso tempo, S. nos ensina que, frente à devastação, uma aposta possível é retornar ao que aprendemos com Freud e Lacan para fazer valer a histeria como uma defesa. Este tratamento segue, com questões e invenções.

REFERÊNCIAS

^[1] LACAN, J. (1985). *O Seminário 20 – mais, ainda* (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

^[2] MILLER, J.-A. (2015) *O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro: Zahar, (p. 95-6)

^[3] *ibidem*.

^[4] *ibidem* p.94

^[5] LAURENT, E. (2012) *A duplicidade da posição feminina*. In: *A psicanálise e a escolha das mulheres*. Belo Horizonte: Editora Scriptum, p.101-102.

^[6] MILLER, D. *As duas margens da feminilidade*. Boletim Infamiliar, julho de 2020. Disponível em <https://www.encontro-brasileiro2020.com.br/wp-content/uploads/2020/03/As-duas-margens-da-feminilidade-Miller-Dominique.pdf>

^[7] LACAN, J. (1985). *O Seminário 20 – mais, ainda* (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar

^[8] LAURENT, E. (2012) *A duplicidade da posição feminina*. In: *A psicanálise e a escolha das mulheres*. Belo Horizonte: Editora Scriptum, p.101-102.

Entre o controle e a liberdade há a possibilidade de tomar as rédeas da vida

Isana Rodrigues Braz
isana.braz@gmail.com

Ao pensar o sujeito lacaniano o dizemos a partir do termo *falasser*, que indica o sujeito mais o corpo, ou seja, o sujeito em um corpo, forjado a partir do significante. Significante esse que é “causa de gozo... e tem uma incidência de gozo sobre o corpo”. O gozo a que se refere é de um corpo residido por um sujeito do significante, não há um gozo *a priori*, anterior ao corpo significantizado. Nas palavras de Miller “no *falasser*, o gozo do corpo é ligado ao significante como sua consequência” [1].

Com essa perspectiva, Miller introduz seu conceito de parceiro-sintoma. Essa modalidade indica um modo de compreender a relação do *falasser* com o grande Outro. Ele é definido pelo sujeito do significante e do gozo e, assim, o grande Outro também é Outro composto pelo significante e pelo corpo, um corpo que é sexuado. O parceiro sintoma aponta para uma relação com o Outro que se dá a nível de gozo. “A relação do parceiro supõe que o Outro se torna o sintoma do *falasser*, isto é, torna-se meio de seu gozo” [2].

Com esse modo de compreender as parcerias sintomáticas, Miller aponta que do lado feminino a forma é a erotomania, caracterizada pela demanda de amor infinita que corresponde ao gozo infinito inscrito do lado feminino. A demanda de amor de uma mulher é por princípio frustrada, em primeiro lugar, por seu caráter de abertura ao infinito, que não cessa de se colocar e, em segundo, por ser dirigida a um parceiro/a que também tem seu modo próprio de gozar do Outro. Essa demanda frustrada retorna ao próprio ser da mulher sob a forma de devastação [3].

A devastação faz referência a relação da mulher com sua mãe. A demanda que a mulher faz ao parceiro tem que ver com obter signos e palavras que deem a ela uma maior consistência de ser uma mulher. Nessa relação primordial, a filha ocupa um lugar no desejo materno, mas algo desse desejo escapa, por seu caráter de não todo significantizado. Algo referente a mulher que aparece na mãe faz enigma para filha.

Neste sentido apresento o recorte de um caso para pensarmos a relação da analisante com seu parceiro. Marcada pela identificação com a fala da mãe que a dizia “você não é como eu, não dá conta das coisas, tudo é muito difícil na vida”. H. inicia a análise com algumas demandas. Relata que diante de questões próprias, como as demandas do trabalho e o cuidado com a saúde, angustia-se e cai de cama, sente febre, dores no corpo, cansaço e uma sensação que a impede de se levantar e dar conta de suas atividades básicas, diz que tudo é muito difícil e se sentir incapaz de seguir.

H. está numa parceria há anos com um homem mais velho. Por muito tempo o via como referência por ele saber fazer as coisas que ela não sabia, ter facilidade no desenvolvimento profissional, ser confiante e não se deixar abalar por questões externas. Queixa-se que assim como sua mãe, seu marido quer controlá-la. Dita como ela deve resolver suas questões próprias que a angustiam e apontam suas falhas.

Na forma como a devastação se apresenta neste caso fica evidente que tanto o marido quanto o objeto primordial, a mãe, tomam para H. o lugar de Outro do gozo, que através dos ditos tomados pela analisante como controladores a rebaixam à posição de dejetos. Drummond^[4] aponta que essa modalidade convoca o sujeito para uma cisão impossível ou para a perseguição que por vezes toma os pensamentos de H. que se sente desconfiada de que marido e mãe a manipulam.

Miller^[5] define a devastação como a “outra face do amor” apontado para sua marca de gozo, a devastação coloca dificuldades para as mulheres se posicionarem nas relações amorosas. A modalidade de parceria que envolve a demanda infinita devastadora leva o sujeito ao pior do gozo e pouco se articula ao desejo^[6]. A resposta sintomática decifrada em análise aponta que H. demanda de seu marido signos e palavras de amor através de sua incapacidade de gerir questões próprias. Convoca para si mesma essa posição quando precisa tomar decisões o que reforça os ditos da mãe e do marido levando-a à posição de objeto dejetos, incapaz.

O pai de H., falecido há alguns anos, sofreu um adoecimento súbito e quase veio a falecer quando ela tinha poucos meses de vida. Soube que o pai disse que “só sobreviveu para vê-la crescer”. A analisante experimenta um amor que ela denomina “incondicional” pelo pai. Relata ao longo da vida ter visto a agressividade com a qual ele tratava irmãos e mãe, mas via a exceção com a qual ele a tratava, com ternura e afeto, lhe dirigindo palavras de amor, “te amo”, “me orgulho de você”.

Outra queixa entra em cena na análise, sua compulsão alimentar que a faz temer ter o “mesmo peso do pai”, desvelando a identificação com o dito do pai de vê-la crescer. Em uma sessão a analista intervém sobre o dito do pai, “para vê-la crescer na vida, não?”, a analisante associa que o comer o que gosta/como gosta é a saída que encontra quando tudo está difícil, quando se sente incapaz.

Em análise H. tem dito que precisa tomar as “rédeas de sua vida”, conseguiu concluir um trabalho importante e explora o como encontrar um modo próprio para lidar com a compulsão alimentar, que não seja guiado pelo “controle” materno e do marido que ditam o que/como ela deveria alimentar-se ou pela “liberdade” paterna que acena à impossibilidade de barrar seu caminho para o pior e, por fim, acaba por confirmar o dito da mãe de que não é possível a H. dar conta de suas próprias questões.

No caso de H. a devastação opera sobre a marca da demanda incessante de signos ao marido (objeto metonímico que substitui a mãe) que desvelam uma posição de gozo circunscrita no corpo com as manifestações corporais descritas e pelos significantes capaz/incapaz, difícil. O “tomar as rédeas de sua vida” poderia ser compreendido como uma alternativa de abertura de resposta por um caminho inventado, que a possibilite algum movimento em relação a sua posição de gozo e às identificações com o pai e a mãe.

REFERÊNCIAS

[1] MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise (E. Farias & N. Lua, trad.), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2015.

[2] Ibidem, p.104.

[3] Ibidem.

[4] DRUMMOND, Cristina. Devastação. In: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/devastacao.pdf 2011.

[5] MILLER, J.-A Uma partilha sexual. In: Opção Lacaniana online nova série, 2016. P. 17, http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_20/Uma_partilha_sexual.pdf >

[6] op. cit. 4.

Entre a norma e o gozo: Encontros e Desencontros no Atendimento a Mulheres em Situação de Violência em um CRAM[1]

Karem de Moura
karemkdms@hotmail.com

*Não consigo ter amor por mim, me valorizar. Observo que as migalhas do meu marido me atraem.
Me sinto refém da validação dele...*

*É melhor uma vida assim, sendo maltratada, do que viver sem ele (...) Sinto que ele me ama porque,
apesar de tudo, não vai embora...*

*Ele só age assim comigo quando bebe. A culpa de eu estar passando por tudo isso é dos meus filhos.
Eles não querem ver a minha felicidade...*

Eu sei que não é certo, mas não consigo deixar de gostar dele...

Fragmentos como esses atravessam o cotidiano de um Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM)^[2]. Ditas em tom de desabafo, desespero ou mesmo de perplexidade diante do Real da violência, essas frases não falam apenas da permanência em relações marcadas pela barbárie, mas de algo que se enlaça ao modo de amar de algumas mulheres, tendo o sofrimento como condição.

Lacan, no Seminário 20^[3], nos indica que, do lado feminino, “há um gozo do corpo [...] para além do falo. [...] um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada, a não ser que o experimenta – isto ela sabe”. Trata-se de um gozo que não cede às tentativas de regulação promovidas pelos diversos discursos que perpassam os serviços do CRAM. Por trás dos semblantes da mulher, ora como vítima, ora como aquela que resiste em deixar o parceiro, há uma parceria que “se funda na relação a nível do gozo.”^[4]

É por essa via que Jacques-Alain Miller^[5], em *O osso de uma análise*, propõe a noção de parceiro-sintoma, distinguindo-a daquela do parceiro-devastação. O primeiro, ainda que causador de sofrimento, organiza uma posição subjetiva. Já o parceiro-devastação atua como uma forma de expropriação: “A devastação é a outra face do amor, é o retorno da demanda de amor [...] com um índice de infinito”. Isso faz com que a mulher se lance cada vez mais além em sua demanda de amor.

A escuta cotidiana no CRAM revela esse ponto de Real. A permanência no laço violento não se explica apenas por fatores sociais ou psicológicos. Há aí um gozo que resiste à normatização, que retorna, insiste e, muitas vezes, silencia.

É nesse ponto que o discurso da psicanálise encontra uma fenda. Enquanto outros discursos buscam nomear, encaminhar e psicoeducar, a psicanálise escuta. Não o que a mulher deveria fazer, mas o que, de fato,

se impõe em seu modo de gozar. Como nos aponta Lacan: “o discurso analítico não tende para nada menos do que refratar, encurvar, marcar com uma curvatura própria [...] aquilo que se produz como tal — a falha, a descontinuidade”^[6].

Talvez seja aí que se localize um ponto possível de encontro: o encontro com o psicanalista, aquele que, por sua posição, não impõe uma saída, mas sustenta o tempo da pergunta. A psicanálise, nesse contexto, não vem corrigir nem orientar a mulher, mas sustentar uma escuta do indizível. E talvez, por essa via, através da fenda, abrir um novo caminho para esse gozo.

No entanto, essa posição, que sustenta o mal-estar sem apressar sua resolução, não se dá sem tensões. As exigências próprias das lógicas contemporâneas (do discurso capitalista, da ciência, do mestre) que visam eliminar o mal-estar por meio da promoção da autonomia, podem operar como novos imperativos por tentar fazer existir A mulher.

A escuta psicanalítica, nesse ponto, não se opõe às políticas públicas, nem pretende negar a relevância do serviço, que representa um marco histórico na conquista dos direitos das mulheres desde a criação da *Lei Maria da Penha*^[7] e que também faz borda frente ao Real da violência. Contudo, ao invés de operar sobre o universal, ela extrai dele uma singularidade, a partir da escuta de cada uma, podendo manter aberto um espaço para o desejo, na medida do possível, ainda que este se apresente sob a forma do sintoma.

Diante disso, sigo cotidianamente sustentando a seguinte questão: Como é possível o lugar do psicanalista nesse contexto, entre encontros e desencontros, entre a norma e o gozo?

REFERÊNCIAS

^[1]Trabalho produto de Cartel Fulgurante para as VI Jornadas EBP Seção Leste-Oeste, referente ao eixo “Parceiro-Fantasma e Parceiro-Devastação.” Participantes: Karem de Moura, Katia Cardoso, Grazielle Mosena Alessio e o Mais-um Fernando Reis.

^[2]Os Centros de Referência oferecem atendimento multidisciplinar às mulheres em situação de violência, incluindo suporte psicológico, social e jurídico. Esses serviços visam proporcionar o acolhimento necessário para ajudar a mulher a superar a violência sofrida, fortalecendo sua autoestima e promovendo sua autonomia para que ela possa tomar decisões sobre sua própria vida, respeitando seu direito à autodeterminação. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/arquivos-diversos/publicacoes/publicacoes/crams.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2025.

^[3]LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: Mais, ainda (1972-1973). 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 100.

^[4]MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. “O parceiro-sintoma do homem e da mulher”. Salvador: Agente, 1998. p. 104.

^[5]Ibidem, p. 114.

^[6]op. cit. [4], p. 61.

^[7]BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 20 set. 2005.

Psicanálise e Arte

Tânia Mara Alves Prates
 tania.prates@uol.com.br

A Secessão Vienense foi um movimento artístico que floresceu na Áustria, especialmente em Viena, na virada do século dezenove para o século vinte. Caracterizou-se por um ímpeto de renovação de formas artísticas por arquitetos e artistas visuais. Para estes, a arte deveria estar na origem de uma nova concepção de existência. Assim, o movimento era tão filosófico quanto estético. Pregava a arte aplicada para a beleza e o conforto das pessoas. A frase escrita na entrada do belo edifício da Secessão representa este movimento: “Para cada idade sua arte. Para toda arte sua liberdade”.

Neste contexto histórico revolucionário das ideias e costumes, surgiram as primeiras publicações psicanalíticas de Freud, que vieram produzir, em suas próprias palavras, o terceiro golpe narcísico, “de natureza psicológica, talvez seja o que mais fere”^[1], referindo-se aos processos mentais inconscientes, que fazem com que o eu “não seja senhor de sua própria casa”^[1].

Para Freud, a arte ocasiona uma reconciliação entre os princípios de prazer e de realidade de uma maneira muito interessante. Para ele:

O artista se afasta da realidade, porque não pode concordar com a renúncia à satisfação das pulsões que ela a princípio exige, e concede a seus desejos eróticos e ambiciosos inteira liberdade na fantasia. Mas, encontra o caminho de volta desse mundo de fantasia para a realidade, fazendo uso de dons especiais que transformam suas fantasias em verdades de um novo tipo, que são valorizadas pelos homens como reflexos preciosos da realidade^[2].

Freud vai mais além em sua análise:

O artista se torna o herói, o criador e o favorito que ele desejava ser, sem seguir o longo caminho sinuoso de efetuar alterações reais no mundo externo. Mas ele só pode conseguir isto porque outros homens sentem a mesma insatisfação que ele com a renúncia exigida pela realidade, e porque essa insatisfação, que resulta na substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade, é em si uma parte da realidade^[3].

Freud construiu a noção do umbigo do sonho, algo misterioso, que permitiu a Lacan desenvolver a noção de gozo e um vazio na existência do sujeito. Este objeto perdido, este *das Ding*, Outro absoluto do sujeito, jamais será reencontrado^[4].

Para Lacan, na arte há um recalque de *das Ding*. Ele disse:

[...] esta *das Ding*, da qual todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação, será sempre representada por um vazio, precisamente pelo fato de ela não poder ser representada por outra coisa – ou mais exatamente, de ela só poder ser representada por outra coisa. Mas, em toda forma de sublimação, o vazio será determinante^[5].

Para Françoise Regnault, a arte se organiza em torno deste vazio. Para este autor, a história das artes estaria marcada, em Lacan, por uma dupla escansão: as artes do vazio e as artes da anamorfose, mas estas também não excluem o vazio. Para ele, o vazio não tem somente uma função espacial, mas também simbólica. O vazio é da ordem do real, e a arte utiliza o imaginário para organizar simbolicamente esse real^[6].

Para Miller,

Lacan colocou a pulsão no registro da demanda [...] uma demanda pura de satisfação. [...] Em Inibição sintoma e angustia estamos diante de um paradoxo, de uma satisfação pulsional que se apresenta como desprazer. É deste paradoxo que Lacan fez surgir o termo gozo^[7].

Lacan coloca que a pulsão constitui uma infração ao princípio do prazer, na medida em que sua exigência não é de uma satisfação do prazer, mas de sua exigência de uma mais-de-gozar^[8].

Para Lacan “a pulsão designa a conjunção da lógica com a corporeidade [...] o amor cortês é a tentativa de ultrapassar o amor narcísico [...] só que existe a outra vertente, a relação da sublimação com a obra de arte”^[9].

Mas tem uma parte do gozo que não desaparece, escrita por Lacan como objeto a , que não é significante. A função do objeto a interessa no nível da sublimação. “Se o objeto a pode funcionar como equivalente do gozo, é em razão de sua estrutura topológica”^[10]. É por isto que Lacan propõe um saber se virar com o sintoma.

Para lidar com o gozo do sintoma Lacan propôs a noção de sinthoma, como um quarto nó na cadeia borromeana. “É na medida em que o sinthoma volta a se ligar ao inconsciente e o imaginário se liga ao real que lidamos com alguma coisa da qual surge o sinthoma”^[11]. Com isto se pode ver uma relação privilegiada do imaginário com o real.

Miller cita que uma das primeiras pautas do ultimíssimo Lacan seria “imaginar o real”^[12]. Para ele: “O momento de concluir”^[12] termina com a necessidade de recompor o tecido do inconsciente.

Miller em *‘El ultimissimo Lacan’* disse:

A unidade não é mais da ordem do significante, senão da ordem das imagens. A imagem aparece como uma unidade válida, o que significa que aparece como um real, ainda que duas imagens possam ilustrar a mesma estrutura. Se são distintas, se sustentam enquanto tais e dão valor a um fato clínico que domina o ultimíssimo ensino de Lacan, a inibição; a inibição no assunto das imagens. A pulsão é um acordo entre o significante e o corpo, posto que se pode evocar como ressonância. O fato clínico que Lacan põe em evidência, o patema do sujeito é a inibição para imaginar^[13].

Para Miller: “No silêncio do real, e já que sempre se tem que desconfiar do simbólico, fica somente o recurso ao imaginário, quer dizer ao corpo, quer dizer, ao tecido”^[14].

Esta noção do saber-fazer da produção artística que envolve imaginar o real mostra o porquê do privilégio das artes ao tentar borderar o real.

Ficamos com Freud “a suave narcose à qual a arte nos transporta não faz mais do que produzir uma libertação passageira das necessidades da vida e não é forte o suficiente para fazer esquecer a miséria real”^[15].

REFERÊNCIAS

- [1] FREUD, Sigmund. Uma dificuldade da psicanálise. In Obras Completas, vol 14, São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 184-6.
- [2] __. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911). In Obras Completas, vol 10, São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 86.
- [3] Ibidem, pp. 86-7.
- [4] LACAN, Jacques. O Seminário. Livro 7. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p.69.
- [5] Ibidem. p. 162.
- [6] REGNAULT, François. Em torno do vazio: a arte à luz da psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa: 2001. p. 14-22.
- [7] MILLER, Jacques-Alain. El Partenaire-sintoma. Buenos Aires: Paidós, 2008. p. 81-2.
- [8] Ibidem. p. 87.
- [9] LACAN, Jacques. O Seminário. Livro 16. De um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 223-25.
- [10] Ibidem, p. 240.
- [11] LACAN, Jacques. O Seminário. Livro 23. O sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 53.
- [12] MILLER, Jacques-Alain. El ultimíssimo Lacan, Buenos Aires: Paidós, 2014. p. 257-8.
- [13] Ibidem, p. 258.
- [14] Ibidem, p. 259.
- [15] FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930). In Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. In Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 327.

A arte ainda se mostra primeiro?^[1]

Ludmylla Domingues Siqueira
ludmyllaortega@gmail.com

Quando pensei em escrever sobre o Eixo: Arte, Política e Sinthoma^[2], me veio à mente falar da minha parceria com arte, especificamente com a literatura. Ler ficção tem me ajudado a existir no mundo. Pensei na arte como Sinthoma, como sendo esse quarto nó que amarra o real, imaginário e simbólico, não só amarra, mas também repara. Retomei o hábito de ler ficção quando comecei a fazer análise, depois de passar anos afastada de tais obras pela imposição da nossa cultura utilitarista que nos afasta de nós mesmas. Aos poucos, fui voltando a ler e reparando que encontrava na literatura palavras para elaborar minha própria ficção.

Quando leio escritoras mulheres encontro na escrita delas palavras que me tiram do aprisionamento que eu mesmo crio para desaparecer. É sempre me identificando com uma das suas personagens que encontro mais conforto para existir. Paro de criar personagens para dar conta do real, personagens que fazem com que eu me veja apenas pelo olhar do Outro e passo a me colocar como protagonista de minha própria história. Possuo um Super Ego tirânico e às vezes sinto culpa por ser quem sou, então preciso ler uma narradora para ter a minha voz legitimada, isso me autoriza a também narrar minhas histórias. É como se eu mesma fosse lida por essas escritoras, por exemplo quando li em “Paixão Segundo G.H.” de Clarice Lispector: “Eu nunca havia deixado minha alma livre, e me havia organizado depressa em pessoa porque é arriscado demais perder-se a forma”^[3], pensei que naquele momento não era apenas eu que estava lendo Clarice, mas que ela também estava me lendo, e que aquelas palavras ali traduziam justamente o que eu sentia sobre o tempo que fiquei afastada da literatura e de mim mesma para atender as normas sociais que eu achava que tinha que cumprir, eu precisei me organizar depressa em uma pessoa que na minha cabeça atenderia ao que era imposto a uma mulher jovem na sociedade. E para atender a tais ideais criados por mim fui criando personagens que tinham pouco ou nada de mim mesma. Fazer análise é o que tem me ajudado a criar ficções que agora são minhas e não para agradar o Outro.

Concordo com Brousse, “a arte organiza o vazio”^[4]. É sempre lendo um poema, escutando uma música ou assistindo a um filme que volto a mim e consigo lidar melhor com minhas próprias ficções. A arte tem o poder de trazer o que não é dito, o obscuro, o que ninguém quer ver em uma sociedade que hoje parece ter regras para tudo. Foi assim, organizando o vazio, que Carla Madeira escreveu seu primeiro romance “Tudo é rio”^[5]. Carla contou em entrevista ao podcast “Daria um livro”^[6] que quando estava planejando engravidar de seu primeiro filho, transpassada pelas questões da maternidade tão estereotipada em nossa cultura, começou a escrever. Ficou chocada com sua própria escrita ao narrar uma cena tão violenta relacionada a uma mãe e a um bebê recém-nascido, assustada com a cena abandonou o livro e só depois de quatorze anos voltou a escrevê-lo. Escrever aquela cena pode ter sido a saída que seu inconsciente deu para lidar com o que estava acontecendo com o seu próprio corpo. Nesse caso a arte foi Sinthoma, foi repa-

ração, quarto nó. Ou como disse Lacan foi um “a arte-dizer”^[7] [art-dire]. Carla inconscientemente pode ter feito parceria com a arte para conseguir atravessar um momento novo em sua vida.

Na música “Mar de Gente” do O Rappa^[8] cuja parte da letra se encontra no tema desse texto, escutamos: “Passa, passa, passa, passa, passa passageiro, a arte ainda se mostra primeiro”. A letra da canção nos diz que mesmo em meio a correria do dia a dia, em meio ao cotidiano da vida sufocada pela lógica capitalista a arte ainda se mostra primeiro, ela está em todo lugar e tem para todos os gostos, está na música que escuto a caminho do trabalho, no poema que leio ao acordar, no romance que estou terminando de ler e naquele filme que vou assistir no final de semana.

Acredito que a vida sem arte pode ser cinza, metrificada, calculada, controlada e sem expressão. Suponho que em um mundo sem arte não existiria sujeito, não existiria analista, não existiria psicanálise. Em análise assim como na vida nós narramos para o analista uma autoficção. Como Lacan bem nos ensinou o real, não é um real-verdade e amarrado a esse real ainda temos o imaginário e o simbólico, não há dúvidas de que em análise contamos uma ficção de nossas vidas para nós mesmos e para o analista, por isso se diz que fazer análise também é fazer arte.

REFERÊNCIAS

^[1] Trabalho produto do Cartel Fulgurante ARTE, POLÍTICA, SINTHOME. Cartelizantes: Ezequiel Martins Ferreira (Mais-Um), Andrea Palmerston, Letícia Prego, Ludmylla Domingues Siqueira Ortega, Renata Silveira Wyant.

^[2] LACAN, J. O seminário, livro 23: O sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007. Série O Seminário, ano de apresentação: 1975-1976.

^[3] LISPECTOR, C. Paixão Segundo G.H. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

^[4] BROUSSE, M.H. O inconsciente é a política: seminário internacional. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2018.

^[5] MADEIRA, C. Tudo é rio. 2. ed. Belo Horizonte: Quixote+Do, 2021.

^[6] DARIA UM LIVRO. Locução de: Pedro Pacífico; Entrevistada: Carla Madeira. [S. l.]: Daria um Livro, 22 nov. 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4Rbl9kATZaOplsc7aq4rdt>. Acesso em: 8 ago. 2025.

^[7] op. cit. 2.

^[8] YUKA, Marcelo; FALCÃO, Marcelo; XANDÃO. Mar de gente. O Rappa. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1999.

O corpo como obra e a obra como corpo: a arte que devora, a ficção que parasita e o resto que habita.^[1]

Laura Assis Vieira
psilauravieira@gmail.com

As provocações ao longo do Cartel Arte, Política e Sinthoma brindaram com algumas de minhas questões pessoais e de análise. Perturbaram resistências e me destacaram o que vou nomear como “sujeiras”.

Entre os encontros, indagações como “o que se faz obra e o que se faz artista?”, trouxeram à tona outras, dentre elas: “o que se constitui enquanto o Corpo da obra?”.

Ora, se o que faz o analista é a análise, o que faz o artista não é a arte? E a arte, não seria o ato autorizado do artista em manifestar seus restos através de seu corpo enquanto obra ou obra como corpo? Não se pode dizer que versos perdidos num muro qualquer sejam, embora poético, um ato advindo do corpo de um poeta. Bem como quem reproduz trejeitos ou uma fala de personagem não sustenta o ato oriundo do corpo de ator.

Seja no corpo do que sustenta o ato, manifesta o gozo, o transbordamento e a sublimação, a linguagem costurada em cultura e política desenha o sintoma: o que resta em forma de arte ou produto com elementos artísticos.

No *Estádio do Espelho*^[2] formulado por Lacan^[3] se compreende o corpo não como algo unificado, mas uma constituição a partir de uma imagem especular para além da ideia biológica. O corpo, então, não é dado, é feito. Como nos lembra Miller^[4] em *Piezas Sueltas*, o corpo é sempre uma construção, “um enxerto de pedaços” atravessado por registros distintos: real, simbólico, imaginário e sintomático. Organizado segundo uma “lógica” sempre provisória, uma ficção. E o mecanismo “linguageiro” de se compreender no mundo, externalizar, também é efeito das interdições, leis, angústias e afetos inomináveis, intraduzíveis. Como, então, dar lugar ou forma ao resto que fica? Como se enfrenta, sustenta ou abraça a vida através de significações possíveis?

Somos fadados ao corpo, essa unidade esfacelada, fragmentada, pulsional. Somos o que podemos ser em falta, organismo e gozo. O corpo de uma obra de arte, então, não seria tão absurdamente diferente.

Francisco de Goya^[5], em sua obra *Saturno Devorando um Filho*, não é mero ornamento, é uma imagem-corpo capturada por uma época: o artista já isolado, surdo e enfermo, pega emprestado da mitologia o *Senhor do Tempo*: o mesmo que gera o sujeito é também aquele que o devora, castra, goza e destrói.

Já no longa-metragem *Meu Pai*^[6], estrelado por Anthony Hopkins, interpretando Anthony, um senhor de 81 anos que vive sozinho e recusa cuidadores, o Alzheimer habita em seu corpo e o confunde. Dentre as várias nuances da narrativa, o corpo do ator e o conjunto da obra exploram marcas da história e do tempo: afeto, sofrimento e desencontros. Corpo-memória insistindo em outro espaço-tempo. Algo chama a atenção: Anthony se angustia ao procurar um objeto frequentemente *perdido*, o qual parece capaz de ilustrar aquilo que ainda há de mais real: seu relógio de pulso. A política do tempo é castradora. O corpo velho se confunde com a criança e, sem poder segurar o tempo que guarda próximo às mãos, Anthony chora chamando por *mamãe* após mais uma despedida de sua filha depois da visita recebida.

Para adentrar ao gozo, nada mais justo que ilustrá-lo com a obra de capa do Seminário 20 de Lacan^[7]: *O Êxtase de Santa Teresa*, de Gian Lorenzo Bernini^[8]. O mármore imprime o que resta do gozo, mas não o é. Santa Teresa está em êxtase por não saber o que o provoca; algo atravessa, excede, transborda. A mescla entre o religioso, a morte e as pulsões resultou nesta possibilidade de tradução escrita com criatividade, técnica, mármore e história.

Confiando no inconsciente, aproximo o real não simbolizado e que se relaciona com o Outro através do trabalho de Natalie Portman como Nina em *O Cisne Negro*^[9]. Para dar vida à personagem, a atriz precisou preparar seu corpo para este Outro gozar: dois anos de preparação, o balé, a dieta, o texto, técnica e até uma costela fraturada. Nina busca a perfeição do desejo frustrado da mãe e sem o nome-do-pai^[10]. O corpo encarna o delírio e encena os cisnes até o último ato, marcado pela queda ensaiada e a mancha de sangue no centro do corpo da bailarina, que se feriu com o fragmento do espelho quebrado por ela mesma. Nina goza diante à plateia e seus aplausos, e diz, ainda sem se levantar: *I was perfect (eu fui perfeita)*. Santa Teresa goza de outro sacrifício diante da presença divina.

Miller, em seu texto intitulado *A Salvação Pelos Dejetos*^[11], elabora algo como: o que resta é a coisa que permanece após o tratamento da pulsão. E a arte? Seria então este resto que pode ser preservado? O artista bricola com dejetos?

A obra de arte não vem como explicação ou justificativa, mas como um meio de ilustrar um fragmento de história, seja como for sua forma: o cinema, o mármore, a tinta, as palavras, o som, o estranho, o belo, o bizarro, o incômodo. E o corpo do ator, pode-se dizer que é a obra como Corpo? Enquanto atriz, elaboro que meu corpo é parasitado por um Outro e suas ficções. Entre afeto e técnica, possibilito ser objeto sob medida ao desamparo e amparo que nunca foram meus.

Para finalizar o que não sei como ter fim e sequer eu sabia como começar, questiono mais um tanto:

A arte nasce do fracasso da linguagem? Da impotência de um corpo que insiste?

A política de um corpo limpo e o imperativo de maquiar os sinais que lembram o “feio”, não é o retorno ao lugar que flerta com uma posição passiva e fetal?

Seria a arte a honestidade do sintoma?

REFERÊNCIAS

^[1] Trabalho produto do Cartel fulgurante das VI Jornadas EBP LO inscrito como tema: eixo Arte, Política e Senthome; Anna Rogéria (mais-um) Goiânia (GO), Laura Assis Vieira Goiânia (GO), Marcelo Macaue São Paulo (SP), Nathália Aguiar Goiânia (GO) e Stephanie Boechat Vitória (ES).

^[2] GRECO, Musso. Os espelhos de Lacan. Opção Lacaniana Online. 2011.

^[3] LACAN, Jacques. O seminário, livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

^[4] MILLER, Jacques-Alain. Piezas sueltas (1ª ed.). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

^[5] GOIA, Francisco. de. Saturno devorando um filho. Museu do Prado, Madrid, Espanha (1819-1823).

^[6] MEU PAI. Direção: Florian Zeller. Produção de Sony Pictures Classics. Disponível em Prime Video. 2020.

^[7] LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

^[8] BERNINI, Gian. O êxtase de Santa Teresa. Igreja de Santa Maria della Vittoria, Roma, Itália (1647-1652).

^[9] CISNE NEGRO. Direção: Darren Aronofsky. Produção de Fox Searchlight Pictures, 2010. Disponível em Start+.

^[10] LUSTOZA, Rosana. A formação do conceito de Nome-do-pai (1938-1958). Rio de Janeiro: Ágora, 2018.

^[11] MILLER, Jacques-Alain. Le salut par les déchets. In: Mental: Clinique et pragmatique de la désinsertion en psychanalyse, n.24. Clamecy, avril 2010.

A função do narcisismo no parceiro sintoma

Rodrigo Oliveira dos Santos
rodrigoliveiradosantos@hotmail.com

Esta é a mesma Teresa que na noite passada conheci em toda intimidade? Posso dizer que a vi, falei-lhe, posso dizer que a tive em toda a intimidade? Que intimidade existe maior que a do sonho? A desse sonho que ainda trago em mim como um objeto que me pesasse no bolso?^[1]

Em *À Guisa de Introdução ao Narcisismo*, Freud entende que no apaixonamento há a supervalorização do objeto amado em detrimento da libido narcísica do Eu que foi empobrecida. O Eu fica numa postura humilde diante do objeto da paixão. Esse transbordamento da libido para o objeto amado faz com que o objeto seja elevado ao nível do ideal sexual^[2].

Em seu primeiro ensino, Lacan afirma que com o que Freud chamou de Ideal do Eu, o eu está como uma miragem^[3]. O exercício e a prova da realidade não são atestados pela realidade, mas pela ilusão narcísica do eu. A assunção do eu e do corpo como totalidade se faz a partir da miragem do imaginário. Nesse lugar inerte, das identificações, o sujeito se constitui como um outro, está alienado de seu desejo e do seu gozo. Cabe ao simbólico devolver ao sujeito o lugar da falta, da castração, o vazio da indeterminação, onde o sujeito poderia se reorganizar nas contingências de sua vida.

Entretanto, mais além do encadeamento dos significantes, que é próprio do inconsciente e da memória, o vazio de *das Ding*, da Coisa, padece do significante. É da ordem do que Freud articulou acerca da libido enquanto gozo pulsional. Para Lacan, o gozo se encontra no lugar onde se produzem as fantasias, que representam uma barreira em relação ao acesso ao gozo^[4]. Ele não se apresenta como satisfação da necessidade, mas como satisfação da pulsão, encontra-se do lado da Coisa, numa condição de inacessibilidade. Miller entende que a satisfação pulsional não se encontra nem no imaginário, nem no simbólico, que se fazem contra o gozo real da Coisa, para contê-lo^[5].

Com o real da Coisa, para Lacan, o ideal tem função de ser uma barreira em relação à satisfação pulsional do gozo do corpo^[4]. O amor cortês, presente entre os poetas e cantores medievais, aponta para um objeto que é inacessível. Ao lidarem com a Dama, os poetas lidavam com seu ideal, com uma miragem, não abordavam a mulher. Esvaziada em sua substância real, a Dama está como objeto de desejo, ser de significante. Assim, o objeto feminino se introduz para o homem pela privação, por uma inacessibilidade própria do real.

Dizer que o desejo é ilusão passa a não ser suficiente para Lacan, pois implica em dizer que o desejo não tem sustentação. A questão é a relação do desejo com o real. Lacan considera o objeto *a* como causa de desejo, reserva derradeira e irreduzível da libido freudiana^[6]. No continente

narcísico da libido há algo que além de escapar à imagem especular, intervém de modo perturbador. No lugar da falta, do vazio da castração, quando o objeto a aparece na imagem, ele não pode ser reconhecido pelo sujeito, pois é um objeto irreduzível à significação. O sinal de sua intervenção é a angústia.

A imagem total do corpo, a partir do reconhecimento no estádio do espelho, é enganosa, falta algo nela. Anterior a essa imagem, o corpo se encontra em pedaços marcados pelas pulsões parciais, no nível da libido, do autoerotismo. O objeto a corresponde aos pedaços libidinizados do corpo que foram perdidos. Como ele ocupa o lugar de causa para o sujeito, o objeto a é deportado para o campo do Outro e passa a ser buscado como objeto da fantasia a partir dos postigos, dos substitutos do objeto perdido. É a distância, e não coincidência do objeto a com a função do desejo estruturado pela fantasia, que cria a angústia.

Jésus Santiago entende que esse imaginário que se apoia nos restos de gozo do corpo subverte o imaginário inerte das identificações, inerente ao primeiro ensino de Lacan^[7]. A imagem especular se tornou inapta para dar conta do que acontece com o gozo do corpo, pois ela mascara a função dos orifícios do corpo, onde se encontra a estrutura de borda da pulsão. A insuficiência clínica da imagem especular anuncia a necessidade do que Lacan chamou no *Seminário 23* como “novo imaginário”, um imaginário que se compatibiliza com os orifícios, com os restos do gozo do corpo^[8].

No *Seminário 20: Mais, ainda*, ao problematizar que o amor é, em sua essência, narcísico, essa concepção do imaginário está presente. Na posição masculina, goza-se do próprio corpo. O falo é o “obstáculo pelo qual o homem não chega a gozar do corpo da mulher”^[9]. O homem aborda a mulher por sua causa de desejo, por sua fantasia, ele não goza da mulher, mas de seu próprio órgão, não chega a gozar do Outro sexo. Assim, a mulher encontra-se distante, pois a visão da parceira se baseia no próprio narcisismo, ela não coincide com o resto que é o objeto a , pedaço perdido do corpo que sempre escapa.

No último ensino de Lacan, Real, Imaginário e Simbólico são registros equivalentes. O imaginário dá consistência ao corpo, “o falasser adora seu corpo, porque crê que o tem. Na realidade, ele não o tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora a todo instante”^[10]. Assim, como aponta Jésus Santiago, o novo imaginário é o corpo^[7]. Como o imaginário é homogêneo ao real, esse corpo, no real singular de seu gozo escapa a todo instante.

Na impossibilidade de se estabelecer a relação sexual, a mulher é um sintoma para o homem. Como o homem não aborda a mulher, seu parceiro sexual é o sintoma. Desse modo, como afirma Santiago, virar-se com o parceiro sexual consiste em se virar com seu narcisismo, com a própria imagem que se sustenta nos restos do gozo do corpo que faz furo no real^[7]. Isso coloca a relação com o imaginário como fundamental, pois ao lidar com o amor, é impossível não lidar com seu parceiro sintoma.

REFERÊNCIAS

- [1] MELO NETO, João Cabral de. Poesia Completa. “Os três mal-amados”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007, p.36.
- [2] FREUD, S. (1914). Escritos sobre a psicologia do inconsciente. V.1, “À Guisa de introdução ao Narcisismo”. Tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004, p. 117.
- [3] LACAN, J. (1955-1956). O Seminário, livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 204.
- [4] LACAN, J. (1959-1960). O seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p.358.
- [5] MILLER, J.-A. (2012). *Os seis paradigmas do gozo*. http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf
- [6] LACAN, J. (1962-1963). O seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.245.

[7] SANTIAGO, J. (2025). O novo imaginário é o corpo. <https://revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/corpo2>

[8] LACAN, J. (1975-1976). O Seminário 23: o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p.118.

[9] LACAN, J. (1972-1973). O seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 14.

[10] LACAN, J. (1975-1976). O Seminário 23: o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 64.

Segregação e Tribalismo no século XXI^[1]

Ricardo Rezende
rezende.ricardo@gmail.com

O século XXI apresenta desafios complexos à humanidade e, portanto, também à psicanálise. Isso exige que o analista saia de uma posição de mero observador neutro para se tornar um analista-cidadão. Essa postura, defendida por Éric Laurent, implica uma participação ativa no debate democrático e uma sensibilidade às diversas formas de segregação presentes na sociedade^[2].

Longe do ideal de apagamento ou desidentificação infinita que busca a pureza da prática, o analista-cidadão reconhece a comunidade de interesses entre o discurso analítico e a democracia. Ele não se limita a criticar, mas intervém com um dizer silencioso que desafia a dinâmica de grupo e as paixões narcísicas que permeiam as formações sociais.

Trata-se de uma psicanálise que não recua diante das lutas sociais, como as antirracistas, de gênero e sexuais. Reconhece-se, assim, que o inconsciente é intrinsecamente político.

A contemporaneidade testemunha o surgimento de novos movimentos de reivindicação que mobilizam significantes como “gênero” e “identidade”, frequentemente vinculados à ideia de “minorias”.

Marie-Hélène Brousse observa que o avanço dessas identidades, que aspiram ao estatuto de significantes-mestres, é uma consequência da perda de hegemonia do discurso do mestre nas sociedades tradicionais. Nesse contexto, a identidade, em sua natureza, passa a ser concebida como algo “de papel”, construído pelo Outro – pelas imagens e significantes-mestres – e não como algo inerente ao sujeito^[3].

Essa ênfase na identidade como uma construção alimenta o tribalismo, já que a busca por um pertencimento unificador leva à formação de subgrupos que podem se tornar hostis a outros.

Uma hipótese seria a de que o tribalismo e a segregação se retroalimentam a partir de um mecanismo profundo que a psicanálise explora: o infamiliar (Unheimlich). Conforme Gilson Iannini, o infamiliar não é meramente o estranho (Fremde), mas algo que, por ter sido familiar e íntimo (heimlich), retorna de forma inquietante. A palavra heimlich em alemão já contém em si uma ambiguidade, significando tanto o íntimo quanto o secreto e escondido, podendo se transformar em seu oposto^[4]. Jacques-Alain Miller, ao ressignificar o Unheimlich com o conceito de extimidade, demonstra que o que nos angustia não é o exterior, mas o mais íntimo que se tornou estranho^[5]. Isso tem implicações políticas cruciais: o racismo, por exemplo, pode ser compreendido como o ódio ao próprio gozo (satisfação pulsional) que, por ser rejeitado internamente, é projetado no Outro, reforçando a segregação.

A generalização contemporânea do infamiliar se manifesta na dissolução das fronteiras entre fantasia e realidade, acentuada pela proliferação das redes digitais e da inteligência artificial. Nesse cenário, onde a distinção entre o humano e a máquina se torna cada vez mais fluida, o que é percebido como anômalo ou desviante por um grupo tribalizado pode ser o retorno de algo familiar, mas recalçado, gerando angústia e

rejeição. A dificuldade em reconhecer o que é artificial de um autômato, ou um rosto real de um gerado por IA, pode espelhar a dificuldade de uma sociedade em lidar com as ambiguidades da identidade e com o que escapa às suas categorias pré-estabelecidas. A perda da hegemonia do discurso do mestre leva a receitas alternativas no laço social, que podem, por sua vez, cristalizar-se em novas formas de exclusão baseadas em identidades fragmentadas.

Diante desses fenômenos de tribalização e segregação, o papel da psicanálise é fundamental e contracultural. A psicanálise não busca a unidade unificadora da identidade, mas opera na divisão subjetiva, que é correlativa à hipótese do inconsciente. Ela propõe uma travessia das identificações, sejam elas nacionais, culturais, sexuais ou religiosas, pois nenhuma identificação é capaz de satisfazer plenamente a pulsão ou regular o ser de gozo. O que se sustenta, para Lacan, é uma identidade sintomática, que não é do sujeito fixo, mas do “Um-Corpo” (Un-Corps), do qual não se pode escapar, e que emerge das experiências singulares e ir-repetíveis de cada um. Essa identidade, fruto do acaso, é a única garantia de unidade, pois se manifesta como significação fora-do-sentido.

Assim, a psicanálise atua na singularidade, reconhecendo que o eu é uma montagem de identificações e projeções, profundamente marcado por cores – sociais, raciais, de gênero. Ela oferece um espaço para o corpo falante, onde a norma não é unívoca, mas equívoca, e onde o real da língua nos corpos pode ser escutado em suas imprevisíveis incidências. Ao invés de adaptar o sujeito a normas sociais adoecedoras, a psicanálise visa a uma gambiarra – uma solução artesanal, uma geringonça, para lidar com os desencontros singulares. Ela não impõe um “verdadeiro eu”, mas permite que o sujeito se relacione com seu desejo e gozo em outro registro, desvencilhando-se de ideais normativos. A psicanálise, portanto, é intrinsecamente infamiliar e profana. Ela se mantém na fronteira, avessa à fixidez e ao dogmatismo, pronta para desativar as lógicas que promovem o ódio ao Outro e a segregação. Ao escutar as múltiplas vozes e sofrimentos que não se encaixam nos padrões hegemônicos, a psicanálise pode se posicionar como um farol na necropolítica que insiste no direito de cada corpo silenciado de falar em nome próprio. É uma prática que nasce e se renova continuamente, na abertura ao imprevisível e ao radicalmente singular, desafiando qualquer tentativa de totalização ou domesticação da vida.

REFERÊNCIAS

- [1] Cartel Fulgurante “Arte, política e sinthome” – Cartelizantes: Ricardo Rezende (mais-um), Gustavo Augusto da Silva, José Ronaldo de Paulo, Maria Verônica da Silva e Paula Ferreira Cândida
- [2] Laurent, Éric. Revista Curinga, “O analista cidadão”, EBP – MG, 1999, p. 07-13
- [3] Brousse, Marie-Hélène. Opção Lacaniana Online, “As identidades, uma política, a identificação, um processo, e a identidade, um sintoma”, 2018.
- [4] Iannini, Gilson. “Freud no Século XXI”, Belo Horizonte, Autêntica, 2024
- [5] Miller, Jacques-Alain. Opção Lacaniana Online, “Quando o Outro é mau”, 2018
- Palomera, Vicente. Opção Lacaniana Online, “Identidade nacional e identidade-sinthoma”, 2018



Adições e toxicomanias contemporâneas

Shirley Macedo Gundim
shirley.gundim2@gmail.com

Entre Encontros e Desencontros, trago uma reflexão sobre a questão da clínica atual, das adições contemporâneas. Há pouco tempo atrás, estávamos assistindo ao filme *Bicho de Sete Cabeças*, baseado na história verídica de Austregésilo Carrano Bueno, filme baseado em sua autobiografia *Canto dos Malditos*. Ele foi encarcerado pelo pai, aos dezessete anos, em um hospital psiquiátrico, local da loucura fabricada. Ainda recebemos pais de adolescentes, com uso recreativo de maconha, solicitando a internação involuntária em hospitais psiquiátricos ou comunidades terapêuticas, sem questionar a possibilidade de refletir sobre esse uso. O preconceito retira do outro a sua singularidade, essa é a lógica manicomial, retirar do sujeito o laço social com a falácia de proteger sua vida.

Beneti, no texto *A Toxicomania Não é Mais o que Era*, fez um breve relato sobre as mudanças da toxicomania ao longo do tempo, e como isso afetou a clínica. Diz que essas mudanças também ocorreram nas instituições, com diminuição dos leitos psiquiátricos e abertura dos CAPS, dispositivos de tratamento em meio aberto, ampliando a visão de um tratamento em liberdade, na lógica antimanicomial. Diz Beneti que na atualidade ampliou-se o uso de psicotrópicos, e podemos dizer: “todos toxicômanos, todos consumistas”^[1], em uma sociedade do excesso.

O Capitalismo segundo o autor Harvey, produziu “a sofisticação da necessidade”^[2], fragmentou o homem, que não é visto como uma pessoa de corpo e alma, mas apenas uma mão que precisa produzir. Marx discute o capitalismo e fala de uma sociedade onde o homem foi reduzido a um estado de mercadoria destruído pela dominação do dinheiro, do objeto. O Capitalismo produziu “a sofisticação da necessidade”^[2], fragmentou o homem, que não é visto como uma pessoa de corpo e alma, mas apenas uma mão que precisa produzir. A produção desenfreada de mercadorias, de “novidades”^[2], sempre prestes a se transformarem em sucata, não só é uma corrida para a morte, mas também inscreve a morte e o vazio nos próprios objetos; um tempo pós-moderno.

Hoje o “cinismo pós-moderno”^[3] contorna a angústia do descartável, intensificando-a; já que a morte está disseminada nas coisas, a própria diferença entre a morte e a vida se esfumaça, tudo hoje é sem sentido, até a morte. Nas *Conferências Milão de 1972*, Lacan escreve a fórmula do discurso capitalista, operando uma torção da fração esquerda da fórmula do discurso do mestre. Essa torção expressa uma mudança no estatuto do gozo. Se no discurso do mestre há uma relação de impossibilidade entre o sujeito e o objeto, no discurso capitalista essa impossibilidade simplesmente desapareceu. Assim, quando se direciona ao sujeito a pergunta, quem é você? Obtém-se como resposta uma cifra, ou seja, o seu valor de mercado^[4].

Santiago, no texto *Droga, Ruptura Fálica e Psicose Ordinária*, afirma que na atualidade a substância não se faz mais presente, que a toxicomania se transformou em adições. Nas novas adições, ampliam-se

os objetos de consumo. Pornografias, sexo, fast food, celulares, videogames, e outros, dão lugar a condutas aditivas. Afirma Santiago que na contemporaneidade todo objeto pode se tornar aditivo, visto que solicita a pulsão, tendo o poder de reduzir a repetição a um ato^[5].

Lacan, em *Radiofonia*, enuncia que o contemporâneo se caracteriza pela ascensão ao zênite social do objeto dito pequeno a, inerente à lógica capitalista, que gera uma produção extensiva, portanto insaciável, do “mais de gozar”^[6]. No capitalismo há a liberação do gozo. Se o sujeito é colocado no lado do consumidor, ocorre o apagamento da sua subjetividade.

Na sociedade do consumo, as adições de todo tipo adquirem escala de consumo em massa. As compulsões levam cada vez mais jovens adictos, evitando o confronto com o Outro, ao curto-circuito do encontro com o outro. O discurso do capitalismo apaga as subjetividades, o sujeito é soldado ao gozo, ao objeto mais de gozar. Toxicômano é o consumidor ideal, em seu imperativo gozoso, ele curto-circuita o encontro com o outro.

Tarrab comenta que se tomarmos esta indicação na perspectiva das toxicomanias, podemos orientar-nos na complexidade dos problemas que abordamos. Tarrab diz que não se pode falar do gozo com condescendência, que Lacan adverte que não podemos meter-nos com o gozo pensando que isto não terá consequências. Os sintomas contemporâneos são permeados pelos excessos. A toxicomania, a obesidade, os usos sem limites da tecnologia, dos gadgets, os investimentos narcísicos, os jogos de azar, o consumismo desenfreado, denunciam um corpo que consome, se autodevora, goza de si e se autodestrói^[7]. Atualmente, recebemos no CAPS crianças e adolescentes com sintomas decorrentes das novas adições, que não conseguem dormir com medo, com crises de ansiedade, com anorexia, crianças irritadas, agressivas, depressivas, com excesso de jogos on-line, com lesões autoprovocadas, psicóticas, com cortes pelo corpo, uma geração com cicatrizes de um tempo dos excessos. A “toxicomania contemporânea”^[1], segundo Beneti, nos coloca a questionar a atual clínica, em que o excesso de gozo mortífero retira do sujeito o laço social, a palavra. Crianças medicadas com drogas que fazem calar o corpo, dormir, anestesiá-lo. Cristiano Pimenta nos orienta em seu texto sobre esse eixo da VI Jornada, que fomentar a parceria com a palavra é um desafio que se estende além da toxicomania. Muitas vezes no CAPS, ao possibilitar a palavra às crianças e adolescentes, escutamos sobre um tempo ferido pelo excesso de tecnologia, crianças solitárias, perdidas em seus quartos, que sofrem abusos virtuais em silêncio. Recordo muitas vezes a frase de Carrano: “Quem disse que só se morre uma vez?”

REFERÊNCIAS

- ^[1] BENETI, A. A toxicomania não é mais o que era. Revista Almanaque on-line número 09. <http://almanaquepsicanalise.com.br> acesso em 02/07/2025.
- ^[2] HARVEY, D. Condição pós-moderna. São Paulo: Editora Loyola, 1998.
- ^[3] PELBART, P. A vertigem por um fio, políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Editora Iluminuras, 2000.
- ^[4] LACAN, J. Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai 1972, paru dans l'ouvrage bilingue : Lacan in Italia 1953- 1978. En Italie Lacan, Milan, La Salamandra, 1978. (acesso <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1972-05-12.pdf>)
- ^[5] SANTIAGO, J. Droga, Ruptura Fálica e Psicose Ordinária, revista Pharmakon volume 3. <http://pharmakondigital.com.br> acesso em 02/07/2025.
- ^[6] LACAN, J. Radiofonia in Outros Escritos, Rio de Janeiro: J Zahar, 2003, p 411
- ^[7] TARRAB, M. A Época e o Tonel das Danaides Revista Pharmakon volume 1. <http://pharmakondigital.com.br>, acesso em 02/07/2025
- ^[8] LACAN, J. O Seminário, Livro 17, O avesso da psicanálise, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1969/1970/1992.

Lugar e função da fantasia em “A professora de Piano”^[1]

Carlos Alberto de Sá Barros Júnior
Carlosbarrosjr93@gmail.com

O Filme

A professora de piano^[2] é um filme escrito e dirigido por Michael Haneke. Nele vemos Erika, uma professora de piano que vive uma relação conturbada com a mãe que controla sua vida, desde o que irá vestir a que horas deve chegar em casa. Vemos uma relação de amor e ódio entre mãe e filha em que, entre cenas de brigas, agressões físicas e verbais, há demonstrações de afeto e arrependimento. Entre as aulas e a casa onde mora com a mãe, frequenta cabines eróticas, pratica voyeurismo e automutilação.

Em um recital conhece Walter Klemmer, um jovem aspirante à música clássica que se encanta com ela e tenta a qualquer custo ingressar nas suas aulas e em sua vida amorosa. Podemos passar por vários pontos em que o filme demonstra e nos ensina sobre a episteme psicanalítica, porém quero destacar a presença de quase um outro personagem no filme, a fantasia masoquista de Erika que, ao comparecer, funda um desencontro fundamental.

Vamos à cena: em certo momento Erika exige que Walter leia uma carta escrita por ela antes do início de qualquer relacionamento. Ele faz isso, constatando seu conteúdo masoquista, em que Erika exige de seu parceiro que a maltrate, que a castigue, que a espanque, que mande nela, que a amarre etc. Ao final, a professora diz “Eu estava esperando por você”^[3]. Nesse momento se instaura o desencontro amoroso e todas as suas expressões, as quais não darei spoilers.

A questão

Quero destacar essa cena do filme para responder minha questão que caminha junto com o tema das Jornadas *Qual lugar e função da fantasia?*, em específico, no filme *A professora de piano*.

Freud^[4] quando trabalha a fantasia a traz em três fases e três frases. A segunda é a mais importante e se exprime em *Eu estou sendo surrada pelo meu pai*. É a fase/frase mais significativa, mas nunca teve existência real, nunca é lembrada, é uma construção de análise. Ele nos traz o que, para mim, é o central no artigo, a sua interpretação de que *ser espancado* é equivalente a *ser amado*. Um arranjo em torno do amor erótico ao pai. Freud, já portando a noção de pulsão de morte e sua fusão/desfusão com a pulsão de vida, a libido e sua relação com o masoquismo, nos aponta que no mesmo se trata de “[...] uma testemunha e um resquício daquela fase de formação em que ocorreu a confluência – tão importante para a vida – entre pulsão de morte e Eros”^[5]. A ênfase recai sobre a confluência de ambas as pulsões no masoquismo, um enodamento.

Miller destaca que no último ensino de Lacan o significante muda de estatuto, ele mortifica, mas também causa o gozo, o qual teria incidência de gozo sobre o corpo. É o que, segundo o autor, Lacan irá chamar de sintoma e que, de uma certa maneira, isso viria no mesmo lugar do que ele chama de fantasia, “[...] exceto que a fantasia supõe a distinção radical entre a ordem do significante e a ordem do gozo”^[6]. Ou seja, a fantasia seria uma mediação entre essas duas ordens. O lugar da fantasia seria o mesmo de um sintoma, um mediador. Portanto, a leitura possível do texto freudiano *Bate-se em uma criança* seria a revelação da produção de gozo pelo significante^[7].

Dafunchio nos orienta que a fórmula da fantasia conceitualizada por Lacan articula um elemento simbólico, que é o sujeito, e um elemento real, que é o objeto a , e nos diz “Essa é a função do fantasma. Nesse sentido podemos dizer que a função do fantasma é uma função de enodamento entre o simbólico e o real, que implica uma redução do real.”^[8] A autora se questiona qual real seria reduzido na fantasia e para responder esse seu questionamento se serve da tabela da sexuação e aponta que a fantasia se encontra na flecha que sai do lado esquerdo para o direito, do $\$$ para o a . Destacando então que, seguindo a teorização lacaniana à altura do *Seminário 20 Mais, ainda*, a fantasia seria uma abordagem simbólica do real, uma redução do real do Outro Sexo “porque o fantasma mal-diz do feminino”^[9]. Assim, a função do fantasma seria dar uma resposta ao feminino que não tem resposta, dar consistência. Nesse caso, o real que estaria em jogo na redução fantasmática seria o real da feminilidade.

Freud aponta para os *enigmas da feminilidade* em suas conferências, onde destaca a fase pré-ediânica da menina com a mãe e seu desligamento da mesma e profere “A ligação com a mãe acaba em ódio”^[10]. Essa fase e esse afastamento são entrelaçados com a sexualidade no artigo *Sobre a sexualidade feminina* onde Freud nos revela que tal ligação da menina com a mãe é intensa e obscura. O ponto de destaque do texto seria a questão de como ela, a menina, faz a viragem para o pai, ou seja, quais “[...] mecanismos que se tornaram eficazes no afastamento em relação à mãe como objeto amado tão intensamente e exclusivamente”^[11].

Considerações

Portanto, que lugar e função teria essa fantasia para Erika? Retomando a cena destacada em que comparece a carta e o destaque que Miller dá do último ensino de Lacan sobre o significante e o gozo, pode-se responder que essa fantasia viria no mesmo lugar de um sintoma, de um mediador entre as duas instâncias. Em relação à sua função de redução do real da feminilidade, a menina espera mais substância da mãe do que do pai, portanto em relação à feminilidade, ela recorre à mãe, que se depara com o real do irrepresentável do ser mulher^[12].

Para Erika, via fantasia, esse real é reduzido. A aposta aqui é de que tal fantasia é o seu parceiro-sintoma e que também vem no lugar de um terceiro entre ela e a mãe, um *mecanismo* possível do qual se serve para se afastar da mãe, nos revelando talvez o lugar e função mais singular dessa fantasia para Erika, o de convocar um pai, onde ser espancada no inconsciente é equivalente a ser amada. Ser amada por um pai.

REFERÊNCIAS

[1] Trabalho produto do Cartel Fulgurante das VI Jornadas EBP LO. Parcerias Do Falasser. Cartelizantes: Carlos Alberto de Sá Barros Júnior (Mais-um), Luísa Lima Monteiro, Maila Thaiane Reis Rocha, Mara Lúcia Barros Martin, Ruth Cavalcanti Garcia.

[2] A PROFESSORA DE PIANO. Direção: Michael Haneke. Produção de MK2 Productions, StudioCanal. Alemanha, Austria e França. 131 Min.

[3] Ibidem.

- [4] FREUD, Sigmund. Uma Criança é Espancada: Uma Contribuição ao Estudo Da Origem das Perversões Sexuais. In: Uma Neurose Infantil e Outros Trabalhos Vol. XVII, Imago, Rio de Janeiro, 1917-1918, pp. 193-211.
- [5] FREUD, Sigmund. O Problema Econômico do Masoquismo. In: Neurose, Psicose, Perversão. Autêntica, 1924, p. 293.
- [6] MILLER, Jacques-Alain. O Osso de uma análise. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. Bahia, 1998, pp. 99-100
- [7] Ibidem, 4, p.101.
- [8] DAFUNCHIO, Nieves S. Nudos del amor: Para uma clínica de la pareja-síntoma. Buenos Aires, Del Bucle, 2018.
- [9] Ibidem, p. 77.
- [10] FREUD, Sigmund. A feminilidade. In: Obras incompletas de Sigmund Freud. BH. Autentica, 2020. p.314.
- [11] FREUD, Sigmund. Sobre a sexualidade feminina. In: Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte, Autentica, 2020, p.293
- [12] LACAN, Jacques (1972). O Artudito. apud BESSA, Graciela. L. P. Feminino: um conjunto aberto ao infinito. Belo horizonte. Scriptum, 2012. pp. 69-79.

Ele, dele, ela, dela: a gestação.^[1]

Daniel Camelo Rancan
danielrancan@gmail.com

As VI Jornadas da Seção Leste Oeste nos interpela, frente às parcerias sintomáticas, seus encontros e desencontros, a dar respostas, fabular novas perguntas, elaborar outras formas de lidar com essas questões. Uma seção se pondo ao trabalho frente aquilo que interroga a psicanálise.

Partindo das orientações trazidas por Miller:

A sexualidade no ser humano não passa pelo instinto. O ser humano não vai direto ao seu parceiro. Deve passar por todo um labirinto, por dédalos, por um verdadeiro palácio de miragens, por impasses e sua sexualidade é explosiva, problemática, contraditória e no fim das contas podemos dizer, dolorosa. Não há instinto, há funções bem mais complicadas: há o desejo, há o gozo, há o amor. Além disso, tudo isso não se acerta, não se harmoniza, não converge na direção do parceiro que seria o bom, com o qual teríamos a certeza do que é bom.^[2]

É por meio do desejo que o autor delinea um caminho onde a dialética com o Outro opera. A partir de um Outro que deseja é que o meu circuito desejante acontece, podendo assumir diferentes enlaces: O outro como aquele que incita, demanda, perturba, se faz odiar, ou sendo uma bússola que orienta, por meio de limites, obstáculos e proibições, o desejável. Outra parte dessa operação está no gozo, enquanto aquilo que não cessa, exige sem dar sossego – a pulsão, um imperativo que busca fechar o circuito em si mesmo, não dando espaço diretamente ao parceiro sexual. Nessa fronteira entre desejo e gozo está o amor, sustentáculo desses dois lados na relação e produtor da ficção de unidade naquilo que seria um abismo. O amor é dependente de um encontro não determinável de forma antecipatória; a combinação entre desejo, gozo e amor tem o acaso como mestre.

Miller^[3] nos ensina que para a ocorrência do gozo é necessário um corpo. O gozo do corpo se dá por meio do significante, da mortificação à determinação de um regime gozo. Para que se goze do corpo, batê-lo como conta a fantasia freudiana, se chocar com ele, ou as demais articulações significantes em sua multiplicidade com o corpo, ao falasser é reservado a parceria. O parceiro sintoma vem a evidenciar esse lugar do Outro, não como corpo mortificado, mas como vivo, sexuado. Tem no gozo a fundação da relação com o Outro: “[...] o Outro torna-se o sintoma do falasser, torna-se um meio de seu gozo.”^[4] Assim o parceiro aponta para um modo de gozo do saber inconsciente, da relação existente entre a articulação significativa e o investimento libidinal; essa relação é sempre sintomática.

O falasser quando tem como parceiro o objeto a , está do lado homem, parceiro fantasma. Tem um modelo estabelecido de saída, objeto fetiche. Do lado mulher, o objeto é erotomato, a demanda de amor é infinita, escreve-se na estrutura como o Não-todo, retorna o parceiro sintoma como devastação. É a relação entre a justa medida e o excesso^[5]. O parceiro contemporâneo é aquele marcado pelas mutações, seja na

direção de uma igualdade, homem e mulher são sujeitos de direito, da repartição de gozo fabricada pelo discurso jurídico, compondo uma perda do lado mulher. Assume-se, por meio do semblante masculino, o caráter de unidade, o objeto *a*, o gozo não passa pelo amor sem limite^[6].

A proposta de escrita deste texto é fruto de um trabalho de cartel fulgurante do qual fui Mais-um. Tem como objeto de reflexão o atendimento/acompanhamento sócio- assistencial de um casal trans.

Fajnwaks localiza a temática da transgeneridade e das nomeações Queer: “[...] queer é o nome dessa parte do gozo que não se deixa domesticar pelos significantes mestres da sexualidade em curso na civilização”^[7]. A pergunta lançada aqui é: seria a relação aqui abordada uma forma do parceiro contemporâneo?

Tel veio para o atendimento, sua demanda inicial: mudança do nome de registro, retificação pré-nome e gênero - “Me trate pelo pronome ele/dele”, me informou no primeiro contato. Telma passaria a ser seu nome morto. A resolução de um problema antigo: “nasci no corpo errado”. A “transição” foi processual: “[...] a gente já sabe o que não é, mas, assumir aquilo que se pensa ser, leva tempo” Com a retificação de nome e gênero completada, a mastectomia era o próximo procedimento.

Tel, um jovem trans masculino de 26 anos, estudante do último semestre do curso de Direito, vive com Leia, uma mulher trans de 37 anos. Um ano após iniciar o acompanhamento, uma situação que o faz “despencar”, significante dele. Estava grávido, soube com seis semanas: “Sabe, como deixei essa coisa de ser Telma para trás, não me dei conta de que estava atrasado com o ciclo”. Ao longo do mês seguinte, passou por um processo de desnorteamento. Parou o uso do Deposteron, hormônio utilizado para reposição de testosterona.

A relação com Leia foi atravessada por questões como: interrupção da gestação, como seria ter um filho? E como seria Lea como uma mãe? Ao longo dos meses foi tomado pela gestação, ter um corpo que gesta produziu articulações e deslocamentos: “seremos duas mães?” No retorno do atendimento, com 24 semanas de gestação, Tel me disse que gostaria de ser tratado pelo pronome ela, dela.

Não fiz nenhuma pergunta sobre a mudança, apenas consenti com a afirmação. Na semana me mandou uma mensagem, estava confusa. Marcamos um atendimento, na recepção, Telma avisou que era prioritária, estava grávida. O tempo de gestar foi sendo tecido com o reencontro pronominal e uma nomeação de mulher foi surgindo.

A relação conjugal passou a ser tensionada. Passar batom, usar vestido, colocar calcinha, alguma coisa “virou” na relação, afirmou Leia: “amar Telma, uma mulher, era bem diferente de amar Tel”. Seja pela proximidade nas relações cotidianas, cumplicidade das escolhas para a criança, um outro par estava a se formar: “às vezes parece que somos irmãos, meio esquisito isso...e as brigas diminuiram, muito”, afirmou Lea.

REFERÊNCIAS

[1] Trabalho produto do Cartel Fulgurante das VI Jornadas EBP LO. Parcerias Sintomáticas. Daniel Camelo Rancan (Mais-um), Leonara de Paula, Lirya Serafim, Maria Verônica da Silva, Mariana Gesta.

[2] MILLER, Jacques-Alain (1997). A teoria do parceiro. In: Os circuitos do desejo na vida e na análise, Rio de Janeiro, Escola Brasileira de Psicanálise (orgs.), Contra Capa Livraria, 2000, pp. 153-207.

[3] MILLER, Jacques-Alain. As duas formas do parceiro-sintoma. In: O osso de uma análise: o inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro, Zahar, 2015, p.95.

[4] Ibidem, p.89.

[5] MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. Opção Lacaniana online nova série, ano 7, n. 20, 2016. Disponível em: http://www.op-caolacanianana.com.br/pdf/numero_20/Uma_partilha_sexual.pdf.

[6] Opus Citatum, 3, p.101.

[7] FAJNWAKS, Fabián. Despatologizar o sujeito trans e outros ensaios lacanianos, Belo Horizonte: Scriptum, 2023, 27.

Memória viva do parceiro sintoma e a maternidade.^[1]

Fernanda Fernandes
nandaagf@gmail.com

...ela, que por muito tempo pareceu condenada a nunca ir embora, um dia fez isto: escapou de seu destino...

...muitas vezes preferimos nos reencontrar com um sofrimento conhecido...^[2]

O tema de nossas Jornadas nos convoca a estudar o conceito de parceiro-sintoma. O que vemos na escolha amorosa é que nela está implicado o regime de gozo de cada um. Só é possível ao falasser se relacionar com o Outro a partir do seu sintoma, são sintomas que se articulam e se satisfazem.

Tomemos a questão do parceiro-sintoma. É uma nova definição do Outro. É o Outro definido como meio de gozo. Isso concerne ao Outro sob duas formas: primeiramente, o Outro como representado pelo corpo e, em segundo lugar, o Outro como lugar do significante. A promoção do corpo, em Lacan, não anula absolutamente o Outro como lugar do significante, ela coloca, simplesmente, mais em destaque que o significante é, ele próprio, um meio de gozo.^[3]

Sendo assim, escolhi trazer neste trabalho o recorte, um pequeno fragmento de caso. Uma cena descrita pela paciente: ela está saindo do banho, e escuta uma voz se aproximando, entrando no quarto e chamando pelo nome dela. Não qualquer voz, mas a do seu ex-marido. Seu corpo paralisa, fica imóvel e em um estado de angústia muito forte. Demora alguns segundos para “cair a ficha” de que a voz era do seu filho.

Nesta cena a voz do seu filho, ou seja, a voz do Outro toca seu corpo. O objeto voz aparece em sua análise também em outros momentos, todos são significativos, principalmente a de quando estava no início da adolescência e seu pai a chama de “burra”, ao fazer uma escolha diferente da que ele propunha a ela. Este “burra” marca seu corpo, Lena a partir de então assume um lugar de tudo querer saber, e tem algumas conquistas em sua vida. Este pai, de uma profissão de autoridade e autoritário, se fez assim em casa com as filhas também.

Pouco antes da cena descrita acima, Lena estava trazendo em suas sessões as angústias com este filho. Ele, um jovem adulto, dependente dela e muito deprimido. Após o relato da cena, ela começa a dizer do grande incômodo com as semelhanças do filho com seu pai, seu ex-marido. Os gestos, o comportamento e a voz são muito parecidos. Lena descreve este casamento como uma relação que trouxe sofrimento, “hoje é o que chamam de relacionamento abusivo”. Um casamento que durou 13 anos, ele, um marido muito ciumento, autoritário, limitando suas atitudes e criticando alguns comportamentos. Mesmo estando separada há 17 anos, relata suas dores e dificuldades vividas nesta relação, suas falas acontecem com muita angústia e por vezes mal estar físico.

Suas principais queixas em análise são as dores no corpo, dificuldades com o meio social e uma tristeza que a acompanha desde sempre. Ela chama de “melancolia”, e aparece de maneira constante em suas sessões após esta cena. Outra questão que surge após seu relato é sua relação com sua mãe, onde se queixa da falta de afeto e das muitas “surras” da infância. Intitulei de memória viva este texto para apontar as marcas em seu corpo desta relação que aparece em sua voz, em seus relatos, não apenas como uma lembrança vivida.

Lacan nos diz que na rememoração está a repetição, como também há satisfação no sofrimento do sintoma, uma satisfação que implica o objeto a^[4]. Como mencionei no início, a escolha amorosa implica o regime de gozo de cada um, ou seja, também o que se repete do sintoma de cada um. Questiono se há alguma coisa de repetição nesta relação de mãe e filho, pois algo desta relação faz rememorar todo sofrimento vivido no casamento. Outro ponto de questionamento: há devastação nesta relação vivida? Seria possível falarmos da posição feminina na devastação em uma história vivida anos atrás em que só a memória se faz presente no tratamento? Ou ainda, ao descrever suas angústias na relação com seu filho, onde há sofrimento, podemos pensar que existe uma devastação desta mãe na relação com este filho?

“Quando falamos de uma mulher devastada, vários exemplos nos vêm à cabeça, alguns onde a devastação é um traço da relação entre mãe e filha e em outros nos quais ela é um traço da vida amorosa da mulher”^[5], o traço se presentifica na persistência e repetição em suas relações afetivas, poderíamos pensar que há uma repetição na relação mãe e filho?

São muitos os questionamentos neste texto, justamente para apontar o que podemos pensar da repetição existente na parceria sintomática, em como ela vai surgindo nas relações afetivas do sujeito e nos mostra os caminhos do sintoma, que chamei de regime de gozo. A parceria sintomática nos mostra o caminho percorrido do sintoma para além da relação amorosa descrita pela história contada pelo falasser. E pensando na direção do tratamento deste caso, após um trabalho de supervisão, se dá justamente pela pontuação destes significantes que marcaram o corpo, para que ressoe e possibilite algo novo na história já vivida pelo sujeito.

Numa análise trabalhamos com a verdade mentirosa, a construção da história vivida do sujeito. Em minha escuta clínica recolhi fragmentos deste caso que trazem as marcas significantes no corpo desta paciente, pontuados em três momentos: a relação com o marido, a fala marcante do pai e a relação com sua mãe, como também as consequências na relação mãe e filho. Entre a mulher e a mãe, os resquícios da parceria-sintomática.

Sendo assim, “Analisar o falasser demanda jogar uma partida entre delírio, debilidade e tapeação. É dirigir um delírio de maneira que sua debilidade ceda à tapeação do real...há lembranças. Mas nada atesta a autenticidade de alguma delas. Nenhuma é final. O chamado retorno do recalcado é sempre arrastado no fluxo do falasser, no qual a verdade se revela incessantemente mentirosa.”^[6], é com esta verdade construída em análise que se dá o trabalho analítico, tecendo o caminho para que o sujeito tenha a possibilidade de construir algo de diferente com o que chamei de memória viva.

REFERÊNCIAS

^[1] trabalho produto do Cartel fulgurante das VI Jornadas EBP – Seção Leste-Oeste, inscrito com o tema: o parceiro sintoma e o parceiro devastação. Tem como integrantes: Fernanda Fernandes (MS) Mais Um, Livia Bicalho Porto Pimentel (ES)

^[2] LOUIS, Édouard. Monique se liberta. Tradução de Marília Scalzo. São Paulo: Todavía, 2024, página 13.

^[3] MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise: o inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015, página 58.

^[4] LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 158

^[5] DRUMMOND, Cristina. Devastação. Opção Lacaniana Online. 2011.

^[6] MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise: o inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015, página 87.

Discurso do capitalista e economia do gozo na adicção

Fabício Pinto
fabicio.martinspinto@gmail.com

No fim dos anos 1960, Lacan^[1] retoma a economia subjetiva pela economia política, destacando da primeira o elemento em homologia com o mais-valor de Marx^[2]: o objeto *a*, apresentado como mais-de-gozar e definido pela “[...] *função da renúncia ao gozo sob o efeito do discurso.*”^[3]. Aqui, o objeto *a* é tomado do ponto de vista simbólico, conceituado negativamente como perda resultante do encontro da vida pulsional com o limite e a proibição constitutiva da subjetivação através do Outro e da Lei. Mas a importância do objeto *a*, segundo nos parece, é que através dele se articula a busca de recuperar o que foi renunciado e limitado, pela qual o objeto *a* pode se positivar como parte de excesso em circulação, operando como “[...] *condensador para o gozo [...]*”^[4], ora como resto real da simbolização, ora como promessa de gozo imaginarizado em objetos empíricos. Assim o mais-de-gozar é, a um só tempo, “não mais gozar” e “um gozo a mais”.

Afinal, para considerar o gozo excluído da experiência, totalmente negativado sob a perda, o veto, o limite, a Lei e a proibição, bastaria o conceito de *das Ding*^[5]. Já o objeto *a* permite articular um pedaço deste gozo infiltrado sem transgressão heróica, onde o gozo não coabita com a morte apenas como limite extrínseco, mas está nas mortificações ordinárias da vida. É o que observamos na apresentação do objeto *a* através da economia política, quando, segundo Miller, o mais-de-gozar estende os objetos *a* “[...] *a todos os objetos da indústria, da cultura, da sublimação, [...]*”^[6] – trata-se do *gadget* como promessa mercadológica de que se pode comprar esse objeto *a* que, axiomatizado na equivalência universal do dinheiro, é reificado como objeto de consumo, de onde a ascensão do objeto *a* ao zênite social^[7]. Mais que fenômeno social, essa ascensão do objeto *a* ao zênite, como condensador de gozo e como parte de excesso em circulação enquanto um “gozo a mais”, define a economia de várias experiências de sofrimento psíquico contemporâneas. Pois as formas em que se expressam parecem ser menos a do sintoma como a metáfora da renúncia, e mais na forma de modalidades de gozo às expensas do Outro, nas quais a busca por satisfação ultrapassa mediações e adiamentos psíquicos. Em seu excesso, indicam o declínio do desejo como tratamento simbólico para o limite ao gozo^[8].

Dentre as experiências de sofrimento que exemplificam isso, destacamos as adicções, sobretudo as que não envolvem substância, ligadas ao comprar e o jogar. Mostrando a independência das propriedades químicas do objeto, explicitam que a adicção é indissociável da economia subjetiva e política. Na adicção, não se trata de um sintoma ou do desejo, mas de uma modalidade de gozo que, indica Lacan,^[9] rompe o casamento com o “pequeno pipi”, isto é, com o gozo fálico – ou, como uma vez designou Miller^[10], renunciando a ideia de Um sozinho, trata-se de um gozo cínico. É preciso mapear o cinismo desse gozo e, como a economia subjetiva é indissociável da política, isso pode ser feito mapeando o cinismo do próprio modo de produção que nos subjetiva. Daí a relevância de retomar a experiência da adicção pelo discurso do capitalista, aludido no seminário 17^[11] e sistematizado a partir de um ato falho de Lacan^[12] ao escrever o discurso do mestre.

No discurso do capitalista, há uma inversão: o significante mestre (S1) passa a ocupar a posição da verdade e o sujeito (\$) a do agente — o saber (S2) se preserva no lugar do Outro e o objeto a , como mais-de-gozar, no lugar do produto, como no discurso do mestre. Há também uma torção lógica expressa nos vetores, revelando outra circulação. Enquanto no discurso do mestre há uma disjunção entre o produto (a) e a verdade (\$), no discurso do capitalista vai-se do agente (\$) à verdade (S1), depois ao outro (S2) e ao produto (a), e de volta ao agente, não havendo interrupção na circulação. Admitindo correspondências diagonais entre termos não vizinhos no discurso — o vetor direto do produto (a) ao agente (\$) —, seu refluxo é autônomo. Essa sutil inversão, diz Lacan, “[...] *basta para que isso ande como sobre rodinhas, não poderia andar melhor, mas, justamente, anda rápido demais, se consome, se consome tão bem que se consuma.*”^[13]

Trata-se aqui de um modo de subjetivação sem mediação entre objeto a e sujeito, um discurso que já não aparelha a impossibilidade, mas libera o excesso e o gozo: por isso mesmo, seria mais um *pseudodiscurso*. E a adicção, enquanto tal, pode ser compreendida na forma de uma das experiências em que o objeto a se positiva como objeto de consumo, e, sobretudo, de consumação pelo gozo — notável nas adições ao comprar e ao jogar. Pelo discurso do capitalista, o cinismo da economia desse gozo na adicção se apresenta por um rompimento com o Outro e declínio do desejo como tratamento simbólico para o limite ao gozo, que, tal qual resultaria na perda do objeto a . Declínio que se complementa na ascensão do gozo, ofertado no discurso do capitalista enquanto “um gozo a mais” no objeto a como *gadget* — seja a mercadoria, o jogo, a substância, a imagem.

Certamente, o excesso do gozo na adicção tem afinidades com o gozo desmedido na psicose: aliás, nessa direção, Lacan^[14] destaca a *Verwerfung* na definição do discurso do capitalista. Porém, se nem por isso a relação entre adicção e psicose é necessária, cabe especificar os rompimentos com o Outro que esse gozo efetua. Na clínica, observamos que há casos em que se vive, na adicção, em função de uma promessa de gozo, enquanto em outros há alguma certeza naquilo que se goza. No caso da promessa, a ruptura com o Outro e a consumação no gozo anestesia a realidade momentaneamente, mas sem recriá-la propriamente. Seria essa uma pista para distinguir a adicção em caso, ou não, de psicose, quando lidamos com modalidades de psicose que nem sempre se revelam em fenômenos positivos?

REFERÊNCIAS

- [1] LACAN, Jacques. (1968-1969). O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- [2] MARX, Karl. (1867). O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.
- [3] LACAN, Jacques. (1968-1969). O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p.19.
- [4] LACAN, Jacques. (1967). Alocução sobre as psicoses das crianças. In: _____. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.366.
- [5] LACAN, Jacques. (1959-1960). O Seminário, livro 07: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- [6] MILLER, Jacques-Alain. (2012). Os seis paradigmas do gozo. Opção lacaniana, v. 26, n. 27, p. 87-105, 2012, p.36.
- [7] LACAN, Jacques. (1970). Radiofonia. In: _____. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- [8] MILLER, J.-A. & LAURENT, E. (1997). Goces sin otro. In Goralí, V. (compilação). Estudios de anorexia y bulimia. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca EBP, mimeo.
- [9] LACAN, Jacques. (1975). Encerramento da Jornada de Estudos de Cartéis da Escola Freudiana. Pharmakon Digital, n. 2, 31-36, 2016.
- [10] MILLER, Jacques-Alain. (1989). Para uma investigação sobre o gozo autoerótico. Pharmakon digital, n. 2, 2016.
- [11] LACAN, Jacques. (1969-1970). O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- [12] LACAN, Jacques. (1972). Do Discurso Psicanalítico. Conferência de Lacan em Milão em 12 de maio de 1972. Tradução: Sandra Regina Felgueiras, 1972.
- [13] LACAN, Jacques. (1972). Do Discurso Psicanalítico. Conferência de Lacan em Milão em 12 de maio de 1972. Tradução: Sandra Regina Felgueiras, 1972, p.18.
- [14] LACAN, Jacques. (1972). Estou falando com as paredes. In: _____. Estou falando com as paredes — Conversas na Capela de Sainte-Anne, 1971-1972. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

O que transmite o testemunho de passe de Marta Serra Frediani sobre a devastação?^[1]

Luisa Carvalho Miranda de Lima
lu_cml@hotmail.com

Apesar de não ser um conceito lacaniano, o tema da devastação é um fenômeno clínico relevante, afinal faz parte da estrutura do desejo da mãe e sua aparição é reconhecida como um efeito dessa estrutura, pois uma mãe é também uma mulher. Consiste em um fenômeno frequente na clínica e não é raro encontrá-lo também nos testemunhos de passe de colegas da escola, que considero um veículo importante para entender sobre conceitos e fenômenos, em psicanálise. Portanto, escolhi o testemunho de passe de Marta Serra (ELP/AMP), AE¹ no período de 2017-2020, para estudar sobre a devastação no singular de seu caso, pois trata-se de um tema presente em diversos sujeitos e situações.

Marta Serra apresenta, em sua segunda demanda de análise, a seguinte formulação endereçada ao analista: “me ajude a amar somente um homem”^[2]. Essa demanda obedecia a um curto circuito insuportável de “compulsão a sedução”^[3] com todos os homens, ao se fazer de *objeto a*, ser desejada/devorada. O sujeito em questão era o objeto *jamón*², produzido como o *resto* de um encontro traumático entre palavras e o corpo – em um jogo na sala, o pai de Marta tocava com os dedos suas pernas como se fossem bichinhos e, depois, a mãe interrompe dizendo que “Assim não se brinca”.

Seu *ser jamón* foi uma saída de tipo mascarada para a ausência de definição de seu *ser*, saída esta que toma as coordenadas também a partir da identificação com o traço “ser bonita, ser simpática”^[4] como sua mãe, bem como uma frase dita por ela enquanto Marta^[5] era ainda criança: “os homens comem nas mãos das mulheres bonitas”. Marta tomou esta frase do avesso: “as mulheres bonitas são comidas pelos homens”.

Há homens que devastam uma mulher, porém não se trata disso aqui. Marta Serra se oferecia como um *objeto a* para tamponar o vazio e castração dos homens, e esta é a mesma estrutura do estrago que também sustentava sua relação com mãe pois, na separação do casal, Marta ocupou o lugar de “guarda-costas”^[6] da mãe e transformou-se em sua companheira diária de cama e trabalho. Ao mesmo tempo, uma cena de um sonho de angústia vem elucidar o que acontecia na vida psíquica de Marta: no sonho tentava esconder um homem de sua mãe, mas ele sempre escapava. Este homem era Marta, mas eram também os homens de sua vida real por quem se interessava, numa tentativa de ser não-toda para o Outro materno devorador.

1 A sigla AE significa Analista da Escola.

2 *Jamón* é o nome, em espanhol, de seu *ser* como objeto. Preferi não traduzir para preservar sua singularidade.

A ideia de que uma filha pode ser tão viril quanto um filho foi sustentada pela mãe, a qual não cansava de afirmar que Marta poderia vir a ocupar o lugar de seu pai na empresa familiar, bem como teria a função de vivificar o pai mortificado. Marta, por sua vez, se dedicava também a isso, na tentativa falha de completar o Outro.

Este caso nos mostra que na devastação o que está em jogo é o *ser* como objeto e a identificação fálica, ambos como tentativas falhas de completar e saturar o Outro e, por fracassar, nos dá notícias de que se trata de um caso de neurose. Marta escreve em seu testemunho de passe que, desde o princípio, privou o casal parental da satisfação completa de ter um filho homem, e isto pode ser verificado através do dito paterno “Outra filha!”^[7], que foi repetido diversas vezes por sua mãe, a qual não conseguia esconder sua decepção. Portanto, este dito paterno cumpriu a função de diferenciar Marta, com seu sexo de mulher, e de marcar que ela é incapaz de satisfazer plenamente sua mãe, servindo assim como Nome do pai na estrutura. Apesar disso e com isso o excesso deixou sua marca através do supereu materno de *ser* o objeto que completaria a falta do Outro.

Este fragmento lança luz sobre a citação de Lacan^[8]: “Para este gozo de *ser* não toda, quer dizer, que a faz em alguma parte ausente de si mesma, ausente em tanto sujeito, a mulher encontrará o tampão desse α que será seu filho”. O gozo não-toda, na parte que não diz respeito ao falo, mas sim ao gozo sem palavras, um gozo silencioso, temos o excesso e não a falta, pois o falo não mostra seus efeitos nesse ponto. Assim, tornar-se mãe pode ser uma tentativa de uma mulher de resolver este gozo ausência com seu filho no lugar de objeto, e isto é devastador para o filho.

É possível também pensar que Marta fazia parceria com o supereu ao tornar imperativo os ditos maternos e com isso se fazer de *objeto a* a ser devorado pelos homens. Trata-se, portanto, de uma parceria de gozo e sem amor. É um se fazer desejar a qualquer custo, por todos, e isso a impedia de amar um homem e se fazer amada. A devastação e o supereu são próximos, pois ambos ocorrem no silêncio e no sofrimento.

REFERÊNCIAS

- [1] Trabalho produto do Cartel fulgurante das VI Jornadas EBP LO. Parceiro fantasma e parceiro devastação. Cartelizantes: Aline Tatiana, Isabelli de Carvalho, Luisa Carvalho (Mais-um) e Thais Foizer.
- [2] FREDIANI, Marta Serra (2021). El psicoanálisis en singular: un recorrido. Ned ediciones, 2021, p28.
- [3] Ibidem, p.31
- [4] Ibidem, p30.
- [5] Ibidem, p.25
- [6] Ibidem, p.26.
- [7] Ibidem, p.25.
- [8] LACAN, Jacques. (1972/1973). O seminário livro 20, mais ainda. Rio de Janeiro, Zahar, 2008, p.41

Pode o sujeito das margens ser mais do que suas cicatrizes?^[1]

Letícia Prego Fonseca de Lima
leticiapregorh@gmail.com

Afinal, quem sou eu senão um sujeito dividido, constituído pela linguagem e atravessado pelo desejo do Outro? Quem sou eu enquanto existência marcada por uma falta estrutural, tentando localizar-se em um mundo que insiste em me oferecer apenas lugares pré-fabricados, sustentados por regras morais que o tempo já deveria ter deixado para trás?

Viver hoje, como parte de uma minoria, é sentir na pele os efeitos de um discurso que se diz moral, mas que opera como o discurso do Mestre: aquele que normatiza, exclui, julga e cala. Esse Outro – social, religioso, político – aponta o dedo e exige que eu me submeta ao seu desejo, um desejo que, ao invés de acolher, me escarnece, me reduz, me desnuda e expõe minhas feridas como espetáculo.

Mas até onde vai essa demanda para que eu seja o que o Outro deseja? Estou fadada a gozar no lugar do objeto que satisfaz esse Outro? A buscar, de forma quase masoquista, um gozo que se realiza justamente na renúncia ao que sou? Que gozo é esse, senão aquele que se nutre da alienação, da negação de meu próprio desejo em nome da aprovação alheia? Gozo, talvez, por me manter em personagens, por sustentar fantasias que jamais me representaram.

A ilusão do “eu”, me seduz, mas também me prende. E nesse espelho social, nunca sou o que desejo ser, apenas o reflexo do que esperam de mim. O preço de viver na cena do Outro é alto, pois acabo sendo impedida de falar com a minha própria voz.

Sinto que aquilo que parecia ter sido conquistado, começa a escapar por entre os dedos, à medida que os antigos fantasmas retornam: aqueles que sempre estiveram no escuro, agora saem à luz, travestidos de moralidade e religiosidade, impondo-se e fazendo barulho.

Será que cederei ao desejo do Outro, à norma que me apaga? Ou serei capaz de sustentar meu desejo, mesmo que isso me exclua do campo da aprovação social? Lacan^[2] ensina que não há sujeito sem falta, sendo assim a única posição possível diante da alienação é não ceder quanto ao meu desejo.

A música *AmarElo*, do Emicida^[3] na qual utiliza o sample de Belchior (“Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”), retrata um ato de resistência das minorias diante das injustiças sociais sofridas pelas populações periféricas, LGBTQIAPN+^[4] negras e tantas outras. Ao longo do meu caminho, percebi como é importante reconhecer e valorizar a diversidade que existe dentro da comunidade LGBTQIAPN+, a sigla vai muito além de um conjunto de letras, ela representa diferentes formas de viver, amar e se expressar que muitas vezes não são vistas ou compreendidas pela sociedade.

No trecho: “Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes, elas são coadjuvantes não, melhor, figurantes, que nem devia tá aqui, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes, tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós? Alvos passeando por aí”^[5] representa para mim a recusa do sujeito em construir sua identidade a partir da dor. Vejo um sujeito que, apesar do sofrimento e das perdas que carrega, não quer ser definido por isso. Ele luta para manter vivo o seu desejo de ser, de viver, de se reconhecer para além dos traumas.

A arte dá voz à dor silenciosa que as indiferenças nos impõem, é por ela que nos reconhecemos no outro, espelhando em histórias alheias as feridas que também nos atravessam. Assim como na arte, encontrei espaço na análise para me escutar de verdade. Aos poucos, fui percebendo que a dor não precisava ser o centro da minha existência, mas que também sou desejo, falta e movimento.

No encontro entre analisando e analista, nasce um espaço único, feito de escuta e presença. Ali, não se trata apenas de ouvir o que é dito, mas de escutar o que há de mais íntimo, enigmático e inconsciente em cada sujeito. No “divã”, é fundamental que o analisando se sinta verdadeiramente acolhido, num ambiente onde possa falar livremente, sem medo de ser julgado, sem censuras e longe das pressões sociais que insistem em dizer como devemos ser ou o que devemos sentir.

Mas é importante lembrar que esse espaço não é feito apenas de acolhimento suave. A análise não é um lugar para se acomodar, mas para se transformar. Ela não serve para ajustar o sujeito às normas, nem para oferecer respostas prontas ou fórmulas de felicidade. Em muitos momentos, ela exige coragem para enfrentar aquilo que se repete, que se esconde, que dói. E é justamente nesse processo, muitas vezes desconfortável, outras vezes libertador, que o sujeito pode se reconhecer, se responsabilizar por seu desejo e encontrar formas mais próprias e menos sofridas de viver. A análise, no fundo, é esse caminho pessoal, íntimo e profundo de volta a si mesmo.

Ao questionar “Pode o sujeito das margens ser mais do que as suas cicatrizes?”, lembro do que o Emicida canta em *AmarElo*: “Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes...”. Isso me faz pensar que as dores não devem ser protagonistas da nossa narrativa, e que, por meio da análise, podemos resgatar nossa voz silenciada, encontrando uma identidade que vai além do sofrimento e da exclusão”.

REFERÊNCIAS

^[1]Trabalho produto do Cartel Fulgurante ARTE, POLÍTICA, SINTHOME. Cartelizantes: Ezequiel Martins Ferreira (Mais-Um), Andrea Palmerston, Leticia Prego, Ludmylla Domingues Siqueira Ortega, Renata Silveira Wyant.

^[2]LACAN, Jacques. O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

^[3]EMICIDA. AmarElo. In: AmarElo – É Tudo Pra Ontem. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Música.

^[4]A sigla LGBTQIAPN+ tem sido amplamente adotada em contextos acadêmicos, políticos e sociais como uma forma de representar a diversidade de orientações sexuais, identidades e expressões de gênero. Cada letra da sigla corresponde a um grupo específico dentro da comunidade: L – Lésbicas; G – Gays; B – Bissexuais; T – Pessoas Trans (travestis, transexuais e transgêneros); Q – Queer (pessoas que não se enquadram nas normas heterocisnormativas de gênero e/ou sexualidade); I – Intersexo (pessoas que nascem com variações corporais que não se adequam às definições normativas de masculino ou feminino); A – Assexuais (pessoas que sentem pouca ou nenhuma atração sexual); P – Pansexuais (pessoas que tem atração sexual ou romântica por todas as identidades de gênero); N – Não-binária (pessoas que sentem que seu gênero está além ou entre a convencionalidade de homem ou mulher e pode defini-lo com outro nome e de maneira totalmente diferente), podendo também incluir agênero e arromântiques, a depender do contexto + . Representa outras identidades de gênero e orientações sexuais não contempladas explicitamente na sigla. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh>.

^[5]EMICIDA. “AmarElo”. In: AmarElo. Lab Fantasma. Verso: “Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes...”, 2019.

O amor no tom do excesso^[1]

Ruth Cavalcanti
ruth.cavalcanti.garcia@gmail.com

A arte e a cultura têm o papel de refletir e revelar conteúdos inconscientes. Segundo Freud, os artistas podem descrever as condições segundo as quais as pessoas fazem sua escolha de objeto porque “dispõem de algumas qualidades que os habilitam a realizar essa tarefa, sobretudo de sensibilidade para perceber movimentos psíquicos ocultos em outras pessoas e coragem para fazer seu próprio inconsciente falar”^[2].

A música popular, especialmente a chamada música sertaneja, tem um papel central na produção cultural brasileira e, cada vez mais popular nos últimos anos, vem descrevendo a experiência amorosa numa perspectiva marcada pela dor, pelo excesso e por uma forma de denúncia. Mais do que sofrer, é preciso falar sobre isso em versos que expõem a devastação e criam na audiência uma identificação no sofrimento.

O nosso objetivo neste artigo é desenvolver a relação entre compositores e cantores desse gênero musical e as diferentes formas de parceria sintomática que se estabelecem na criação artística e na reprodução desse conteúdo, principalmente na sua exposição, em performance para o público. E ao mesmo tempo questionar: haveria uma parceria sintomática entre artista e plateia?

A devastação feminina e o parceiro-sintoma

Com um novo protagonismo das mulheres, a voz feminina registra o tom de “sofrência” que predomina no gênero musical. Nessa vertente, revela-se o amor como sintoma da posição da mulher no discurso amoroso. Se na parceria ela toma o Outro como um meio de gozo, o Outro torna-se seu sintoma. Ele é o seu modo de gozar do inconsciente, do seu saber e do corpo do Outro^[3].

Acompanhando o ensino de Lacan, sabemos que como suplementar ao gozo fálico, o gozo feminino se relaciona a um além do significante, colocando a mulher mais aberta aos enigmas do amor em excesso. Na relação amorosa, a mulher pode se colocar como toda para o Outro. Essa entrega radical, da dimensão do gozo, pode levá-la a uma posição de devastação, como consequência de uma lógica amorosa em que ela se apaga como sujeito. Eulálio lembra que o sujeito feminino, ao se localizar do lado mulher das fórmulas da sexualização, pode se inscrever pelo viés de “um gozo sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada, a não ser que o experimenta”, nas palavras de Lacan^[4,5]. É uma experiência que toca o real sem palavras que ao ser cantado, se simboliza parcialmente, fazendo uma espécie de suplência de sentido.

Algumas letras de canções muito populares revelam esta posição com bastante clareza. Marília Mendonça canta:

E o que vai ser de mim? E o meu assunto que não muda?

Minha cabeça não ajuda

Loucura, tortura

É tipo um vício que não tem mais cura

E agora, de quem é a culpa?^[6]

Naiara Azevedo relata a cena da traição descoberta:

Mas eu não vim atrapalhar sua noite de prazer

E pra ajudar a pagar a dama que lhe satisfaz

Toma aqui uns 50 reais^[7]

Calcinha Preta canta:

Você não vale nada, mas eu gosto de você^[8]

O excesso do gozo sem medida aparece no laço danoso que apesar de reconhecido se repete, na devastação velada pelo tom de empoderamento e na parceria colocada como um vício do qual o sujeito não consegue se afastar.

Essa repetição do circuito amor em excesso-amor não correspondido-dor-ciúme-traição revela a posição feminina nas relações: a demanda por palavras e atos de amor não encontra o reconhecimento procurado e marca uma forma particular de gozo.

E quando é o homem que canta?

A música sertaneja, especialmente no tom da sofrência também é cantada por homens. Estariam eles inseridos no mesmo registro de gozo que as mulheres? Lacan explicita a diferença sexual a partir do gozo fálico e do gozo não-todo fálico, correspondentes às posições masculina e feminina, em que ambos podem ou não se colocar na posição fálica. Ao se localizar no lado feminino das fórmulas, o homem também pode estabelecer uma relação com o gozo Outro.

“Um homem quando ama é uma mulher”, a citação de Pierre Naveau feita por Leda Guimarães apoia-se na formulação de Lacan: o que determina a posição de amante é a condição de castrado^[9].

A sustentação de uma posição masculina implica numa desvalorização da vertente do amor e na prevalência da vertente erótica na constituição das parcerias, como um mecanismo defensivo fundamental para sustentar a identificação viril enquanto dotado de falo^[9].

Mesmo mantendo o traço perverso da sua fantasia sexual, os homens acabam escolhendo uma mulher como seu objeto de amor privilegiado. E quando amam são como uma mulher. Neste sentido, os versos e o canto dos homens também expressam essa mesma posição na parceria sintomática.

O público como parceiro sintoma

E como entra o público nessa parceria? Pode ter a posição de um outro parceiro sintoma? Nas letras citadas e em várias outras de igual sucesso popular, o ato de cantar promove uma certa suplência simbólica e oferece uma via de elaboração das experiências amorosas. O que não pode ser dito ao outro é levado ao público como um discurso, tornando a audiência uma segunda parceria sintomática. O gozo vira espetáculo e cria identificações coletivas.

Miller ensina que existem dois efeitos do significante no corpo: a mortificação e a produção do mais-de-gozar. “Se o significante mata o gozo, da mesma forma o produz”^[10]. O discurso de “sofrência” trata o gozo, faz uma simbolização do choque com o real e, ao mesmo tempo, cria gozo, na experiência de levar o discurso e envolver a audiência numa grande experiência de gozo.

Da devastação à enunciação

A música trazida pela mulher “sertaneja” contemporânea, com sua linguagem simples, direta e melodramática, dá uma forma simbólica à dor que a devasta, cumprindo o papel da arte: diz sobre o indizível, o incurável, o sem medida e, ao mesmo tempo, toma o ouvinte como um segundo parceiro sintomático, que sucede o da parceria amorosa, real ou fantasiada, sem o qual a cena e seus efeitos não seriam possíveis.

BIBLIOGRAFIA

- [1] Trabalho produto do Cartel Fulgurante das VI Jornadas EBP LO. (Parcerias do Falasser).Cartelizantes: Maila Rocha, Mara Lúcia, Luísa Monteiro, Carlos Filho.
- [2] FREUD, Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem. São Paulo, Cia das Letras, 2013, p. 335.
- [3] MILLER, J.A. O Osso de uma análise. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. Bahia. 1998, p. 57
- [4] EULÁLIO, A. Amores loucos, A devastação materna e nas parcerias amorosas. Belo Horizonte, Ed. Artesã, 2020, p. 48
- [5] LACAN J., Seminário, livro 20: mais, ainda. (1972-1973), Rio de Janeiro, Zahar, 2008, p. 80
- [6] MENDONÇA, M. (2017). De quem é a culpa. In: Realidade, Som Livre.
- [7] AZEVEDO, N. (2016). 50 reais. In: Totalmente diferente, MM Music.
- [8] PRETA, C. (2009). Você não vale nada. In: Volume 20 (ao vivo).
- [9] GUIMARÃES, L. O parceiro amoroso da mulher atual, Opção Lacaniana, ano 2, n° 5, julho 2011, p. 1-2
- [10] MILLER, J.A. O Osso de uma análise. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. Bahia, 1998, p. 54

Algo pior do que um sinthoma

Renato Carlos Vieira (EBP/AMP)
rcvie@hotmail.com

No intervalo de um momento de lazer, Lacan vai a Milão e decide fazer uma conferência com um título que ele afirmou ser completamente louco: *A Psicanálise em sua Referência à Relação Sexual*. Instantaneamente, os jornais divulgaram a seguinte manchete: “Para o Doutor Lacan, as damas, le donne, não existem!”^[1]

Na lição de 13/02/1973 do Seminário 20, Lacan afirma que “se a relação sexual não existe, não há damas”^[2]. Com efeito, é do lado das damas – da elaboração do não-todo, que a questão da relação sexual poderia se esclarecer. Isso o motivou a tentar fazer aparecer algo novo sobre a sexualidade feminina e a propor que, em termos da relação sexual, alguma coisa sempre rateia.

Neste sentido, Lacan localiza que há a maneira masculina de girar em torno, e depois a outra que, em 1973, estava em processo de elaboração como a maneira feminina, isto é, à maneira do não-todo. Ratear, esclarece Lacan, é a única forma de realização dessa relação que não existe. Portanto, dizer tudo tem sucesso não impede de dizer não-tudo tem sucesso, pois, da mesma maneira, isso rateia. Logo, não se trata de analisar como isso tem sucesso. Trata-se de distinguir o porquê isso rateia^[3].

Por outro lado, no Seminário 23 – o *sinthoma*, Lacan afirma que o sinthoma é uma mulher. Por conseguinte, Lacan diz que se uma mulher é um sinthoma para todo homem, então é preciso encontrar um outro nome para o que o homem é para uma mulher: “... pode-se dizer que o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior do que um sinthoma”^[4]. Portanto, para Lacan, uma aflição pior do que um sinthoma é uma devastação.

Segundo Miller, na devastação há uma pilhagem que se estende a tudo, que não termina, que não conhece limites, e é em função disso que um homem pode ser o parceiro-devastação de uma mulher, para o melhor e para o pior. “Um homem pode ser uma devastação para uma mulher, mas pode ser, também, o modo como acontece seu deslumbramento”^[5].

Com efeito, aprendemos com Miller que o parceiro-sintoma do falasser feminino tem a forma da erotomania. O amor, para ela, é tecido no gozo. Em outras palavras, temos aí a prevalência da ilimitação do gozo para que o Outro a ame.^[6]

Sendo assim, a devastação se presentifica como sendo a outra face do amor, é o retorno da demanda de amor, o que quer dizer que é como um sinthoma, exceto que tem um índice de infinitude.

Vale destacar que o parceiro-sinthoma na vertente masculino tem algo de localizado e possível de identificação. Contudo, do lado feminino o parceiro-sinthoma, por ser marcado pelo infinito da estrutura do *Não-Todo*, toma a forma da devastação^[7].

Em Televisão, Lacan diz que não há limites às concessões que cada uma mulher faz a um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens^[8].

Nos tempos que correm, a partir de uma escuta orientada pela psicanálise, observamos que é cada vez mais frequente os casos em que um homem atua como parceiro-devastação para uma mulher, como algo pior do que um sintoma, ao invés tomar uma mulher como parceiro-sintoma. Podemos pensar que este pior aponta para uma dimensão mais além do que é um sintoma clássico, ou seja, aqui trata-se do parceiro-sintoma na perspectiva do gozo. Por conseguinte, do lado feminino, de um modo de gozo ilimitado. Mais ainda, de um gozo desenfreado.

Caso B.B. Beth, 54 anos, vítima de violência doméstica, procura atendimento para falar sobre o seu filho Bento, 31 anos, que é dependente químico e lhe causa sucessivas agressões. Ela o trata como um bebê que precisa de cuidados para não morrer.

Bento é filho único de um relacionamento tóxico. Os pais de Beth queriam ter um filho homem. Eles tiveram três filhas. Quando Bento nasceu, os pais de Beth decidiram assumir sua guarda face ao relacionamento tóxico de Beth.

Aos 15 anos Bento já estava no mundo das drogas e nas sucessivas tentativas de recuperação. Em uma de suas internações, Beth conheceu e passou conviver com o cuidador de Bento. Quinze anos depois eles seguem morando juntos.

Por sua vez, Bento, em uma de suas internações, conhece e passa a se relacionar com Betina que também faz uso abusivo de drogas. Todos estão sob o mesmo teto. Na cena de consumo, Betina comprou cocaína e Bento, insaciável, queria mais. A violência explode e o caso vai parar na polícia e gera uma tripla demanda de medida protetiva.

Bento, além de agredir Betina, agride a mãe e no dia seguinte, ao culpabilizar Beth o companheiro a agride fisicamente.

Desta vinheta, extraímos que Beth manifesta e mantém um amor incondicional que ressoa como algo pior do que um sintoma. Vale recordar que, segundo Miller, o segredo do masoquismo feminino é a erotomania. “Que ele me bata não é o que conta, o que conta é que eu seja seu objeto, que eu seja seu parceiro-sintoma, se isso me devasta, tanto melhor”^[9].

Por outro lado, localizamos a dimensão de um gozo autoerótico na questão das dependências, que não necessariamente precisa ser química. Maurício Tarrab afirma que “quando as drogas substituem a aflição da relação do sujeito com o falo, essa solução é o seu estrago”^[10].

Com efeito, Lacan nos alerta para os acasos que nos fazem ir a torto e a direito e deles fazemos o nosso destino, porque falamos. Nessa trama, achamos que dizemos o que queremos, mas é o que quiseram os outros, mais particularmente nossa família, que nos fala^[11].

No caso em questão, tudo indica que, nos encontros e desencontros da vida, o amor imensurável de Beth por Bento, seu suposto bebê, se manifesta como uma substituição de sua frustração sintomática de não ser o filho desejado por seu pai e que sua mãe não concebeu. Por outro lado, Bento, com seu gozo autoerótico, demonstra ser impotente para fazer de uma mulher causa de desejo e faz da droga o seu parceiro-devastação.

REFERÊNCIAS

^[1] Lacan, J. O Seminário, livro 20: *mais, ainda*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1985; p.78.

[2]Lacan, J. (1985). *Op. cit*, p.78.

[3]Lacan, J.(1985). *Op.cit*, p. 77 – 79.

[4]Lacan, J. O Seminário, livro 23: o *sinthoma*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2007, p. 98.

[5]Miller, J-A. O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante: *O osso de uma análise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 99.

[6]Miller, J-A. (2015). *Op.cit*, p. 94.

[7]Miller, J-A. (2015). *Op.cit*, p. 99

[8]Lacan, J. Outros escritos: *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.538.

[9]Miller, J-A. (2015). *Op.cit*, p. 102.

[10]Tarrab, M. En las huellas del síntoma: *Algo peor que un síntoma*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2010, p. 58.

[11]Lacan, J.(2007). *Op.cit*, p. 158.

Fantasia e parcerias amorosas^[1]

Maila Thaiane Reis Rocha Siqueira
mailarocha@hotmail.com

A partir dos estudos realizados em um cartel fulgurante, surgiram-me as seguintes questões: De que maneira a fantasia, ao servir ao gozo e manter-se fixa, constitui um paradoxo na experiência amorosa — por ser, ao mesmo tempo, motor da busca pelo objeto amoroso e obstáculo ao encontro contingente do amor? A partir disso, como se enodariam amor e gozo nas parcerias? Esse trabalho, por meio de uma vinheta clínica, propõe-se a investigar essas questões.

J. iniciou sua análise aos 25 anos, encaminhado por seu psiquiatra, que avaliou que sua principal demanda estava relacionada a questões amorosas. Em seu relato, se queixava do relacionamento marcado por brigas e exigências do namorado — que iam desde bens materiais até as senhas de acesso às suas redes sociais, às quais ele sempre cedia. Tal conflito amoroso o levava ao uso abusivo de medicamentos, visto que ele não conseguia pôr fim ao relacionamento. Paralelamente, manifestava sentimento de culpa por estar em seu segundo curso de graduação sem ainda saber o que queria para a sua vida.

Aos 13 anos, procurou um dermatologista devido à intensa sudorese nas mãos, sendo posteriormente encaminhado ao psiquiatra, já que os sintomas se agravavam em situações de ansiedade — como, por exemplo, durante avaliações escolares e principalmente relacionadas à sexualidade. O psiquiatra o diagnosticou com transtorno depressivo, pois vivia em uma tristeza profunda. O fracasso escolar, como um sintoma relacionado ao despertar da sexualidade, o deixava culpado diante da cobrança de seu pai por um bom rendimento escolar.

J. namorou meninas até os 21 anos, período em que recebia uma mesada generosa. Quando decidiu assumir para a mãe sua orientação homoafetiva, ela lhe pediu que não contasse ao marido e esperasse até conquistar independência financeira, pois temia que J. não fosse aceito. Ele acatou o pedido. Embora o tema nunca tenha sido abordado diretamente entre J. e seu pai, acreditava que este já sabia de sua homoafetividade.

Ao perceber que o filho já não se relacionava com meninas, o pai mudou sua postura em relação ao dinheiro que lhe fornecia, passando a questioná-lo com mais frequência sobre seus gastos. J. inicialmente sentiu-se castrado pelo pai ao assumir sua posição afetiva; contudo, ao longo de seu percurso analítico, compreendeu que não fora privado de nada — tratava-se de uma orientação movida por seu próprio desejo, a ser assumida por sua conta e risco.

Em relação às parcerias amorosas, perguntei a J. o que buscava em seus parceiros. Ele respondeu que, além de valorizar beleza e romantismo, também buscava não ser explorado financeiramente. Quando questionado sobre as razões pelas quais ele tinha esse funcionamento relativo aos custos da relação nas parcerias, ele dizia que era para que pudesse continuar fazendo as coisas de que ele gostava, às vezes porque o parceiro não tinha como arcar com despesas em determinado momento ou até mesmo para agradar o outro. Considerando que “fazer-se explorado” era uma manifestação fantasmática, disse-lhe: precisamos explorar esse assunto.

Ao longo de seu período em análise, J. estabeleceu alguns relacionamentos, entre os quais destaco um: conheceu um homem que respondeu aos seus critérios imaginários. Era alguém bonito, afetuoso, com uma condição financeira compatível à sua até então, e que o presenteava com mimos, fazendo J. sentir-se amado. Em um curto período, fizeram viagens, comemorações de datas especiais, partilharam de um convívio intenso. Então, surgiu a vontade em ambos de morarem juntos e assim o fizeram, comprando um apartamento. J., autorizado e custeado pelo seus pais, pagou a entrada do imóvel, e o parceiro – que pagaria as parcelas seguintes – não o fez. Os desencontros e as brigas se intensificavam, sobretudo quando estavam alcoolizados. O parceiro começou a se queixar de que J. já não era mais o mesmo. Durante uma discussão, J. o acusou de descumprir o acordo sobre a dívida do apartamento – uma cobrança que o parceiro interpretou como humilhante. Esse episódio culminou no abandono por parte do companheiro. Embora J. acreditasse estar certo ao se posicionar, não desejava o fim do relacionamento.

Segundo Miller^[2], o parceiro objeto α é um parceiro essencial, extraído da relação com o Outro e revelado a partir da estrutura da fantasia. O modo como J. ama, fazendo-se explorado, é uma fantasia relacionada ao pai, que representa alguém que ele ama e explora, assim como ele se coloca nas parcerias, como alguém que, para ser amado, se faz explorado.

Portanto, a fantasia está presente na busca amorosa, mas, ao ser revelada no dispositivo analítico, permite ao sujeito reconhecer-se na cena cuja montagem lhe é própria – cena que, por vezes, pode tornar-se um obstáculo ao amor, sobretudo quando a fantasia é fonte de sofrimento, como se evidenciou na forma como amor e gozo se enodaram neste caso clínico.

À medida que J. elaborava suas questões amorosas, as cobranças do pai por estudo e trabalho foram ressignificadas, transformando-se em desejo para a construção de um caminho profissional. Ele optou por um novo curso – desta vez, desvinculado dos negócios da família –, concluiu a graduação e deu início a uma nova busca: a inserção no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

^[1]Texto produto do cartel fulgurante nomeado como “PARCERIAS DO FALASSER” para as VI Jornadas da EBP Seção Leste-Oeste Encontros e Desencontros parcerias sintomáticas ao qual os cartelizantes são: Luísa Lima Monteiro (Vila Velha-ES), Mara Lúcia Barros Martin (Teófilo Otoni-MG), Ruth Cavalcanti Garcia (Goiânia-GO) e Carlos Alberto de Sá Barros Júnior (Goiânia-GO) como Mais-um e eu, Maila Thaiane Reis Rocha Siqueira.

^[2]MILLER, J. “A teoria do parceiro”. Em: Os circuitos do desejo na vida e na análise. EBP- Contra Capa Livraria, 2000. p. 168.

De que parceria se fala quando há violência?^[1]

Luana Santos Silva
luanasanster@gmail

Para o ser falante, há uma ausência de saber no real que diga respeito à sexualidade e que, assim, possa fazer prescrições ao sujeito em relação ao parceiro. O que há é um ser às voltas com seu sintoma, com a fantasia que o sustenta e com sua forma de satisfação de gozo.^[2]

Há uma estranheza do ser falante com sua sexualidade e, conseqüentemente, com seus encontros amorosos. “Não há relação sexual”, o axioma de Lacan^[3] que diz que há um mal-entendido entre os sexos, dois que não se completam. No entanto, Lacan também nos diz que isso permite que o amor faça suplência e possibilite a invenção das parcerias.

Parcerias estabelecidas não no nível do significante puro e sim no nível do gozo, sendo estas sempre sintomáticas.

Desse modo, de que parceria se trata a que leva uma mulher a permanecer em um relacionamento no qual é violentada de diversas maneiras? Qual modo de gozo um relacionamento como esse denuncia? Uma mulher com o corpo devastado por um homem diz necessariamente de uma parceria-devastação?

Essas foram minhas interrogações quando iniciei o cartel fulgurante para as VI Jornadas da EBP/LO Encontros e Desencontros Parcerias Sintomáticas considerando o caso de M., uma jovem mulher, que por duas vezes procura a análise dizendo da impossibilidade de esquecer o ex-namorado, que a violentou. Diz ela reconhecer o quanto ele lhe faz mal, mas não consegue esquecê-lo. Considera ter por ele uma “dependência emocional”.

A escuta analítica procurou não a deixar ou pensar nela somente no lugar de vítima, uma vez que se sabe que não há um significante que defina A Mulher, e que para ela há uma versão de gozo que aponta pra um sem limites em sua experiência corporal, para o infinito, já que não há uma exceção que a constitua como categoria universal, podendo dessa maneira apontar algo de sua posição nesta parceria. Nas fórmulas da sexualidade, Lacan^[4] escreve de forma lógica sobre a inexistência de A Mulher interrogando-se justamente sobre o gozo feminino. Há sempre uma questão que se abre sobre a feminilidade, que se faz enigma para a mulher.

Lacan^[5] coloca ainda que as mulheres “são loucas”, “mas não loucas-de-todo”, e acrescenta que elas são “conciliadoras, a ponto de não haver limites para as concessões que cada uma faz a um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens.”

M. largou a família, mudou de cidade, desistiu dos estudos, foi humilhada publicamente, levou socos e pontapés, colocou sua vida em risco por esse homem, do qual não consegue se desvencilhar. Concede tudo a ele. A cada rompimento se esvai em choro, sem vontade de fazer nada, a não ser falar com ele. Sua mãe é quem a traz para primeira sessão, devido ao estado deprimente que se encontra.

M. assume uma imagem sensualizante e desde cedo se coloca dessa maneira para o mundo masculino. Sua primeira relação sexual, ainda no Ensino Médio, foi com seu professor que era casado. Depois disso esteve com outros rapazes, todavia mais por sexo, do qual diz gostar “muito”, do que por afeto. Não amou nenhum e foi largando uns e sendo largada por outros. Comportamento repetido também quando conseguiu parar de passar o dia aos prantos pelo fim do relacionamento com seu ex-namorado. Em seguida, conhece homens por aplicativo de relacionamento, sai algumas vezes, entrega seu corpo a eles mas não sente afeto. Diz ainda amar seu ex., comparando os outros sexualmente com ele.

Acredita ter realmente amado apenas esse homem e que fez tudo por ele. Não sabe dizer o que a faz querer ainda estar com ele. Ela que por vezes largou seu corpo aos outros e em seguida os largou, não consegue largá-lo. Ele que por sua vez também não se distancia por muito tempo, faz a analista questionar, seu posicionamento nesta parceria, pensar nele exatamente como parceiro-devastação para M, porque como nos coloca Drumond^[6] “Um homem pode então se inscrever como devastação para uma mulher a partir do que se revela para ela como engano do amor.” M. esteve com vários homens todavia parece que onde se deparou com amor, foi onde se perdeu e se devastou. Com os outros, por vezes só coloca o corpo. Soube largá-los, porém, com este colocou além do corpo, que foi largado e devastado, colocou o seu viver, perdendo-se.

Compreende-se que o amor na sexualidade feminina se dirige ao S₀, o que aponta para um gozo ilimitado, que não tem limites e que também não obedece à lógica de um resto de gozo, tal como objeto a. O amor sem limites na sexualidade feminina está fora de limites da lei e a “devastação é a outra face de amor, é o retorno da demanda de amor, o que quer dizer que é como sintoma, exceto que tem um índice de infinito”, como coloca Miller^[7].

M. não consegue estabelecer um limite ao que cede a esse homem, que por sua vez, também não a abandona, mantendo essa relação de amor e ódio.

Citando Brousse^[8]:

Quando é a fantasia que sustenta a realidade, é o objeto a que é mobilizado pelo desejo no parceiro. Quando é a devastação, é o arrebatamento de seu corpo pelo parceiro que é imputado pelo sujeito a esse mesmo parceiro num ‘amoródio’ [hainamoration].

M apanhou, foi largada em outra cidade sozinha e sem dinheiro, descobriu “traições” e ainda, não consegue esquecê-lo. Não sabe o que fazer e tem como única certeza o desejo em estar com esse parceiro. Será que para M., ali onde acredita amar é que diz Miller^[9] “Que ele me bata não é o que conta, o que conta é que eu seja seu objeto, que eu seja seu parceiro-sintoma, se isso me devasta tanto melhor?”

REFERÊNCIAS

^[1]Trabalho produto do Cartel Fulgurante das VI Jornadas EBP-LO, inscrito como tema: Parcerias Sintomáticas. Luana Santos Silva, Campo Grande, M.S. -Mais-Um; Daniel de C. Reis, Ceres, G.O.; Gabriela L. O. Carneiro, Goiânia, G.O. e Tamara de C. M. Mesquita, Goiânia, G.O.

^[2]EULÁLIO, Andréa. Amores loucos: a devastação materna e nas parcerias Belo Horizonte: Artesã, 2018. p. 100.

^[3]LACAN, Jacques. O seminário, livro 20 (1972,1973): mais, ainda. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

^[4]Ibidem.

^[5]LACAN, Jacques. Televisão. In: Outros escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 538.

^[6]DRUMMOND, Cristina. Devastação. Opção Lacaniana Online Nova Série, Ano 2, N. 6, nov. 2011.

^[7]MILLER, Jacques-Alain. A. O osso de uma análise. Agente, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise – Bahia, número especial. Salvador, 1998. p. 114.

^[8]BROUSSE, Marie-Helene. Uma dificuldade na análise das mulheres. In: MILLER, J. A. (Org.) *Ornicar?: de Jacques Lacan a Lewis Carrol*, n. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2004. p. 66.

^[9]op. cit. 7, p. 118.

Entre a parceria-sintoma e a devastação, uma escolha fatal

Claudia Murta (EBP/AMP)
cmurta@terra.com.br
Ericson Falabretti
efalabretti@gmail.com

...

E não tenho voz para dizer ao túmulo da amada
como sobre o meu sudário rastejam os mesmos vermes.

Dylan Thomas

A moça que perdeu a voz e também a vida

Na perspectiva psicanalítica, partindo da formação de sintomas e, especialmente, os sintomas de conversão, incluindo nessa problemática o conceito de devastação, temos alguns elementos para acompanhar o caso clínico da moça que perdeu a voz analisado por Merleau-Ponty no capítulo sobre “o corpo como ser sexuado” em sua “Fenomenologia da Percepção”. Trata-se de “uma moça, a quem sua mãe proibiu de rever o rapaz a quem ama, perde o sono, o apetite e finalmente o uso da fala”^[1]. Para Ponty, ela rompe com a vida ao não deglutir os alimentos. Em suas palavras, as quais retomamos mais uma vez, “a doente não pode ‘engolir’ a proibição que lhe foi feita”^[2].

O sintoma da afonia era recorrente da infância e já tinha se manifestado após um pavor violento e a iminência da morte. O mesmo sintoma reaparece na situação atual e, segundo Merleau-Ponty, isso acontece “porque a proibição materna restaura a mesma situação no sentido figurado”^[3]. Ainda quanto ao sintoma da afonia, ele acrescenta que não há no corpo a imitação de um drama de consciência, um estado interior manifestado no exterior. Para ele, “a moça não *deixa* de falar, ela ‘perde’ a voz”. Consideramos bem importante esse destaque feito por Ponty quanto à perda da voz, e ele insiste nesse comentário: “o doente separa-se de sua voz, assim como certos insetos cortam sua própria pata. Literalmente, ele fica sem voz”^[4]. Acrescenta que a afonia e a anorexia, também presente, são a recusa do outro e do futuro tornadas situação de fato. O papel do corpo é assegurar essa situação porque o movimento para o futuro e para a comunicação com o outro travou-se em um sintoma corporal, “a existência amarrou-se, o corpo tornou-se ‘esconderijo para a vida’”^[5].

Retomando a tese de Freud em ISA, considerada por Miller em “O parceiro-sintoma”^[6], os sintomas conversivos da moça aparecem sem sentido para que possam ser analisados. A dimensão do sintoma é correlativa à dimensão do ser falante, ao ser que traz sua condição de ser na palavra. O sintoma existe porque tem uma função. Na paciente em questão, a afonia como sintoma tem a função de tomar lugar do gozo enigmático que, para ela,

está fora do sentido, no caso, a morte. Diferentemente do caso, escrito e citado por Freud^[7] em ISA, o pequeno Hans, que nomeia o seu sintoma como medo de cavalo e pode encarnar o seu sintoma fora dele, a paciente citada por Merleau-Ponty encarna seu sintoma, não podendo nomeá-lo, encaminhando-se para a morte. O sintoma que acontece no corpo a impede de extrair desse mesmo sintoma algum saber, pois o sintoma está no limite do indizível, seguindo o caminho da pulsão silenciosa, e a afonia associada à anorexia a encaminham para a morte.

Além da fatalidade do destino final, chama muito a atenção nesse caso, a moça, Elizabeth Lacoïn, ser namorada do próprio Merleau-Ponty; namoro que a sua família não aceita. Informações essas coletadas no romance, “As inseparáveis”^[8], de Simone de Beauvoir, sua amiga pessoal e afetadíssima por sua morte, segundo a qual, a tragédia acontece por uma situação bem enredada: primeiramente, sua adoração pela mãe, cuja possibilidade de rejeição a dilacera, associada a uma educação religiosa muito restritiva e princípios burgueses muito sólidos, diante dos quais, sem força suficiente para contestação, Elizabeth sucumbe.

Uma possível saída dar-se-ia no âmbito de uma parceria-sintoma que a paciente teria vislumbrado ao se propor a uma parceria amorosa. Como aponta Lacan^[9], ao tornar-se sintoma de um outro corpo, pode descolar, assim, da intimidade do gozo opaco de seu próprio sintoma. Contudo, a intervenção materna a encaminha para outro gozo, o gozo da devastação, o gozo da demanda de amor sem reciprocidade. O gozo da demanda de amor insaciável, curto-circuitada, direcionada para a própria mãe, da qual não vem a resposta tão esperada e já abdicada, deixando a paciente à mercê de suas conversões silenciosas.

No caso específico dessa paciente, há uma recusa histérica em dar seu corpo à palavra, ao significante mestre, uma recusa do corpo aos efeitos da castração. A função orgânica é subvertida pela inscrição do significante no corpo. Por essa via, a carne e as funções somáticas se tornam elementos significantes. A princípio, parecem incompatíveis: a recusa do corpo a se submeter à incidência do significante mestre e a condescendência corporal ao atravessamento significativo. Merleau-Ponty observa que a pulsão oral nessa paciente é primordial. Nos termos do sintoma como modo de gozo anteriormente analisado, trata-se de um gozo oral presentificado pelo sintoma da afonia e anorexia. A materialidade do gozo acontece na cena infantil da afonia diante da morte iminente, a cena traumática traça o afeto no corpo, tornando-se o elemento central do sintoma que se repete na vida adulta quando, metaforicamente, a morte aparece na forma da separação forçada pelo Outro. O sintoma aqui se reduz a um traço independente e desenraizado, que dá consistência e fixa o gozo. No caso da paciente, o gozo do sintoma é desinvestido de sentido e reduzido à repetição significativa. Porém, a incidência significativa não deixa de marcar o corpo da histérica e essa marca, no caso, se refere à inexistência da relação sexual que a paciente não toma como impossível, mas acredita que foi interdita pelo Outro materno. Desse modo, por acreditar na existência da relação sexual e na existência de um Outro Absoluto, a morte, ela encarna o seu sintoma.

REFERÊNCIAS

- [1] MERLEAU-PONTY, Maurice. O corpo como ser sexuado. In: Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- [2] Ibidem, p.221.
- [3] Ibidem, p. 221.
- [4] Ibidem, p. 222.
- [5] Ibidem, p.227.
- [6] MILLER, Jacques-Alain. El partenaire-sintoma. 1 ed. Paidós: Buenos Aires, 2008.
- [7] FREUD, Sigmund. Inhibition, symptôme et angoisse. Paris: PUF, 1986.
- [8] BEAUVOIR, Simone de. As inseparáveis. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- [9] LACAN, Jacques. O Seminário, livro 23: O sinthoma (1975-1976). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

Sentindo frio em minha alma, te convidei para dançar.^[1]

Andrea Palmerston Muniz
andreaapsico08@gmail.com

O trabalho de investigação do nosso cartel fulgurante me trouxe uma questão sobre a minha arte, política e sinthome dos corpos, mas primeiro te convido a dançar este bolero cantado em 1974 por Elis Regina^[2]: “Sentindo frio em minha alma; Te convidei pra dançar; A tua voz me acalmava; São dois pra lá, dois pra cá.”

Outro dia fui ofertar uma oficina de bolero com um colega que há anos não via, muito menos ensaiava e, ao dançarmos e escolhermos o repertório das nossas aulas, ele me falou: “não sei se seria conveniente passar este passo, pois ele exige que a condução peça que a dama espere. Esperar está sendo um problema”. Ao ouvir este cavalheiro, me veio uma questão.

Primeiramente, irei explicar melhor como se nomeia a relação dos pares na dança de salão que possui uma estrutura dual, em que o masculino é representado pelo cavalheiro que conduz; e o feminino, pela dama que responde. Porém já se vem desconfigurado este aspecto onde se nomina já nas aulas de escolas de dança o condutor (cavalheiro) e o conduzido (dama), retirando a força em relação ao gênero. Mas de certa forma, colocando sempre uma barra no condutor, aqui tentando eu, ousadamente, a fazer um grafo dos dançarinos no salão. Esta proporciona um laço social com regras fixadas previamente para que ocorra o jogo da dança. Implica então um enquadramento da pulsão resultando em uma perda real de gozo. O discurso do mestre^[3], portanto, encontra-se nas formas ordinárias do assujeitamento social e político do sujeito ao enunciado de um mandamento.

Lacan, no *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*^[4], traz o discurso capitalista, não como um quinto discurso, mas como mais um, por diferir dos anteriores. A diferenciação, que vai além da estrutura do discurso, está no fato de que, enquanto os outros quatro discursos são formadores de laço social, o discurso do capitalista foraclui o laço social. A dança de salão é feita de um laço com regras bem definidas, mas na contemporaneidade é atravessado por essa foraclusão onde o significante *esperar* não pode ser dito.

O que pretendo instigar quando se fala em dançar é que o processo de ser conduzido se dá numa passividade receptiva onde o sujeito não se deixa levar simplesmente, mas exige do conduzido uma maleabilidade expectante a cada passo, uma espera, quando todo o corpo aguarda uma pequena tensão, uma entrega ou um sinal de movimento do condutor, que também espera o tempo da música e a execução da conduzida, que já é um começo do passo seguinte. Quanto ao corpo pulsional, com as formulações freudianas conceituando a pulsão no limite entre psíquico e somático, esse corpo que se permite conduzir e ser tocado pelo outro de forma a se fazer desenhar com o outro no salão.

Mas e na dança de salão? Dançar com um outro requer, conceito que expõe a função do pai como metáfora da impossibilidade de uma satisfação pulsional absoluta, mas que já não está no domínio da subjetivação no mundo contemporâneo e consequentemente na dança social^[5].

Neste distanciamento e acercamento entre os corpos na dança a dois podemos observar as relações de força existentes entre os pares. Nomearemos de *relações de força*, pois se observarmos pela ótica foucaultiana, nem o cavalheiro, nem a dama detém o poder como se ele fosse um bem. O que ocorre são relações de força de indivíduos que “estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação”^[6]. O que vivenciamos no meio da dança é a associação entre o condutor desvirilizado e maior passividade na dança, que ocorre pelo fato dessa prática social (a dança de salão) ser tratada sob o mesmo princípio de polaridade existente na relação sexual pensada a partir do ato modelo da penetração: temos o superior e o inferior, o dominante e o dominado, o vencedor e o vencido^[7].

Lacan^[8], ao afirmar o axioma *não há relação sexual*, sugere que os falasseres, enquanto seres sexuais, se conectam não no plano do significante, mas no plano do gozo, e que essa conexão é sempre sintomática. Ressalta que o significante se refere ao corpo, e este significante *esperar*, essa referência se manifesta de diversas formas de gozo. Lacan, nesse contexto, explana que o gozo possui uma distribuição binária, onde o ser falante se insere na partilha dos sexos, com dois tipos de gozo distintos: o gozo fálico (masculino) e o gozo feminino (o Outro gozo), através da tabela de sexuação. Ou seja, existem duas formas de gozo que nada tem a ver com a diferença anatômica dos sexos.

Dançar juntos só faz laço quando exige que repensemos os modelos contemporâneos de imediatismo pulsional, para que esperemos a próxima condução, ou o próximo floreio e até mesmo o próximo passo. Como seres sexuais, formam pares não no nível do significante, mas no nível do gozo, e que esse laço é sempre sintomático.

No seminário *O Sinthoma*, Lacan elucida essa de forma singular do sintoma: “O sintoma central, claro, o sintoma feito da carência própria da relação sexual. Mas é preciso que essa carência tome uma forma. Ela não toma uma forma qualquer”^[9]. Talvez, ousadamente trazendo o último Lacan para a dança de salão, onde as conexões ultrapassam as coisas instituídas pelo *Nome do Pai*, essa que vem com o *Sinthoma* onde não se fala aqui deste sujeito de consumo, mas sujeito de desejo. Aqui te convido a *esperarmos* o desenlaçar deste bolero: “A tua mão no pescoço; As tuas costas macias; Por quanto tempo rondaram; As minhas noites vazias”^[10].

REFERÊNCIAS

- [1] Produto do Cartel Fulgurante das VI Jornadas EBP LO. Arte, Política, Sinthome. Andrea Palmerston Muniz, Ezequiel Martins Ferreira (Mais-um), Letícia Prego Fonseca Lima, Ludmylla Domingues Siqueira Ortega, Renata Silveira Wyant.
- [2] BLANC, Aldir (Letra); BOSCO, João (Letra e Música). Dois pra lá, dois pra cá. Intérprete: Elis Regina. Rio de Janeiro, 1975. Disponível em: <https://thmais.com.br/novabrasil/aldir-blanc-historia-de-dois-pra-la-dois-pra-ca-e-o-mestre-sala-dos-mares/>. Acesso em: 16 set. 2025.
- [3] LACAN, Jacques. Nomes-do-Pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- [4] LACAN, Jacques (1992). O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1969-1970.
- [5] op. cit., 3.
- [6] FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Organização e tradução: Roberto Machado. 3.ed., Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.
- [7] FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade II: o uso dos prazeres. 8. ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1998.
- [8] LACAN, Jacques. O mal-entendido. In.: Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, Rio de Janeiro, n. 72, março 2016, p.11.
- [9] LACAN, Jacques (1975-76). O Seminário, livro 23: O sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 68.
- [10] op. cit., 2.

Medicalização na instituição socioeducativa: Calar a pulsão?^[1]

Gleice Taciana Barbosa
tacianapsi@gmail.com

Se reciben a jóvenes a los que les urge, un nuevo modo de vivir la pulsión, que muchas veces desborda su cuerpo y su pensamiento, haciéndolos sufrir. ^[2]

As VI Jornadas EBP SLO “Encontros & Desencontros: Parcerias Sintomáticas” e o trabalho de pesquisa no cartel fulgurante remetem a um caso atendido em âmbito institucional a partir da psicanálise de orientação lacaniana, que adicionou à minha prática questões sobre a quem a medicação é necessária; a substituição da droga por medicação e a tentativa de adequação do sujeito ao que é *aceitável* para a sociedade de consumo.

M. 14 a. cumpre medida socioeducativa de privação de liberdade¹ pela conduta análoga a tráfico de drogas. Aos 16, volta por homicídio.

Em atendimentos semanais com a analista, revela que fora abandonado pela mãe adicta na lixeira em frente à casa da avó, que marca essa história. O que leva ao atual ato infracional, onde deposita sua vítima também em uma lixeira. A analista, percebendo algo da transferência instalada, sendo essa a segunda oportunidade de atendimento, convida M. a elaborar sua história, onde ele aponta o significante lixo como seu nome, dado pela mãe, pela avó e acolhido por ele. Não retrocedia dessa marca.

Seguimos com a escuta orientada pela psicanálise, o que para a analista eram sintomas do sujeito, que se propunha a falar, para a equipe de enfermagem era depressão, cabendo ser tratado com medicação. Na unidade ele tinha pouca interação social. Encaminhado ao RAPS^{II}, é prescrita medicação. No texto *Ler um sintoma*, Miller aponta que: “*Bem-dizer e saber ler estão do lado do analista, é seu apanágio, mas ao longo da experiência, trata-se que o bem-dizer e o saber ler, se transfiram para o analisante*”^[3].

Operando entre fala/escrita, a analista segue oferecendo ao adolescente a oportunidade de falar, vislumbrando a possibilidade de uma retificação subjetiva. Ele vai deslindando o enredo, do abuso de substâncias, inaugurado com a maconha, posteriormente álcool e cocaína. A maconha, sua parceira, acalmava os pensamentos, o mantendo alienado do sofrimento. Durante o uso, sentia a presença da mãe, que também abusava das substâncias, mas que só conheceu pela fala da família.

O consumo de substâncias tampona a falta podendo ser considerado o encontro com a parceria sintomática desse sujeito?

Quando se vê sem sua parceira (maconha), alega que fica mal, no que a analista aponta que esta falta, mostra o lado emocional que ele evita o contato.

O uso de drogas, assim como ato de violência, que pode ser lida como os novos sintomas, exclui o jovem do laço social, provocando o desencontro com o conhecido e abrindo brecha para encontros com o gozo no corpo. Cosenza aponta que: “a clínica do excesso, passa a figurar como parceiro sintomático que o sujeito utiliza para lidar com a relação sexual que não existe.”^[4] Neste caso, o uso de substância provoca os desencontros familiares, amorosos e sociais.

M. evolui ao longo dos atendimentos, tenta refazer o laço com a avó, figura de amor e ódio. Verbaliza o desejo de estudar, jogar futebol e tomar tereré^{III}, atividades que costumava realizar na rua e que se negava anteriormente a participar com os demais.

Recebia visitas da avó, já que a mãe havia desaparecido. Acaba desenvolvendo um desejo de formar uma família, pensamento esse que era rechaçado no início, quando verbalizava não ter lugar nem “mãe”.

O uso regular da medicação, para ele não apresentava diferença em seu humor e indicava que preferia conversar com a analista a ter que tomar essas drogas. Nesse tempo de escuta, não foi revelada à analista nenhuma iniciativa ou ideação suicida, apesar da expressiva dor de figurar no mundo como lixo.

Ao final de um 1 a. e 6 m., é liberado, passa a trabalhar como garoto de programa na região central da cidade, abandona o tratamento medicamentoso assim como não procura outro profissional para escutá-lo.

Em menos de seis meses, morre esfaqueado, depositado em uma lixeira após um programa mal sucedido.

Quando um adolescente chega para cumprir medida socioeducativa de privação de liberdade, ele descobre regras com as quais ele deverá conviver pelo tempo que permanecer na Unidade.

Deparamo-nos com jovens que fazem uso de substâncias que provocam efeitos em seus corpos, que socialmente são reprováveis para além da questão legal. Para tanto se institui uma iniciativa de calar as pulsões inerentes a esses corpos através da medicação de qualquer sintoma, seja ele insônia, letargia, dificuldade de aprendizado, tristeza, ansiedade. Qualquer comportamento inadequado vigora na lista de ser medicado. Enquanto a psicanálise questiona o mal-estar, isso que ressoa no corpo, respeitando o tempo lógico sem a preocupação de fazer ceder o sintoma, a medicação vem para abrandar ou calar a pulsão que não se compreende.

O livro *Enlaces e desenlaces na adolescência* aponta que: “[de fato as condutas sintomáticas observadas entre jovens colocam a adolescência como o momento de maior risco para suas vidas, tornando-se preocupação crescente a ser enfrentada pela sociedade][...]”, contudo aponta que podemos “[...] {franquear outras respostas que não somente a via do ato encontrado nos ‘novos sintomas}’.”^[5]

A aposta foi no sintoma e na transferência, no manejo do insuportável do funcionamento desse sujeito, tratando o sentimento de desamparo sem a pretensão de controlar o corpo. O trabalho com um sujeito periférico, que se apresentava identificado ao significante *lixo*, provocou na praticante o desejo de fazer falar a pulsão, interessada nas ressonâncias, ao invés de mortificá-la pela via da medicação, ainda que o insuportável da vida pudesse encontrar a morte.

REFERÊNCIA

^[1]Trabalho fruto de cartel fulgurante inscrito como, Toxicomania: a droga como parceiro de gozo. Cartelizantes: Gleice Taciana Barbosa (MS) como mais um.

Adrya Leão de Andrade Cecchini (GO),

João Pedro Vilar Nowak de Lima - Campo Grande (MS);

Mariana Sant'Anna Costa (ES), Shirley Macedo Gundim (GO)

^[2]López, G. Adoles(seres): la orientación a lo real em la clínica psicoanalítica con adolescentes. Olivos, Grama Ediciones, 2019. Pg. 19

^[3]Miller, J. A. Ler um Sintoma. Opção Lacaniana, número 70, junho/2015. Pg. 13-14.

^[4]Cosenza, D. Clínica do Excesso. Derivas Pulsionais e Soluções Sintomáticas na Psicopatologia Contemporânea. Belo Horizonte, Scriptum, 2024, pg. 47.

^[5]Capanema, C. A. Enlaces e desenlaces na adolescência. Belo Horizonte, Scriptum, 2018, pg. 16-17.

Vínculo frouxo com um parceiro-analista^[1]

Robson Campos
rcampos.gv@hotmail.com

A partir da pergunta “o que dizer das parcerias nas psicoses?” extraída de um dos eixos temáticos das VI Jornadas da EBP/SLO, trarei alguns fragmentos de uma experiência que vem ocorrendo desde que, há muitos anos, veio jogar sua partida com um parceiro-analista um então jovem universitário encaminhado pelo psiquiatra que tratava sua “depressão com sintomatologia obsessiva”.

À época, o jovem estava gradativamente assumindo os negócios da família, tendo em vista a idade avançada do pai e o fato de ser o único filho homem. Segundo a mãe, que fez contato para agendar a primeira entrevista, sua vida social vinha se restringindo às aulas que frequentava irregularmente à noite. Durante o dia, passava horas anotando e fazendo cálculos do valor do patrimônio que teria que administrar e, quando tive a oportunidade de recebê-lo, ele próprio destacou que a somatória dos bens conquistados pelo pai nos últimos cinquenta anos era muito elevada, o que o levava a concluir ser esta a razão pela qual sua família era alvo de inveja alheia e de perseguição por parte de pessoas menos afortunadas.

A descendência judaica também lhe servia como fonte para algumas ideias de grandeza e persecutórias: o empresário Silvio Santos e o banqueiro Joseph Safra, a quem equipara ao avô paterno, ao pai e até a si próprio por serem todos judeus e administradores de fortunas adquiridas com muito trabalho a partir da extrema pobreza, seriam por este motivo pessoas invejadas e até odiadas pelos não judeus. Albert Einstein e Sigmund Freud são outras personalidades constantemente mencionadas por ele nas sessões pela capacidade intelectual superior que também seria inerente aos judeus.

Frequentando as sessões com maior regularidade nos primeiros anos, concluiu sua graduação, abriu e gerenciou um novo ramo de atividade produtiva paralelamente à sua capacitação para assumir o lugar do pai, aumentando ainda mais o patrimônio familiar quando este se afastou dos negócios quase uma década antes de falecer. Desde então, também assumindo a condição de inventariante da herança deixada pelo pai, conduz-se com cautela para que cada familiar tenha direito exatamente ao que lhe couber na partilha.

Seus posicionamentos político, religioso e nas questões raciais e de gênero, manifestado durante as sessões ou nos telefonemas que ocorrem nos intervalos entre elas, são acolhidos sem entrar na rota de colisão que muitas vezes ele tenta estabelecer com a introdução de temas que poderiam produzir polêmicas noutros contextos. Este lugar de exceção resistente e durável, não encontrada por ele nem mesmo em interlocutores da própria família, tem sustentado o trabalho sem rupturas como as que provocou ao longo do tempo com inúmeros profissionais de saúde e prestadores de serviços na cidade: há alguns anos seus tratamentos médicos, exames de rotina e até procedimentos estéticos são realizados exclusivamente com profissionais e instituições tradicionais e de renome na mídia nacional, ainda que isso o faça se deslocar regularmente para os grandes centros do país, uma vez que nas cidades do interior, como a que ele reside, as pessoas viveriam se ocupando de vigiar a vida alheia.

Algumas das suspeitas que nutria quanto às más ações e intenções dirigidas a ele ou ao patrimônio da família, com o tempo, passam a ter um novo destino: o Tribunal de Justiça. Servindo-se das sessões para discutirmos o que pretendia em cada caso, avaliava as chances de êxito em ações indenizatórias e concluía, ora pela desistência, ora pela contratação de advogados para acionar judicialmente vizinhos, inquilinos de imóveis, prestadores de serviços, planos de saúde, devedores inadimplentes e a companhia fornecedora de energia elétrica, dentre outros. Algumas vitórias, algumas derrotas e vários processos ainda em curso.

Em *A teoria do parceiro*, onde retoma partes do curso *O Outro que não existe e seus comitês de ética*, realizado em colaboração com Éric Laurent, Jacques-Alain Miller indica que “em todos os casos, recorrer à análise implica introduzir um parceiro suplementar na partida jogada com um parceiro eventualmente imaginário”^[2]. O parceiro analista pode favorecer a regulação do gozo sem limites que invade o psicótico à medida em que consente em abdicar da posição de intérprete para desempenhar o papel de “secretário do alienado”, conforme proposto por Lacan na lição de 25/04/1956 do *Seminário 3*, dedicado às psicoses^[3].

Comentando esta secretaria a cargo do parceiro-analista nas psicoses, Antônio Beneti assinala que, como a própria transferência pode tornar-se erotômata ou persecutória nestes casos, caberia ao analista realizar manobras transferenciais denominadas por ele de “vínculo frouxo”, para que não seja colocado como um Outro consistente, “como um vizinho gozador que quer tomá-lo como um objeto erótico ou como um objeto a ser maltratado, golpeado e perseguido pelo analista”^[4].

Duas ou três sessões por semana, mas também uma, quinzenalmente, algumas vezes mensalmente, pré-agendadas ou do tipo “venha agora!”, não sem as “só amanhã!” ou ainda “só na próxima semana!” (a depender do momento e da demanda), com regularidade ou irregularmente, nas urgências, à noite, nos finais de semana, presenciais, on-line na pandemia e depois também quando a geografia assim exige, telefonemas frequentes para saber da disponibilidade da agenda ainda que não peça horário ... assim seguimos, há décadas, num trabalho de secretaria, sob supervisão e com vínculo frouxo, nesta parceria sustentada pelo desejo do analista.

REFERÊNCIAS

- ^[1] Produto do Cartel Fulgurante “O que dizer das parcerias nas psicoses e no autismo” inscrito na Seção Leste-Oeste da EBP. Cartelizantes: Ana Paula Fernandes Rezende (Mais-uma), Jocilene Rigo, Renata Coelho Tavares Imperial e Robson Campos
- ^[2] MILLER, J.-A. A teoria do parceiro. In: Os circuitos do desejo na vida e na análise. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, p. 160.
- ^[3] LACAN, J. O Seminário – livro 3: as psicoses (1955-1956). 2ed. Rio de Janeiro: JZE 1992, p. 235
- ^[4] BENETI, A. Do discurso do analista ao nó borromeano: contra a metáfora delirante (2005). In: Opção lacaniana on line. n° 3. p. 11. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/n3/pdf/artigos/ABDiscurso.pdf> Acesso em: 03/08/2025.

A devastação do amor – Uma análise sobre a minissérie “Ángela” ^[1]

Thais Foizer Bezerra
thaisfoizer@hotmail.com

Por trás de uma vida que parece perfeita. Ángela aguenta a violência de Gonzalo, seu marido. Essa minissérie está na lista das indicadas na plataforma Netflix, um suspense espanhol protagonizado por Verónica Sánchez, abordando a questão da violência, com abuso físico e verbal de um marido com uma estrutura perversa (como hipótese diagnóstica), que faz um cálculo meticuloso de cada ação tomada, com uma maestria impecável, passando uma imagem para todos que convivem com essa família de perfeição e felicidade. A devastação desse parceiro de Ángela já é identificada logo no início do primeiro episódio, ele vigia, controla, ameaça e incita um temor aterrorizante nessa mulher que “vacila” e não consegue se desvencilhar das amarras desse relacionamento, desse gozo.

Jacques Alain Miller em seu texto Uma partilha sexual, diz:

A devastação e o amor possuem o mesmo princípio, a saber, o grande A barrado, o não-todo, no sentido do sem limite. [...] Não podemos classificar as devastações. Ser devastado!... Não vou me devastar por causa disso. O que é a devastação? É ser devastado. É uma depredação sem limites. Isso que Lacan chama de “o todo fora do universo”, o todo que não se completa como um universo fechado, limitado. É uma depredação, uma dor que não para, que não conhece limites. A palavra devastação é, de fato, bem escolhida do lado mulher^[2].

O que Ángela sofreu durante toda a minissérie exemplifica facilmente o que mais uma vez Miller^[2] descreve sobre a devastação:

O termo devastação (ravage) é um termo derivado de arrebatat (ravar). O próprio verbo arrebatat (ravar) é originado do latim popular rapire, um verbo que quer dizer ‘apreender violentamente’ e que derivou a palavra ‘raptó’: que se pega à força, que se arranca.

Sim, foi exatamente assim que, no desenrolar da história de Ángela, o *aprendizado* aconteceu. Não só em seu relacionamento conjugal, mas também, a partir do enredo elaborado por esse parceiro-devastação, que introduz um outro parceiro devastador na história, onde Ángela, viu nesse segundo, a princípio, um resgatador de sua feminilidade e de seu lugar de objeto de desejo, e passa mais tarde na trama, a ocupar também um lugar de devastação, pois seu comportamento, nada mais é que uma repetição daquilo que ela já sofre na parceria amorosa, ou seja, seu parceiro sintoma.

Volto a citar Miller:

Com efeito, podemos dizer que, em função da estrutura do Não-Todo, o parceiro-sintoma da mulher torna-se o parceiro-devastação. A devastação é a outra face do amor, é o retorno

da demanda de amor, o que quer dizer que é como o sintoma, exceto que tem um índice de infinito.^[2]

Ainda tocando a série e tocada por ela, a história de Ângela faz coro com inúmeras histórias de mulheres da atualidade, e da antiguidade ao redor do mundo. Uma história que não cessa de se inscrever ao longo de gerações. Mas, por que a mulher se presta a esse tipo de enredo? Ou mais ainda..., porque elas repetem por séculos essa história de devastação nas suas próprias histórias? Uma herança adquirida e ou repassada de mãe para filha?

Apesar de Miller ainda descrever que os tempos mudaram, e que hoje, as meninas não mais *aceitam* ser as *virgens puras* até o casamento, lidam de igual pra igual, ou acham que fazem isso com os homens, até os colocando na mesma posição que eram colocadas anteriormente, ou seja, “a mulher moderna tende a fazer do homem um pequeno a, ela lhe diz ‘você é apenas um meio de gozo’ e isso vai junto com uma desvalorização do amor, mas não é verdade, é tudo um teatro”^[3].

A demanda de amor do lado feminino continua irrevogável, não se sai disso tão facilmente assim, podendo ser contemplados, estudados e analisados em diversos conteúdos televisivos e cinematográficos, baseados nas histórias de mulheres reais. São infinitos os casos marcados por *marcas* da violência em todas as suas formas, com mulheres de todas as classes, lugares, raças e credos. A mulher, como objeto/dejeto, muitas vezes é vista como culpada pela situação que *ela mesma provocou*, confirmando assim seu lugar na parceria sintomática.

Poderíamos, sem dúvida, entrar também, com mais detalhes, no entrave da erotomania como segredo do masoquismo feminino, um assunto pungente a cada século, mas fecho com essa citação de Miller^[3]: “Que ele me bata não é o que conta, o que conta é que eu seja seu objeto, que eu seja seu parceiro-sintoma, se isso me devasta, tanto melhor”.

REFERÊNCIAS

[1] 1 Cartel LEITURA DO SEMINÁRIO XVIII DE LACAN – de um discurso que não fosse semblante. Cartelizantes: Tania Regina Anchite Martins (Mais-Um), Adriano da Silva Moreira, Fernanda de Fátima Fernandes, Jaqueline Moreira Coelho, Maila T. Reis Rocha Siqueira, Suraia Oliveira Veloso.

[2] Miller, J.-A., *Uma partilha sexual*, Opção Lacaniana online nova série Ano 7 • Número 20 • julho 2016 • ISSN 2177-2673

[3] Miller, J.-A. (1998). *O osso de uma análise*. Agente – Revista de Psicanálise da Escola

Traçar uma linha, ler Carolina, escrever Um corpo

Delza Eloy
delzaeloy@gmail.com

*ninguém aprende a mulher negra,
a mulher negra é que ensina.^[1]*

A pergunta-guia do eixo *Arte, política e sinthoma*, ao nos convidar a traçar uma linha que conjugue essas três concepções na psicanálise lacaniana, deixa emergir na própria questão um ponto de partida: o giro do traçado ao traçar – torção central que Lacan desenvolveu em sua concepção de escrita.

Falar de escrita em Lacan nos conduz a um plural. Se escreve o contingente e o necessário, a linha de um traço unário, as entrelinhas de um íntimo. Se escreve um desejo, uma paixão, um amor. Se escreve a poesia chinesa, os sulcos da planície siberiana, o voo de um pássaro. Ainda, há a escrita que jamais se escreve, rachadura irreparável, a escrita do impossível. Para esse furo, Lacan desenhou uma borda. Escreveu uma *letra*, enlaçando corpo e linguagem com o fio do gozo.

Nos anos 1970, respondendo ao convite de uma revista sobre Literatura e Psicanálise, o psicanalista cunhou o neologismo *lituraterra*, iluminando a escrita que não é apenas a que se imprime no papel, mas a dos sulcos que incidem sobre a superfície mesma do corpo, em sua materialidade real^[2]. Nessa perspectiva, a obra literária é entendida a partir da pulsional que a atravessa, considerando sua estreita relação com o gozo^[3].

Na costura entre psicanálise e literatura, são frequentes as produções que articulam Joyce e a letra. Essas elaborações me levam a pensar a dimensão da letra em escritores brasileiros. Poderíamos lembrar imediatamente de Guimarães Rosa ou de Clarice Lispector que, assim como Joyce, fizeram invenções no manejo da língua. A partir do que Lacan nos indica ao tomar a literatura enquanto uma “acomodação de restos” e, igualmente, ao renovar o equívoco joyciano entre *letter* e *litter*, destaca-se, de modo especial, o trabalho de Carolina Maria de Jesus, uma vez que a autora fazia do papel descartado superfície para a poesia,, extraía do lixo, no aspecto litoral e literal, matéria para desenhar a letra.

Nascida em 1914, em Sacramento – MG, Carolina foi uma artista múltipla. Em 1960, publicou o famoso *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*^[4], seu primeiro livro. Com repercussão global, teve mais de 1 milhão de exemplares vendidos, traduzido para quatorze idiomas e em mais de quarenta países. Nessa obra, Carolina escreveu sobre seu cotidiano na favela do Canindé – SP, onde viveu com seus três filhos por nove anos. Uma narrativa marcada pela fome e por diversas dificuldades de seu tempo, junto a reflexões robustas sobre o contexto social e político do Brasil, consciente dos atravessamentos de raça, classe e gênero.

A primeira vez em que li *Quarto de Despejo*, me foi intragável. Ler a fome, no seu cotidiano, foi intragável. Com essa lente o li em um primeiro momento, capturada pelos signos de denúncia sobre a miséria, o racismo, o machismo e desigualdades de toda espécie. Um encontro perturbador. Algumas voltas em análise, estudos e bons encontros levaram-me a perceber que fazia uma leitura limitada por um enquadre preconceituoso. Pude, então, avistar outras faces de Carolina: fecunda, imensa, brilhante. Uma escrita que, bem mais que narrar a fome e a escassez, enunciou a fartura e a sofisticação de um saber-fazer, escreveu um novo destino.

Ao contrário do que temos em Joyce - um paradigma de escrita que se caracteriza, desde o primeiro plano, como um escrito “a-não-ler”^[5] - em Carolina havia interesse em consolidar e transmitir um saber com as palavras. Sua literatura pretendia nos comunicar. Sendo assim, como ler em Carolina as ressonâncias de sua *letra*?

No *Seminário 23*, Lacan afirma sobre *Finnegans Wake*: “se isso se lê, como me fazia notar alguém que me é próximo, é porque sentimos presente o gozo daquele que escreveu isso”^[6]. Aqui, para além do que já havia sido destacado sobre o escoamento do sentido na escrita de Joyce, Lacan evidencia a presença do gozo que nos permite um outro tipo de leitura.

Com esse horizonte, pergunto se a leitura por essa via - a do gozo - se restringe a escritas que prescindem do sentido, tal qual a de Joyce, ou se trata, antes, de uma sensibilidade de leitura, enquanto um instrumento analítico que, do (des)ordenamento da língua, extrai os ravinamentos de *lalíngua*? Penso em paralelo nos sujeitos que buscam a clínica e, em meio a suas narrativas embebidas de significados, cabe ao analista, em um esforço de poesia, ler nas entrelinhas o árido sem-sentido. Ler as ressonâncias corporais dos significantes, desde os que vieram do Outro e marcaram o corpo do sujeito aos que vão sendo (des)costurados na escrita da análise, possibilitando o advento de um novo.

A escrita do corpo

Para Carolina, ler e escrever eram práticas vitais. Em inúmeros registros relata sobre sua relação com a escrita, assemelhando-a à necessidade de comer. Escrevia cotidianamente, fosse nos papéis recolhidos do lixo ou em outros lugares, deixava vestígios de sua letra por onde passava. Se o risco da letra pede o corpo e efeitos reais são provocados sobre sua superfície, podemos inferir que esse corpo é, simultaneamente, escritor e escrito.

Escrever lhe possibilitava desenhar uma borda para si mesma, como se, ao escrever, se apropriasse do singular de seu ravinamento, de modo a não se aplainar no todo do *quarto de despejo*. Por esse prisma, *Quarto de Despejo*, longe de se reduzir a um diário sobre a fome e a vida na favela, nos traz a trama de uma mulher que escreve, ainda que com fome e apesar dela. Escreve uma mulher negra na década de 60 pensando e escrevendo seu lugar no mundo.

Nessa esteira, Guerra^[7] sublinha a subversão própria do inconsciente que, apesar da rigidez de uma engrenagem colonial, preserva um hiato entre o corpo de gozo e o corpo social. Desde Freud, não é essa a pedra angular da psicanálise? Uma aposta no que do sujeito resiste, subverte a ordem, rasura sulcos, escreve *Um* corpo elevando o lixo à dignidade da letra.

REFERÊNCIAS

[1] DALL FARRA, C. (2025). Vídeo-poema. Disponível em: <https://www.threads.com/@dallfarra/post/DE0w81kpRcD?xmt=AQF01St-GpgK7zJq8Za-4BC-MmRhSw-hfOKcWedW5Whh1Mw>

[2] LACAN, Jacques (1971). *Lituraterra*. In: *Outros escritos*. Tradução: Vera Ribeiro; Rio de Janeiro, Zahar, 2003, pp. 15-25.

[3] MILLER, Jacques-Alain. *O Ser e o Um*. Tradução: Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro, Escola Brasileira de Psicanálise, 2011.

- [4] JESUS, Carolina Maria de.(1960). Quarto de despejo: diário de uma favelada. Edição comemorativa. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2003.
- [5] LACAN, Jacques (1973/2003). Posfácio ao Seminário 11. In: Outros escritos. Tradução: Vera Ribeiro; Rio de Janeiro: Zahar, 2003, pp. 504.
- [6] LACAN, Jacques (1975-1976). O Seminário, livro 23: o sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p.161.
- [7] GUERRA, Andréa. M. C.; GOES & LIMA, Rodrigo.(Orgs.). Manifesto por uma psicanálise decolonial. In: . A Psicanálise em elipse decolonial. São Paulo: n-1 edições, 2021, pp. 11-13.

Um esboço sobre a parceria existente entre Schreber e Deus

Caroline Cabral Quixabeira
carolquixabeira@tutanota.com

Diante da frase presente no argumento: “As invenções encontradas em parcerias, na psicose, podem vir a regular o gozo mortífero fazendo a suplência ao laço social”^[1], me questionei sobre o que é possível falar sobre a parceria de Schreber com Deus, visto que é de seu encontro com o divino que algo parece se circunscrever de modo a localizar um gozo desmedido presente desde seu desencadeamento.

Propor um contínuo reencontro com Schreber é correr o risco da mesma censura que Freud correu, “de estar delirando junto do paciente”^[2]. Ainda que sua contemporaneidade permaneça, visto que não é um caso em que Freud o ilumina, mas o próprio doente dos nervos que coloca luz à pertinência dos conceitos freudianos e que, se abre, para que se inscreva no discurso lacaniano^{[3], [4]}.

Schreber, em sua autobiografia, conta sobre uma série de vivências traumáticas com os abusos vividos durante seu período de internação. Vítima frequente de abusos sexuais e morais de enfermeiros, médicos e outras entidades místicas, é também alvo das consequências de uma fratura. Essa, ocorrida na Ordem do Mundo, a qual garantia a conservação do que é vivo e é fundada em uma lei que existe entre Deus e sua criação. Entretanto, esta ordem é atacada e com isso, quebrada. Este desfecho é ligado ao destino pessoal de Schreber, que sofre as consequências de ser um escolhido de Deus. Essa fratura relembra a própria alusão de Lacan, segundo a qual, na psicose, ocorre “uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida do sujeito”^[5].

Assim, a partir da leitura de Lacan do livro de Schreber, é ao redor deste furo, da Ordem do Mundo fraturada, que é travada a luta em que o sujeito se reconstrói. De onde surge a demanda que para cumprir seu destino de restituição da fratura, é necessário se transformar em uma mulher, apta para a copulação, e assim, reconstruir a população da Terra com homens que não sejam *feitos a pressa*. Para tanto, vive uma série de contínuas transformações, desde a retração do membro viril, perda de pelos masculinos até uma alteração dos nervos de seu corpo, em que passa a ser tomado por uma ‘volúpia’ típica feminina. Isto vem ocorrer devido a sua relação com Deus, que, em dado momento de seu livro, compara que é próxima aquela que Jesus Cristo tinha^[6]. Sobre Deus, Schreber relata:

Desde que Deus entrou em uma conexão nervosa exclusiva comigo, eu me tornei para Deus, num certo sentido, o homem, ou o único homem em torno do qual tudo gira, ao qual tudo deve se referir e que por isso, também do seu próprio ponto de vista, tem que referir a si mesmo todas as coisas^[7].

Assim, ele é aquele que media a relação de Deus com os humanos, mas que também, tudo que lhe é direcionado, é referido ao divino. De modo que, o par Schreber-Deus passa a compartilhar o que ele vive.

Portanto, ainda que se permaneça uma tendência ao infinito, próprio da psicose, já que “Deus exige um gozo contínuo”^[8], este não é vivenciado sozinho.

Encontramos nesta relação, a maneira como Schreber toma Deus, no lugar de Outro, em sua vertente não da metáfora paterna foracluída, mas em termos de ‘metáfora delirante’, um dos modos de estabilização possível postulada na teoria lacaniana. O que há no delírio que torna possível este paralelo? Ele propicia um campo de significação que permite organizar um conjunto de significantes, e que, vem a manifestar a relação do sujeito com o conjunto do sistema de linguagem. Esta organização se funda a partir do encontro com o furo foraclusivo, e, portanto, um encontro com o significante que por definição veio a faltar na estrutura psicótica^[9].

Em sua autobiografia, acompanhamos Schreber em sua construção de parcerias, a partir do que Miller^[10] localiza “um parceiro é simplesmente aquele com quem jogamos a partida”. Inicialmente, a partir do efeito da ausência, podemos inferir a importância que sua esposa tinha para sua estabilização. Em um trecho, Schreber conta sobre sua piora a partir de uma viagem da esposa:

Em torno de 15 de fevereiro de 1894 sobreveio mais um colapso nervoso, que marca uma etapa importante em minha vida; foi quando minha esposa, que até então passava diariamente algumas horas comigo e também almoçava em minha companhia no sanatório, fez uma viagem de quatro dias para a casa de seu pai (...)^[11].

Após este colapso, Schreber não voltou a se recuperar completamente. Inicia-se o desenvolvimento de sua superestrutura delirante, que caminha até o estabelecimento da parceria com Deus. Constrói-se um novo parceiro, para que seja possível intermediar os efeitos de gozo sem o anteparo de sua esposa e, desta vez, um parceiro que não viaja, não possui doenças e é capaz de estar em todo lugar ao mesmo tempo. É interessante como tudo se passa na perspectiva de um par-primordial em que o Deus do delírio ocupa um lugar sugerido por Miller em uma nova definição do Outro a partir das discussões sobre o parceiro-sintoma: “quando falo de parceiro-sintoma estou indicando a necessidade de uma nova definição do Outro, do grande Outro de Lacan, como meio de gozo”^[12].

Assim, do delírio de Schreber e sua relação com Deus, esboço duas consequências. A primeira é que uma parceria pode se apresentar de diversas maneiras, inclusive, entre um sujeito e sua construção delirante, visto que o primordial é o uso que se faz dela. A segunda, a importância de uma parceria para o sujeito, como aquilo que permite um anteparo frente a uma angústia e uma localização de um gozo do corpo.

REFERÊNCIAS

- [1] Castro, Bartyra Ribeiro & Ribeiro, R. “O que dizer das parcerias nas psicoses e no autismo?”, 2025. Retirado de <https://ebp.org.br/slo/vi-jornadas-ebp-secao-lo-encontros-e-desencontros-parcerias-sintomaticas-eixos-tematicos/o-que-dizer-das-parcerias-nas-psicoses-e-no-autismo/>
- [2] Lacan, Jacques. Outros Escritos, “Apresentação de Memórias de um doente de nervos”, Rio de Janeiro, Zahar, 1966/2003, p. 220
- [3] Lacan, Jacques. Escritos, “De uma questão preliminar a todo tratamento de psicose”, Rio de Janeiro, Zahar, 1958/2010)
- [4] Laia, Sérgio. “Schreber, ainda contemporâneo”. 2023. Retirado de <https://institutopsicanalise-mg.com.br/schreber-ainda-contemporaneo1/>
- [5] Lacan, Jacques. Escritos, “De uma questão preliminar a todo tratamento de psicose”, Rio de Janeiro, Zahar, 1958/2010)
- [6] Schreber, Daniel Paul. Memórias de um doente de nervos, Rio de Janeiro, Graal, 1984
- [7] Ibidem
- [8] Ibidem
- [9] Lacan Jacques. Seminário 3, Rio de Janeiro, Zahar, 1956/2010)
- [10] Miller, Jacques-Alain. “A teoria do Parceiro”. 2023. Retirado de .



^[11] Ibidem

^[12] Miller, Jacques-Alain. El Partenaire-Sintoma, Buenos Aires, Paidós.

A droga como parceiro de gozo: clínica, transferência e desafios^[1]

Mariana Sant'Anna Costa
 marianasantcosta@yahoo.com.br

O desejo de participar do cartel fulgurante com a temática toxicomania: a droga como parceiro de gozo surgiu a partir de questões da clínica e seus desafios em relação ao manejo, transferência e limites. Para trazer algumas dessas questões discutirei fragmentos de um caso clínico. A demanda de análise, no primeiro momento, foi de um familiar. No início, F. comparecia às sessões muitas vezes sobre os efeitos de drogas e de remédios. F. falava rápido sobre vários assuntos e parecia que não escutava minhas intervenções, como se estivesse falando sozinho. Também faltava com certa frequência. Em uma sessão, fiz uma intervenção com tom *irritado* sobre a implicação dele na análise; ele se surpreendeu e me ouviu. Em outra sessão, trago uma questão com tom de *brincadeira* que o deixou irritado, mas que, posteriormente, parece ter como efeito não se atrasar mais ao horário das sessões. Nesse ínterim, passa muito mal após o consumo da droga; isso o deixa assustado.

Após esse primeiro momento, a fala de F. começa a ser mais endereçada. Dizia sentir um estranhamento em relação ao corpo, que não consegue localizar qual é e se acha feio. Além disso, começou a falar sobre todas as substâncias que usava e seus efeitos químicos no corpo. Relata como, após usar alguma droga, sentia-se mais seguro, sabia o que fazer em situações sociais. Nesse momento começou a falar sobre seu sofrimento singular. Miller^[2], no artigo *Efeito do retorno da psicose ordinária*, afirma que a desordem do sentimento mais íntimo de vida do sujeito se situa no modo como este experimenta a vida, como sente seu corpo e seus pensamentos. A vivência corporal é algo que se desfaz, esvanece. O sujeito é levado a traçar um contorno do corpo e a se apropriar dele a partir de laços artificiais. “[...] Ele tem necessidade de um grampo para sustentar seu corpo”. No caso de F., a droga serve como um grampo, uma make-believe de uma apropriação de um corpo?

Santiago^[3], no texto *Droga ruptura fálica e psicose ordinária*, discute que, em alguns casos de toxicômanos, a droga pode atuar na falha mais íntima no sentimento de vida do sujeito. A droga pode ter como função ser uma tentativa de localizar algo do excesso de gozo do corpo, além da satisfação que se obtém. O uso de drogas pode ser como um Nome-do-Pai na relação com o corpo.

Sidon^[4], no artigo *O real é a nossa inspiração*, afirma que a droga já é uma forma de tratamento de substituição da desordem do gozo do corpo, seu Outro enigmático e insuportável. O autor traz a questão sobre o tratamento de substituição, que é uma das intervenções do campo da saúde que visa substituir uma droga considerada mais danosa para a saúde por outra substância que cause menos danos, por exemplo: heroína por metadona. Nesse sentido, a droga escolhida já é tratamento de uma desordem no corpo; a questão não é a toxicidade da substância, mas a relação que o sujeito estabelece com a droga, o lugar que esta ocupa na sua economia psíquica.



No artigo *A droga da palavra*, Miller^[5] afirma que a escolha por determinada droga, a relação de parceria que o sujeito estabelece com a droga passa pelo significante. “O acesso ao gozo da droga pelo sujeito não foi sempre traçado pelo que veio da palavra?” O toxicômano tende a definir-se cada vez mais, e com isso se reduzir e se simplificar nessa relação com a droga. Como a partir da certeza dos efeitos do gozo do corpo pode advir uma vacilação, uma dúvida, ou quem sabe um enigma? Miller^[6], no texto *A teoria do parceiro*, discute o estabelecimento da transferência com o parceiro psicanalista, outro parceiro para além da droga como parceiro de gozo, pode propiciar que, no ato de falar na análise, o sujeito vá aparecendo, “ganhando corpo” na sua complexidade singular. Com isso, podendo localizar também a parceria que este tem para além da droga como parceiro de gozo, isto é, com quem ele teria que jogar a partida na qual a droga pode entrar nesse jogo como forma de desviar-se?

No artigo *A interpretação é realmente possível*, Sidon^[7] discute que frequentemente a primeira interpretação que ecoa nessa clínica é quando algo do corpo advém, como um mal-estar ao usar a droga, um problema de saúde, ou seja, da ordem do real. O analista deve consentir com essa interpretação. O desejo do analista de acreditar no sintoma, de algo a decifrar, pode propiciar que o sujeito, ao ouvir o que ressoa no real do corpo, se interroge sobre o sofrimento que lhe concerne. “No caso de o sujeito poder escutar uma intervenção que faz ressoar o corpo, ele pode ter acesso à vida na qual o destino indica um impasse” Retomando o fragmento do caso clínico, no primeiro momento do tratamento, as intervenções da analista sobre a implicação dele no tratamento, ora com tom *irritado*, ora com tom de *brincadeira*, tiveram efeitos em F. Nas intervenções, puderam ressoar também no corpo algo que ora causou *surpresa*, ora *irritação*, abrindo para ele uma interrogação? Também F. relatou que passou mal ao usar a droga, ficou com medo de que algo mais sério acontecesse; algo do real do corpo apareceu e pode tê-lo tocado como interpretação do real?

F. tem-se perguntando sobre seu sofrimento singular, falando disso na análise, e parece estar construindo outras formas de tratamento da desordem do corpo para além da droga, como iniciou aulas de basquete, nas quais diz sentir sensações prazerosas no corpo e fez novas amizades.

Os desafios da práxis do psicanalista no paradoxo da droga como parceiro de gozo, que também é um tratamento da desordem do gozo do corpo. Como nessas interrogações e deciframentos, o sujeito pode construir invenções que ressoem no corpo, dando-lhe contornos, e também fazer outras parcerias com a vida. Na clínica delicada de intensidades, de idas e vindas, que, nessa partida com o analista – dealer da droga da palavra – possa aparecer algo singular.

REFERÊNCIAS

[1] Trabalho produto do Cartel Fulgurante das VI Jornadas EBP LO, inscrito como tema: Eixo 3: A droga como parceiro de gozo, Cartel: Toxicomanias, Geice Tatiana Barbosa – Campo Grande/Mato Grosso do Sul- mais-um, Adrya Leão de Andrade Cecchini Goiânia/ Goiás, João Pedro Vilar Nowak de Lima Campo Grande/ Mato Grosso do Sul, Mariana Sant’ Anna Costa Vitória/ ES, Shirely Macedo Gundim, Goiânia/ Goiás.

[2] MILLER, Jacques Alain. Efeito do retorno da psicose ordinária. Opção Lacaniana online, número 3, 2010, pg 17. <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero3/comissao.html>.

[3] SANTIAGO, Jesus. Droga ruptura fálica e psicose ordinária. In: Pharmakon Digital, número 3, 2017. <https://pharmakon-digital.com/droga-ruptura-falica-e-psicose-ordinaria/>.

[4] SIDON, Pierre. O real é a nossa inspiração, 2025. Texto inédito

[5] MILLER, Jacques Alain. A droga da palavra. Pharmakon Digital, número 5, 2025, pg.40. <https://pharmakondigital.com/a-droga-da-palavra/>.

[6] MILLER, Jacques Alain. A teoria do parceiro. Pharmakon Digital, número 4, 2023. <http://pharmakondigital.com/a-teoria-do-parceiro/>.

⁷SIDON, Pierre. A interpretação realmente possível? In: Pharmakon Digital, número 4, 2023, pg 24. <http://pharmakon-digital.com/a-interpretacao-realmente-possivel/>.

Quando o parceiro sintoma se desfaz

Elisa Martins Uyttenhove
elisamartinso@yahoo.com.br

O renomado diretor Guillermo del Toro, na série intitulada *Gabinete de Curiosidades*, no capítulo denominado *Por fora*, narra uma história instigante acerca de uma mulher que não se encaixa nos padrões de conduta e beleza da sociedade^[1]. A estranheza da personagem principal consiste no seu traço único e singular, razão do amor de seu marido, porém, o que a deixa à margem do grupo das colegas de trabalho. Seu marido, que aparece no início da história como o portador das palavras que a acalmam diante dos barulhos que escuta no porão, passa, pouco a pouco, a ser encarado como um obstáculo para sua transformação na Mulher Ideal veiculada pela propaganda do creme *Alo Glo*. A captura da personagem pelo discurso capitalista e da ciência, evidentes na propaganda, nos levam, então, ao seguinte questionamento: em que medida a incidência do discurso capitalista se impõe como um obstáculo para as parcerias sintomáticas?

A aliança entre a ciência e o discurso capitalista e seu efeito devastador

Após ser presenteada com o hidratante *Alo Glo* pela colega de trabalho Gina, que encarna os ideais de beleza da cultura, Stacey é, gradativamente, capturada pelos comerciais deste produto na TV, que aparecem sob o seguinte slogan: “Alo Glo pode consertar tudo e isso é uma garantia. Único produto para a pele que transforma seu corpo, mente e alma, seja para ter uma pele de porcelana, chamar atenção ou se enturmar”^[2]. O que é vendido não é, portanto, apenas um produto para a pele, mas a possibilidade de sair do isolamento e de se conectar ao Outro. Entretanto, essa conexão pressupõe a adesão a um modelo preconcebido e idealizado, o que implica, forçosamente, não propriamente em um laço, mas em uma fusão que anula a diferença.

Na *conferência de Milão*^[3] Lacan nos apresenta o discurso capitalista como uma subversão do discurso do mestre. No matema proposto, o sujeito aparece em uma conexão direta com o objeto a , que funciona como um tampão da castração, não havendo intervalo entre $S1$ e $S2$. O objeto a , encarnado nos inúmeros *gadgets* oferecidos pela cultura, emerge como mais-de-gozar suturando a falta do sujeito. Eles são pequenas porções de satisfação sempre efêmeras, porém, oferecidos como um ideal de completude imaginária na garantia de felicidade e sucesso do consumidor.

O discurso capitalista apoiado na verdade científica está presente na oferta de *Alo Glo*, cuja promessa de transformação se sustenta na fórmula avançada e inovadora de retinol e peptídeos, sendo vendido como um produto caro. A pele de Stacey, contudo, reage ao creme, ficando muito vermelha e irritada, e, apesar das objeções e alertas do marido, ela insiste que isso faz parte de sua transformação. Ela precisa, literalmente, trocar de pele. O que nos leva a pensar que o sujeito não é tanto consumidor, porém consumido, fato que, curiosamente, é evidenciado no alerta para os efeitos colaterais do produto, descritos como: “vazio interno, falta de ambição, falta de individualização, de pensamento e de opinião independente”^[4]. Desse modo, assistimos ao desaparecimento gradual de todo traço singular da personagem conforme o ideal de consumo vai se concretizando.

A fusão na Outra e a dissolução da parceria sintomática

Quanto mais aderida ao objeto de gozo, mais distante ela está do marido. Enquanto as palavras dele provocavam no começo um questionamento que imprimia uma certa distância da ameaça imaginária vinda do porão, apaziguando, assim, sua angústia; o discurso capitalista, pelo contrário, tem como efeito dar cada vez mais consistência a isso que se insinua, inicialmente, apenas como ruídos e, depois, como a materialização gradativa da Mulher de creme que vai se formando no porão, conforme a personagem vai sendo seduzida pela promessa da Mulher perfeita. Aliado ao saber científico, o discurso capitalista oferece a certeza de poder consertar tudo, não havendo espaço para a falta, que aloja a verdade do sujeito.

A aproximação cada vez maior da Mulher de creme tem como efeito, por conseguinte, o distanciamento de seu marido, que passa a ser encarado como um obstáculo para sua transformação. Ele, contudo, tenta fazer um último apelo para trazer sua esposa de volta, tentando resgatar sua singularidade, enumerando as qualidades que admira nela, porém, é golpeado e morto. Seu parceiro encarnava a última resistência que poderia haver nela para sua completa fusão. Não há mais espaço para nada contrário a sua convicção e, por isso, ele só pode ficar ao seu lado morto, esvaziado de si mesmo, como demonstra a cena de sua taxidermia.

O ato de matar seu marido consoma a dissolução da parceria sintomática. Sem nenhum impedimento, Stacey é literalmente engolida pela mulher de creme ao imergir na banheira cheia de hidratante, sucumbindo à padronização no ideal. O marido está morto, mas ela também. Ao aniquilar o parceiro, é ela mesma quem morre, na medida em que ele encarnava o último suspiro de sua diferença.

Em seu texto *Amor. sempre Outro*, Oscar Ventura afirma que o ódio dirigido ao Outro é na, realidade, a recusa de nosso próprio gozo e que a construção de uma nova parceria só é possível dissolvendo as identificações que sustentam o ódio originário anterior ao amor^[5]. Nessa perspectiva, podemos afirmar que o ódio dirigido ao marido, culminando em seu assassinato é, no fundo, o ódio contra seu modo próprio de gozar. Ódio, que o discurso capitalista parece dar mais consistência, pois opera promovendo um achatamento do intervalo entre S1 e S2, contribuindo, assim, para fixar ainda mais o sujeito às identificações.

A partir do exposto, podemos compreender as parcerias sintomáticas como uma forma de resistência à ameaça do desaparecimento do sujeito na aliança perversa entre o discurso capitalista e a ciência? Como trilhar um caminho possível entre a segregação e a fusão no Outro? Como construir um laço a partir do mais singular que nos habita?

REFERÊNCIAS

[1] GABINETE DE CURIOSIDADES. Direção: Guillermo Del Toro. Netflix. Toronto e Hamilton, Ontário, Canadá: Netflix, 2022. Streaming.

[2] Ibidem, Min.22:41- 24:19

[3] LACAN, Jaques. Conferência de Lacan em Milão em 12 de maio de 1972 – Parte 2. Tradução: Sandra Regina Felgueiras. Trilha do Torg, 25 mar. 2015. Disponível em: <https://trilhardotorg.wordpress.com/2015/03/25/conferencia-de-lacan-em-milao-em-12-de-maio-de-1972-parte-2-traducao-de-sandra-regina-felgueiras/>. Acesso Em: 8 ago. 2025.

[4] op. cit., 1, Min. 23:39 – 23:42

[5] VENTURA, Oscar. Amor: Sempre Outro. In: XXIV Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas Gerais. Anais. Belo Horizonte: EBP-MG, 2020. Disponível em: https://www.jornadaebpmg.com.br/2020/wp-content/uploads/2020/09/texto4_oscar-ventura.pdf. Acesso em: 8 ago. 2025.

A folie à deux na sétima arte

Fábio Paes Barreto (EBP/AMP)
fpbarreto@uol.com.br

Para discutir a parceria sintomática na psicose, comentaremos sobre as matizes do filme “Joker: folie à deux”, no Brasil, traduzido como “Coringa: delírio a dois”. A intenção não é desenvolver um estudo semiótico ou uma psicanálise dos personagens ou tomá-los como “casos clínicos”.

“Parceiro-sintoma” ^[1] é uma expressão cunhada por Jacques-Alain Miller que provém do aforismo “não há relação sexual”. Desse modo, temos especial interesse naquilo que é desenvolvido no Seminário 20^[2], quando Lacan apresenta a tábua da sexuação e estabelece uma distinção entre o sexo fálico e o Outro sexo, colocando em causa a função fálica, o objeto a , um homem como TODO, uma mulher como NÃO-TODA e posições subjetivas distintas para um e outro com respeito a Desejo, Gozo e Demanda de Amor. A fórmula da fantasia fundamental é tomada como uma resultante das combinações possíveis dessas variáveis:

\$ ◇ a

Há uma disjunção entre o Sujeito e o Objeto a , que é a referência do desejo. O losango, uma ruptura, que demonstra que o sujeito não está no mesmo local do desejo.

Quando um homem toma uma mulher como causa de seu desejo e ela consente, nesse encontro contingente a mulher é o sintoma do homem. Mas, se não há relação sexual, como pode existir parceria? Não há relação, o que existe é a parceria sintomática. A parceria sintomática homem-mulher é a mais paradigmática.

O personagem Coringa foi criado pelos desenhista J. Robinson, o escritor B. Finger e o quadrinista B. Kane, em abril de 1940. Arlequina surgiu 52 anos depois, também oriunda da DC Comics, descrita como uma anti-heroína.

No primeiro filme da franquia iniciada em 2019, o ator Joaquin Phoenix emagreceu 25 quilos para interpretar Coringa. A mudança física dava suporte para a psicológica, representando a fragilidade de A. Fleck. Ele trabalhava como palhaço e tinha que lidar com a Epilepsia Gelástica – do grego *gelus*, *yriso*, uma condição rara na qual coexistem convulsões e risos incontroláveis.

Sua personalidade difícil o fez ser demitido e, numa reação a tantas infelicidades, ele assumiu uma postura violenta – e se tornou o Coringa. Preso no hospital psiquiátrico, ele conhece Harley Quinn. Desse encontro, advém um romance doentio em uma desventura alucinada. O julgamento público de Joker impacta a cidade e suas mentes conturbadas.

Harley Quinn (Lady Gaga) possui nome e sobrenome homofônicos à alcunha de Arlequina. Ela é explorada na perspectiva do “delírio a dois”, ao se entregar à influência do Coringa, que tem uma mente caótica, deleita-se na destruição e padece da falta de empatia pelas vítimas.



Joker está à margem da civilização e por ela tem afetos de ódio e desilusão. Em seus despropósitos, há apenas o gozo opaco e obscuro em minar o laço social. A violência é o fora-de-sentido em jogo, tendo como via privilegiada de expressão a passagem ao ato, na irrupção de um gozo louco, sádico e paroxístico, que não cessa de se escrever. O amor na parceria Coringa-Arlequina apenas existe na ambivalência do *amódio*³.

O musical valoriza Lady Gaga como cantora e atriz performática, enveredando por uma narrativa ao estilo, a um só tempo, de um *thriller* policial e um *trial movie*. O resultado surpreende e fica a meio-caminho entre uma comédia sarcástica e um musical de humor ácido.

O delírio megalomaniaco compartilhado revela o paradoxo dos risos vazios, sem vida e graça, que embutem pura destrutividade e pulsão de morte. Do âmago mais íntimo dos risos, advém seu avesso: o horror inominável e infamiliar (*Unheimliche*)^[4]; o real sem lei de um gozo violento e que tende ao infinito.

A clínica da estabilização psicótica do ultimíssimo Lacan nos dá pistas importantes para a leitura do filme. Ela é diferente da clínica das neuroses, em que há a interpretação, sob transferência, dos conflitos e do sintoma.

O campo das psicoses é o dos enlaces e desenlaces, não há conflitos; o inconsciente é real e o real do gozo não se oferece à interpretação, assenta-se no fora-de-sentido e não produz efeitos de verdade. Com Coringa e Arlequina, temos aqui verdades mentirosas e a direção cura analítica deve seguir numa vertente distinta daquela das neuroses.

Os esforços dos falasseres para estabilizar a própria loucura incursionam pelos três registros. No imaginário, buscam um pareamento ao semelhante, escorando-se no outro; ou se identificando rigidamente a um trabalho ou cargo social. É o funcionamento *comme si*, recuperado por Lacan^[5]. No simbólico, o inconsciente está empenhado em construir uma narrativa delirante para regular o gozo aí implicado^[6]. Na parceria Coringa-Arlequina, o delírio fracassa nesse propósito. No registro do real, a pacificação mais fugaz para o gozo são as passagens ao ato. Lacan deu seu próprio testemunho quando visitou C. Papin na prisão, e a encontrou conversando tranquila, logo após ter cometido o duplo e brutal homicídio^[7]. Lacan considerou o crime das irmãs Papin como um caso clássico de *folie à deux*.

Por fim, a modalidade a mais permanente é a suplência pelo *sinthoma* joyceano, que produz efeitos de estabilização duradoura nos três registros. Lacan^[8] constatou que Joyce jamais delirou ou desencadeou uma psicose franca, como sua própria filha Lucia Joyce.

Na *folie à deux*, um sujeito psicótico (o indutor) com delírios influencia outro indivíduo (o induzido) a acreditar na mesma certeza delirante. Os indivíduos envolvidos estão em uma relação próxima, como família, amigos íntimos ou casais.

“Coringa: delírio a dois” é uma obra de ficção e se pauta pelo talento e liberdade poética de seu diretor. Nossas considerações, à luz da psicanálise, estão reservadas meramente ao terreno especulativo e se prestam a ilustrar o que está em jogo nessa parceria fictícia, pontualmente: o delírio como fenômeno elementar; as evidências da forclusão do significante do Nome-do-Pai^[9]; o *amódio*; e como consequência da falha no simbólico, o empuxo à violência, ao fora-de-sentido e à passagem ao ato. São essas características que dão a tônica dessa variante cinematográfica da *folie à deux*.

REFERÊNCIAS

- [1] MILLER, Jacques.-Alain. El partenaire-síntoma: los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller. Buenos Aires: Paidós, 2020.
- [2] LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: mais, ainda [1972-1973]. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Coleção Campo Freudiano no Brasil).
- [3] Ibidem
- [4] FREUD, S. Lo ominoso (1919). In: FREUD, S. De la historia de una neurosis infantil (Caso del Hombre de los lobos), y otras obras

(1917-1919). Buenos Aires: Amorrortu, 2009. v. 17. p. 215-251. (Colección Obras Completas de Sigmund Freud).

[5] LACAN, Jacques. O seminário, livro 3: as psicoses [1955-1956]. 2. ed. 2. reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 1992a. (Coleção Campo Freudiano no Brasil)

[6] MALEVAL, Jean-Claude. Logique du délire. nouv. éd. rev. et aug. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2011. (Collection Clinique Psychanalytique et Psychopathologie)

[7] LACAN, Jacques. Motivos do crime paranoico: o crime das irmãs Papin. In: Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 381-390.

[8] LACAN, Jacques. O seminário, livro 23: o sinthoma [1975-1976]. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. (Coleção Campo Freudiano no Brasil).

Contar: da literalidade matemática à historização, e a busca pelo fazer uso da palavra.

Bruna de Souza Dias
brunadsdpsi@gmail.com

M. chegou após crise e tentativa de suicídio, com Diagnóstico de TPD- Transtorno de Personalidade Borderline, somado a alguns elementos como: histórico de inconstâncias emocionais que traziam grandes prejuízos à vida cotidiana, crises de automutilação e certa característica de sentir-se invadida ao ter que lidar com ambientes públicos, o que me sinalizou para um olhar sobre a estrutura de seu discurso pela via da fronteira.

Em sessões, geralmente trazia discurso melancólico, dizia não ter motivação para continuar a viver. Geralmente falava sobre atritos com a mãe, em grande parte relacionados à não aceitação pela paciente ter o corpo predominantemente tatuado, como questões relacionais as quais ela tentava “passar despercebida”, e dificuldade em romper relações amorosas, mesmo estas não a fazendo bem.

Ao longo do tratamento abordou assuntos que me sinalizaram para dimensão de fenômenos elementares, índices de retorno de irrupção do significante no real, como fobias não elaboradas até a adultez e episódios de alucinações aos 15 anos, assim como cenas em que quase vomita de tanta alegria, e não se reconhecer ao se olhar no espelho. Com o tempo trouxe recortes de situações desconfortáveis devido à compreensão literal de falas de amigos, que apontava para um não esvaziamento de gozo na linguagem^[1]. Desde o início do tratamento busquei operar como *analista-sutil*, pela via de uma parceria enlaçada em escutar e possibilitar a historização da paciente, mais do que na interpretação, cortes e/ou pontuações de significantes e tentativa de construção de um caso com intervenções pela decifração. Pois percebia a opacidade de um não querer saber de seu sintoma e para o que ele apontava, quase como uma falta de consentimento na vertente de implicação subjetiva que o tratamento analítico demanda^[2].

Ao longo dos anos de atendimento me servi do fenômeno transferencial como instrumento e tentava operar enquanto representante da carga psíquica, mesmo me deparando com momentos de indiferença e convicções inamovíveis, e rejeição de interpretações que apontassem para questionamentos. Porém concomitantemente me percebia na função de auxílio para algumas situações práticas da vida, como quando a paciente solicitou deixar a medicação comigo, por receio de pensamentos que apontavam para tentativa de suicídio^[3].

Com o passar do tempo, percebi um certo congelamento de minha posição, enquanto objeto *agalmático* como concentrador da libido, a partir da falta do comprometimento de M. tanto com o que trazia nas sessões, que passou para momento de sessões com discurso vazio, como se ali fosse apenas um depósito de suas queixas, assim como com o pagamento que estava sem realizar há meses. O que me fez repensar qual

a dimensão da partida que estava ali em jogo, se os atendimentos ainda conseguiam acessar o que estava fixado e consequentemente produzir efeitos, como a regulação do excesso de gozo que antes ocorria^[4].

A partir de conteúdo trazido por ela sobre situações em dificuldade de cobrar pagamentos a receber de trabalhos de *freela* que realizava, apostei após alguns meses na intervenção de pontuar sobre o valor pendente de suas sessões, o que desembocou na interrupção dos atendimentos. Tal ato durou 8 meses, após esse tempo M. retornou às sessões, acertou o valor pendente e de início já trouxe uma questão, que dizia ser necessário trabalhar: como se desorganiza quando não recebe pagamentos de seus trabalhos, atrelado à falta de conseguir cobrar tais pagamentos.

A partir de então suas sessões apresentam um caráter de mais comprometimento com o que fala, além do que faz na prática, tomado decisões que até então não tinha coragem.

Em supervisão foi possível analisar os diferentes momentos dos 8 anos de atendimento até então, assim como recortar e realizar uma leitura da posição de M., como de manejos que realizei e seus ecos. A intervenção provocou um giro, tanto de minha parte enquanto analista, quanto dela, que pôde dizer sobre o conteúdo que atuava. A partir da intervenção sob transferência ocorreu uma abertura que a reposicionou, incidiu em uma cessão de gozo pela via deste objeto, o dinheiro, e passou de lugar de dejetos para se servir de tal lugar de relação com o dinheiro de outra forma, do fazer ao falar.

Ao tentar responder uma das perguntas da Jornada, *o que faz um encontro ou um desencontro?*, me deparei com a questão de como se enlaçou a parceria para o tratamento, e *que tipo de parceria* se estabeleceu. Percebi o caráter suplementar da parceria, porém que a docilidade característica de meu estilo deveria ser questionada, até que certo ponto era efetiva para um tratamento, assim como é feito por Miech no livro *A Psicose Ordinária*^[5]. Somado ao não querer as técnicas que encontrou em outras abordagens – estas não a enlaçaram (indicadas pelo psiquiatra, quando realizou uma Avaliação e diagnóstico de TDAH), escolheu um espaço para poder falar sobre suas questões para além de seu diagnóstico^[6].

Com o tempo, na tentativa de auxiliar que o saber de M. fosse transmissível busquei enquanto estratégia operar de forma ativa ao fazer escansões e extraindo uma lógica, enquanto *secretária do alienado*, ao fazer que algo do gozo cedesse pela via do manejo com o pagamento, já que havia trazido o conteúdo de maneira a apontar para uma posição de dejetos nesta relação, e abrir um novo lugar de enunciação, de possibilidade de simbolização.

REFERÊNCIA

[1] BAYON, A. Patricio. Diagnóstico diferencial: Clínica do Um na neurose e na psicose. In: O autismo, entre alíngua e a letra. Tradução: Bartyra Ribeiro de Castro. Vitória: Editora Cândida, 2024.

[2] SCILICET: As psicoses ordinárias e as outras – sob transferência, NITZCANER, D. Transferência. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2018, p.351.

[3] HANNA, Maria Silva García Fernández. Terceira e Quarta parada. In: A transferência no campo da psicose: uma questão. Rio de Janeiro: Subversos, 2018.

[4] MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. Acesso em: julho, 2025. Link: <https://pharmakondigital.com/a-teoria-do-parceiro/>.

[5] BATISTA, M. C. D.; LAIA, S. (Orgs). Transferência e Psicose nos limites. In: A Psicose ordinária: A convenção de Antibes. Belo Horizonte. Scriptum Livros, 2012.

[6] BATISTA, M. C. D.; LAIA, S. (Orgs). Como pode o sujeito psicótico servir-se de nós?. In: A Psicose ordinária: A convenção de Antibes. Belo Horizonte. Scriptum Livros, 2012.

Meu veneno é meu antídoto

Leandro Borges
leandroborgespsi@gmail.com

D. 42 anos, chega ao meu consultório pelas mãos da mãe. É ela quem procura, quem paga e quem diz por ele: “eu sei quem é meu filho, sou sua porta-voz”. Recorda e reafirma: “Eu nunca tirei os olhos dele, ele sempre foi terrível” e acrescenta que hoje em dia o monitora pelo celular e por câmeras espalhadas pela casa. D. ao chegar se antecipa: “Minha mãe já deve ter dito como eu sou.” A frase localiza sua posição de gozo: ele não fala, é falado; e ser falado, nesse caso, é permanecer como objeto que responde ao desejo materno. O objeto olhar, tal como formulado por Lacan^[1], não é o simples ver, mas o ponto de onde o sujeito se sabe visado pelo gozo do Outro. Ele marca que esse olhar pode assumir uma dimensão mortífera, funcionando como ponto de fascinação que paralisa o sujeito e o impossibilita de escapar à captura do Outro. Tal como a mariposa que não resiste à luz que a consome. Isso posto, o olhar da mãe de D, não é simples cuidado: é captura, é um olhar que opera enquanto objeto *a* invasivo e sustenta um gozo que o fixa numa posição de ser para o gozo dela.

D. não se apresenta como autor de seu dizer, mas como ventríloquo do Outro, ao falar, não se trata de uma enunciação, que parte de um sujeito separado do gozo da mãe. Quando a função paterna não metaforiza o desejo da mãe, este se ancora no que Lacan^[2] denomina “termo obscuro” expressão que surge para indicar o elemento opaco e enigmático que ocupa, na fantasia, o lugar do Nome-do-Pai. Nesse caso, a droga, articula-se a esse gozo materno como parceiro cínico, repetindo e recobrando a intrusão, funcionando como suplência que o mantém na órbita da mãe. Convido-o a falar e digo que quero saber dele por ele: “Já fui a tudo que é psiquiatra e psicólogos dessa cidade e nunca adiantou nada, eu sou um caso perdido.” Ironizo: “Caso perdido? Agora é um caso encontrado.” Ele ri: “Quem sabe agora vai.” Respondo: ao que parece a questão não é ir, mas ficar. Interpretação que busca introduzir um ponto de corte na lógica de errância e inaugurar a transferência.

Já na primeira sessão, “eu sou doidão” impõe-se como significante mestre, S1 que comanda sua enunciação e ao qual retorna reiteradamente, como se cada fala viesse confirmar essa marca. No campo da clínica, tal nomeação funcionou como ponto de ancoragem do gozo, inscrevendo-o como S1 sem deslizamento, nomeação que o recobre, fixando-o num gozo autoerótico e radical. Ele começa a desfiar seu percurso de consumo intenso e precoce: “Eu sou doidão, com seis anos eu já fumava as bitucas de cigarro da minha mãe aos 10 eu já bebia ao álcool; aos 14, maconha e cocaína; depois, LSD, êxtase, crack, eu usava qualquer droga que aparecesse”. O histórico inclui expulsões escolares, brigas, processos, destruição de bens e acidentes: “Já dei perda total em seis carros, já era pra eu ter morrido.”

Pontuo: “mas há muito pouco de vida em você.” Ele responde: “Eu sou cara estranho, morto por dentro, quando meu pai morreu, eu não senti nada, não caiu uma lágrima”. Nesse vazio simbólico-

co, a droga se instalou como suplência da função Nome-do-Pai, recobrando o buraco com um gozo absoluto que o mantém na posição de objeto da pulsão. Como formula Miller^[3] o toxicômano, “goza mal, goza contra o próprio corpo, goza até a morte”.

O título do trabalho não é metáfora poética, mas literalidade de gozo. “Quando eu acordo destruído, com o corpo acabado, a melhor coisa é rebater: eu bebo por cima, meu veneno é meu antídoto”. O que o intoxica é o que o “cura” circuito fechado sobre si mesmo, onde a pulsão se consome na própria entropia, girando sem resto. Como observa Jesus Santiago^[4], trata-se de “um verdadeiro casamento do sujeito com a droga”, laço absoluto que elimina a mediação do Outro e sustenta o gozo do Um. “Eu não sei o que é estar limpo; desde a adolescência uso droga todo dia, sem droga eu piro.” A droga, aqui, vai além da parceria: ela é o eixo estabilizante, mesmo que uma amarração precária é o que segura o conjunto dos registros e impede sua queda livre no desencadeamento. O efeito dessa amarração é paradoxal: sustenta um certo equilíbrio, mas ao custo do apagamento subjetivo em favor de corpo tomado como puro suporte de gozo, o que Miller denomina de subtração do sujeito.

Na toxicomania, o circuito do gozo tende a fechar-se no *autômaton*, repetição do sempre-igual, sem furo nem intervalo que permita o desejo se articular. D. estava submetido a essa lógica até que uma noite, após a combinação habitual de álcool e pó, ele sofre um infarto é reanimado e vive: “Eu passei mal demais, eu morri, depois voltei, eu vi a morte de frente... você tem que me ajudar a não viver isso outra vez”. O “morri, depois voltei” comparece como experiência de corpo, na qual o real se impõe e rompe a economia habitual do gozo: um acontecimento de corpo, algo irrompeu e deixou marca sem passar pelo crivo do significante. O infarto, assim, se apresenta como encontro traumático com *tiquê*. Como formula Miller^[5], “há acontecimentos que deixam uma marca no corpo e que não podem ser esquecidos, porque são do real”. Diferente do olhar materno que o soldou à sua posição de objeto, o olhar do real “eu vi a morte de frente” instala um limite, impondo ao gozo uma mutação, um ponto de não-retorno. Nesse sentido, o encontro com *tiquê*, desperta D. que se vê confrontado com o real, com a presença viva de seu próprio corpo, que até então era morto.

REFERÊNCIAS

[1] LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 218.

[2] LACAN, Jacques. O seminário, livro 4: A relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 197.

[3] MILLER, Jacques Alain. El partenaire-síntoma. Buenos Aires: Paidós, p. 107. Miller, J.-A. (1996). “Introdução à clínica lacaniana”. *Opção Lacaniana*, 2014, n. 15, p. 2.

[4] SANTIAGO, Jesus. A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001, p. 62.

[5] op. cit. 3, p. 19.

Entre o sol que aquece e queima

Mário Batista da Silva Neto
mario_clinicapsi@hotmail.com

Jacques Lacan, ao formular o axioma “Não há relação sexual”, subverte o campo da sexualidade e das relações amorosas. Ele propõe que a relação entre os sexos é marcada por uma falta estrutural, impossível de ser plenamente simbolizada, revelando a incompletude inerente à estrutura do sujeito. Essa verdade, que emerge do furo no saber, encontra verificação cotidiana na clínica da psicose, onde a ausência de equivalência sexual se manifesta em desencontros amorosos.

Essa falta estrutural impede o encaixe simbólico que unificaria o “dois” em “um”. O desejo, sempre barrado, endereça-se a um Outro que não garante reciprocidade. Contudo, como Lacan destaca no *Seminário 23*, “Na medida em que há sinthoma, não há equivalência sexual, isto é, há relação”^[1,2]. Essa relação possível não se estabelece pela complementaridade dos sexos, mas pelo laço singular que o sinthoma permite construir.

Para ilustrar como essa lógica opera na psicose, examinemos o caso clínico de Amanda, 41 anos, cuja parceria com Hélio revela os contornos de uma relação atravessada pelo gozo. Amanda, diagnosticada com transtorno bipolar, nomeia Hélio como “meu sol”, um significante que condensa a ambivalência entre o que aquece e o que queima. Essa relação, aparentemente estável, desmorona em um evento disruptivo: ao ver uma foto de Hélio com a esposa e os filhos num resort, publicada no Instagram, Amanda envia uma faca dentro de uma caixa para a casa dele. Seria isso um *acting out* ou uma passagem ao ato?

É mais comum observar passagem ao ato na psicose, caracterizando-se por um colapso subjetivo onde o sujeito “cai” da cena, sem endereçamento ao Outro. Contudo, como Lacan esclarece no *Seminário 10: A Angústia*, essa distinção não é exclusiva da psicose, pois a passagem ao ato pode ocorrer em outras estruturas, como na neurose de Dora, que reage com uma bofetada ao Sr. K^[3,4]. Já o *acting out*, conforme Sérgio de Campos discutiu nas atividades preparatórias da VI Jornada da EBP Seção Leste-Oeste, pode ser um ato psicótico com endereçamento ao Outro^[5]. Poderíamos dizer que no caso de Amanda, o envio da faca sugere um *acting out*, uma vez que o ato é endereçado a Hélio?

Amanda demanda de Hélio uma estabilização subjetiva, e ele, por vezes, ocupa esse lugar de suplência. Por exemplo, ao orientá-la em processos judiciais, encaminhar clientes, oferecer dinheiro ou escutá-la. Trata-se de uma parceria sintomática, em que Amanda se dirige ao “sol” em busca de iluminação, mas acaba se queimando pelo excesso de gozo, que a atrai e a desestabiliza. Na análise, Hélio ocupa o centro da narrativa desde o início do tratamento, mas a escuta analítica oferece um espaço de exceção, onde a angústia pode se inscrever simbolicamente, ganhando contorno e reduzindo o risco de novas desestabilizações.

No contexto da psicose, como discutido por Jacques-Alain Miller, a função do analista não é reintroduzir o Nome-do-Pai, mas possibilitar a invenção de um laço singular^[6]. No caso de Amanda, a análise sustenta um espaço onde sua narrativa secreta encontra endereço, permitindo bordar o excesso de gozo. Assim, o

analista opera como uma figura de exceção, não um saber-todo, mas um parceiro que acolhe a singularidade da loucura sem normatizá-la.

A ética da psicanálise lacaniana, nesse sentido, reside em acolher a certeza do sujeito psicótico sem desmontá-la, oferecendo um espaço para sua reinvenção. Como Miller destaca na clínica borromeana, não se trata de remendar o furo, mas de costurá-lo para que o sujeito possa sustentar-se nele^[7]. Para Amanda, o objetivo não é retirá-la de “seu sol”, mas ajudá-la a construir um “filtro solar”: uma invenção sinthomática que module o gozo, permitindo usufruir do calor sem ser consumida pela queimadura.

A parceria sinthomática entre Amanda e Hélio ensina que, na psicose, mesmo na ausência de uma relação sexual universal, há relação – ainda que não-toda, atravessada pelo Real. O analista, como parceiro de travessia, sustenta a escuta de um enredo no qual o sujeito psicótico possa se localizar, inscrevendo uma borda possível para seu sofrimento.

REFERÊNCIAS

^[1] LACAN, Jacques. *O sinthoma: Seminário, livro 23*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

^[2] GROSTEIN, Sandra. Texto de orientação à VI Jornada da EBP Seção Leste-Oeste: “Encontros e desencontros – parcerias sintomáticas”. 2025. Inédito.

^[3] LACAN, Jacques. O Seminário, livro 10: A angústia (1962–1963). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

^[4] FREUD, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. VII.

^[5] CAMPOS, Sérgio. Comunicação oral. In: Atividade Preparatória para a VI Jornada de Psicanálise da Sessão Leste-Oeste, Goiânia, 4 jun. 2025.

^[6] MILLER, Jacques-Alain. *O osso de uma análise*. São Paulo: Companhia de Freud, 2009.

^[7] MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. *Opção Lacaniana online*, nova série, ano 7, n. 20, 2016. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_20/Uma_partilha_sexual.pdf. Acessado em: 6 jul. 2025.

Morango do amor e adolescência: Por que o objeto seduz mais que o amor?

Hítala Gomes
hitala@gmail.com

Nos últimos tempos vimos de maneira insistente a elevação do morango – fruta que andava meio apagada da feira, por não estar na sua melhor fase (digo isso com propriedade, pois além de psicanalista, sou mãe, e frequento semanalmente a feira para comprar verduras, legumes e o morango das crianças) –, no doce mais comentado da *internet*. De pessoas tentando fazer a receita a filas enormes para comprar o doce. Estaríamos diante do fenômeno apontado por Lacan, no Seminário VII de “elevação do objeto à dignidade de Coisa?”^[1]

É a partir deste Seminário que Lacan irá efetuar uma reintrodução do real com a nomeação da Coisa. Esta, mais tarde, será chamada de gozo e se tornará manejável na condição de objeto a .

Lacan busca uma relação entre *Trieb* e *das Ding*, “a Coisa [...] está no âmago da economia libidinal. E a fórmula mais geral que lhes dou da sublimação é esta – ela eleva um objeto [...] à dignidade da Coisa.”^[2]

Com isso, ele demonstra como um objeto não é só algo que porta uma utilidade, ou apenas algo abstrato, mas que pode sim, alcançar outro sentido, e com isso se elevar a dignidade de Coisa. E, acrescenta, também, que o princípio do prazer, ao girar em torno de uma busca ao objeto perdido, opera em acordo com a pulsão de morte.

Em meio ao fenômeno paradoxal do gozo, é difícil para o homem suportar esse vazio que aparece. Então, ele procura tamponá-lo ou rejeitá-lo numa tentativa de composição com a Coisa, seja pela arte, a ciência ou a religião.

Ao mesmo tempo, o movimento que é visto hoje na sociedade passa por uma valorização do objeto em detrimento do ideal. Ocorre um desaparecimento dos ideais e um deslocamento para os objetos de gozo, de consumo.

Já em 1938, no seu texto *Os complexos familiares*^[3], Lacan já apontava para as consequências da queda da *imago* paterna e os seus ideais.

Para Ana Lydia Santiago

As mutações da ordem simbólica [...], o declínio do patriarcado ou a perda de potência da voz do Pai, associam-se à quebra dos constrangimentos naturais promovida pela ciência na medida em que esta passa a manipular a procriação, a transmissão de saberes e o saber fazer.^[4]

Consequentemente, há uma queda também de registros tradicionais, seja da religião, ou de classes populares que falavam sobre o ser homem ou ser mulher, ou o que convinha fazer para ser homem ou ser mulher. Os efeitos disso são desorientadores, de fato, muitos pais não sabem mesmo o que fazer.

De acordo com Vieira

A presença do fantasma do pai renova a cada instante o pacto fraterno, impondo aos filhos um gozo limitado e com algo de impostura. Somos fadados a gozar apenas parcialmente e é exatamente como seres de gozo parcial que nos definimos. É o que indica Lacan quanto à instauração da falta como possibilidade de desejo, cujo nome freudiano é 'castração' e que situa o regime todista de gozo.^[5]

Acontece que, na atualidade, o Nome-do-pai não tem mais o mesmo peso, nem é mesmo necessário, uma vez que ele é incerto, torna-se prescindível. Há uma desvalorização do Pai como exceção.

Dessa maneira, os adolescentes encontram-se sem uma referência, sem uma bússola, há uma recusa do objeto parental, a autoridade foi deslocada, não está na escola, nos pais ou na família, *o saber está no bolso*.^[6]

O gozo deixa de passar pelo Outro, não se articula mais a ele, e o sujeito barrado está em condição de ser completado pelos objetos que ele produz.

Com isso, o mercado aparece como expressão do *não todo*, não tem limites, não há objeto que o capitalismo não tenha ou não possa prover. "Como não há mais objeto fora da série da produção e do consumo, todos os objetos são adquiríveis, essenciais e descartáveis".^[7]

Contudo, a pulsão não se satisfaz com o objeto, de acordo com Lacadée :

O objeto de gozo é, desde sempre, o objeto perdido, o objeto mítico que o sujeito busca no Outro. Essa falta inerente ao ser humano assume certa consistência lógica com o uso de objetos que têm o valor de um mais-de-gozar que lhe toma o lugar e se erigem como objetos de substituição.[...] com a queda do ideal, o objeto de consumo espera pelo sujeito em desamparo e o consome muito mais do que é consumido por ele.^[8]

Ao se dar conta que a relação sexual não existe, o adolescente quer gozar cada vez mais dos objetos.

Nossa época é a dos adolescentes do real que preferem não só curto-circuitar o Outro, portador de uma fala para a qual eles não dão mais crédito, como também tratar o gozo pela relação direta com o objeto de consumo e por um uso singular da linguagem.^[9] Hoje, o principal veículo de socialização dos adolescentes são as redes sociais, e, também é o meio em que buscam por amor e sexo. Nessa lógica, a busca por um parceiro funciona da mesma maneira de uma compra *online*, é permitido alimentar a fantasia de criar alguém que se encaixe nos moldes do seu sonho, e seja um complemento ideal, quando isso falha, pode ser trocado por outro.^[10]

Dessa maneira, de acordo com Berenstein^[11], o objeto libidinal, da satisfação e amoroso, não é buscado nos outros, mas sim, é adquirido.

Por outro lado, o amor é contingente, não planejado, e existe algo de inexplicável na atração para o objeto amado, que vai além da avaliação dos atributos. O outro não é uma moeda de troca.^[12]

Vê-se com isso, que o jovem prefere ficar no isolamento, com o gozo autístico do objeto, a se abrir para os "desencontros" da não relação sexual, eles não conseguem ou não querem aceitar o amor como suplência, que abre para a falha e desperta para o desejo.

Isso porque todo encontro traz consigo um desencontro estrutural, pela própria heterogeneidade entre o prazer de cada um.

Assim, preferem o morango ao amor. No entanto, o objeto que causa o desejo não pode ser comprado na feira.

REFERÊNCIAS

[1] LACAN, Jacques. O Seminário. Livro VII: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. p.141

[2] Ibidem, p. 140-141.

[3] LACAN, Jacques. Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. pp. 25- 42

[4] SANTIAGO, Ana Lydia. Apresentação de *Em direção à adolescência*, de Jacques-Alain Miller. In: MILLER, Jacques-Alain. *Em direção à adolescência*. [s.l.]: Opção Lacaniana, 2018. p.158.

[5] VIEIRA, M. A. A (hiper)modernidade lacaniana. *Latusa*. Rio de Janeiro, n. 9, p. 69-82, 2004. pp.3-4.

[6] Referência à conferência do Miller Em direção à adolescência.

[7] Ibidem, p.6.

[8] LACADEÉ, P. . O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011. p.110.

[9] Ibidem, p.114.

[10] BERENSTEIN, V. Despertar e inventar em la adolescência. Olivos: Grama Ediciones, 2022.

[11] Ibidem.

[12] ONS, S. Tudo o que você precisa saber sobre Psicanálise. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

A arte e o eu: construções sinthomáticas^[1]

Gustavo Augusto da Silva
gustavo85031342@gmail.com

Ouve apenas superficialmente o que digo e da falta de sentido nascerá um sentido como de mim nasce inexplicavelmente vida alta e leve.^[2]

A noção de eu percorre a história do pensamento ocidental como ideal de unidade e transparência. Desde Descartes^[3], com o *cogito, ergo sum*, consolidou-se que o eu é fundamento do sujeito. Contudo, esse modelo é questionado pela psicanálise, que desloca o eu do centro da subjetividade para pensá-lo como efeito, uma construção atravessada pela linguagem.

Freud^[4] contribuiu para o enfraquecimento do prestígio do eu consciente ao mostrar que a maior parte da vida psíquica é inconsciente. Em *Introdução sobre o narcisismo*^[5], o eu aparece como resultado de investimentos libidinais voltados à própria imagem, constituindo-se, portanto, como montagem defensiva, exposta às pulsões e aos recalques – é o investimento libidinal do eu. Para Freud, o eu nunca é senhor em sua própria casa: media conflitos, mas está sujeito às fissuras, às ilusões e aos sintomas.

Lacan aprofunda-se nesse deslocamento ao diferenciar o sujeito do inconsciente e o eu (ou *moi*) imaginário. No *Seminário 1*^[6], ele demonstra que o eu é produto do estágio do espelho: o *infans* se reconhece em uma imagem especular totalizante, identificando-se com uma unidade ilusória que mascara a experiência fragmentária do corpo. Trata-se de uma alienação constitutiva: o eu nasce como ficção, sustentado pela imagem e pelo olhar do Outro. Ao longo de seu ensino, Lacan insiste na ideia de que o eu não é transparente nem consistente, mas um sintoma: “O eu está exatamente estruturado como um sintoma”^[7]. No *Seminário 23*^[8], por sua vez, essa concepção se complexifica: o sintoma ganha nova roupagem epistemológica; nomeado *sinthoma*, deixa de ser apenas formação de compromisso para se tornar uma solução singular, uma amarra que permite ao sujeito suportar o gozo e dar alguma forma à sua existência.

É nesse ponto que a interlocução com a arte se torna fecunda. A obra de Susano Correia^[9], marcada por figuras, contornos e rostos opacos e falhos, figura plasticamente o eu como *sinthoma*. Seus corpos pintados não oferecem unidade nem ideal, mas fendas, rasgos e excesso. Ali, o eu aparece não como substância, mas como tentativa estética de amarrar o impossível do real. O corpo, nesse contexto, não é organismo, mas sim superfície gozada e *significantezada*. Nele se inscreve o *sinthoma*, aquilo que não se interpreta, mas que sustenta o sujeito. Assim, o eu que se constrói por meio da imagem especular encontra no corpo seu campo de inscrição, no qual, gozo, linguagem e traço se entrelaçam.

A arte, tal como o *sinthoma*, não busca representar, mas organizar um saber sobre o gozo. Algo mostra o eu como resto, como invenção falha, como forma de suportar a própria divisão. No lugar de haver ali um sujeito reconciliado, há um sujeito que cria com sua própria incompletude, como na figura 1.



Figura1: Homem fazendo morada em si, do jeito que deu.^[10]

A figura desenhada por Correia, condensa, de maneira plástica, a operação do *sinthoma* como amarração singular entre corpo, linguagem e real. A abertura no crânio não sangra, nem revela matéria orgânica, abriga um ninho, desloca o sentido habitual do corpo como organismo e inscreve-o como lugar de morada para o outro, aqui figurado pelas aves.

O ninho, aquilo que usualmente representa imagem de cuidado, de abrigo, também? metáfora da solução *sinthomática*: uma construção precária, feita de restos, de modo a sustentar a vida. As aves, em movimento de partida, indicam que o sentido produzido é sempre transitório, que a amarração do real não fixa, permite a passagem.

Do mesmo modo, a clínica psicanalítica não visa dissolver o eu, mas sim permitir ao sujeito fazer algo com ele, reconhecer sua forma singular de amarração. O *sinthoma*, como Lacan propõe, é o que resta quando a interpretação já não opera. É o modo como o sujeito, em sua singularidade, dá forma ao indizível, ao irrepresentável. O eu, então, pode ser nomeado como invenção *sinthomática* do corpo, a partir da centralidade atribuída à fala e à linguagem como fundamentos da prática analítica. Na psicanálise, o corpo e o sintoma não são acessados por meio de intervenções diretas sobre o organismo, mas sim por operações simbólicas que se efetivam através da palavra. Nesse atravessamento, o corpo é também implicado, na medida em que os efeitos da fala não se restringem ao plano simbólico, produzindo reverberações no registro do real do corpo.

O eu, nessa perspectiva, sou uma ficção necessária, nem falsa, nem verdadeira, mas operativa. Como na arte, ele é forma em devir, gesto sempre por vir. Não se trata de encontrar o eu verdadeiro, mas de criar um modo possível de habitá-lo. Destarte, o eu não é substância nem unidade plena: é *sinthoma*. E o *sinthoma* não se cura, se habita.

REFERÊNCIAS

^[1] Trabalho produto do Cartel Fulgurante das VI Jornadas EBP LO, inscrito como tema Parceiras Sintomáticas: Arte, Política e *Sinthoma*. Cartelizantes: Gustavo Augusto da Silva; José Ronaldo de Paulo; Maria Verônica da Silva; Paula Ferreira Cândida, Ricardo Rezende (Mais-Um).

^[2] LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. São Paulo: Rocco, 2020, p.19.

[3] DESCARTES, René. (1596-1650) *O discurso do método*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p.38

[4] FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

[5] FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

[6] LACAN, Jacques. (1953-1954) *O Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud*. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

[7] Ibidem, p.27.

[8] LACAN, Jacques. (1975-1976) *O Seminário 23: O sinthoma*. Tradução de Sergio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

[9] CORREIA, Susano. *Diário de um pintor: a penúltima pétala*. São Paulo: Edição do autor, 2020.

[10] Ibidem, p. 47

Leitura das adições como uma passagem ao ato.^[1]

Adrya Leão de Andrade Cecchini
adrya_cecchini@hotmail.com

Através dos encontros e desencontros da contemporaneidade, surgem as novas parcerias sintomáticas. Temática da VI Jornada EBP-SLO. Designam-se novas patologias pela nosologia psiquiátrica, provenientes dos excessos da civilização no que concerne à tecnologia, à ciência e ao capitalismo, discursos estes dominantes da época atual. Classificam-se entre os sintomas contemporâneos as toxicomanias, as adições e o jogo patológico. Esses são resultados das formações sintomáticas desenvolvidas como resposta frente às questões impostas pelo real. Os objetos da contemporaneidade surgem como remédios para o mal-estar; apaziguam o sofrimento, nomeadas como muletas, elas podem colocar a vida em risco.

Harari^[2] destaca que, desde Freud, sabe-se que há interação entre dependências químicas, álcool, tabagismo e jogos patológicos, tendo como denominador comum o fato de serem muletas frente ao mal-estar dos sujeitos. Elas surgem como efeitos de remédios que, paulatinamente, transformam-se em perigos; ou seja, o remédio que alivia gera dependência, aponta Naparsteck^[3]. O consumo dos objetos que estão no bolso, os *gadgets*, está posto como uma substituição pela fuga, inibindo o contato com as questões do sexual ou sobre a existência. A comissão de tradução da EBP-SLO^[4] retoma o texto de Pierre Sidon, afirmando que não é a droga que faz o toxicômano calar, mas o silêncio que o leva a consumir. Silêncio que diz muito sobre a época em que vivemos, devido ao teor da desvalorização da palavra e à valorização do ato.

Os discursos dominantes disponibilizam artifícios contemporâneos com o lema da promessa de felicidade infinita, provocando um desenganche desse sujeito em relação ao Outro social. Atualmente, os variados casos clínicos se transformam em respostas iguais: o consumo generalizado. Alguma coisa que não possui nomeação, ordem ou elaboração é consumida sem a ordem do desejo, apenas pelo gozo pulsional. Formulando uma nova parceria mais de gozar, a droga, substância ou os objetos *prêt-à-porter*, tornam-se um parceiro sintoma, prescindindo-se da intermediação do Outro. Os sujeitos engendrados pelo discurso do capitalista – marca dos excessos – tornam-se objetos de consumo.

As adições marcam um momento de crise na vida das pessoas, levando-as a atos desesperados e sempre impulsivos, urgências concebidas pela ordem do ato. Uma satisfação que não mantém relação com o Outro, e sim no próprio corpo, originando o gozo autista, autoerótico. Harari^[5] aponta que os toxicômanos são mais propensos às condutas de risco. Contudo, serem propensos a condutas de risco não significa que estejam dispostos a assumir os riscos desse consumo.

Os riscos se encontram nas passagens ao ato, colocando em risco a vida, o corpo biológico e psíquico, através dos desgastes físicos, emocionais, familiares, sociais, profissionais e nos âmbitos

mais singulares da existência. As condutas de risco são solicitações simbólicas da morte na busca dos limites, aponta Lacadée^[6], tentativas dolorosas de se colocar no mundo, uma solução para existir, mais do que para morrer. Faria^[7] descreve que o sujeito fica reduzido ao objeto, localizando-o como degradado na função de dejetos, desaparecendo, um ser vazio do sujeito do inconsciente e de significação. A autora discorre um caso clínico muito contemporâneo de adição: os *workaholics*. Miller^[8] localiza que “o ato é, como tal, indiferente ao seu futuro, ele é fora de sentido, indiferente do que virá depois. No fundo, um ato é sem depois, ele é em si”.

Um ato em si traz consequências. Lacan^[9], em *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada, um novo sofisma*, elabora três tempos de possibilidade para resolver uma questão: o instante de olhar – a verdadeira incógnita do problema, o atributo ignorado pelo próprio sujeito – o tempo para compreender – adquirir sentido e encontrar o seu limite, a chave de seu próprio problema – e o momento de concluir – é o momento de concluir o tempo para compreender, a verdade fortalecida. A atualidade se encontra em uma evidência subjetiva de um tempo descompassado, que leva os sujeitos à pressa em direção a uma saída, através da precipitação.

Nesta breve elaboração, pretende-se localizar o uso dos adictos pelos objetos de consumo como uma passagem ao ato: um ato preso a um ciclo de repetições, cujas experiências nada lhe ensinam; uma forma decadente de não elaborar o que Lacan chamou de tempo de compreender. A forclusão desse tempo de elaboração tem postulado o risco da existência, do corpo e do psíquico. O tempo de compreender, na contemporaneidade, tem se apresentado de forma precipitada, impulsiva e ansiosa, mudando o tempo das relações, ultrapassando o tempo interno e psíquico que cada subjetividade necessita para existir. A falta do tempo de compreender tem levado ao instante de ver e ao momento de concluir: conclusão sem elaboração. Descreve-se o ato. A soma dos discursos dominantes têm fomentado novos comportamentos socioculturais, surtindo efeitos de precipitação frente ao uso de substâncias ou objetos. O consumo torna-se uma passagem ao ato, levando a ações impulsivas, repetidas e automáticas, que nada dizem, apenas se repetem. O consumidor se torna alvo, passando a ocupar, de forma automática e não elaborada, o lugar de alienado, estranho a si próprio.

REFERÊNCIAS

- [1] Trabalho produto do Cartel Fulgurante das VI Jornadas EBP LO. Toxicomania: a droga como parceiro de gozo. Cartelizantes: Adrya Leão de Andrade Cecchini, Gleice Taciana Barbosa (Mais-um), João Pedro Vilar Nowak de Lima, Mariana Sant’ Anna Costa, Shirley Macedo Gundim.
- [2] HARARI, Angelina. Fundamentos da prática Lacaniana: risco e corpo. Belo Horizonte, MG. Relicário, 2018. pp. 81-86.
- [3] NAPARSTECK, Fabián et al. Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo. apud Harari, Angelina. Fundamentos da prática Lacaniana: risco e corpo. Belo Horizonte, MG. Relicário, 2018. pp. 81-86.
- [4] EBP-SLO, Comissão de tradução. O real é nossa aspiração. Texto original: Pierre Sidon, 2025.
- [5] op. cit., 2.
- [6] LACADÉE, Philippe. O despertar e o exílio (no prelo). Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008.
- [7] FARIA, M. Devastação e Passagem ao Ato. Belo Horizonte, MG. Revista PHARMAKON, 2023, pp. 2-3.
- [8] MILLER, Jaques-Alain; Lacan, Jaques. Observações sobre o seu conceito de passagem ao ato. Opção Lacaniana on-line, ano 5, n 13, 2014.
- [9] LACAN, Jaques. Escritos. Rio de Janeiro. Zahar, 1998, pp. 197-213.

Frida Kahlo: Entre o parceiro-fantasma e o parceiro-devastação^[1]

Aline Tatiana Bachega
alinebachega26@gmail.com

Frida Kahlo (1907–1954)^[2] foi uma pintora mexicana cuja obra é reconhecida mundialmente por sua força expressiva e por sua íntima relação com o sofrimento. Autora de inúmeros autorretratos, ela transformou a própria dor física e psíquica em linguagem artística. Sua vida foi marcada por um grave acidente de bonde na juventude, que lhe causou múltiplas fraturas e sequelas, além de inúmeras cirurgias e abortos espontâneos. Mas foi sobretudo sua relação amorosa intensa e turbulenta com o também artista Diego Rivera que atravessou e alimentou sua produção. Frida é hoje símbolo da força feminina, da expressão da dor subjetiva e de um modo singular de inscrever o gozo na arte.

O vínculo entre Frida e Diego, repleto de rupturas e reencontros, infidelidades e devoção, permite problematizar duas figuras clínicas fundamentais no ensino da psicanálise lacaniana: o parceiro-fantasma e o parceiro-devastação, conceito desenvolvido por Éric Laurent^[3], sobretudo na clínica do feminino.

O parceiro-fantasma é uma construção psíquica que persiste para além da presença real do outro. Ele habita a memória e a fantasia, constituindo-se como um objeto parcial que retorna no campo do desejo e da repetição. Esse parceiro representa, muitas vezes, uma ausência estruturante, uma marca simbólica que organiza o enlaçamento amoroso do sujeito com o gozo e com o Outro. O parceiro-fantasma pode tanto servir de suplência quanto operar como obstáculo, provocando repetições inconscientes de vínculos dolorosos.

Já o parceiro-devastação figura que emerge particularmente na posição feminina, introduz outra lógica: a do amor absoluto, sem medida, em que o Outro ocupa o lugar de um gozo totalizante. Nessa relação, o sujeito feminino se entrega sem reservas, borrando os limites entre si e o Outro. A devastação não advém da maldade do parceiro, mas da posição subjetiva de quem se oferece ao Outro como tudo, e, por isso mesmo, encontra-se esvaziado. Éric Laurent destaca que, nessa configuração, “o Outro não deixa nada para o sujeito, exceto o buraco em torno do qual ele gira”^[4].

A relação de Frida com Diego exemplifica a oscilação entre esses dois modos de laço. Por um lado, Diego funciona como seu parceiro-fantasma: ele está presente em inúmeras obras, como figura que causa dor, mas também que dá forma à criação. Em muitos autorretratos, Frida se representa ferida, sangrando, costurada e Diego aparece, ora na testa dela, ora como presença distante. É como se ele fosse o ponto em torno do qual sua produção subjetiva se organiza. Por outro lado, a intensidade com que ela se entrega ao vínculo amoroso a ponto de tolerar traições e rebaixamentos revela traços de devastação. A célebre frase de Frida: “Sofri dois grandes acidentes na vida: o bonde e Diego. Diego foi, de longe, o pior”^[5], condensa essa lógica paradoxal entre amar e ser aniquilada pelo amor.

O sofrimento amoroso, longe de ser mera contingência biográfica, adquire, em Frida, uma dimensão estrutural. Em Luto e melancolia^[6], Freud já nos mostra como a perda do objeto pode arrastar o sujeito para

uma identificação mortífera, onde o eu se empobrece. Lacan^[7] retoma essa lógica, mas desloca a centralidade para a relação do sujeito com o gozo: na posição feminina, o gozo do Outro, aquilo que escapa à simbolização pode se tornar devastador.

A clínica contemporânea evidencia com frequência esse tipo de vínculo: sujeitos que se organizam em torno de um parceiro que, ao mesmo tempo, sustenta e destrói. O amor, nesses casos, é vivido como absoluto, incondicional, e recusa o limite. A devastação não é um evento, mas uma posição. Trata-se de uma entrega que apaga o desejo, de uma alienação ao gozo do Outro que esvazia a subjetividade.

A leitura do caso Frida permite articular essas duas figuras clínicas sem reduzi-las a categorias diagnósticas. É possível pensar que Diego foi, para Frida, simultaneamente fantasma e devastação. Sua pintura funcionou como modo de dar forma àquilo que, no laço amoroso, tocava o real. A arte, nesse sentido, operou como suplência ao gozo devastador: ao se pintar dilacerada, Frida se inscreve como sujeito no lugar de onde poderia apenas restar o esvaziamento.

Retirar o amor da lógica da idealização e interrogá-lo como operador clínico é uma das contribuições fundamentais da psicanálise. Não se trata de julgar os amores excessivos, mas de escutá-los em sua função. O parceiro-fantasma pode ser o que sustenta um enredo libidinal; o parceiro-devastação, o que empurra à morte subjetiva. Ambos são efeitos de estrutura, mas podem também ser tocados pela ética da psicanálise: a de inventar uma forma de desejar que não passe pela aniquilação de si.

REFERÊNCIAS

- ^[1] Este trabalho é fruto de um cartel fulgurante parceiro-fantasma e parceiro-devastação, composto por Luisa Carvalho, Thais Foizer, Isabeli Baroni e Aline Tatiana Bachega.
- ^[2] KAHLO, Frida. *Diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ^[3] LAURENT, Éric. "A mulher e o gozo". In: QUINET, Antonio (org.). *Figuras do feminino na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- ^[4] LAURENT, Éric. *A psicose ordinária e outras conferências*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.
- ^[5] KAHLO, Frida. *Diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ^[6] FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia* (1917). In: *Obras Completas*, vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ^[7] LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

O amor nos tempos do “corre”

Lucas Fraga Gomes
lucasfragagomes@gmail.com

É sabido que os quatro discursos formalizados por Lacan, da histérica, do mestre, da universidade e do analista são formas de laço social. Dentro dessa lógica, como podemos pensar o capitalismo? De acordo com algumas autoras, como Berenstein^[1] e Ons^[2] como um “pseudo-discurso”, visto que nele a dimensão do laço está em curto-circuito, promovendo uma relação direta entre o sujeito, que se torna um consumidor e o produto, sem remeter a um Outro. Dessa forma, a incessante produção e consumo de mercadorias conduz a uma miragem de autosuficiência e consequentemente solidão. Ora, a partir disso, qual o lugar para o amor? Qual amor é possível em um sistema que propõe a fusão ao objeto e o repúdio à alteridade? Qual é a abertura para o amor enquanto encontro?

Para falar sobre esse tema, é importante remontarmos ao que Lacan^[3] teorizou sobre o amor em um período tardio de seu ensino, em especial em seu *Seminário XX: mais, ainda*. Aqui, não se trata do amor narcísico e sim daquele que faz suplência à relação sexual que não existe. Ainda, e é o que principalmente nos interessa, o amor passa a ter uma relação fundamental com o acontecimento.

O que seria um acontecimento? De uma forma muito básica, seria algo que “acontece” fora do registro da programação, da previsão, da deliberação. É algo que nos surpreende. Assim, um acontecimento é sempre contingente e, quando ele “acontece”, é da ordem de um encontro: “[...] A contingência é aquilo no quê se resume o que submete a relação sexual a ser, para o ser falante, apenas o regime do encontro [...]”^[4]. Portanto, encontro e contingência estão interligados: todo encontro digno do nome é um acontecimento e, como tal, contingente.

Dessa maneira, no Seminário XX Lacan^[5] irá relacionar o acontecimento ao real, ou ainda, a categoria lógica do não cessa de não se escrever. Assim, quando um “acontecimento acontece”, temos a singularidade de um instante em que algo se escreve, ou melhor, algo cessa de não se escrever. Agora, onde se escreve? No corpo: “A análise presume, do desejo, que ele se inscreve por uma contingência corporal”^[6]. Assim, temos uma série interligada: acontecimento, contingência, corpo, escrita.

Ocorre que a partir do Seminário XX, o amor é inserido nesta série. Se remontarmos a Jacques-Alain Miller^[7] em seu célebre *Teoria do Parceiro*, observamos que, primeiramente, o parceiro do amante é seu sintoma. O autor ainda demonstra que o amor, em sua categoria de contingente, é aquilo que se coloca na hiância entre o impossível da relação sexual e o necessário do sintoma. Assim, de alguma maneira, um acontecimento tem que operar de tal forma que abale a estrutura da fantasia de cada amante para o encontro acontecer.

Como sempre, a arte precede a psicanálise. Existe um excelente filme argentino, chamado *Medianeras: Buenos Aires da Era do Amor Virtual* ^[8], que representa perfeitamente o que estamos tentando demonstrar. Nele temos dois solitários, Martín e Mariana, que são vizinhos, mas não se conhecem. Ambos

possuem fobia social e estão se recuperando de relacionamentos amorosos fracassados. Martín é aquele que trabalha fazendo sites e tem toda uma vida atravessada pela tela do computador. Sair de casa é para fazer análise e para passear com a cachorra (que inclusive é resíduo do relacionamento que acabou). Já Mariana trabalha compondo vitrines de lojas e sua casa é habitada por muitos manequins. Em certo momento, Mariana fala algo de sua fantasia: ela é apaixonada pelo livro *Onde está um Wally?* porém sempre falha na missão *Wally na cidade*. Licença poética à parte, o encontro entre os dois se dá em um acaso, quando Mariana chega à sua janela e vê um desconhecido (Martin) usando uma blusa listrada (branca e vermelha). Frente a essa contingência, Mariana se lança a rua, pegando o elevador (até onde sabíamos ela é fóbica e não usa esse meio), encontrando Martín. O acontecimento de corpo se dá: ambos sorriem.

Naveau^[9], em seu excelente *O que do encontro se escreve* afirma que existe algo do encontro que concerne aos saberes inconscientes dos amantes. Assim, temos mais um termo inserido à série: acontecimento, contingência, corpo, escrita, amor, saber. O acontecimento amoroso toca o corpo enquanto escrita, permitindo uma abertura ao saber: “[...] Assim, o corpo é, de uma maneira ou de outra, posto em jogo. A relação entre dois saberes inconscientes, que serve de ponto de apoio ao amor, traz, portanto, a marca desse *cessa de não se escrever*.”^[10] Em potência, o amor, enquanto encontro, como aquele instante do *cessa de não se escrever*, permite a escrita de algo no corpo, porém que só é lido quando se recorre ao saber. No exemplo de *Medianeras* podemos ver como opera a tensão entre a certeza da fantasia e a potência do encontro. É também o que me relata um analisante, que por anos se queixava do sentido da vida, ou da ausência dele, bem como da impossibilidade do amor. Isso não o impedia de usar os aplicativos de relacionamentos, que sempre resultavam em encontros fracassados. Pois, um dia, o encontro acontece. Em uma sessão, ele diz: “eu não sabia que isso era possível!”. Assim, algo *cessou de não se escrever*, algo do saber foi tocado e seu corpo, antes mortificado, consente com o desejo.

Talvez uma das funções da análise na contemporaneidade seja justamente essa: a aposta na possibilidade do encontro amoroso enquanto acontecimento que, como tal, consegue produzir algo novo. Segundo Miller: “[...] como revela a experiência mais genuína, a contingência, que qualifica o amor, é também o destino do psicanalista em sua interpretação”^[11]. Essa, enquanto ato, pode permitir que o sujeito não se encapsule nas armadilhas autoeróticas do capitalismo, colocando na “pista” seu corpo.

REFERÊNCIAS

- [1]BERENSTEIN, Verônica. Despertar e inventar en la adolescência. Olivos: Grama Ediciones, 2022.
- [2]ONS, Silvia. Tudo o que você precisa saber sobre Psicanálise. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- [3]LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: mais ainda. 2.ed. revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- [4]Ibidem, p.127.
- [5] op. Cit. 3.
- [6] Ibidem, p.126.
- [7]MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. In. Os circuitos do desejo na vida e na análise – Escola Brasileira de Psicanálise (orgs.) – Contra Capa Livraria, 2000.
- [8]MEDIANERAS. Direção de Gustavo Taretto. Produção de Nathalia E. Fernández. Argentina: Rizoma Films, 2011. 1 DVD (94 min), son., color.
- [9]NAVEAU, Pierre. O que do encontro se escreve: estudos lacanianos. Belo Horizonte: EBP Editora, 2017.
- [10] Ibidem, p.256.
- [11] MILLER, Jacques-Alain. Todo el mundo es loco. 1ª ed.- Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2015.

Um encontro possível

Waléria Maria da Paixão Borges Vieira
waleriapaixao@gmail.com

Ary Farias destaca a política, a arte e o sintoma como peças fundamentais na prática de nossa clínica e diz que elas incitam, “a clínica arguta capaz de ler e interpretar a subjetividade do sujeito contemporâneo, que se arranja sempre como resposta às idiossincrasias estruturais do seu tempo, com seus fatos históricos, políticos e culturais”^[1].

Fico a pensar sobre essa fala no viés da política de um país colonizado, sua história e seus fatos políticos e no que isso interfere no encontro com um psicanalista. A tendência humana de descaracterizar seu semelhante e se afirmar na fraqueza que imputa ao outro é antiga e se reflete na segregação que provocou o sexismo, o racismo, a escravidão e a pobreza. As marcas deixadas no indivíduo que se forja em uma sociedade assim, possuem diversos matizes, todos eles nos levam à raiz do problema, que Miller assinala em seu seminário. Cito:

Se o problema parece ser insolúvel, é porque o Outro é Outro dentro de mim mesmo. A raiz do racismo, desta perspectiva, é o ódio ao próprio gozo. Não há outro além desse. Se o Outro está em meu interior em posição de extimidade, é também meu próprio ódio^[2].

Como se articula o Outro e seu real? Como se articula o ser falante neste Outro? Como se articula este real no corpo do psicanalista? São perguntas importantes e fundamentais para que os encontros com o psicanalista aconteçam.

A célebre frase de Lacan, muitas vezes repetida – “alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”^[3], reafirma a boa prática da psicanálise. Considero que para diminuir os desencontros num consultório de psicanálise, é necessário fazer uma leitura sincrônica, em conjunto com uma leitura diacrônica, ou seja, alcançar também a subjetividade coletiva, tendo em mente que o *desejo que o sujeito visa decifrar é sempre o desejo do Outro*^[4], como nos diz Marie-Hélène Brousse.

Sendo assim surge a necessidade dessa observação saussuriana sobre o tempo, que inclua a diacrônica, levando em conta as mudanças e transformações da cultura e a sincrônica que leva a uma leitura simultânea que desconsidera a passagem do tempo. Lacan em seu seminário 6 diz assim:

A experiência da análise se desenvolveu dedicando-se à exploração desse discurso do inconsciente. A dimensão radical em questão aqui é a diacronia. Em contrapartida, é a sincronia que constitui a essência da investigação que estamos realizando este ano. Nosso esforço consiste em redescobrir como pensar o desejo para situá-lo na sincronia.^[5]

Usar a diacronia para chegar a uma leitura sincrônica e assim esvaziar a segregação desconstruindo frases como: *família e os bons costumes; bela e recatada e do lar; racismo não existe em nosso país; quem*

trabalha tem sucesso. Falácias enraizadas no discurso brasileiro, submetidas ao infamiliar que habita em cada um.

Freud, em 1932, já destacava esse mal-estar. Em sua resposta à carta de Einstein, ele faz uma reflexão sobre os motivos da guerra, e diz:

[...] chegamos efetivamente à concepção de que essa pulsão opera no interior de cada ser vivo e almeja então levá-lo à dissolução, reconduzir a vida ao estado de matéria inanimada. Ela mereceu, com toda a seriedade, o nome de pulsão de morte, enquanto as pulsões eróticas representam os anseios da vida. [...]. O ser vivo preserva, por assim dizer, sua própria vida destruindo a vida alheia^[6].

O discurso e a prática da psicanálise podem nos levar a esse infamiliar e fazer com que cada um construa um modo melhor de lidar com esse estranho que nos habita, e que, por vezes, pode ser muito destrutivo.

Enfrentar todas as dificuldades que esse tipo de abordagem requer não é tarefa simples. A tendência de negar o óbvio é presente em nosso meio e há pessoas que fazem barreiras a essas discussões e simplesmente se convencem que não estão implicadas nesses movimentos. Essa atitude é um forte impedimento e reforça o abafamento daquilo que deveria ser combatido de modo veemente pelos psicanalistas, a saber: a segregação.

Não é só a mulher, o negro, o emigrante, o pobre que devem se ocupar disso, o ideal seria que toda a comunidade participasse desse combate, mas isso é uma utopia. Falar de segregação é navegar contra a correnteza. Por isso, o papel de cidadão deve ser reforçado em cada um que deseja ocupar o lugar de um psicanalista que deve assumir o trabalho com afinho e dedicação, mesmo que isso o faça *pagar com a própria carne*, ou seja, enfrentar seus próprios sentimentos de segregação e seu gozo. Para isso ele tem ferramentas que são a análise pessoal, o estudo teórico da psicanálise em conjunto com o histórico de sua cultura, podendo também contar com o auxílio importante de um outro psicanalista na leitura dos casos que atende.

Assim, certamente, diminuirão em nosso meio os silêncios que ocorrem quando esse tipo de assunto é levantado, e também, as acusações de que aqueles que assumem esse papel estão *levantando bandeiras* e que isso não é tarefa do psicanalista. Essa acusação é totalmente contrária ao papel do psicanalista e, para não dizer que falo sozinha, cito novamente Lacan: “que antes renuncie a isso, (à prática da psicanálise) portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”^[7]. Em um mesmo plano, estão essa citação e o combate à segregação, ou seja, ao modo de gozo perverso que aflige a civilização desde sempre, especialmente no lugar que geograficamente ocupamos. Estamos próximos de perder o pouco de dignidade que ainda há, e, enquanto nos distanciamos, pode-se passar uma *boiada* de segregação e destruição, o que pode culminar em uma guerra armada com drones, fuzis, fogo ou bombas. Queremos paz e o que nos interessa é o bom combate, a favor da democracia e do respeito ao outro, mesmo que isso, por vezes, nos pareça impossível de ser alcançado.

É esse combate que propiciará mais encontros e menos desencontros com o psicanalista, bem como, a possibilidade de sonhar com a construção de um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

[1] FARIAS, Ary. Eixo 4 – arte, política e sinthoma. Disponível em: <https://ebp.org.br/slo/vi-jornadas-ebp-secao-lo-encontros-e-de-sencontros-parcerias-sintomaticas-eixos-tematicos/>

- [2] MILLER, Jacques-Alain. Extimidad. Racismo, cap III. Buenos Aires, Paidós, 2010, p.55
- [3] LACAN Jacques. “Função e campo da fala e da linguagem”. Escritos, Jorge Zahar, RJ, 1998, p. 322
- [4] BROUSSE Marie-Hélène. O inconsciente é a política. EBP-SP, 2003, p. 17.
- [5] LACAN, Jacques. Seminário Livro 6. O desejo e sua interpretação. Cap XX. A fantasia fundamental. Rio de Janeiro: Zahar, 2016, p.386.
- [6] FREUD, Sigmund. (1996). Obras Incompletas. Cultura Sociedade, Religião. Por que a guerra? (J. Salomão, Trad.). In J. Strachey (Ed.). Rio de Janeiro: Imago, p.436.
- [7] LACAN, Jacques. Escritos. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1998, p. 322.

O Encontro com a analista

Mara Lúcia Barros Martin
maraluciamartin@gmail.com

O que acontece no encontro de uma paciente com a analista?

Foi refletindo sobre este encontro que me veio a ideia de escrever para a VI Jornada da seção LO. O que pode ser inscrito neste encontro? Trago aqui uma breve vinheta na tentativa de elucidar a questão.

A paciente chega ao consultório com uma queixa de ansiedade. “Arrebenta” o cabelo e o rosto. Diz que puxa o cabelo e “cutuca” o rosto deixando *furos*. A analista pede que conte a sua história.

Diz que tem um negócio rentável, mas não está conseguindo se dedicar a ele. O namorado é *parceiro* nesta atividade, porém, ao detalhar o relacionamento, fica claro a injustiça na divisão de lucros. Diz que no início era muito bom, apesar dos avisos dos familiares de que o namorado não era uma pessoa confiável. Ela se questiona sobre a fidelidade do parceiro e lamenta suas palavras agressivas.

Ao contar sobre sua infância, diz que até os 5 anos era bom. O pai, apesar de alcoolista, ainda trabalhava e era carinhoso com ela. Após esta idade, o pai passou a agredir fisicamente a mãe. Quando a paciente tinha 18 anos, a mãe foi trabalhar em outra cidade e encontrou novo parceiro. Ela e a irmã moraram com o pai por mais um ano, mas ele as incomodava a ponto de perturbar seu sono e atrapalhar sua jornada de trabalho no dia seguinte. A analista pontua que no “início” era bom depois tudo se “arrebentou”. É um convite à *histerização* e a paciente responde com uma pergunta à analista: “será que, com o tratamento, vou conseguir parar de fazer furos na minha cabeça e rosto?”

Qual a demanda da paciente? O que a menina demanda à mãe? A menina, aponta Freud no seu texto *Sobre a sexualidade feminina* ^[1], ao se ver castrada, se sente inferiorizada e recrimina a mãe por ter lhe trazido ao mundo tão insuficientemente aparelhada. Lacan, em *O Aturdido* ^[2], vem dizer que ela espera da mãe mais *substância* que do pai. A menina não consente que a mãe também não encontra sua inscrição simbólica: “Não há mulher senão excluída da natureza das coisas, que é a natureza das palavras [...]” ^[3]. E, o que era amor, pode se transformar em ódio na relação com esta mãe castradora. Uma mãe que goza dela, uma vez que parece saber fazer com a feminilidade, se tornando objeto causa de desejo do homem, do pai. A mãe que se utiliza da mascarada, usa maquiagem, roupas bonitas, e pode tamponar, aos olhos da filha, sua própria castração.

Se A Mulher não existe, seria uma defesa quanto ao ilimitado do gozo a demanda impossível da paciente à analista mulher? Que ela lhe ofereça a *substância* que lhe proporcione uma saída para sua feminilidade?

Em seu artigo *Uma dificuldade na análise das mulheres*, Marie-Helene Brousse nos diz:

a devastação é, em um sujeito feminino, a consequência do arrebatamento determinado pela ausência de significante da mulher, ausência vislumbrada pelo sujeito por ocasião do contato com aquilo que, em sua mãe, não se deixava reduzir ao desejo e ao significante fálico, mas derivava de uma ausência de limite. ^[4]

A paciente parece buscar na analista seu parceiro sintoma, aquele que poderia lhe oferecer uma consistência que localizasse o gozo ilimitado e devastador. O trabalho de manejo transferencial é delicado, pois a procura é por um Outro não castrado, onipotente. Ao colocar a analista no lugar da mãe que poderia lhe acolher, lhe dizer palavras de amor, a paciente pode estabelecer um laço transferencial, mas torna o caminho uma linha tênue entre a devastação e o discurso analítico. Se por um lado o analista deve ser dócil à escuta da paciente, assegurando o laço transferencial e possibilitando o trabalho, não há palavras que poderiam recobrir todo o ser dA Mulher, ficando sempre um resto impossível de ser simbolizado, levando a um deslize metonímico sem fim na busca de um significante que a definisse.

Seguindo um caminho inverso das teorias baseadas no fortalecimento egóico, a psicanálise não busca tamponar o furo da existência e sim possibilitar uma escuta que permitiria a paciente saber fazer com seu sinthoma. A mulher, por se inscrever do lado não todo fálico, pode ficar à mercê de um gozo ilimitado. Aqui não caberia oferecer uma cura sintomática do cabelo que arrebenta, e sim um trabalho com o gozo que a arrebenta, que a devasta.

É importante trabalhar a queda dos semblantes fálicos, consentindo com a relação sexual que não existe, mas também trabalhar conectores que permitam que a mulher se torne Outra para si mesma. Além do parceiro/a com uma inscrição toda fálica, a mulher pode encontrar esta defesa contra o excesso do gozo Outro nas artes, no trabalho, em uma construção de um estilo singular de viver. Seria assim uma forma de lidar com aquilo que também não se inscreve no encontro de uma analista com a paciente.

Mas, para que o encontro aconteça, é preciso ultrapassar as defesas fantasmáticas, se abrir ao feminino e correr o risco de um certo enlouquecimento. É preciso coragem para o encontro com a psicanálise!

REFERÊNCIAS

- [1] FREUD, Sigmund. A sexualidade feminina. In: Obras Incompletas de Freud. Amor, Sexualidade e Feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.190.
- [2] LACAN, Jacques. O Aturdido. In: LACAN, Jacques. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 465.
- [3] LACAN, Jacques. Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p.79.
- [4] BROUSSE, Marie-Helene. Uma dificuldade na análise das mulheres. In Onicar? 1De Jacques Lacan a Lewis Carroll- Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004, p.67.

A parceria analista-psicótico

Ordália A. Junqueira (EBP/AMP)
ordaliajunqueira@gmail.com

Sabe-se que a relação entre paciente e terapeuta é pautada na Transferência e que a Interpretação é a revelação ao paciente do que ele mesmo se oculta. Isso foi tão confiável a ponto de Freud considerar a psicanálise como a “arte” da interpretação. Era o tempo das primeiras revelações psicanalíticas: interpretação-bisturi no tratamento com os neuróticos. Entretanto, para Álvarez, “quando o esquema da interpretação se desloca para a loucura e o uso da interpretação se aplicando ao louco, as coisas se desgovernam e a sutil maquinaria analítica começa a desajustar-se.” [1]

O texto seguirá nesse trilho, se ocupando da aplicação ou não da interpretação na loucura, orientado na questão que propõe Álvarez, se é conveniente ou não interpretar o louco [2]. O autor aponta que há que se considerar que

O louco é um sujeito que recorre a uma defesa radical para sobreviver e que os efeitos buscados com essa defesa se materializam na cegueira quase absoluta a respeito de suas coisas mais humanas e dramáticas [3].

Uma defesa contra uma “desordem” de como ele experimenta o mundo que o cerca. Lacan assim a descreve nos *Escritos*: “Uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito” [4].

Considerando que o sujeito histérico também experimenta essa desordem em relação ao seu corpo e o obsessivo em relação às suas ideias, pode-se perguntar: que desordem é essa que atinge o psicótico “na junção mais íntima do sentimento de vida...”? Clinicamente e teoricamente é uma desordem difícil de formular assim, outra questão se apresenta: É possível aplicar a interpretação à loucura?

Não perturbar a defesa

[...] a experiência ensina que, quando nosso modo de vida consiste em nos proteger da luz, permanecendo na sombra, mais vale ficarmos na sombra e não nos deixarmos levar para forçar nosso estilo [5].

Miller traz que “a tarefa do analista, o efeito de seu ato, poderia ser qualificado de *perturbar a defesa* (grifo nosso)” e que “... ser analisante é aceitar receber de um psicanalista o que *perturba sua defesa* (grifo nosso).” [6]. Miller aqui se refere à neurose, mas e na psicose? Se não se pode perturbar a defesa, o que se pode esperar de uma análise?

Álvarez nos ensina a não interpretar o psicótico! O autor denuncia a imperícia de alguns terapeutas quando decidem “jogar fora as proteções do louco” desconsiderando que sua loucura é algo necessário [6]. Assim, não devemos perturbar a defesa – porque se corre o risco do sujeito, antes vestido pela defesa, fique nu de proteção e se exponha, novamente, às intempéries da vida que lhe levou a delirar. Álvarez lembra o aforismo de Leonardo da Vinci para falar da escultura *per via di levare* e da pintura *per via di porre* que podemos

usar como referência para perguntar: Temos que tirar (*di levare*) ou colocar (*di porre*); quer dizer, desvestir ou vestir o louco?

A relação terapêutica, a parceria com o psicótico

Álvarez insiste que a intervenção clínica com sujeitos psicóticos seja pautada por uma atitude de não interpretar as manifestações delirantes e alucinatórias, especialmente no estabelecimento da relação terapêutica. A parceria analista-paciente deve ser pautada no reconhecer a defesa psicológica do paciente e respeitá-la, oferecendo presença e escuta, sendo o caminho para construir confiança e possibilitar, a médio ou longo prazo, intervenções mais oportunas – vindo a transferência como cimento dessa relação, sem precipitar explicações que possam romper a estrutura defensiva. A transferência se manifesta pela presença e palavra, com foco no acolhimento silencioso, paciente e respeitoso; não deve ser usada para forçar explicações ou dar sentido imediato ao delírio^[6]. Enfim, diante de uma pessoa em estado psicótico, a postura recomendada é justamente a de evitar entrar em confronto com sua defesa psicótica.

A advertência de que interpretar o delírio pode inviabilizar o vínculo terapêutico, a parceria terapêutica, e fragilizar a continuidade do tratamento está posta, assim, o princípio de não interpretar diretamente o delírio, respeitar o limite que o sujeito impõe como estratégia defensiva e se ajustar à sua posição subjetiva. Esta sim, pode-se afirmar ser a verdadeira parceria analista-psicótico.

A solidão...

[...] *nossos pacientes amam seu delírio como se amam a si mesmos.*

No Boletim (DES)EQUILÍBRIO #02, Gurgel traz uma orientação à direção do tratamento na perspectiva da parceria analista-psicótico. Cito-o:

O encontro do psicótico com um analista constitui-se como um recurso frente à solidão devastadora que impõe a certeza, o mutismo e o blábláblá interior que o leva a se perder em si mesmo. É justamente esse ponto que precisa ser escutado e acolhido. Aí reside o essencial do encontro: que a loucura possa se manifestar e ser escutada. Cabe ao analista possibilitar esses encontros e permitir ao sujeito encontrar um lugar no Outro que acolha sua certeza – sem a questionar – e esteja disposto a, sucessivamente, reencontrá-lo e suportar sua desordem.

Finalizo no trilho de Frieda Fromm-Reichmann, citada por Álvarez se referindo ao que ela faz à sua paciente catatônica – como ela intervém – quando, ao ver a mão fechada e o polegar para fora, a psicanalista lhe diz: “*Qué solitario...*”^[1]. À partir daí surge um diálogo antes impossível – Início de uma parceria terapêutica. Para Álvarez, esta interpretação *light* pode servir de modelo para, quando tivermos que fazer alguma interpretação, busquemos fórmulas tão sensíveis, diretas e úteis como esta, que pode, no caso a caso, inaugurar a parceria analista-psicótico: “*‘Qué solitario...*’ é uma fórmula elegante e respeitosa de convidar ao diálogo, de dizer a esta mulher: sei que está terrivelmente só, mas pode contar comigo e seguro de que algo poderemos fazer.”^[1]

É isso!

Goiânia, 9 de agosto de 2025.

REFERÊNCIAS

[1] ÁLVAREZ, José Maria. 9. No interpretar al loco. In: PRINCÍPIOS DE UMA PSICOTERAPIA DE LAS PSICOSES. Xoroi, 2020, p.145-146.

[2] Ibidem, p. 149.

[3] Ibidem.

[4] LACAN, Jacques. [1957-1958] De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. Escritos. RJ: JZE, 1998, p. 565.

[5] BORIE, Jacques. Sombra e luz. Cap. 10. In: O psicótico e o psicanalista. BH: Relicário, 2023, p. 115.

[5] MILLER, Jacques-Alain. (1998). Lo real y el semblante. In: La experiencia de lo real em la cura psicoanalítica, Lição II, p.35-53.

[6] FREUD, Sigmund. Manuscrito H. Paranoia. In: Fragmentos da correspondência com Fliess, em Freud. Obras Completas, V. I, p. 251.

Entre o amor e o gozo: quando o inominável vivifica ou devasta

Angélica Ferreira Santini
angelicasantini9@gmail.com

A mulher, no ensino de Lacan, pode se articular ao fálico, ao mundo dos semblantes, do simbólico e do imaginário, mas essa articulação não é universal nem garantida. Há sempre um ponto em que essa relação com o falo falha, abrindo espaço para uma relação com o real, com aquilo que escapa à representação e à significação fálica.

Ela não se situa como exceção, mas como não-toda. Cada uma ocupa essa posição à sua maneira, de forma única. Não se nasce mulher, tampouco se alcança um ideal do feminino: torna-se mulher ao se inscrever em uma posição de gozo que escapa à lógica fálica.

Há um gozo acessível apenas a partir da posição feminina, um gozo suplementar que não completa o fálico, mas o ultrapassa, situando-se para além do falo. Trata-se de uma experiência enigmática, ilimitada e irrepresentável, própria a cada mulher. Justamente por escapar à universalização, não é possível definir *A Mulher* nem dizer, de forma plena, o que é esse gozo. Como afirma Lacan^[1], *A mulher não existe*.

Esse gozo está relacionado à posição de objeto, não no sentido de ser reduzida a objeto do Outro, mas na possibilidade de fazer uso dessa posição, inclusive quando o parceiro é tomado como sintoma, como apoio ou solução própria para um gozo que escapa. Essa distinção é fundamental: fazer uso da posição de objeto é diferente de encarnar o ser do objeto, o que pode conduzir à devastação.

Quando o sujeito se mortifica sob o imperativo superegoico, muitas vezes operando sob semblantes do Outro, corre o risco de se alienar nesse lugar. E, ao acessar esse gozo por meio da devastação, muitas mulheres acabam se afastando dele, recusando-se a tocá-lo novamente.

Miller^[2], em *O osso de uma análise*, define o parceiro-sintoma como um modo singular de gozar: o falasser se vincula ao parceiro no nível do gozo, estabelecendo uma relação de natureza sintomática. Do lado feminino, esse parceiro-sintoma pode assumir a forma erotomaníaca, marcada por uma imposição ao parceiro da ilimitação do gozo, expressa numa demanda constante de amor.

Segundo Miller^[3], para gozar, o lado feminino exige amar e gozar da fala, especialmente da fala de amor. Essa exigência, quando se torna infinita, pode retornar sob a forma de devastação, revelando que a devastação é a outra face do amor. Nesse sentido, um homem pode encarnar, para uma mulher, a figura do parceiro-devastação.

Lacan^[4] nomeia esse gozo como gozo da mulher, o qual pode assumir formas vivificantes ou mortificantes, dependendo de como cada sujeito maneja os limites entre o supereu devastador e a experiência de um gozo que reanime.

Esse Outro gozo não é exclusivo das mulheres. Todos os seres falantes podem tocá-lo, especialmente quando atravessados pelo amor. Estar apaixonada é uma forma de se situar do lado feminino. O amor pode ser uma via de acesso a esse gozo, seja para o homem que faz da mulher objeto causa de desejo, seja para a mulher que sabe fazer com esse lugar.

No texto *Uma partilha sexual*, Miller^[5] retoma a formulação de Lacan segundo a qual o gozo suplementar é próprio da mulher e, por isso, *ela não diz nada* sobre ele. Miller distingue duas faces desse gozo: o gozo do corpo, que transborda e escapa à significação, e o gozo da fala, que Lacan denomina erotomaníaco, pois exige a mediação do amor. Do lado feminino, o amor não é apenas via de acesso a esse gozo, mas constitui um dos componentes do próprio objeto erotomaníaco.

O amor pode ser uma saída de uma cilada sintomática quando o parceiro não é tomado apenas como lugar de demanda, mas pode se configurar como sintoma, como suporte real e único, para lidar com esse gozo sem medida.

O gozo feminino pode ter efeitos de vida ou de morte. Quando capturado pelo supereu, produz devastação. Relações marcadas pela alienação e ausência de separação, próprias ao gozo feminino, podem instaurar demandas infinitas de amor. E como a mulher faz exceção, cada uma precisa encontrar sua saída particular para lidar com a vertente mortificante do gozo e acessar sua vertente vivificante.

No *Seminário 20*^[6], Lacan recorre ao termo jurídico *usufruto* para pensar o gozo. Gozar, sim, mas não se deixar manchar, comprometer, perder a dignidade. Em outras palavras, que possamos fazer uso do gozo, mas sem nos enxovalharmos nele. Que saibamos fazer com esse gozo.

É no modo como cada mulher se serve ou não do parceiro, seja como espelho fálico ou como suporte real de um gozo fora do sentido, que se delineia a parceria sintomática. O parceiro, enquanto sintoma, pode operar como uma invenção singular diante da impossibilidade do Todo, sustentando o sujeito na travessia do gozo devastador rumo a uma experiência vivificante.

No nível do sexuado, falamos de gozo do corpo, do corpo que se goza. A parceria sintomática se dá nesse nível do gozo próprio. É aqui que o parceiro-sintoma importa: não somente como suplência à inexistência da relação sexual, mas como laço que contorna o gozo opaco e inominável que pode devastar ou vivificar uma mulher.

Nesse ponto, pode-se ler, a partir de Miller^[7], que a parceria sintomática se constitui como uma invenção singular: o parceiro não se reduz a objeto de demanda, mas pode funcionar como suporte real, um modo de laço que se estabelece no nível do gozo do falasser. Essa função de amarra permite contornar, ainda que parcialmente, o gozo que escapa à significação, abrindo a possibilidade de que o laço com o parceiro seja vivido não apenas como devastação, mas também como experiência vivificante.

Quais as saídas possíveis de um saber fazer dessa parceria sintomática como invenção frente ao impossível desse gozo?

REFERÊNCIAS

[1] LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: mais, ainda. Cap. VI – Deus e o gozo d’“mulher. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

[2] MILLER, Jacques-Alain. As duas formas do parceiro sintoma. In: O osso de uma análise: o inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro, Zahar, 2015, pp.79-114.

[3] Ibidem.

[4] LACAN, Jacques. Deus e o gozo d’“mulher. In: O seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

[5] MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. Opção Lacaniana Online: nova série, Rio de Janeiro, ano VI/VII, n. 20, jul. 2016. Dis-

ponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_20/Uma_partilha_sexual.pdf.

[6] LACAN, Jacques. Do Gozo. In: O seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro, Zahar, 1985, pp. 9-20.

[7] MILLER, Jacques-Alain. As duas formas do parceiro sintoma. In: O osso de uma análise: o inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro, Zahar, 2015, pp.79-114.

A inquietante atualidade

Helen da Costa Guerra
helen.cg@hotmail.com

A paisagem política e social deste século XXI vem nos apresentando contornos cada vez mais inquietantes, tempos de assombro. O avanço da extrema-direita, a escalada de conflitos geopolíticos, o agravamento do racismo e xenofobia, do autoritarismo e das guerras comerciais, não parecem ser fatos isolados.

E, diante da ameaça de uma terceira guerra mundial e da instabilidade das democracias, assistimos ao possível colapso de nossa sociedade contemporânea.

Para o tema destas VI Jornadas EBP – Seção Leste-Oeste – Encontros e Desencontros – parcerias sintomáticas, fez-se questão quais os efeitos dos sintomas contemporâneos como modo de gozo nas formas atuais de laço social?

Cito Freud, em o Mal-Estar da Civilização: “[...] é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade”.^[1]

O declínio do Nome-do-Pai, este que opera como limite de gozo, que regula a relação do sujeito com o desejo, sustentando a consistência do Outro, traz na contemporaneidade um gozo desregulado, que se traduz tanto em discursos totalitários, quanto em ideais de liberdade absoluta, ambos capturados pela ordem lógica capitalista do consumo ilimitado. Nesta promessa de satisfação imediata, nos alerta que não há furo que limite o gozo, onde o discurso capitalista opera sustentando esta promessa de satisfação ilimitada.

Na atual guerra comercial, longe de ser apenas uma disputa de tarifas e mercados, aparece como sintoma do capitalismo contemporâneo, que parece dispensar a mediação simbólica. E nessa lógica que o gozo, outrora contido pela ordem simbólica, retorna sem mediação, reconfigurando o laço social.

Neste contexto, tais sintomas contemporâneos como modos de gozo, operam como parcerias sintomáticas que atravessam o sujeito e a coletividade. Os desafios atuais, nos invocam a compreender a contemporaneidade, não apenas como sinais de desordem, mas como as parcerias sintomáticas, em que o real é o que não cessa de não se inscrever.

Sendo a posição do analista a que acolhe o impossível de dizer, cito Lacan:

O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver.^[2]

Diante dos desafios desta contemporaneidade, a psicanálise, na escuta atenta ao sintoma, pode se orientar para uma nova dimensão.

REFERÊNCIAS

- [1] FREUD, Sigmund. O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1930). v XXI. Rio de Janeiro: Imago. 1996. p.116.
- [2] LACAN, J. O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 267.

A dialetização do gozo em conflito^[1]

João Pedro Vilar Nowak de Lima
joaopedronowak@gmail.com

As idiossincrasias da civilização do gozo contornam a clínica do empuxo às adições no seio do discurso capitalista, onde a falta-a-gozar é tratada pela falta-a-ter e a relação de objeto é constituída pelo engodo: o imperativo da vontade de gozo traveste-se de solução.

Essa manifestação contundente do gozo se dialetiza e temos: o gozo-excesso que, nas toxicomanias, elucida o sublime em ruína e sua produção é resto, lixo, de um aturdimento que menos se reconhece, o qual uma manifestação do somático pode ser suficiente para engolfar o produto-excesso no gozo-satisfação, permeabilizando a fala e trazendo lócus ao reconhecimento. O gozo-fálico testemunha os obstáculos do laço social, manifestando-se em situação de apego, onde fica o cínico, perscrutando um atalho no enfrentamento do mal-estar do desejo na lida com as consequências do Ideal de constituir Um.

Como subsistir o amor pelo saber e fazer vigorar o laço social diante da atomização proveniente da linguagem do lucro? Elenco um caso clínico:

K., homem, 53 anos, dois filhos e dois divórcios, iniciou suas sessões por intermédio da sua irmã, que fez o primeiro contato, sinalizando que faria o pagamento das sessões.

Inicialmente K., movimentado pela nomeação “viciado”, expôs sua relação com apostas esportivas que resultaram na perda do patrimônio que advinha desde o primeiro casamento, a “soma da economia de uma vida”. Aflito, na época, sinalizou sua então esposa, que passou a gerenciar seu salário e gastos. Persistente, K. fez um empréstimo bancário para apostar e sua dívida vigorou: o casamento acabou e foi demitido. Questionado, K. informa que a culpa é da sua esposa por não ter gerenciado suas possibilidades de apostar.

Seria o não reconhecimento da culpa a marca pela produção da dívida em nome do Outro e a conformação do gozo autoerótico advindo da nomeação “viciado”? Essa questão ressoa em supervisão.

K. relata seu encontro com uma nova mulher, casada, com quem mantém insinuações, dizendo gostar de mulheres “problemáticas” aludindo à segunda ex-esposa com quem mantinha um caso extraconjugal no primeiro casamento. Logo se corrige e diz “não estar mais nessa”, apesar da troca de mensagens frequentes e do manejo para que a ex-mulher tenha conhecimento dos encontros.

Acusa a ex de ser narcisista e “querer manter o controle”, relata que ela envia uma isca através do seu filho: o *tablet* logado em sua nuvem pessoal, onde ele se atualiza da vida sexual dela através dos *prints* de tela e diz “ela quer gozar com o pau dos outros, o cara tem *harley*, carrão, quero ver fazer com o que é dela”. Mesmo ciente mantém-se logado e acompanha a vida sexual da ex-mulher, degradando-se.

Santiago^[2] traz que o cínico testemunha os obstáculos que o sexo masculino encontra para gozar do corpo da mulher. Estaria K. agarrado à masturbação visto não poder gozar do corpo da mulher?

Em troca de mensagens de voz com o pai, K. é advertido: “pare de se diminuir”, seguido por um áudio de 15 minutos, que teve como destino o apagamento e a resposta ao pai foi contundente: “já estou no fundo do poço e você ainda quer me humilhar?”. K. trouxe que seu segundo casamento foi marcado por insultos que o alocava como “frouxo, banana, incapaz”.

Interagindo com o filho, K. diz: “papai não tem muito o que te dar, filho. Pai tem amor e carinho, só isso” conta em tom de melancolia, o que gera uma risada estridente do analista que questiona: “só isso?”.

K. conta que se mantém na cidade pelo filho, não quer deixá-lo com a ex, seu plano é se estruturar financeiramente e pleitear uma guarda unilateral, ficar próximo do filho. Desejo que vacila à medida que goza dos seus conflitos.

REFERÊNCIAS

^[1] Trabalho produto do Cartel Fulgurante das VI Jornadas EBP LO. Toxicomania: a droga como parceiro de gozo. Cartelizantes: Adrya Leão de Andrade Cecchini, Gleice Taciana Barbosa (mais-um), João Pedro Vilar Nowak de Lima, Mariana Sant’ Anna Costa e Shirley Macedo Gundim.

^[2] SANTIAGO, Jésus. O Campo Uniano: o último ensino de Lacan e suas consequências. O empuxo às adicções e a iteração do um de gozo. Goiânia: Editora Ares, 2022, pp. 293-309.

ANEXOS

ANEXO I

Coletâneas das Jornadas da LO

Jornada: 1 - I Jornadas EBP Seção Leste-Oeste (em formação) Conferência e trabalhos de cartéis

Evento: Virtual – Zoom

Nome – série: Brochura n.1 – sem ISBN e sem ficha catalográfica

Diretor Geral: Rômulo Ferreira da Silva – AME EBP/ AMP

Coordenação Geral: Ordália Alves Junqueira – EBP/ AMP

Convidado: Romildo Do Rêgo Barros – AME – EBP/ AMP

Comissão científica: Elisa Alvarenga – AME – EBP/ AMP

Responsável pela Coletânea: Carla Serles – EBP/ AMP

Tema: Como se forma um analista

Arte: MANUFACTURER JOT JOT DESIGNER – OKIIO STUDIO

Datas: 09 e 10/10/2020

Local: Aliança Francesa Brasília, DF

Nº de páginas: 104 págs.

Jornada: 2 – II Jornadas EBP Seção Leste-Oeste

Evento: Híbrido

Nome – série: Coletânea n. 2 – ISBN: 978-65-990241-3-9

Diretor Geral: Rômulo Ferreira da Silva – AME EBP/ AMP

Coordenação Geral: Ruskaya Maia – EBP/AMP

Convidado: Lizbeth Ahumada – AME – NEL/ AMP e Marie Claude Soreau – AE ECF/ AMP

Comissão científica: Tânia Regina Anchite Martins – EBP/ AMP

Responsável pela Coletânea: Adriana Gonring

Tema: O AMOR NO TEMPO DAS CÓLERAS

Arte: Patrícia Ferreira. trabalho da série. “Desenhos desesperados para viver momentos difíceis”.

Datas: 17 e 18/09/2021

Local: Brasília, DF

Nº de páginas: 122 págs.

Jornada: 3 – II Jornadas de Cartéis EBP Leste-Oeste

Evento: Virtual – Zoom

Nome – série: (Encontrado apenas o programa)

Diretor Geral: Rômulo Ferreira da Silva – AME EBP/ AMP

Coordenação Geral: Ruskaya Maia – EBP/AMP e Ordália Alves Junqueira – EBP/ AMP

Convidado: não houve

Comissão científica: não informado

Responsável pela Coletânea: não houve

Tema: não informado

Arte: não informado

Datas: 09/04/2022

Local: Brasília, DF

Nº de páginas: ***

Jornada: 4 – III Jornadas EBP Seção Leste-Oeste**Evento:** Híbrido**Nome – série:** Coletânea n.3 – sem ISBN e sem ficha catalográfica**Diretor Geral:** Rômulo Ferreira da Silva – AME EBP/ AMP**Coordenação Geral:** Bartyra Ribeiro de Castro – EBP/ AMP **Convidado:** LÍGIA GORINI ECF/AMP**Comissão científica:** Cartel – LÍGIA GORINI ECF/AMP (mais-um)**Responsável pela Coletânea:** não houve C. Editorial ou de Publicação**Tema:** O Mistério da Sexuação**Arte:** Taigo Meireles – Obra: Beatriz no círculo da luxúria, 2011**Datas:** 23 e 24/09/2022**Local:** Aliança Francesa Brasília, DF**Nº de páginas:** 93 págs.**Jornada: 5 – III Jornadas de Cartéis EBP Seção Leste-Oeste****Evento:** Virtual – Zoom**Nome – série:** Coletânea n.5 sem ISBN e sem ficha catalográfica**Diretor Geral:** Ruskaya Maia – EBP/AMP**Coordenação Geral:** Claudia Murta – EBP/ AMP**Convidado:** Marilsa Basso – EBP/ AMP**Comissão científica:** Ordália Alves Junqueira – EBP/ AMP**Responsável pela Coletânea:** Claudia Murta – EBP/ AMP**Tema:** não informado**Arte:** não informado**Datas:** 01 e 02/12/2023**Local:** Brasília, DF**Nº de páginas:** 127 págs.**Jornada: 6 – IV Jornadas EBP Seção Leste-Oeste****Evento:** Híbrido**Nome – série:** Coletânea n.4 – sem ISBN e sem ficha catalográfica**Diretor Geral:** Ruskaya Maia – EBP/AMP**Coordenação Geral:** Giovanna Quaglia – EBP/AMP**Convidado:** Guy Briole – AME – ECF, ELP/ AMP**Comissão científica:** Alberto Murta – AME EBP/AMP**Responsável pela Coletânea:** Giovanna Quaglia – EBP/AMP**Tema:** Que loucura é essa?**Arte:** Ilton Silva**Datas:** 15 e 16/09/2023**Local:** Museu Nacional da República Brasília, DF**Nº de páginas:** 151 págs.**Jornada: 7 – V Jornadas EBP Seção Leste-Oeste****Evento:** Híbrido**Nome – série:** Coletânea n.6 – ISBN: 978-65-990241-7-7**Diretor Geral:** Ruskaya Maia – EBP/AMP**Coordenação Geral:** Claudia Murta – EBP/ AMP**Convidado:** Marina Recalde – EOL/AMP**Comissão científica:** Alberto Murta – AME EBP/AMP**Responsável pela Coletânea:** Claudia Murta – EBP/ AMP**ema:** corpo m-e-m-ó-r-i-a**Arte:** Atilio Colnago – Obra: Corporis Memoriam. 2024

Datas: 20 e 21/09/2024

Local: UFES - Vitória, ES

Nº de páginas: 192 págs.

Jornada: 8 - IV Jornadas de Carteis EBP Leste-Oeste

Evento: Virtual - Zoom

Nome - série: Coletânea n.7 - sem ISBN e sem ficha catalográfica

Diretor Geral: Ruskaya Maia - EBP/AMP

Coordenação Geral: Claudia Murta - EBP/ AMP

Convidado: Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros - AME EBP/AMP

Comissão científica: Tânia Regina Anchite Martins - EBP/ AMP

Responsável pela Coletânea: Claudia Murta - EBP/ AMP

Tema: Coletivo de Uns

Arte: não informado

Datas: 07 e 08/02/2025

Local: Brasília, DF

Nº de páginas: 101 págs.

Jornada: 9 - VI Jornadas EBP Seção Leste-Oeste

Evento: Híbrido

Nome - série: Coletânea n.8 - ISBN:

Diretor Geral: Alberto Murta - AME EBP/AMP

Coordenação Geral: Ceres Rubio - EBP/AMP

Convidado: Pierre Sidon - AME ECF/ AMP

Comissão científica: Rosangela Ribeiro - EBP/ AMP

Responsável pela Coletânea: Olenice Amorim Gonçalves

Tema: Encontros & Desencontros: parcerias sintomáticas

Arte: Eugênia Fraietta - Obra: Edifício de si. (Colagem)/ 2025

Datas: 10 e 11/10/2025

Local: Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, GO

Nº de páginas: 170 págs.

ANEXO I
QUADRO - COLETÂNEAS DAS JORNADAS DA EBP LO^[1]

Jornadas	Arquivo	Evento	Evento	Nome - série	Diretor Geral	Coord. Geral	Convidada/o	C. Científica	Responsável pela Coletânea	Tema	Arte	Datas	Local	n. págs.
1	ok	I Jornadas EBP Seção Leste-Oeste (em formação) Conferência e trabalhos de cartéis	Virtual Zoom	Brochura n.1 sem ISBN e sem ficha catalográfica	Rômulo Ferreira da Silva AME EBP/ AMP	Ordália Alves Junqueira EBP/ AMP	Romildo Do Rêgo Barros AME - EBP/ AMP	Elisa Alvarenga AME - EBP/ AMP	Carla Serles EBP/ AMP	Como se forma um analista	MANUFACTURER JOT JOT DESIGNER - OKIKO STUDIO	09 e 10/10/2020	Aliança Francesa Brasília, DF	104 págs.
2	ok	II Jornadas EBP Seção Leste-Oeste	Híbrido	Coletânea n. 2 ISBN: 978-65-990241-3-9	Rômulo Ferreira da Silva AME EBP/ AMP	Ruskaya Maia EBP/AMP	Lizbeth Ahumada AME - NEL/ AMP Marie Claude Soreau AE ECF/ AMP	Tânia Regina Anchite Martins EBP/ AMP	Adriana Gonring	O AMOR NO TEMPO DAS CÔLERAS	Patrícia Ferreira trabalho da série "Desenhos desesperados para viver momentos difíceis".	17 e 18/09/2021	Brasília, DF	122 págs.
3		II Jornadas de Cartéis EBP Leste-Oeste	Virtual Zoom	(Encontrado apenas o programa)	Rômulo Ferreira da Silva AME EBP/ AMP	Ruskaya Maia EBP/AMP Ordália Alves Junqueira EBP/ AMP	não houve	não informado	não houve	não informado	não informado	09/04/2022	Brasília, DF	***
4	ok	III Jornadas EBP Seção Leste-Oeste	Híbrido	Coletânea n.3 sem ISBN e sem ficha catalográfica	Rômulo Ferreira da Silva AME EBP/ AMP	Bartyra Ribeiro de Castro EBP/ AMP	LÍGIA GORINI ECF/AMP	Cartel LÍGIA GORINI ECF/AMP (mais-um)	não houve C. Editorial ou de Publicação.	O Mistério da Sexuação	Taigo Meireles Obra: Beatriz no círculo da luxúria, 2011	23 e 24/09/2022	Aliança Francesa Brasília, DF	93 págs.
5	ok	III Jornadas de Cartéis EBP Seção Leste-Oeste	Virtual Zoom	Coletânea n.5 sem ISBN e sem ficha catalográfica	Ruskaya Maia EBP/AMP	Claudia Murta EBP/ AMP	Marilsa Basso EBP/ AMP	Ordália Alves Junqueira EBP/ AMP	Claudia Murta EBP/ AMP	não informado	não informado	01 e 02/12/2023	Brasília, DF	127 págs.
6	ok	IV Jornadas EBP Seção Leste-Oeste	Híbrido	Coletânea n.4 sem ISBN e sem ficha catalográfica	Ruskaya Maia EBP/AMP	Giovanna Quaglia EBP/AMP	Guy Briole AME - ECF, ELP/ AMP	Alberto Murta AME EBP/AMP	Giovanna Quaglia EBP/AMP	Que loucura é essa?	Ilton Silva	15 e 16/09/2023	Museu Nacional da República Brasília, DF	151 págs.
7	ok	V Jornadas EBP Seção Leste-Oeste	Híbrido	Coletânea n.6 ISBN: 978-65-990241-7-7	Ruskaya Maia EBP/AMP	Claudia Murta EBP/ AMP	Marina Recalde EOL/AMP	Alberto Murta AME EBP/AMP	Claudia Murta EBP/ AMP	corpo m-e-m-ó-r-i-a	Atilio Colnago Obra: Corporis Memoriam. 2024	20 e 21/09/2024	UFES Vitória, ES	192 págs.
8	ok	IV Jornadas de Cartéis EBP Leste-Oeste	Virtual Zoom	Coletânea n.7 sem ISBN e sem ficha catalográfica	Ruskaya Maia EBP/AMP	Claudia Murta EBP/ AMP	Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros AME EBP/AMP	Tânia Regina Anchite Martins EBP/ AMP	Claudia Murta EBP/ AMP	Coletivo de Uns	não informado	07 e 08/02/2025	Brasília, DF	101 págs.
9		VI Jornadas EBP Seção Leste-Oeste	Híbrido	Coletânea n.8 ISBN:	Alberto Murta AME EBP/AMP	Ceres Rubio EBP/AMP	Pierre Sidon AME ECF/ AMP	Rosângela Ribeiro EBP/ AMP	Olenice Amorim Gonçalves	Encontros & Desencontros: parcerias sintomáticas	Eugênia Fraietta (Colagem)/ 2025	10 e 11/10/2025	Pontifícia Universidade Católica de Goiás Goiânia, GO	218 págs

[1] Elaborado por Olenice Amorim Gonçalves, agosto de 2025.



ANEXO II

Coletâneas em ENTRE(VISTAS) – Excertos

FRASES SELECIONADAS PELA C. EDITORIAL - SÉRIE "COLETÂNEA ENTRE(VISTAS)"	ENTRE(VISTA)DA/O	"CARTELIZANTE E QUESTÃO INDIVIDUAL"
"[...] a coletânea serve para isso [...]. Como se fosse uma espécie de um Thesouro sobre o tema e que vai fazer com que as pessoas tenham um ponto de partida para estarem juntas. [...] a coletânea me parece que tem o mesmo efeito do trabalho de cartel: se junta, trabalha, produz esse produto, ele fica registrado e coloca em marcha o trabalho da Escola."	Rômulo Ferreira da Silva AME EBP/ AMP Diretor da EBP LO 2019-2022	Cléa Machado Qual a finalidade de uma Coletânea?
"Uma coletânea é muito importante, porque ela vai ser nosso registro através da escrita, dos escritos e dos inscritos numa Jornada; do seu momento, da sua pesquisa, do seu furo no saber, do seu não saber"	Rafaella Cunha NPJ EBP/ AMP 2023-5	
"Coletanea vem de coletar, coletado. uma coisa de reunir. De muitos você reúne esses muitos e propõem algo único. A Coletânea vem nos juntar, o cartel, o escrito e o laço vem do enodamento. Esses três fazem um nó borromeano (real, simbolico e imaginário)"	Ordália Junqueira Membro EBP/ AMP	Daniel Camelo Rancan Coletânea: significante que faz laço?
"Quanto ao laço, é uma forma de fazer laço. Pois cada um escreve, a partir do UM, do gozo do UM, e quando fica registrado na Coletânea, é uma maneira de fazer laço, com a escola, laços analíticos com os colegas".	Luisa Carvalho M. de Lima NPJ EBP/ AMP 2023-5	
"... Coletânea, ela faz ressoar ao coletivo de Uns de Um. Então, cada um coloca o seu texto, cada um coloca a orientação do seu desejo, o qual o produto será esse texto nessa *Coletânea* que não é alguma coisa que poderia ser um conjunto de textos, mas sim Um a Um com seu desejo nessa produção em torno de um tema, pra cada Um das Jornadas. *substituída a palavra brochura por Coletânea - Olenice Amorim "	Anna Rogéria Nascimento de Oliveira Membro EBP/ AMP	Fernanda de Fátima Fernandes O que é e para que serve a Coletânea das Jornadas da EBP LO?
"Se a gente se perguntar o que é uma Coletânea e a quem serve é outra pergunta também importante, por que foi uma pergunta que eu me fiz quando teve a Coletânea ano passado. Então, nesse sentido em pensar nesse movimento de escola a quem serve e o que é. Num primeiro momento me vem no sentido de um registro de uma produção na seção."	Caroline Quixabeira NPJ EBP/ AMP	



“(…) aquilo que a gente lê do trabalho do outro, desse pequeno outro que se endereça ao campo analítico, é sempre aquilo que é da ordem da enunciação. Ou seja, aquilo que se transmite numa escrita.”	Gabriel Caixeta NPJ EBP/ AMP	
“(…) A gente lê aquilo que se transmite, do percurso de quem escreve.”	Gabriel Caixeta NPJ EBP/ AMP	Katiuscia Kintschev A que campo, o autor endereça sua escrita através das Jornadas?
“E ele (Lacan) faz esse neologismo, o blich. Ou seja, como fazer para que aquilo que a gente escreve, aquilo que a gente publique, não se perca, não se torne lixo. Eu acho que passa por aí, eu acho que passa por uma escrita que porta algo de um testemunho do percurso de cada um.”	Gabriel Caixeta NPJ EBP/ AMP 2023-5	
“Coletânea é aquela brochura que se entrega logo que todos os textos são passados à Comissão Científica que, por sua vez, os repassa para a Comissão de Editorial? (…) Ano passado eu vi que passou a haver laços com os colegas. (…) Alguns me diziam: “Que bacana, eu pude acompanhar melhor!”, “As referências são muito boas!”, “Eu não tinha entendido quando o colega apresentou, mas depois eu voltei ao trabalho e eu achei muito rico.” (…) Uma pessoa que conheço quem falou isso, assim, numa alegria. E ela não ficou só no on-line. Ela imprimiu e levou, levou para as Jornadas o tempo todo ali, acompanhando.”	Rosangela Ribeiro Membro EBP/ AMP Coord. Comissão científica das VI Jornadas	Olenice Amorim Gonçalves Coletânea, o quê?
“Coletânea, o quê? (…) Um conjunto de obras (…). O que fazer com essa aglomeração do que é o que a gente trabalha (…) de certa forma, é ter um movimento (…) o movimento dos trabalhos.”	Cícero Chicon NPJ EBP/ AMP 2023-5	
“A coletânea é o resultado de um tempo teórico, mas é um tempo vivo, que tenta se registrar a partir de uma escrita, de um registro de trabalhos de participantes da psicanálise que dão ali sua libra de carne, de um corpo vivo”.	Ceres Leda Rúbio Membro EBP/AMP Coord. Geral das VI Jornadas	Patrícia Gramacho Em que, a Coletânea das jornadas EBP LO se diferencia do Discurso Universitário?
“A coletânea se diferenciaria do discurso universitário, primeiro porque ela privilegia textos que são frutos de cartéis, mas não só, e textos de pessoas que têm uma certa relação, a gente supõe, com o inconsciente. Isso só já é uma relação com o saber que pressupõe uma dignidade para aquilo que é da ordem do furo, e são textos sempre muito singulares”.	Rafaela Oliveira Quixabeira NPJ EBP/ AMP 2023-5	



ANEXO III

Carteis Fulgurantes¹

VI Jornadas EBP LO - Encontros e desencontros – parcerias sintomáticas

CARTEL FULGURANTE: ARTE, POLÍTICA E SINTHOME

DATA DE INÍCIO: 04/04/25

CARTELIZANTES:

Andrea Palmerston Muniz - *Corpo, arte e psicanálise*

Ezequiel Martins Ferreira (mai-um) - *Políticas do amor e da arte*

Letícia Prego Fonseca de Lima - *Pode o sujeito das margens ser mais do que suas cicatrizes?*

Ludmylla Domingues Siqueira Ortega - *A arte ainda se mostra primeiro?*

Renata Silveira Wyant - *A arte pode ser uma forma de resistência?*

2. CARTEL FULGURANTE: COLETÂNEA DAS JORNADAS

DATA DE INÍCIO: 17/04/25

MODALIDADE: Todos participam de uma mesma seção

CARTELIZANTES:

Cléa Martins Machado de Oliveira (mais-um) - *Qual a finalidade de uma coletânea?*

Daniel Camelo Rancan - *Coletânea: significativa que faz laço?*

Fernanda de Fátima Fernandes - *O que é e para que serve a Coletânea das Jornadas da EBP LO?*

Patrícia Marinho Gramacho - *Em que, a coletânea das jornadas EBP LO se diferencia do Discurso Universitário?*

Katiuscia Kintschev - *A que campo o autor endereça sua escrita através das Jornadas?*

Olenice Amorim Gonçalves - *Coletânea, o quê?*

3. CARTEL FULGURANTE: O PARCEIRO SINTOMA E O PARCEIRO DEVASTAÇÃO

DATA DE INÍCIO: 26/04/25

MODALIDADE: Todos participam de uma mesma seção

CARTELIZANTES:

Fernanda Fernandes (mais-um) - *A parceria sintomática e suas reminiscências na maternidade.*

Lívia Bicalho Porto Pimentel - *A adolescência como sintoma da puberdade: a encruzilhada subjetiva entre o sintoma e a recusa.*

Luene Afonso Nascimento - *Uma investigação sobre a parceria sintomática e a relação (ou não) com o amor.*

Muriel Rodrigues - *Os efeitos da devastação feminina: uma investigação em casos clínicos*

Raissa Turibio Milhomem - *(Des)encontros do feminino na relação materna.*

1 Disponível em <https://ebp.org.br/carteis-apresentacao/carteis-fulgurantes/> <Acesso em 22/09/2025>

4. CARTEL FULGURANTE: O PARCEIRO-SINTOMA: MEIO DE GOZO?

DATA DE INÍCIO: 29/05/25

MODALIDADE: Todos participam de uma mesma seção

CARTELIZANTES:

Glória Maria Duarte dos Santos - *Há humanidade na loucura?*

Maria Eduarda Oliveira da Silveira Santos - *Se a cadeia significativa é particular aos afetos que inscreveram o sujeito, a comunicação seria então a transferência cujo o único encontro possível é um eterno mal-entendido?*

Maria Elena Bermond Côco Fagundes - *Quais são as novas formas de parceria sintomática na adolescência?*

Rafael Leite Mendonça (mais-um) - *O discurso da ciência e a (sub)versão do corpo sexuado*

Suraia Oliveira Veloso Carneiro - *Se não há relação sexual de que parceria se trata?*

5. CARTEL FULGURANTE: O QUE DIZER DAS PARCERIAS NAS PSICOSES E NO AUTISMO?

DATA DE INÍCIO: 29/04/25

MODALIDADE: Todos participam de uma mesma seção

CARTELIZANTES:

Ana Paula Fernandes Rezende (mais-um) - *O amor e a parceria sintomática na psicose.*

Jocilene Rigo - *Parceiro-sintoma na psicose.*

Renata Coelho Tavares Imperial (mais-um) - *Qual estatuto do conceito de parceiro-sintoma no autismo?*

Robson José da Silva Campos - *A parceria com o analista na psicose.*

6. CARTEL FULGURANTE: PARCEIRO DEVASTAÇÃO

DATA DE INÍCIO: 09/05/25

MODALIDADE: Todos participam de uma mesma seção

CARTELIZANTES:

Gabriel Caixeta (NPJ/ EBP 2023-5 - mais-um) - *Devastação ou impotência?*

Gean Carlos Candido da Silva - *A devastação nas canções de Chico Buarque*

Isana Rodrigues Braz - *Devastação e Feminino*

Luciene Ferreira da Silva - *Devastação*

Verônica Ribeiro Franco Vilela - *Devastação*

7. CARTEL FULGURANTE: PARCEIRO FANTASMA - PARCEIRO DEVASTAÇÃO

DATA DE INÍCIO: 06/05/25

MODALIDADE: Todos participam de uma mesma seção

CARTELIZANTES:

Aline Tatiana Bachega - *Entre o amor que sustenta e o amor que devasta comentário sobre a vida da artista Frida Kahlo*

Isabeli de Carvalho Baroni - *Tudo é Rio, tudo é dor: violência e amor nas margens do inominável.*

Luisa Carvalho Miranda de Lima NPJ/ EBP 2023-5 (mais-um) - *O que transmite o testemunho de passe de Marta Serra Frediani sobre a devastação?*

Thais Foizer Bezerra - *A Devastação do amor: uma análise sobre a minissérie Ângela*

8. Cartel fulgurante: PARCEIRO FANTASMA E PARCEIRO DEVASTAÇÃO

DATA DE INÍCIO: 07/05/25

MODALIDADE: Todos participam de uma mesma seção

CARTELIZANTES:

Adriana Gonring (mais-um) - *E nas violências, há parceria?*

Anna Paula da Silva - *A devastação nas parcerias amorosas.*

André de Paulo Duarte - *O objeto fetiche como sustentáculo do fantasma masculino na partilha sexual.*

Sheila Cordeiro Souza Moreira - *Onde a devastação se repete: um caso clínico.*

9. Cartel fulgurante: PARCEIRO SINTOMA E PARCEIRO DEVASTAÇÃO

DATA DE INÍCIO: 20/04/25

MODALIDADE: Todos participam de uma mesma seção

CARTELIZANTES:

Cristina Alves Barbosa Santos - *Parte homem e parte mulher em todo falasser.*

Fernanda Marra - *Parceria sintomática com o analista na clínica contemporânea.*

Henrique Lopes - *Parcerias homoafetivas, entre fetiche e não todo.*

Luciana da Silva Pedron Membro EBP/AMP (mais-um) - *Com o quê (ou quem) a devastação joga a partida?*

10. Cartel fulgurante: PARCEIRO-SINTOMA E PARCEIRO-DEVASTAÇÃO

DATA DE INÍCIO: 13/06/25

MODALIDADE: Todos participam de uma mesma seção

CARTELIZANTES:

Fernando Reis NPJ/ EBP 2023-5 (mais-um) - *Quão necessária é a devastação na experiência de amor no feminino?*

Grazielle Araújo Mosena Alessio - *Como a feminilidade articula amor, devastação e gozo na escolha do parceiro?*

Karem de Moura - *Quem é o Outro que devasta hoje na era virtual?*

Kátia dos Santos Cardoso Mendes - *Como o sujeito faz laço amoroso por meio do sintoma, mesmo quando esse laço é fonte de sofrimento?*

11. Cartel fulgurante: PARCERIAS DO FALASSER

DATA DE INÍCIO: 24/04/25

MODALIDADE: Todos participam de uma mesma seção

CARTELIZANTES:

Carlos Alberto de Sá Barros Júnior (mais-um) - *Lugar e Função da Fantasia*

Luísa Lima Monteiro - *Outra face do amor*

Maila Thaiane Reis Rocha Siqueira - *O amor nas parcerias*

Mara Lúcia Barros Martin - *O que um homem pode ser para uma mulher?*

Ruth Cavalcanti Garcia - *Devastação e cultura popular, a sofrência na música sertaneja*

12. Cartel fulgurante: PARCERIAS SINTOMÁTICAS

DATA DE INÍCIO: 25/04/25

MODALIDADE: Todos participam de uma mesma seção

CARTELIZANTES:

Daniel da Costa Reis - *Para além da lógica do sintoma: formas de subjetivação na contemporaneidade*

Gabriela Luanda Oliveira Carneiro - *O insuportável da feminilidade como consequência da não admissão da castração materna*

Luana Santos Silva (mais-um) - *Uma parceria com violência: há devastação?*

Tamara de Castro Mendonça Mesquita - *Melancolia e devastação: aproximações e (des)continuidades*

13. Cartel fulgurante: PARCERIAS SINTOMÁTICAS: ARTE E SINTHOME

DATA DE INÍCIO: 10/05/25

MODALIDADE: Todos participam de uma mesma seção

CARTELIZANTES:

Anna Rogéria Nascimento de Oliveira Membro EBP/AMP (mais-um) - *Chet Baker: a droga como parceiro de gozo*

Laura Assis Vieira - *Corpo e drama*

Marcelo Macaue - *O duplo eu contemporâneo*

Nathália R. Aguiar - *A arte como parceria entre o artista e sua obra*

Stephanie Boechat - *A Arte como parceiro sintoma*

14. Cartel fulgurante: PARCERIAS SINTOMÁTICAS: ARTE, POLÍTICA E SINTHOMA

DATA DE INÍCIO: 24/04/25

MODALIDADE: Inter-Seções

CARTELIZANTES:

Gustavo Augusto da Silva - *A arte e o Eu: construções sinthomaticas.*

José Ronaldo de Paulo - *Do nonsense ao sinthoma na arte.*

Maria Verônica da Silva - *É possível transferência quando o analista nega o racismo?*

Paula Ferreira Cândida - *A escrita como uma parceria sinthomatica.*

Ricardo Rezende (mais-um) - *Segregacionismo e tribalismo no século XXI*

15. Cartel fulgurante: TOXICOMANIA: A DROGA COMO PARCEIRO DE GOZO

DATA DE INÍCIO: 30/04/25

MODALIDADE: Todos participam de uma mesma seção

CARTELIZANTES:

Adrya Leão de Andrade Cecchini - *A toxicomania e a contemporaneidade.*

Gleice Taciana Barbosa (mais-um) - *Medicalização na instituição socioeducativa: Calar a pulsão?*

João Pedro Vilar Nowak de Lima - *Incidências da nomeação vício na direção do tratamento.*

Mariana Sant' Anna Costa - *As psicoses ordinárias e uso de drogas.*

Shirley Macedo Gundim - *Toxicomania contemporânea.*

ANEXO IV – COLETÂNEA EM NÚMEROS

VI Jornadas EBP LO

Encontros e desencontros – parcerias sintomáticas

A Comissão Editorial da VI Jornadas EBP LO apresenta em números os trabalhos recebidos após a avaliação e aceite pela Comissão Científica.

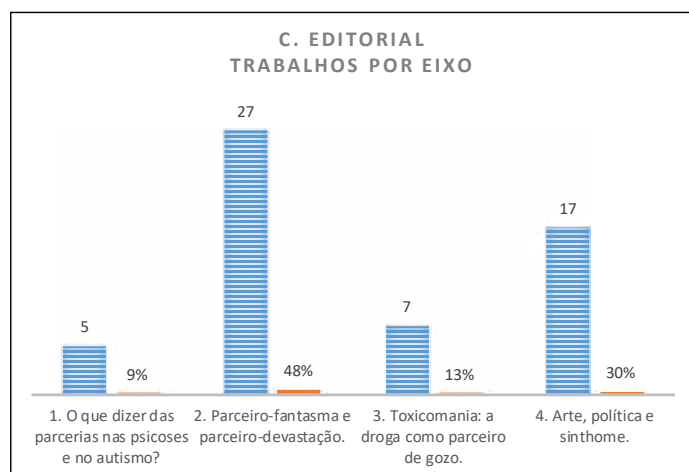
Dos 64 trabalhos aceites: 8 foram destinados às Plenárias; 56 foram destinados a apresentação nas Mesas Simultâneas, sendo 63% destes produtos do trabalho de cartéis fulgurantes; 51 foi o número de autoras e autores que autorizaram a publicação de seus trabalhos na Coletânea.8.

O trabalho realizado pela Comissão Editorial conta com a revisão minuciosa de ortografia, gramática e formatação. Em nenhuma hipótese os trabalhos são alterados sem a anuência de sua autoria, tampouco qualquer alteração pode macular o conteúdo e número de caracteres anteriormente avaliado pela Comissão Científica.

Passemos aos números!

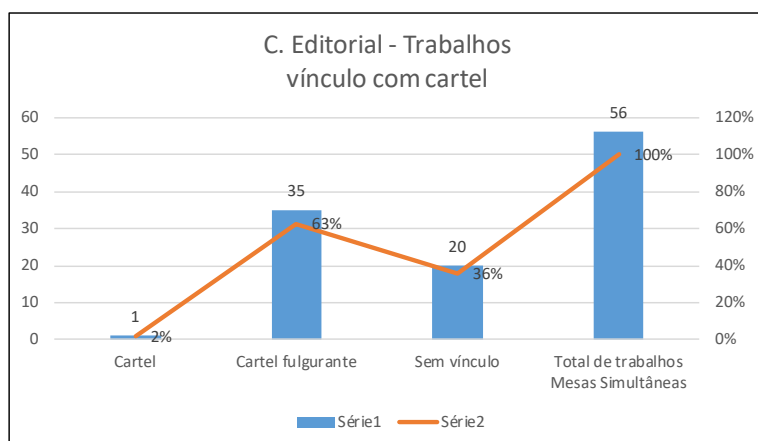
TRABALHOS DAS PLENÁRIAS		
Por eixo	Eixo 1 = 4	8
	Eixo 2 = 1	
	Eixo 4 = 3	
Por vínculo institucional	Membros = 6	8
	NPJ = 1	
	Participante = 1	
Por vínculo com cartel	Cartel = 1	8
	Cartel fulgurante = 1	
	Não cartel = 6	

TRABALHOS DAS MESAS SIMULTÂNEAS por Eixo Temático



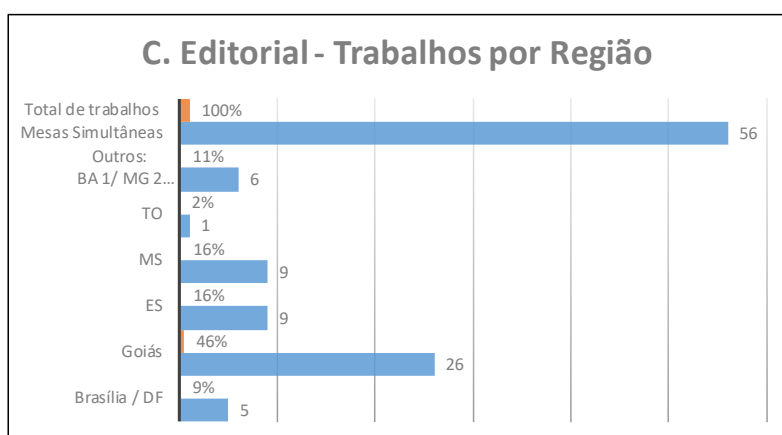
VI Jornadas EBP Leste-Oeste Comissão Editorial		
Por eixo	Qtd	%
1. O que dizer das parcerias nas psicoses e no autismo?	5	9%
2. Parceiro-fantasma e parceiro-devastação.	27	48%
3. Toxicomania: a droga como parceiro de gozo.	7	13%
4. Arte, política e sinthome.	17	30%
Total de trabalhos	56	100%

TRABALHOS DAS MESAS SIMULTÂNEAS produtos de cartéis



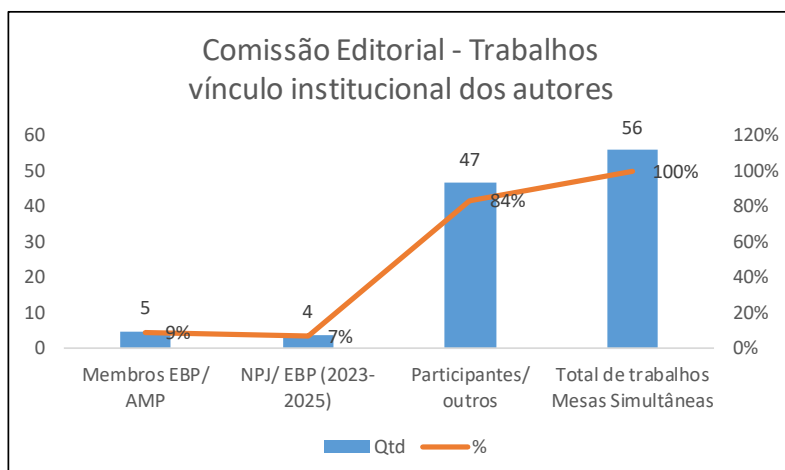
VI Jornadas EBP Leste-Oeste Comissão Editorial		
Por vínculo com cartel	Qtd	%
Cartel	1	2%
Cartel fulgurante	35	63%
Sem vínculo	20	36%
Total de trabalhos Mesas Simultâneas	56	100%

TRABALHOS DAS MESAS SIMULTÂNEAS por região



VI Jornadas EBP Leste-Oeste Comissão Editorial		
Por região	Qtd	%
Brasília / DF	5	9%
Goiás	26	46%
ES	9	16%
MS	9	16%
TO	1	2%
Outros: BA 1/ MG 2 RJ 2/ SP 1	6	11%
Total de trabalhos Mesas Simultâneas	56	100%

TRABALHOS DAS MESAS SIMULTÂNEAS por vínculo institucional



VI Jornadas EBP Leste-Oeste Comissão Editorial		
Por vínculo institucional	Qtd	%
Membros EBP/ AMP	5	9%
NPJ/ EBP (2023-2025)	4	7%
Participantes/ outros	47	84%
Total de trabalhos Mesas Simultâneas	56	100%



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VI JORNADAS EBP SLO 2025

Rosangela Ribeiro (EBP/ AMP)
Coord. Comissão Científica

EIXO 1: O que dizer das parcerias nas psicoses e no autismo?

ALVAREZ BAYÓN, P., 2024, O autismo, entre alíngua e a letra. Tradução de Bartyra Ribeiro de Castro. Vitória: Editora Cândida, (Coleção PIPA Traduz)

BERENGER E., E ROIZNER M., Acheminements vers la parole dans l'autisme, La Cause Freudienne, 78, Navarin, Paris, 2011.

JOYCE, J. Cartas a Nora. Relógio D'Água: Lisboa, 2012.

LACAN, J. O seminário, livro 19: ou... pior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

LACAN, J. O seminário, livro 20: mais, ainda... Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. O seminário, livro 23: o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MILLER, J.A. et al. La psicosis ordinaria: la convención de Antibes. Buenos Aires: Paidós, 2009.

MILLER, J. A. As duas formas do parceiro-sintoma. In: O osso de uma análise: mais o inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. p. 77-102.

MILLER, J. A. Efeito do retorno à psicose ordinária. Opção Lacaniana online nova série. São Paulo, ano 1, n. 3, nov. 2010. ISSN. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br> Acesso em: dezembro de 2016.

MILLER, J. A. Uma conversa sobre o amor. Opção Lacaniana online nova série, Buenos Aires, ano 1, n. 2, 2010. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_2/Uma_conversa_sobre_o_amor.pdf. Acesso em: 5 set. 2020.

MILLER, J. A. Os seis paradigmas do gozo. Opção Lacaniana online nova série. Paris, ano 3, n. 7, p. 1-49, 2012. Disponível em: http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf. Acesso em: agosto de 2020.

MILLER, J. A. Prefácio. In MALEVAL Jean-Claude. La Difference autistique, Arguments analytiques, Paris, 2021.

MILLER, J. A. Suplemento topológico a "uma questão preliminar". In: Matemas I. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

MALEVAL Jean-Claude. La Difference autistique, Arguments analytiques, Paris, 2021.

EIXO 2: Parceiro-fantasma e parceiro-devastação

FREUD, S. (2018). Sobre um tipo particular de escolha de objeto. Obras incompletas de Freud, Belo Horizonte: Autêntica.

- FREUD, S. (2018). Sobre a mais geral degradação da vida amorosa. Amor, sexualidade e feminilidade. Obras incompletas de Freud, Belo Horizonte: Autêntica.
- FREUD, S. (2018). O tabu da virgindade. Amor, sexualidade e feminilidade. Obras incompletas de Freud, Belo Horizonte: Autêntica.
- FREUD, S. (2018). Sobre tipos libidinais. Amor, sexualidade e feminilidade. Obras incompletas de Freud, Belo Horizonte: Autêntica, p.278
- FREUD, S. (2018). Sobre a sexualidade feminina. Amor, sexualidade e feminilidade. Obras incompletas de Freud, Belo Horizonte: Autêntica.
- FREUD, S. (2018). A feminilidade – Conferência XXXIII). Amor, sexualidade e feminilidade. Obras incompletas de Freud, Belo Horizonte: Autêntica.
- LACAN, Jacques. Seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LACAN, J. O seminário, livro 20: mais, ainda... Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, J. (2007). O Seminário, livro 23. Joyce, o sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar
- LACAN, J. O mal-entendido. In.: Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, Rio de Janeiro, n. 72, março 2016
- MILLER, J.A. As duas formas do parceiro-sintoma. In: O osso de uma análise + o inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro: Zahar 2015, p.95
- MILLER, J.A. Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan. Entre desejo e gozo. p.183
- MILLER, D. As duas margens da feminilidade. Boletim Infamiliar, julho de 2020. Disponível em: <http://www.encontrobrasileiro2020.com.br/as-duas-margens-da-feminilidade-2/>
- MILLER, J.-A. Uma partilha sexual. Opção Lacaniana online nova série, ano 7, n. 20, 2016. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_20/Uma_partilha_sexual.pdf
- EIXO 3: Toxicomania: a droga como parceiro de gozo
- FREUD, S. Sobre a mais geral degradação da vida amorosa (1912). In: Amor, sexualidade e feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- LACAN, Jacques. Encerramento das Jornadas de Estudos de Cartéis da Escola Freudiana. Pharmakon Digital, v. 2, nov. 2016. Disponível em: <https://pharmakondigital.com/encerramento-das-jornadas-de-estudos-de-carteis-da-escola-freudiana/>. Acesso em: 02 de junho de 2025.
- LACAN, J. O seminário, livro 17, o avesso de uma análise. Zahar. Rio de Janeiro.
- LACAN, J. O seminário, livro 23, o sinthoma. Zahar. Rio de Janeiro
- LAURENT, É. Três observações sobre a toxicomania. Pharmakon Digital, v. 3, 2017. Disponível em: <http://pharmakondigital.com/tres-observacoes-sobre-a-toxicomania/>. Acesso em: 02 de junho de 2025.
- LAURENT,É. Como engolir a pílula ?, Clique, Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano, n. 1, abril 2002, p. 24-35.
- LAURENT, É. Portrait de Joyce en Saint homme, in Mental n. 35. Paris, 2016, p. 62-73.
- MILLER, J. A. A droga da palavra. Revista Pharmakon, n. 5, 2025. Disponível em: <https://pharmakondigital.com/a-droga-da-palavra/>. Acesso em: 02 de junho de 2025.
- MILLER, J. A. A teoria do parceiro. Pharmakon Digital, 2023. Disponível em: <https://pharmakondigital.com/a-teoria-do-parceiro/>. Acesso em: 02 de junho de 2025.
- MILLER, J. A. O ser e o Um; Inédito; 2011.
- MILLER, J. A. O pai tornado vapor. In.: Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. Ed. Eolia, v. 88, 2024
- MILLER, J. Lire un symptôme, Mental n. 26, 2017, p. 49-58.

- NAPARSTEK, F. De la formation de rupture au partenaire symptôme », Quarto n. 79, juin 2003
- QUAGLIA, G. Conexão (A)ssexuada, Carta São Paulo, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise- São Paulo, Amor Sexo (Des)conexões, ano 26, n. 1, São Paulo, março 2019, p. 95-99.
- SALAMONE, L. D. "El lazo cuando la droga es el partenaire". Apostillas del TYA Córdoba, CIEC, 2011, n.1, p. 5-23.
- SANTIAGO, A. L. A Psicanálise virtual. *In.*: Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. Ed. Eolia, vol.88, 2024
- SANTIAGO, J. A toxicomania não é uma perversão, Falo, Salvador, n.4/5, jan./dez. 1989, p. 68-72.
- SANTIAGO, J. O celibatário, o toxicômano e a segregação, Curinga, Os enigmas do masculino, v. 9, Belo Horizonte, abril 1997, p. 45-49.
- SIDON, P. La substance d'une addiction, Les addictions sans substances. Conversation du TyA. Les Cahiers de l'ASREEP-NLS n. 2, 2016.
- SIDON, P. A interpretação realmente possível? Revista Pharmakon Digital, n. 4, 2023. Disponível em: <http://pharmakondigital.com/a-interpretacao-realmente-possivel/>. Acesso em: 02 de junho de 2025.

EIXO 4: Arte, política e sinthome

- BORSOI, P. Homem e mulher: o real da não-relação. In: Leituras do Seminário...ou pior de Jacques Lacan. São Paulo: EBP, 2014.
- LACAN, J. Joyce, o Sintoma. (1976) In: LACAN, J. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LACAN, J. O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise. (1969-1970) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- LACAN, J. O seminário, livro 14: A lógica do fantasma. (1966-1967) Tradução: Teresinha N. Meirelles do Prado. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.
- LACAN, J. (2007) In: Seminário livro 23: o sinthoma, Rio de Janeiro, Zahar, 2007

VI JORNADAS EBP
SEÇÃO LESTE-OESTE

ENCONTROS & DEZEM CONTROS

PARCERIAS
SINTOMÁTICAS

10&11
out | 25

PROGRAMA



CRÉDITOS DA IMAGEM: EUGÊNIA FRAIETTA

REALIZAÇÃO:



APOIO:



▪ 09 • out • 2025

» QUINTA-FEIRA • NOITE

19h00 – Pré-jornada

Exibição e debate do filme “Oeste Outra Vez”

Érico Rassi – DIRETOR

Fabício Cordeiro – CRÍTICO E CURADOR DE CINEMA

Coordenadora: Ruskaya Maia – EBP/AMP

LOCAL: CINE CULTURA. INGRESSOS LIMITADOS

▪ 10 • out • 2025

» SEXTA-FEIRA • MANHÃ

09h20 | 12h30 • Mesas Simultâneas - ONLINE

12h30 | 13h00 • Almoço

» SEXTA-FEIRA • TARDE

13h00 | 13h30 • Credenciamento

13h30 | 13h50 • Mesa de Abertura

Alberto Murta – DIRETOR GERAL DA EBP/LO – AME EBP/AMP

Cristiano Pimenta – PRESIDENTE DO CONSELHO EBP/LO – EBP/AMP

Ceres Lêda F. F. Rúbio – COORDENADORA GERAL DAS VI JORNADAS – EBP/AMP

Prof. Dr. Divino de Jesus da Silva Rodrigues – DIRETOR ECIS DA PUC-GO

13h50 | 14h05 • Lançamento da revista Sabiá nº4

Adriana Gomes Pessoa – DIRETORA DE BIBLIOTECA DA EBP-LO

14h10 | 14h25 • Atividade Cultural

14h30 | 15h30 • PLENÁRIA

Encontros e desencontros nas parcerias: no amor, na criança e no adolescente

O que revelam as parcerias sintomáticas na criança e adolescência – Com quem jogam a partida? – Ceres Lêda F. F. Rúbio – COORDENADORA DAS VI JORNADAS – EBP/AMP

O encontro com lalíngua – Cristiano Pimenta – PRESIDENTE DO CONSELHO DA EBP-LO – EBP/AMP

O amor em face do real – Alberto Murta – DIRETOR GERAL DA EBP-LO – AME EBP/AMP

Coordenador: Ary Farias – EBP/AMP

15h35 | 16h35 • PLENÁRIA

Parcerias sintomáticas na psicose. E no autismo?

Efeitos da perda de parceiro sintoma em um caso de psicose ordinária – Luis Francisco E. Camargo – EBP/AMP

A parceria sintomática na psicose – um amor possível? – Ana Paula Fernandes Rezende

O que podemos pensar sobre a estrutura autística e a hipótese de não-parceria sintomática – Bartyra Ribeiro de Castro – EBP/AMP

Coordenadora: Rosangela Ribeiro – EBP/AMP



16h40 | 18h00 • Conferência

I Conferência: O real parceiro - Pierre Sidon (ECF/AMP)

Tradutores: Luis Francisco Camargo – EBP/AMP e Bartyra Ribeiro de Castro – EBP/AMP
Coordenador: Alberto Murta – AME EBP/AMP

18h00 • Lançamento da exposição

“Encontros e desencontros – Parcerias Sintomáticas”

Artista Visual: Eugênia Fraietta

■ **11 • out • 2025**

» **SÁBADO • MANHÃ**

09h20 | 12h30 • Mesas Simultâneas - ONLINE

12h30 | 14h00 • Almoço

» **SÁBADO • TARDE**

14h00 | 15h00 • PLENÁRIA

Parcerias sintomáticas e desejo do analista

O estranho que habita o falasser – Tânia Regina A. Martins – EBP/AMP

Devastação na transferência e o desejo do analista – Rafaela V. O. Quixabeira

De quais notícias padece uma parceria? – Carla Serles – EBP/AMP

Coordenadora: Jaqueline Coelho – EBP/AMP

15h05 | 16h05 • PLENÁRIA

As novas formas de gozo

Infame Substância e a Fascinação pelo Infinito – Giovanna Quaglia – EBP/AMP

A política do *sinthome* – Anna Rogéria N. de Oliveira – EBP/AMP

Do necessário ao impossível. Uma pequena incursão no cinema de Yorgos Lanthimos – Ruskaya Maia – EBP/AMP

Coordenadora: Luciana Pedron – EBP/AMP

16h05 | 16h30 • Coffee Break

16h35 | 17h30 • Conferência

II Conferência: O parceiro artificial - Pierre Sidon (ECF/AMP)

Tradutores: Luis Francisco Camargo – EBP/AMP e Bartyra Ribeiro de Castro – EBP/AMP
Coordenador: Alberto Murta – AME EBP/AMP

17h30 • MESA DE ENCERRAMENTO

Diretor Geral da EBP-LO: Alberto Murta – AME EBP/AMP

Coordenadora Geral das VI Jornadas: Ceres Lêda F. F. Rubio – EBP/AMP



VI JORNADAS EBP
SEÇÃO LESTE-OESTE

ENCONTROS & DEZEM CONTROS

PARCERIAS
SINTOMÁTICAS

10&11
out | 25

SALAS

SIMULTÂNEAS



CRÉDITOS DA IMAGEM: EUGÊNIA FRAIETTA

REALIZAÇÃO:



APOIO:



■ MESAS SIMULTÂNEAS

SEXTA 10/10/2025

■ MESA 1 | 09h20 • 10h40

SALA A

Coordenadora: Tânia Martins - EBP/AMP

- LEONORA ARRUDA FLORENCIO
Aquele que veio para alegrar a mãe
- RENATA SILVEIRA WYANT
A resistência da arte contra o Sinthome Político
- TAMARA DE CASTRO MENDONÇA MESQUITA
Da sobra à parceria-devastação: o que faz possível um outro caminho?

SALA B

Coordenadora: Anna Rogéria N. de Oliveira - EBP/AMP

- SHEILA CORDEIRO SOUZA MOREIRA
A repetição da devastação
- LUENE APARECIDA AFONSO DO NASCIMENTO
Parcerias Sintomáticas e o Des(encontro) com o amor
- EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
Amor de rivalidade: configurações do amor em tempos sem lei

SALA C

Coordenadora: Luciana Pedron - EBP/AMP

- ADRIANA GONRING
E nas violências, há parceria?
- FERNANDA MARRA
O que pode uma carta que chega
- RAFAELLA CUNHA PAULINO SILVA PFRIMER
O bizarro na parceria analista-analisante

SALA D

Coordenadora: Tânia Prates - ADERENTE DA EBP-LO

- GABRIEL CAIXETA
Saber fazer com o falo ou servir-se do pai como defesa na devastação
- ISANA RODRIGUES BRAZ
Entre o controle e a liberdade há a possibilidade de tomar as rédeas da vida
- KAREM DE MOURA
Entre a norma e o gozo: encontros e desencontros no atendimento a mulheres em situação de violência em um CRAM

10h40 | 10h50 • Intervalo e troca de sala



■ MESA 2 | 10h50 • 12h30

SALA A

————— Coordenador: Fábio Barreto - EBP/AMP

- TÂNIA MARA ALVES PRATES - ADERENTE DA EBP-LO
Psicanálise e arte
- LUDMYLLA DOMINGUES SIQUEIRA
A arte ainda se mostra primeiro?
- LAURA ASSIS VIEIRA
O corpo como obra e a obra como corpo: a arte que devora, a ficção que parasita e o resto que habita
- RODRIGO OLIVEIRA DOS SANTOS
A função do narcisismo no parceiro sintoma

SALA - B

————— Coordenadora: Ordália Junqueira - EBP/AMP

- RICARDO REZENDE
Segregação e Tribalismo no século XXI
- SHIRLEY MACEDO GUNDIM
Adições e Toxicomanias Contemporâneas
- CARLOS ALBERTO DE SÁ BARROS JÚNIOR
Lugar e função da fantasia em "A professora de piano"
- DANIEL CAMELO RANCAN
Ele, dele, ela dela: a gestação

SALA - C

————— Coordenadora: Jaqueline Coelho - EBP/AMP

- FERNANDA FERNANDES
Memória viva do parceiro sintoma e a maternidade
- RAFAEL LEITE MENDONÇA
O parceiro na experiência analítica e a aposta no amor de transferência
- FABRÍCIO PINTO
Discurso do capitalista e economia de gozo na adicção
- LUISA CARVALHO MIRANDA DE LIMA
O que transmite o testemunho de passe de Marta Serra Frediani sobre a devastação?

SALA - D

————— Coordenador: Cristiano Pimenta - EBP/AMP

- HENRIQUE LOPES
"O Outro sempre está com vergonha ... e quer escondido!"
- CRISTINA ALVES BARBOSA SANTOS
A parceria com a devastação e o parceiro-psicanalista desejo
- LETÍCIA PREGO FONSECA DE LIMA
Pode um sujeito das margens ser mais do que suas cicatrizes?
- RUTH CAVALCANTE
O amor no tom do excesso



■ MESAS SIMULTÂNEAS

SÁBADO 11/10/2025

■ MESA 3 | 09h20 • 10h40

SALA – A

Coordenadora: Denizye A. Zacharias - EBP/AMP

- RENATO CARLOS VIEIRA- EBP/AMP
Algo pior do que um sintoma
- MAILA THAIANE REIS ROCHA SIQUEIRA
Fantasia e parcerias amorosas
- LUANA SANTOS SILVA
De que parceria se fala quando há violência?

SALA – B

Coordenadora: Luisa Carvalho M. de Lima

- CLAUDIA MURTA EBP/AMP E ERICSON FALABRETTI
Entre a parceria-sintoma e a devastação, uma escolha fatal
- ANDREA PALMERSTON MUNIZ
Sentindo frio em minha alma, te convidei pra dançar
- GLEICE TACIANA BARBOSA
Medicalização na instituição socioeducativa: calar a pulsão?

SALA – C

Coordenadora: Giovanna Quaglia - EBP/AMP

- ROBSON JOSÉ DA SILVA CAMPOS
Vínculo frouxo com um parceiro-analista
- THAIS FOIZER BEZERRA
A devastação do amor - uma análise sobre a minissérie “Ângela”
- DELZA ELOY
Traçar uma linha, ler Carolina, escrever Um corpo

SALA – D

Coordenador: Gabriel Caixeta

- CAROLINE CABRAL QUIXABEIRA
Um esboço sobre a parceria existente entre Schreber e Deus
- MARIANA SANT'ANNA COSTA
A droga como parceira do gozo: clínica, transferência e desafios
- ELISA MARTINS UYTENHOVE
Quando o parceiro sintoma se desfaz

10h40 | 10h50 • Intervalo e troca de sala



■ MESA 4 | 10h50 • 12h30

SALA A

Coordenadora: Rosangela Ribeiro - EBP/AMP

- FÁBIO PAES BARRETO - EBP/AMP
A folie à deux na sétima arte
- BRUNA DE SOUZA DIAS
Contar: da literalidade matemática à historicização, e a busca pelo fazer uso da palavra
- LEANDRO BORGES
Meu veneno é meu antídoto
- MÁRIO BATISTA DA SILVA NETO
Entre o sol que aquece e queima

SALA B

Coordenadora: Adriana Pessoa - ADERENTE DA EBP-LO

- LUCIANA DA SILVA PEDRON - EBP/AMP
Parceiro-analista desejo: o que se lê?
- HÍTALA GOMES
Morango do amor e adolescência: por que o objeto seduz mais do que amor?
- GUSTAVO AUGUSTO DA SILVA
A arte e o eu: construções sinthomáticas
- ADRYA LEÃO DE ANDRADE CECCHINI
Leitura das adições como uma passagem ao ato

SALA C

Coordenadora: Olenice Amorim

- ALINE TATIANA BACHEGA
Frida Kahlo: entre o parceiro-fantasma e o parceiro-devastação
- LUCAS FRAGA GOMES
O amor nos tempos do "corre"
- WALÉRIA MARIA DA PAIXÃO BORGES VIEIRA
Um encontro possível
- MARA LÚCIA BARROS MARTIN
O encontro com a analista

SALA D

Coordenadora: Claudia Murta - EBP/AMP

- ORDÁLIA AJUNQUEIRA - EBP/AMP
A parceria analista-psicótico
- ANGÉLICA FERREIRA SANTINI
Entre o amor e o gozo: quando o inominável vivifica ou devasta
- HELEN DA COSTA GUERRA
A inquietante atualidade
- JOÃO PEDRO VILAR NOWAK DE LIMA
A dialetização do gozo em conflito

